
MAYA BANKS
Autora best-seller do *The New York Times*
Apaixonada por um Highlander
Ele não confia em nenhuma mulher. Ela deseja conquistar o seu coração.
Será ela capaz de provar para ele que o ama de verdade?
UNIVERSO DOS LIVROS

São Paulo
2018

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

MAYA BANKS

Apaixonada

por um

Highlander



Never love a Highlander

Copyright © 2011 by Maya Banks

All rights reserved.

Published in the United States by Ballantine Books.

© 2017 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Revisão

Luis Matos

Mariane Genaro

Jéssica Dametta Cruz

Editora-chefe

Marcia Batista

Arte

Aline Maria

Assistentes editoriais

Valdinei Gomes

Aline Graça

Letícia Nakamura

Capa

Zuleika Iamashita

Tradução

Alline Salles

Foto da capa

Evgeniia

Preparação

Litovchenko/Shutterstock

Sandra Scapin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)



Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Banks, Maya

Apaixonada por um Highlander / Maya Banks ; tradução de Alline Salles. – São Paulo : Universo dos Livros, 2017. 336 p. (Coleção irmãos McCabe ; 3)

ISBN 978-85-503-0259-1

Título original: *Never love a Highlander*

1. Literatura norte-americana 2. Escócia – Ficção 3. Relação homem-mulher - Ficção 4. Literatura erótica I. Título II. Salles, Alline 17-1756

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-1723

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros



Hesitando, ela pressionou os lábios nos dele. Mal tocou, mas foi como um raio. Quente. Seus dedos dos pés até formigavam, como se tivessem sido mergulhados em fogo, e ele precisou de todo o autocontrole para não deitá-la na cama e beijá-la sem destino. A paciência recém-descoberta e o desejo de não assustá-la eram algumas de suas decisões mais idiotas.

Com os olhos arregalados, ela afastou-se imediatamente, um toque de rubor cobrindo suas bochechas macias. Então, passou uma mão no peito dele e em seu ombro, olhando-o cautelosamente o tempo todo, como se esperasse que a mordesse por ousar tocá-lo. Jesus, mas ele estava quase *implorando* para que ela o tocasse.

Os dedos dela passearam em seu pescoço, e depois, cuidadosamente, ela voltou a colocar a sua boca na dele, lá permanecendo, como se tentasse explorá-la. Com a língua. Santa mãe de Deus, isso o estava matando.

Quanto mais se aproximava dele, mais ela se agitava, sua boca quente fundida na dele.

Uma onda de desejo rolou por seu corpo, mas ele se conteve para não destruir a doçura que lhe estava sendo oferecida. Considerando seu jeito de guerreira e sua tentativa de agir como um homem, ela era inocente e merecia toda gentileza e adoração que ele pudesse oferecer… mas só Deus sabia que ele merecia ser canonizado quando aquilo terminasse.

– Beijar não é desagradável… – ela sussurrou.

Para Telisa

Capítulo 1

No seu primeiro casamento, o tempo estava uma maravilha da natureza. Um dia quente fora de época em janeiro. Muito agradável, sem nenhuma brisa para despentear o cabelo arranjado com tanto cuidado. Era como se o mundo tivesse parado para testemunhar a união das duas almas.

Um som gutural vindo de Rionna McDonald fez seu futuro marido levantar uma sobrancelha.

O tempo no dia do seu segundo casamento? Sombrio e úmido, com uma tempestade de inverno chegando pelo oeste. Uma brisa fria já se instalara, e o vento soprava violenta e incessantemente. Era como se o mundo soubesse o quanto estava insegura com o homem ao seu lado, pronto para recitar os votos que o ligaria a ela para sempre.

Um arrepio subiu por sua espinha, apesar de eles estarem diante de uma lareira enorme no grande salão.

Caelen franziu o cenho e aproximou-se de Rionna, a fim de protegê-la do vento que soprava através das peles na janela. Ela deu um passo para trás, apressadamente, antes de pensar melhor. O homem a deixava nervosa, e não era muita gente que a intimidava.

Ele franziu mais o cenho, depois voltou sua atenção para o padre.

Rionna olhou rapidamente à sua volta, tentando certificar-se de que ninguém tivesse testemunhado aquela troca de olhares. Não seria bom as pessoas acharem que ela temia seu novo marido, mesmo que isso fosse verdade.

Ewan McCabe, o mais velho dos irmãos McCabe e o primeiro homem com quem ela deveria ter se casado, parou ao lado do irmão, com os braços cruzados à frente do peito enorme. Parecia ansioso para acabar com tudo aquilo.

Alaric McCabe, o homem com quem ela quase se casara depois de Ewan ter se casado com Mairin Stuart, também parecia impaciente e ficava olhando para as escadas, como se fosse sair correndo a qualquer momento. Sua esposa, Keeley, estava lá em cima, recuperando-se de um ferimento que quase lhe

tirara a vida.

A terceira vez era para dar sorte, certo?

O Rei David não estava em pé para a ocasião. Ele estava sentado formalmente ao lado da lareira, olhando com aprovação à medida que o padre se estendia em seu discurso. Em volta dele, também sentados, estavam muitos lairds das terras vizinhas, todos esperando pela aliança entre os McDonald e os McCabe. Uma aliança que seria selada com o casamento de Caelen McCabe, o mais novo – e último – irmão McCabe.

Era importante dizer que era o último, porque, se algo desse errado com aquele casamento, não haveria mais nenhum McCabe para ela se casar, e, naquele instante, seu orgulho não poderia aguentar outra rejeição.

O olhar da moça passou do rei e dos lairds reunidos para seu pai, mal-humorado, sentado longe dos guerreiros de traços carrancudos e irritados.

Por um momento, os olhares se encontraram e um grunhido surgiu dos lábios dele. Ela não o apoiara em sua tentativa de continuar na posição de laird, e isso, provavelmente, fora uma atitude desleal. Não sabia se Caelen McCabe seria um laird melhor, mas, com certeza, era um homem melhor.

Rionna percebeu que todos os olhares estavam voltados para ela. Nervosa, fitou o padre e constatou que perdera a deixa para recitar seus votos. Ainda mais vergonhoso, ela não fazia ideia do que o homem dissera em seus votos.

– Agora é quando você jura me obedecer, unir-se apenas a mim e permanecer fiel por todos os seus dias – Caelen falou pausadamente.

Aquelas palavras enrijeceram a espinha da moça, que não pôde deixar de encará-lo desafiadoramente.

– E o que exatamente está jurando a mim?

Os olhos verde-pálidos dele caíram friamente sobre ela, analisando-a, e depois se ergueram, como se não tivessem encontrado nada significativo. Ela não gostou daquele olhar. Ele a ignorou.

– Você vai ter a minha proteção e o respeito devidos a uma moça da sua

reputação.

– Só isso?

Ela sussurrou aquelas palavras, e teria dado tudo para não tê-las proferido.

Mas não havia dúvida de que sairia perdendo. Ewan McCabe, claramente, amava sua esposa, Mairin, e Alaric acabara de desafiar o rei e o país para ficar com a mulher que amava, deixando Rionna, efetivamente, de lado no processo.

Não que Rionna estivesse brava. Ela amava Keeley, que merecia ser feliz.

Seu coração alegrou-se por um homem forte e bonito como Alaric ter proclamado publicamente seu amor por Keeley, mas também indicou o quanto o próprio casamento seria improdutivo.

Caelen mostrou-se irritado.

– O que você quer exatamente, moça?

Ela ergueu o queixo e encarou-o, igualmente com frieza.

– Nada. É suficiente. Terei seu respeito e seu cuidado, mas dispenso sua proteção.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– É mesmo?

– É. Posso cuidar de mim mesma.

Caelen riu e os homens reunidos também.

– Diga seus votos, moça. Não temos o dia todo. Os homens estão com fome.

Há quase quinze dias eles esperam por um banquete.

Todos no salão concordaram, e Rionna sentiu as faces queimarem. Esse era o seu casamento e ela não iria se apressar. Quem se importava com comida e com o estômago dos homens?

Como se pressentisse que ela estava ficando furiosa, Caelen esticou o braço, pegou a mão dela e puxou-a para o seu lado até sua coxa queimar a dela através do tecido do vestido.

– Padre – Caelen disse com respeito –, pode repetir para a moça o que ela precisa dizer?

Visivelmente exasperada, Rionna recitou os votos. Lágrimas faziam seus olhos arderem, sem que ela soubesse o motivo. Não era como se ela e Alaric estivessem apaixonados mais do que ela e Caelen. Toda a ideia de se casar com um McCabe fora planejada por seu pai e aceita pelos McCabe e pelo próprio rei.

Ela era apenas um peão para ser usado e descartado.

A noiva suspirou e balançou a cabeça. Era ridículo ser tão sentimental; havia coisas piores. Deveria estar feliz, pois reencontrara Keeley, sua irmã de coração, que agora estava casada e feliz para sempre, mesmo que enfrentando uma longa recuperação. E o pai de Rionna não mais seria o laird de seu clã.

Ela arriscou olhar de novo, só para ver seu pai virar outra caneca de cerveja. Supôs que não poderia culpá-lo totalmente por beber tanto; afinal, todo o seu padrão de vida desaparecera em um segundo. Mas ela não podia se

arrepender.

Seu clã poderia ser grande – *seria* grande – sob a liderança certa. Nunca o foi sob a liderança de seu pai. Ele enfraquecera o nome McDonald a ponto de terem de implorar por ajuda e se aliarem a um clã mais forte.

A mão livre da jovem se fechou em um punho na lateral do corpo. Era seu sonho restaurar a glória de seu clã. Treinar os soldados em uma força formidável de luta. Isso, agora, seria tarefa de Caelen, e ela seria relegada a uma posição observadora em vez de participativa, como desejava.

Rionna arfou com surpresa quando Caelen, de repente, se inclinou e a beijou. Ele se afastou quase antes que ela pudesse registrar o que fizera, deixando-a com os olhos arregalados ao levar a mão trêmula à boca.

A cerimônia terminara. No mesmo instante, criadas invadiram o salão, verdadeiramente recompensando a todos com comida, muita da qual viera de seu

próprio estoque, depois da tola aposta de seu pai há muitos meses.

Caelen observou-a por um instante, depois gesticulou para que fosse na frente em direção à mesa alta. Rionna ficou feliz ao ver Mairin juntar-se ao seu marido. Em um mar de rostos não identificados e brutos, Mairin McCabe era um raio de sol. Sol cansado, mas quente.

Mairin correu com um sorriso enorme.

– Rionna, você está linda. Não há uma mulher aqui que esteja tão linda quanto você hoje.

As bochechas de Rionna coraram com o elogio de Mairin. Estava um pouco envergonhada por usar o mesmo vestido de quando quase se casara com Alaric. Sentia-se amassada, amarrotada e suja, mas a sinceridade no sorriso de Mairin tranquilizou o seu espírito.

Mairin segurou a mão de Rionna, como se oferecesse coragem.

– Oh, suas mãos estão congeladas! – Mairin exclamou. – Eu queria tanto estar presente no seu casamento. Espero que me perdoe.

– É claro – Rionna disse com um sorriso sincero. – Como está Keeley?

Um pouco da preocupação transpareceu no olhar de Mairin.

– Venha, sente-se para que possamos ser servidas. E então vou te contar sobre Keeley.

Rionna ficou aborrecida por ter olhado primeiro para o seu novo marido, a fim de certificar-se de que ele acenara em permissão. Ela cerrou os dentes e foi para a mesa, sentando-se ao lado de Mairin. Já estava agindo como uma tola dócil e não estava casada nem há cinco minutos.

Na verdade, porém, Caelen a assustava. Alaric e até mesmo Ewan não a intimidavam. Caelen, por sua vez, a deixava com muito medo.

Rionna sentou-se na cadeira ao lado de Mairin, esperando que Caelen demorasse um pouco para juntar-se a ela, mas não teve tanta sorte. Seu marido puxou a cadeira ao lado dela e correu para a mesa, sua perna tão próxima que pressionava

toda a coxa da esposa.

Decidindo que seria rude aproximar-se de Mairin, Rionna resolveu ignorá-

lo. Não podia se esquecer de que era aceitável que ele ficasse tão íntimo agora; afinal, estavam casados.

Ela respirou fundo quando percebeu que, evidentemente, ele iria exigir seus direitos conjugais. De fato, haveria a noite de núpcias, o defloramento da virgem. Todas as coisas sobre as quais as mulheres fofocavam quando os homens não estavam por perto.

O problema era que Rionna sempre estava com os homens e nunca fofocara na vida. Keeley fora separada dela quando eram muito novas, antes que Rionna começasse a ter curiosidade por tais assuntos.

Com um pai devasso e o medo constante de Rionna por Keeley, o mero pensamento de copular a deixava enjoada. Agora ela tinha um marido que esperava… Bom, esperava certas coisas, e que Deus a ajudasse, porque ela não fazia ideia do que eram essas coisas.

A humilhação tensionou as bochechas da jovem. Poderia perguntar a Mairin ou a uma das mulheres McCabe, pois todas eram bem generosas e gentis, mas a simples ideia de ter de admitir o quanto era ignorante a fazia querer se esconder embaixo da mesa.

Ela sabia manejar uma espada melhor que a maioria dos homens. Sabia lutar. E era rápida. Sabia ser cruel quando provocada. Não tinha uma estrutura delicada nem desmaiava ao ver sangue.

Mas não sabia beijar.

– Você vai comer? – Caelen perguntou.

Ela olhou para cima, constatando que os lugares haviam sido tomados e que a comida estava posta na mesa. Caelen fora atencioso; cortara um pedaço de carne e o colocara em seu prato.

– Sim – ela sussurrou.

A verdade era que ela estava morrendo de fome.

– Quer água ou cerveja?

Também era verdade que ela nunca bebia, mas, de alguma forma, naquele

dia, a cerveja lhe pareceu ser uma escolha sábia.

– Cerveja – ela respondeu, e esperou Caelen encher sua caneca. Então, esticou a mão para pegá-la, mas, para sua surpresa, ele levou a caneca à boca.

Primeiro, cheirou; depois, deu um gole.

– Não está envenenada – afirmou, e deslizou a caneca na direção dela.

Ela ficou boquiaberta, sem compreender o que ele acabara de fazer.

– Mas… e se *estivesse* envenenada?

Ele tocou-lhe a face. Só uma vez. Era o único gesto de afeição que lhe oferecera, e talvez nem tivesse sido com essa intenção, mas foi gentil e até confortador.

– Então você não teria bebido o veneno e não morreria. Já quase perdemos um McCabe para tal covardia. Não vou arriscar outro.

Ela ficou abismada.

– Isso é ridículo! Acha que se *você* morrer assim torna tudo melhor?

– Rionna, acabei de jurar votos sagrados de protegê-la. Isso significa que darei a minha vida por você e por qualquer filho que viermos a ter. Já tivemos uma cobra em nosso meio tentando envenenar Ewan. Agora que você e eu nos casamos, há melhor forma de impedir a aliança entre nossos clãs que não seja matando você?

– Ou você – ela sentiu obrigação de apontar.

– É, é uma possibilidade. Mas, se a única herdeira do McDonald morrer, então seu clã se desmancha e se torna um alvo fácil para Duncan Cameron.

Acredite ou não, você é a essência desta aliança, Rionna. Muita coisa está sobre

as suas costas. Garanto que não será fácil para você.

– Não, nunca imaginei que seria diferente.

– Moça esperta.

Ele brincou com a caneca antes de entregá-la a ela. Então, solicitamente, ergueu-a e segurou na boca dela, assim como um novo marido faria para sua esposa durante o banquete de casamento.

– Beba, Rionna. Você parece exausta, está com os nervos à flor da pele.

Está tão tensa que não consegue ficar confortável. Beba e tente relaxar. Temos uma longa tarde pela frente.

Ele não mentira.

Rionna se manteve sentada à mesa, exausta, conforme eram feitos os brindes, um após o outro. Havia brindes para os McCabe. Brinde para a nova herdeira McCabe. Ewan e Mairin eram os pais orgulhosos da menina recém-

nascida, que também era herdeira de uma das maiores e mais seletas propriedades da Escócia.

Depois houve brindes para Alaric e Keeley. Para a saúde de Keeley. Então, por fim, começaram os brindes para o seu casamento com Caelen.

Em certo ponto, eles começaram a brindar a proeza de Caelen, e dois lairds até começaram a apostar em quanto tempo Rionna engravidaria.

Os olhos da jovem esposa estavam enevoados, e ela não tinha certeza se era devido aos longos elogios lançados de um lado para outro. Sua caneca fora enchida mais vezes do que ela se lembrava, mas ela bebia, ignorando a forma como descia até seu estômago e como fazia sua cabeça girar.

O Laird McCabe decretara que, apesar dos muitos problemas que precisavam ser discutidos e as decisões que tinham de ser tomadas, naquele dia, passariam comemorando o casamento de seu irmão.

Rionna suspeitava de que Mairin tivesse tudo a ver com aquele decreto, embora

não precisasse ter se incomodado. Na cabeça de Rionna, havia pouco a ser comemorado.

Ela olhou de lado e viu Caelen recostado em sua cadeira, observando preguiçosamente os ocupantes da mesa. Ele gritou um insulto quando algum McCabe fez piada com a sua masculinidade, e Rionna estremeceu, bloqueando propositalmente sua mente para a insinuação.

Ela deu outro gole grande na cerveja e colocou ruidosamente a caneca de volta na mesa. O barulho a fez retrair-se. Ninguém pareceu notar, mas *foi* insuportavelmente alto.

A comida diante dela nadava em sua visão, e a ideia de colocá-la na boca, apesar de Caelen ter cortado a carne em pedacinhos, revirou seu estômago.

– Rionna, há algo errado?

A pergunta discreta de Mairin tirou Rionna de seu devaneio. Culpada, ela olhou para a outra mulher e depois piscou quando Mairin, de repente, se transformou em duas pessoas.

– Eu gostaria de ver Keeley – ela soltou.

Se a esposa do laird estranhou Rionna querer visitar Keeley no dia de seu casamento, ela não deixou transparecer.

– Subirei com você, se quiser.

Rionna suspirou de alívio e começou a levantar-se, mas Caelen, com uma expressão carrancuda, envolveu seu punho com a mão, puxando-a de volta para baixo.

– Desejo ver Keeley, já que ela não pôde ir ao casamento – Rionna afirmou.

– Com a sua permissão, é claro.

Ela quase sufocou ao dizer essas palavras.

Ele analisou-a por um breve instante, depois relaxou a mão em seu punho.

– Pode ir.

Soou tão autoritário. Tão… típico de marido.

O estômago dela revirou-se ao pedir licença ao laird. Casada. Jesus, ela estava casada. Era esperado que fosse submissa ao marido, que o obedecesse.

Suas mãos tremiam ao seguir Mairin em direção às escadas. Subiram em silêncio. Um dos homens de Ewan as seguia, porque Mairin não ia a nenhum lugar sem escolta.

Deus misericordioso, era para ela ser guiada por rédeas agora que estava casada com Caelen? A ideia de não poder ir a nenhum lugar nem fazer qualquer coisa sem que alguém respirasse em seu pescoço a sufocava.

À porta de Keeley, Mairin bateu devagar. Alaric atendeu, e Mairin falou em voz baixa com ele, que assentiu e saiu do caminho, mas disse:

– Tentem não demorar. Ela se cansa fácil.

Rionna olhou para o homem com quem iria se casar e não pôde deixar de fazer uma comparação silenciosa entre ele e seu irmão mais novo, o homem com quem agora estava casada.

Não havia dúvida de que ambos eram guerreiros valentes, mas ela ainda não conseguia parar de pensar que teria preferido se casar com Alaric. Ele não parecia tão… frio… como Caelen. Ou indiferente. Ou… alguma coisa.

Ela não conseguia identificar exatamente, mas algo nos olhos de Caelen a deixava inquieta, cautelosa, como se a presa estivesse pronta para fugir do predador. Ele a fazia sentir-se pequena e desprotegida. *Feminina.*

– Rionna – Alaric disse, assentindo –, parabéns pelo casamento.

Ainda havia um toque de culpa nos olhos dele, e, de verdade, ela não se ressentia. Não por não terem se casado, mas o fato de ele ter se apaixonado por Keeley não a livrou da humilhação. Ela estava aprendendo a lidar com isso.

– Obrigada – murmurou.

Esperou até Alaric passar por ela, depois entrou no quarto.

Pálida e com linhas de fadiga formando sulcos em sua testa, Keeley recostou-se na montanha de travesseiros e sorriu fracamente quando seu olhar encontrou o de Rionna.

– Sinto tanto por ter perdido o seu casamento – Keeley disse.

Rionna sorriu e foi até sua cama. Sentando-se na beirada, para não causar dor a Keeley, pegou a sua mão e disse:

– Não importa, mal me lembro dele.

Keeley gemeu, e um espasmo de dor passou por sua expressão.

– Eu tinha de ver você – Rionna sussurrou. – Tinha uma coisa… sobre a qual eu queria te pedir conselho.

Os olhos de Keeley se arregalaram de surpresa e seu olhar foi de Rionna para Mairin.

– É claro. Está tudo bem se Mairin ficar aqui? Ela é totalmente confiável.

Rionna lançou um olhar hesitante na direção de Mairin.

– Talvez eu deva descer e pegar um pouco de bebida para nós – Mairin sugeriu. – Vai lhe dar tempo de falar à vontade.

Rionna suspirou.

– Não, eu espero. A verdade é que eu preferiria ter o conselho de mais de uma mulher. Keeley é recém-casada, afinal de contas.

Um leve rubor aqueceu as bochechas de Keeley, e Mairin riu.

– Então vou pedir que tragam cerveja, e aí poderemos conversar. Tem a minha palavra de que nada passará das portas deste quarto.

Rionna pareceu grata a Mairin, que foi até a porta e conversou com Gannon, o guerreiro que as acompanhara até o andar de cima.

– O som passa fácil pelas portas? – Rionna sussurrou para Keeley.

– Posso assegurar de que nada pode ser ouvido do corredor – Keeley disse, com um brilho nos olhos. – Agora, sobre que assunto gostaria de conversar?

Rionna, obedientemente, esperou Mairin retornar para perto de Keeley, então, passou a língua nos lábios, sentindo-se muito tola por expor sua ignorância.

– É sobre a cama no casamento.

– Ah – Mairin disse com conhecimento.

– Ah, de fato – Keeley afirmou, assentindo.

Rionna soltou a respiração com frustração.

– O que eu preciso fazer? O que devo fazer? Não sei nada de beijar e copular ou… nada disso. São uma espada e uma luta das quais não tenho conhecimento.

A expressão de Mairin suavizou-se, e a diversão voou de seus olhos. Ela cobriu a mão de Rionna com a sua e apertou.

– É verdade que, não muito tempo atrás, eu estava na mesma posição que você. Busquei conselho de algumas mulheres mais velhas do clã. Foi uma experiência que, realmente, me abriu os olhos.

– Sim, assim como eu fiz – Keeley admitiu. – Não é como se nascêssemos com esse conhecimento, e nenhuma de nós teve a mãe para nos guiar em tais coisas. – Ela lançou um olhar que pedia perdão para Rionna. – Pelo menos, eu acho que sua mãe nunca conversou sobre esses assuntos delicados com você.

Rionna riu.

– Ela desistiu de mim desde que meus peitos começaram a crescer.

As sobrancelhas de Keeley se ergueram.

– Seus peitos cresceram?

Rionna ficou vermelha e olhou para seus seios. Seus seios retos. Se Keeley ou qualquer outra pessoa soubesse de fato o que havia debaixo das roupas…

Seu marido saberia logo, a não ser que Rionna descobrisse um jeito de consumar um casamento totalmente vestida.

Mairin sorriu.

– Não é tão difícil, Rionna. Os homens fazem a maior parte do trabalho, como devem fazer no começo. Assim que você aprende um pouco, bom, então pode fazer todo tipo de coisa.

– Alaric é maravilhoso no ato de amor – Keeley assegurou, com um suspiro.

Mairin ruborizou e limpou a garganta.

– É verdade que, de início, pensei que Ewan não fosse muito habilidoso.

Nossa noite de núpcias foi apressada, porque o exército de Duncan Cameron estava nos atacando. Foi um insulto que Ewan tomou como exceção e fez bastante esforço para se redimir… Com resultados muito satisfatórios, devo dizer.

As bochechas de Rionna ficaram quentes ao olhar para as duas mulheres. Os olhos delas se tornaram sonhadores e suaves enquanto falavam de seus maridos. Rionna não conseguia imaginar-se tendo tal reação por Caelen. Ele era simplemente muito… ameaçador. Isso, essa era uma ótima descrição.

Uma batida na porta interrompeu a conversa, e as mulheres ficaram em silêncio. Mairin respondeu, e Gannon entrou, com um olhar desaprovador no rosto.

– Obrigada, Gannon – Mairin disse quando ele colocou a jarra e as canecas na mesinha ao lado da cama de Keeley. – Pode ir agora.

Ele fez cara feia, mas saiu do quarto. Rionna olhou para Mairin, curiosa

para saber por que ela aceitara tal insolência do homem de seu marido. Mairin simplesmente sorriu presunçosamente ao colocar cerveja nas canecas.

– Ele sabe que estamos tramando algo e está morrendo por não poder falar nada.

Ela deu a Rionna uma caneca e depois, com cuidado, colocou outra na mão de Keeley.

– Isso vai entorpecer a dor – Keeley disse.

– Desculpe, Keeley. Quer que eu me vá? Não desejo lhe causar mais dor –

Rionna disse.

Keeley bebeu a cerveja e, depois, com um suspiro, recostou-se de volta nos travesseiros.

– Não. Estou quase ficando louca por estar presa no quarto. Gosto de ter companhia. Além disso, precisamos acalmar seus medos sobre a sua noite de núpcias.

Rionna bebeu a cerveja, depois estendeu sua caneca para Mairin encher novamente. Tinha a sensação de que não iria gostar daquela conversa.

– Não há por que temer – Mairin tranquilizou-a. – Não tenho dúvida de que Caelen tomará cuidado com você. – Então, ela franziu o nariz. – Agradeça por não ter um exército atacando vocês. A verdade é que eu não gostei da minha noite de núpcias.

Rionna sentiu o sangue ser drenado de seu rosto.

– Shh, Mairin. Você não está ajudando – Keeley chiou.

Mairin bateu na mão de Rionna.

– Tudo ficará bem. Você vai ver.

– Mas o que eu *faço*?

– O que você quer saber exatamente? – Keeley perguntou. – Vamos começar assim.

Rionna fechou os olhos, angustiada, e, em seguida, engoliu toda a cerveja.

– Nada.

– Oh, querida – Mairin disse. – Eu era ignorante, mas as freiras do convento fizeram um bom trabalho informando-me superficialmente.

– Eu acho que você deveria ser honesta com Caelen sobre seus medos –

Keeley sugeriu. – Ele seria um bruto ao ignorar a preocupação de uma dama.

Se ele tiver metade da habilidade de Alaric, você não vai ser deixada sem prazer.

Mairin riu com o elogio, e Rionna segurou a caneca para outra rodada de



cerveja.

A última coisa que queria era conversar com Caelen sobre seus medos femininos. O homem provavelmente iria rir dela. Ou pior, a olharia de forma fria e indiferente que a faria se sentir… insignificante.

– Vai doer? – ela falou, sufocando.

Os lábios de Mairin franziram ao pensar naquilo. A testa de Keeley enrugou-se por um instante.

– Não é totalmente prazeroso. Pelo menos, não no início. Mas a dor passa rapidamente e, se o homem for habilidoso, é bem maravilhoso no fim.

Mairin riu.

– De novo, contanto que não haja um exército atacando vocês.

– Chega de exército – Keeley afirmou, irritada. – Não há nenhum exército.

Então, as duas mulheres olharam uma para a outra e riram até Keeley gemer e desabar nos travesseiros.

Rionna ficou olhando, absolutamente certa de que não queria mais falar sobre aquilo. Deu um grande bocejo, e o quarto girou em curiosos círculos pequenos. Parecia que sua cabeça pesava como uma rocha, e era cada vez mais difícil mantê-la erguida.

Ela levantou-se da beirada da cama de Keeley e começou a caminhar até a porta, desgostosa por sua covardia. Ela estava agindo… Bem, estava agindo

exatamente como uma mulher.

Para sua total humilhação, foi parar na janela e piscou, confusa, quando uma rajada de vento frio a atingiu no rosto e as pontas das peles se levantaram.

– Cuidado – Mairin disse perto de seu ouvido.

Ela guiou Rionna para uma cadeira no canto do quarto e a fez se sentar.

– Talvez seja melhor se sentar um pouco. Não dá para você descer as escadas desse jeito, e não queremos que os homens saibam o que estivemos conversando.

Rionna assentiu. Ela se sentia peculiar. É, seria melhor sentar-se um pouco até o quarto parar de girar de uma forma tão espetacular.

Caelen olhou para a escada pelo que parecia a centésima vez, e Ewan também parecia impaciente. Rionna e Mairin tinham saído fazia algum tempo.

Era tarde da noite, e Caelen estava pronto para acabar com toda a comemoração do casamento.

Com o pouco da comemoração. Sua noiva ficara fria e distante durante toda a cerimônia e, depois disso, sentou-se em silêncio enquanto todos comemoravam à sua volta.

Se era para levar em consideração sua atitude, ela estava ainda menos empolgada que ele com a união. Não importava. Estavam ligados por obrigação, e agora o dever dele era consumar seu casamento.

A virilha dele ficou tensa, e a onda de desejo o pegou de surpresa. Fazia tempo que não tinha uma reação tão forte com relação a uma mulher. Mas foi assim desde o dia em que pôs os olhos em Rionna.

Ele se envergonhava por reagir assim diante da noiva de seu irmão. Era desleal e desrespeitoso sentir esse tipo de excitação.

Mas não importava quanto se culpasse; isso não mudava o fato de que bastava Rionna entrar no recinto para que seu corpo ganhasse vida.

E agora ela era dele.

Ele buscou a base da escada mais uma vez e lançou um olhar direto para Ewan. Era hora de pegar sua esposa e levá-la para a cama.

Ewan assentiu, depois levantou. Não parecia importar que o rei ainda estivesse aproveitando intensamente a festa. Ewan simplesmente anunciou que as festividades estavam no fim e que todos deveriam ir para a cama.

Todos se reuniriam novamente pela manhã e conversariam. Ewan tinha um legado para reivindicar no lugar de sua filha e havia uma guerra a ser planejada contra Duncan Cameron.

Caelen seguiu Ewan para o topo da escada, onde encontraram Gannon.

– Lady McCabe foi para o seu quarto há uma hora, quando o bebê acordou para mamar – Gannon informou a Ewan.

– E a minha esposa? – Caelen rosnou.

– Ainda está no quarto de Keeley. Alaric está no antigo quarto de Keeley, mas está perdendo a paciência e mais do que pronto para voltar para a esposa.

– Pode dizer a ele que Rionna sairá em um minuto – Caelen disse, ao seguir em direção à porta.

Ele bateu, mas só porque era o quarto de Keeley e não tinha desejo de alarmá-la ao ir entrando. Era um insulto Rionna passar tanto tempo lá em cima, perdendo a maior parte da festa de seu casamento.

Depois de ouvir Keeley dizer baixinho que permitia sua entrada, ele abriu a

porta e entrou.

Sua expressão se suavizou quando viu Keeley quase apoiada casualmente nos travesseiros. Ela parecia prestes a cair da cama, e ele se apressou a erguê-

la. A exaustão rodeava seus olhos e ela gemeu quando ele arrumou sua posição.

– Desculpe – ele murmurou.

– Está tudo bem – ela o desculpou com um sorriso discreto.

– Vim buscar Rionna. – Ele franziu o cenho quando percebeu que ela não estava presente.

Keeley assentiu em direção ao outro canto.

– Ela está ali.

Caelen virou-se e, para sua surpresa, viu Rionna atirada em uma cadeira encostada na parede, dormindo e ressonando, com a boca aberta e a cabeça jogada para trás. Então ele analisou melhor o quarto e viu a jarra de cerveja e as canecas vazias.

Com um olhar desconfiado, virou a jarra e constatou que estava vazia.

Olhou de volta para Keeley, cujos olhos pareciam prestes a se virar de volta para sua cabeça, e então para Rionna, que não se mexera nem um centímetro.

Aí, lembrou-se de toda a cerveja que ela consumira à mesa lá embaixo e de que ela comera pouco.

– Vocês estão bêbadas!

– Talvez – Keeley murmurou. – Tudo bem, provavelmente.

Caelen balançou a cabeça. Mulheres tolas.

Ele começou a andar até Rionna, quando a súplica de Keeley o fez parar.

– Seja gentil com Rionna, Caelen; ela está com medo.

Ele parou, olhou para baixo, para sua mulher desmaiada na cadeira e, então, lentamente, virou-se para olhar para Keeley.

– É por causa disso? Ela se embebedou porque está com medo de mim?

A testa de Keeley se enrugou.

– Não de você, especificamente. Bom, acho que faz parte disso. Mas, Caelen, ela está amedrontada… sem saber…

Ela parou de falar e ruborizou até a raiz do cabelo.

– Entendi o que quer dizer – Caelen disse grosseiramente. – Sem ofensa, Keeley, mas é um assunto entre mim e minha esposa. Vou levá-la agora. Você deveria estar descansando, não consumindo quantidades enormes de cerveja.

– Ninguém nunca te disse que você é muito rígido? – Keeley lamentou.

Caelen abaixou-se, passou os braços pelo corpo estreito de Rionna e ergueu-a. Ela pesava quase nada e, para sua surpresa, ele gostava de senti-la em seus braços. Era… bom.

Ele foi até a porta, grunhiu uma ordem para Gannon, que estava do outro lado, e a porta rapidamente se abriu. No corredor, Caelen encontrou Alaric, que ergueu uma sobrancelha questionadora.

– Cuide da sua esposa – Caelen disse rudemente. – Ela provavelmente está inconsciente agora.

– O quê? – Alaric perguntou.

Mas Caelen o ignorou e continuou rumo ao seu quarto. Abriu a porta com o ombro e, gentilmente, deitou Rionna na cama. Com um suspiro, deu um passo para trás a fim de observá-la.

Então, a guerreirinha estava com medo. E para fugir dele, bebera até cair.

Pouco elogioso para Caelen, mas não podia culpá-la. Ele não tinha sido…

Bem, ele não tinha sido várias coisas.

Balançando a cabeça, começou a despi-la, até ela ficar apenas com as roupas de baixo. Suas mãos tremiam ao passá-las pela roupa de linho fino sobre o corpo da esposa.

Ele não conseguia ver nada de seus seios. Ela era uma mulher magra e não tinha muito seio. Seu corpo era esguio e bem torneado, diferente de qualquer mulher com quem estivera.

Estava se coçando de vontade de erguer a bainha da camisola de Rionna e puxá-la de seu corpo até ela ficar nua para admirá-la. Era seu direito. Ela era sua esposa.

Mas não conseguia fazer isso.

Poderia acordá-la e exigir seus direitos de marido, mas tinha um desejo repentino de ver os olhos dela se esquentarem com a mesma vontade que ele sentia. Queria ouvir seus gritos suaves de prazer. Não queria que ela sentisse medo.

Sorriu e balançou a cabeça. Quando ela acordasse de manhã, provavelmente teria uma dor de cabeça devastadora e se perguntaria o que acontecera na noite anterior.

Caelen tinha consciência de que tomaria o que era seu por direito quando ela estivesse preparada para se render de corpo e alma, mas isso não significava que Rionna tivesse de saber disso imediatamente.

Ele deitou-se na cama ao seu lado e puxou a pele pesada sobre ambos. O

cheiro do cabelo dela entrou pelo seu nariz, e o calor do corpo dela o atingiu.

Murmurando um xingamento, ele virou-se para o outro lado, para não encará-la.

Para sua decepção, ela murmurou algo enquanto dormia, e então aconchegou seu corpo quente e exuberantemente moldado às suas costas. E apertou-se tanto contra o seu corpo, que ele não teria um minuto de sono sequer naquela noite.



#GênioDosLivros

Boa leitura!

Com os cumprimentos de Gênio Blomkvist.

Capítulo 2

Alguma coisa ou alguém estava pousado na cabeça de Rionna. Ela gemeu baixinho e golpeou o objeto ofensivo, mas viu-se socando o ar.

Forçou suas pálpebras a se abrirem e imediatamente se arrependeu disso.

Embora estivesse escuro, o simples contato do ar em seus olhos a fez contorcer-se de dor.

Enquanto

estava

ali,

deitada,

tomou

consciência

de

algumas

particularidades, como o corpo muito quente e muito firme ao seu lado e o fato de estar vestida apenas com a roupa de baixo.

A mão de Rionna voou para o peito, e ela sentiu que o tecido enrolado firme em seus seios ainda estava no lugar. Isso significava que seu marido não tinha sido tão invasivo nem percebera o tamanho de seus seios. Não que ela se importasse se ele soubesse; afinal de contas, era seu marido e logo ficaria sabendo. Ela não poderia esconder dele para sempre.

Buscou na memória, mas não conseguiu se lembrar de uma única imagem sequer do que acontecera na noite anterior. A última coisa da qual se lembrava era de estar parada diante da janela de Keeley.

Agora ela estava deitada ao lado de seu… marido.

Se não conseguisse se lembrar, valeria a consumação? Ela não deveria estar mais despida? Keeley e Mairin não tinham falado disso. Então, ela pensou que, se não tinha lembrança do que acontecera, não poderia ter sido tão ruim, certo?

A humilhação aqueceu suas bochechas e apertou seu peito. O que deveria dizer a ele? Como poderia encará-lo? E se tivesse agido como uma meretriz?

E se o tivesse decepcionado ou, pior, se sua falta de habilidade o tivesse deixado enojado?

Apesar de sua cabeça estar latejando e seu estômago fervilhando, com náusea, ela saiu da cama e estremeceu quando o frio atingiu seu corpo. Na cama, estava quase assando, pois o corpo do guerreiro emanava muito calor.

Graças ao bom senhor, ela não conseguia vê-lo. Estivera perto o suficiente



para saber que ele não estava usando a túnica. E se… E se estivesse completamente nu?

Ela estava dividida entre querer sair correndo do quarto ou sucumbir ao desejo

absurdo de olhar embaixo das cobertas.

Com aquele dilema, veio a percepção de que estava no quarto dele, não no que lhe fora oferecido como hóspede.

Tropeçou em seu vestido de casamento jogado no chão e um calor voltou a queimar suas faces. Teria ele a despido ou ela mesma o fizera?

Colocou o vestido e segurou-o para cima o máximo que pôde, antes de abrir a porta e espiar o corredor. Estava pouco iluminado. A luz das velas clareava até a metade das paredes e, até onde conseguia ver, estava vazio.

Graças a Deus.

Saiu do quarto e voou pelo corredor até seus aposentos, onde tirou o vestido de noiva e vestiu algo mais confortável. Calças quentes, uma túnica velha e botas de couro. Rionna precisava espairecer, apesar da dor de cabeça tenebrosa, e a única forma que conhecia para fazer isso era uma boa luta.

Caelen acordou. Viu sua cama vazia e sentiu um vento frio em suas partes íntimas. Puxou as peles, murmurando um xingamento, e seus olhos percorreram o quarto à procura da esposa.

Ela não estava em nenhum lugar, o que o deixou irritado. Caelen sempre era o primeiro a acordar e levantar-se no castelo. Até Ewan, que acordava cedo e se retirava tarde, nunca conseguia se levantar mais cedo do que ele.

O guerreiro gostava daquele momento de solidão. Enquanto o restante do castelo dormia, ele começava o dia, às vezes nadando no lago, às vezes aperfeiçoando suas habilidades de luta.

Jogou as cobertas para o lado e levantou-se nu, espreguiçando-se, e permitiu que o vento frio soprasse sua pele, despertando-o. O sangue correu em suas veias, tirando-o da letargia do sono.

Despejou água de uma jarra no lavatório, molhou o rosto e lavou a boca. Ou sua esposa estava mortificada ou estava enviando uma mensagem clara sobre como se sentia em relação ao casamento. De qualquer forma, era necessário impor limites, e não havia outro momento se não aquele para informá-la sobre

como seriam as coisas.

Depois que a encontrasse.

Vestiu-se e saiu no corredor. Normalmente, não se preocuparia em fazer silêncio, mas o rei estava no castelo e todo mundo ficara acordado até tarde.

Além disso, não queria que ninguém soubesse que a esposa fugira de sua cama.

Fez uma careta ao parar na porta do quarto dela. Não bateu, apenas abriu e foi recebido pela escuridão e pelo… frio. O fogo não estava aceso.

Caelen lembrou-se de que não havia acendido a lareira no próprio quarto, uma prática com a qual estava acostumado, mas como Rionna era uma moça pequena, ela, sem dúvida, acordara batendo os dentes.

Ele não estava acostumado a receber outras pessoas, principalmente em seus aposentos particulares. No entanto, agora estava casado e supôs que teria de fazer algumas concessões. Mostraria à esposa que conseguia ser um homem sensato.

Entrou, mas viu que o quarto estava vazio e intocado. O vestido de casamento dela, que ele tirara na noite anterior, estava jogado em uma cadeira.

Aonde teria ido àquela hora?

A suspeita contorceu suas entranhas até sua barriga se tensionar. Certamente a moça não seria tola a ponto de ir escondida para a cama de um amante na noite de seu casamento. Que outro motivo uma mulher teria para sair do calor da cama no meio da noite?

Se houvesse um problema, deveria tê-lo acordado. Ele era seu marido agora, e era seu dever solucionar qualquer dificuldade que surgisse.

Quanto mais ele pensava nisso, mais bravo ficava. Traições antigas ainda embrulhavam seu estômago, apesar de fazer um esforço para esquecê-las.

Era difícil não se lembrar de tudo que Elsepeth fizera quando mudara todo o destino do Clã McCabe. Seu casamento atual era resultado da traição dela, era sua tentativa de curar a tolice da juventude e de ter permitido que a emoção

distorcesse seu julgamento.

Por anos, o clã lutou para sobreviver à quase dizimação nas mãos de Duncan Cameron. Só nos últimos meses, com o casamento de Ewan e Mairin e o nascimento de Isabel, é que as coisas, finalmente, estavam indo bem para seu povo.

Como ele poderia recusar a única coisa que solidificaria uma união que traria a destruição do homem mais odiado por ele e seus irmãos?

Por Deus, ele podia não ter tido escolha ao se casar com Rionna McDonald, mas não significava que teria de ser um marido traído ou que deixaria sua esposa descontrolada, como o pai dela fizera durante anos.

Agora ele era o laird dela, quer ela gostasse ou não, e iria obedecer-lhe.

O som de aço contra aço entrou pela janela dela. Ele franziu o cenho e foi até a janela, a fim de erguer as peles. Seu quarto tinha vista para o pátio, mas quem estaria lutando tão cedo? E por quê?

Caelen inclinou-se e viu as tochas rodeando uma pequena área no meio do pátio. Dois homens lutavam furiosamente, e um dos tolos iria ser morto.

Porém, ao virar-se, um deles deixou à mostra o cabelo dourado e os lábios franzidos de concentração, de forma decididamente feminina.

Inferno.

Um dos tolos era sua esposa.

Ele deixou as peles caírem de volta, cobrindo a janela, e virou-se para sair do quarto dela. Balançando a cabeça, desceu as escadas e viu Cormac juntando-se a ele quando entrou no grande salão.

– Você sabia que Rionna está lá fora lutando? – Caelen soltou.

Os olhos de Cormac se arregalaram e ele pareceu confuso, sem saber o que dizer.

– Não – finalmente murmurou. – Acabei de me levantar.

– Está ficando mole e preguiçoso? – disse Caelen, olhando para ele com desgosto.

Cormac sorriu, sem se afetar com a censura de Caelen.

– Agora tenho uma moça macia e quente em minha cama toda noite, então é difícil encontrar motivação para levantar tão cedo.

Caelen grunhiu.

– A pergunta é – disse Cormac –: por que a sua moça está fora da cama na manhã após se casar com você? Pode-se concluir muita coisa…

Caelen lançou-lhe um olhar arrepiante.

Nada preocupado com o humor de Caelen, Cormac continuou.

– Porque o fato de ela ter força para lutar sugere que você fez alguma coisa… bem, incorreta.

A expressão presunçosa de Cormac fez os lábios de Caelen se transformarem em um rosnado.

– Aposto que Christina não se importaria em ter um marido banguela.

Cormac ergueu as mãos, como em um gesto de redenção, mas ainda tinha

aquele sorriso idiota.

Caelen gostou do frio repentino. Era um lembrete para ele nunca se sentir confortável demais, nunca baixar a guarda. Quando os homens se envolviam demais no próprio conforto, a queda era inevitável.

Isso não aconteceria com ele. Não se ele pudesse evitar. Nem aconteceria com o seu clã – o novo e o antigo.

– Ela é habilidosa – Cormac comentou.

Caelen fez careta de novo, à medida que se aproximaram da área iluminada pelas tochas.

– Rionna! – ele gritou.

Ela virou a cabeça de repente, na direção dele, enquanto a espada do outro homem voava diretamente para o seu pescoço exposto.

Caelen golpeou com sua espada para defender o golpe, e os olhos de Rionna se arregalaram quando ela percebeu que a ponta da lâmina de seu parceiro de luta estava parada a um centímetro da sua pele.

Com um movimento súbito de punho, Caelen tirou a espada da mão de seu oponente e lançou-lhe um olhar que o fez recuar rapidamente.

Se esperava que sua esposa ficasse assustada, confusa ou grata por ele ter impedido sua morte, se enganara. Ela estava extremamente furiosa.

Os olhos de Rionna brilhavam com uma luz diabólica no brilho das tochas.

Ela o atacou, mais parecendo um gatinho nervoso, comparação que, provavelmente, só a deixaria mais brava, mas era um pensamento bem divertido.

– O que pensa que está fazendo? – ela gritou. – Poderia ter me matado! Não se grita com alguém que está lutando!

As narinas dele inflaram, e ele avançou na direção dela, furioso por ela tê-

lo recriminado diante dos outros.

– Acha que não existem distrações no campo de batalha, Rionna? Acha que ninguém nunca vai gritar com você? Um guerreiro é forte, não apenas física, mas mentalmente. *Permitir-se* distrair durante a batalha vai te matar.

Ela ruborizou e desviou o olhar, com a espada abaixada.

– Nem nunca abaixe a espada. Agora está completamente vulnerável ao ataque.

Ela apertou os lábios com raiva.

– Já disse o que queria, marido.

– Já? Acho que não. Estou apenas começando a falar. Você vai entrar

imediatamente e não vai se envolver em tais atividades de novo. Fui claro?

Ela ficou boquiaberta, e seus olhos dourados brilharam de raiva – e de humilhação.

– Quando se apresentar à mesa para fazer seu desjejum, agradeça ao Clã McCabe e demonstre respeito ao rei e ao laird deste clã.

Os lábios dela se fecharam em uma expressão de frustração e Caelen deu outro passo à frente, até não haver espaço separando-os. Ele nunca admitiria, nem em milhares de anos, mas a visão e o cheiro dela, toda despenteada pelo treinamenteo, fizeram seu membro tensionar-se nas costuras da calça.

Não poderia deixá-la andar por aí vestida daquela forma ou lutando com os homens, porque, então, ele não seria nada além de uma ereção ambulante.

Acenou para dispensá-la e informá-la de que podia retirar-se. Quando ela se virou, ele a chamou.

– Ah, Rionna? Tome um banho. Você está fedendo.

Capítulo 3

Fedendo. Caelen disse que ela fedia! Rionna afundou-se mais na banheira, até a água cobrir suas orelhas, que ainda queimavam com a humilhação. Ela podia ouvir a risada dos homens conforme corria para o castelo.

Ele a humilhara. Não apenas com palavras, mas com ações. Provara a sua incapacidade, e ela cometera o pecado de se permitir se distrair.

Rionna sabia tudo aquilo, não era idiota. Conseguia proteger-se com uma espada e, mesmo assim, quando tomou consciência da presença dele, toda a razão se esvaiu de sua mente.

Naquele instante, transformou-se em nada mais que uma tola desastrada fingindo ser homem. Seu desgosto era infinito.

Uma batida soou à porta. Ela franziu o cenho e afundou-se tanto na banheira, que apenas seus olhos e nariz ficaram fora d’água. Um instante depois, a porta abriu-se e Maddie colocou a cabeça para dentro.

– Ah, aí está você, moça. Caelen pensou que talvez precisasse de ajuda. Ele a quer lá embaixo para fazer o desjejum em meia hora.

– Ah, ele quer, não é? – Rionna murmurou.

– Deixe-me ajudá-la a lavar o cabelo. Vai ser difícil conseguir secá-lo em tão pouco tempo. Seu cabelo é muito comprido e grosso. Lindo como o pôr do sol sobre o lago.

O elogio da mulher inflou o espírito cansado de Rionna. Ela sabia que não era bonita. Keeley sim era bonita. Rionna… Bem, parte disso era sua própria culpa. Poderia ter treinado ser mais feminina quando mais jovem.

Agora seu corpo perdera um pouco da maciez juvenil e exibia músculos que nenhuma dama deveria ter. Braços firmes, cintura fina, pernas tonificadas com músculos e nenhuma abundância nos quadris. Assim era Rionna. Na verdade, ela era bem reta.

A única parte feminina de seu corpo eram os seios, mas ela os desprezava porque, simplesmente, não combinavam com o restante de seu corpo. E era por isso que os mantinha pressionados, pois atrapalhavam e eram uma grande

distração.

Houve ocasiões, nas poucas vezes que os McDonald receberam convidados, em que seu pai insistiu para que se vestisse como uma mulher. Os vestidos de sua mãe tinham sido ajustados, mas o corpete ainda estava muito apertado, de modo que seus seios ficavam no limite da peça. E o resultado disso era os homens se censurarem ao encarar luxuriosamente seu decote.

Homens eram ridículos. Bastava mostrar um pouco do peito que se transformavam em tolos babões.

Um homem era o mais tolo de todos, e era esse quem ela mais temia.

Enquanto permanecesse com uma imagem masculinizada, não teria de se preocupar em chamar uma atenção indesejada.

– Então, moça… Vai ficar sentada aí o dia inteiro enquanto a água esfria ou vai me deixar lavar seu cabelo para que eu possa aprontá-la para descer?

Rionna desvencilhou-se de seus pensamentos e assentiu. Maddie, animada, pegou um balde de madeira da janela e gesticulou para Rionna se sentar ereta na banheira. Conforme a moça se ergueu, os olhos de Maddie se arregalaram.

– Ora, onde você estava escondendo esses dois?

Rionna olhou para baixo e ruborizou ao tomar consciência de que Maddie estava encarando seus seios expostos. Eles balançaram na água e a jovem levou o braço ao peito a fim de empurrá-los para baixo.

– Eu sou amaldiçoada – Rionna murmurou.

– Oh, Senhor, você não é amaldiçoada. Moças matariam para ter um corpo assim. Seu marido sabe o que ele tem?

Rionna fez uma careta.

Maddie deu risada.

– Vou entender isso como um não. Oh, mas ele terá uma surpresa.

– Ele não os verá por um tempo, enquanto eu conseguir escondê-los.

Maddie demonstrou novamente sua surpresa e, então, derramou a água do balde na cabeça de Rionna.

– Com certeza, não vai escondê-los para sempre.

– Não. Para sempre, não.

– Acha que ele não vai espiar seus tesouros quando se deitar com você?

Rionna franziu a testa.

– Como você sabe que…

Maddie fez um som reprovador.

– Ah, por favor, moça. Você estava bêbada como um guerreiro velho

aposentado e não havia mancha na sua cama. A menos que me diga que não era virgem.

Outro rubor encheu o rosto de Rionna. Maddie era bem direta, e Rionna não estava acostumada a ser aconselhada por outras mulheres. Sentia-se claramente desconfortável.

– Haverá muito tempo para você aquecer a cama de seu marido – Maddie aconselhou. – Até lá, precisa lhe dar uma dica do que está perdendo. Ele vai ficar de queixo caído quando vir esses seios avantajados.

Rionna balançou a cabeça.

– Não é com a reação de meu marido que estou preocupada.

– Acha que Caelen permitiria que outro homem chegasse perto de sua esposa? Por favor, moça. Você pode ter se preocupado com avanços desagradáveis no passado, mas, se uma mulher não puder ficar elegante na comemoração de seu casamento, então quando poderá? Qualquer homem seria tolo de se aproximar de você com seu novo marido ao lado.

– O que tem em mente? – Rionna perguntou, cautelosa.

– Deixe comigo. Acho que tenho a coisa certa – Maddie disse, lançando um sorriso presunçoso ao começar a enxaguar o cabelo.

Caelen se irritava mais a cada minuto que passava. O rei já tinha se sentado para fazer seu desjejum e, mesmo assim, aguardavam a presença de Rionna.

Até Mairin, que estava fraca por dar à luz e amamentar o bebê, estava sentada ao lado do marido, esperando a refeição e as conversas começarem.

Ele estava prestes a arrastá-la lá para baixo quando um silêncio pairou sobre a sala. De fato, o silêncio era tanto que uma inquietação tocou-lhe a nuca.

Quando viu toda a atenção focada na entrada do salão, virou-se para seguir a escada. De início, irritou-se por Rionna tê-los feito esperar tanto tempo. Mas

então observou sua aparência, o que o deixou intrigado, sem entender o que havia de diferente nela.

Demorou mais para entender do que aqueles ao seu redor, talvez por estar mais focado em seu atraso. Mas, quando percebeu, seu queixo caiu. Ele fechou a boca e olhou em volta apressadamente, para se certificar de que ninguém

vira sua reação.

Então, voltou o olhar para sua esposa.

Nunca duvidara de que era uma mulher atraente. Seus olhos tinham cores incomuns, âmbar e dourada. Seu cabelo também: nem vermelho nem ruivo nem, exatamente, loiro. Dependendo da forma como o sol batia, as mechas eram douradas, às vezes ruivas, mais claras e mais escuras. Uma mistura fascinante do céu ao pôr do sol.

Sim, ela poderia ser considerada bonita, se não estivesse sempre vestida como um homem, com sujeira no rosto e nas mãos.

Mas agora…

Jesus. A mulher tinha seios. Quem diria? Ele engoliu o nó instantâneo que se formou em sua garganta. Não era esperado que ele tivesse tal reação.

Teoricamente, deveria ter descoberto esse detalhe auspicioso na noite anterior, quando era para ter se deitado com sua mulher.

Onde ela escondera esse excesso de feminilidade?

Mais que isso: por que o fizera?

Ela usava um vestido chique, que parecia familiar. Ele olhou na direção de Mairin, percebendo que fora feito para ela. Em Mairin, ficava bonito o suficiente, mas, em Rionna, ficava espetacular.

Rionna estava… graciosa. Não era uma palavra que tinha vindo em sua mente antes. Frágil e feminina. Seu cabelo estava preso no topo da cabeça e mechas caíam em seu pescoço como pequenos raios de sol.

Ela também parecia extremamente insegura.

Ele arqueou uma sobrancelha para sua pequena guerreira quando o medo se fez notar nos olhos dela. De início, pensara que ela seria capaz de cortar a garganta a permitir que alguém visse seu medo. Agora, pela segunda vez em menos de um dia, ele vira medo e vulnerabilidade nos olhos de sua noiva, e isso o fazia pensar em coisas malucas, como manter-se deitado ao lado dela a noite inteira por receio de assustá-la mais se dormisse com ela.

Ele quase riu. De todas as coisas idiotas, essa era a pior. Se seus homens ficassem sabendo de sua paciência repentina, sairiam rindo pelo castelo.

E era por isso que tinha de fingir já ter visto a fartura de feminilidade que sua esposa agora ostentava.

Ele fez cara feia para os homens famintos por ela e, depois, avançou a fim de ajudá-la a se sentar. Ainda estava com o cenho franzido quando a cumprimentou, e foi provavelmente por isso que linhas apertadas apareceram

ao redor dos olhos e da boca dela.

Queria dizer-lhe que estava linda e que aprovava totalmente a mudança, mas o que saiu não foi o que planejou.

– Por que não se veste adequadamente? Está indecente.

Ela arrancou o braço de sua mão, encarou-o com um olhar que faria murchar as bolas de um homem e, então, de forma elegante, sentou-se, deixando-o sentir-se o pior tipo de tirano.

Ele olhou de novo para seus homens, que continuavam a encará-la com suas línguas balançando, como se nunca tivessem visto uma moça.

– Você está linda, Rionna – Mairin elogiou do outro lado da mesa.

A culpa se instalou no pescoço de Caelen. Era ele quem deveria ter dito quanto sua esposa estava linda; na verdade, magnífica. Não deveria ter deixado que outros a elogiassem a fim de anular seus comentários insensíveis.

Mesmo assim, Caelen não conseguia abrir a boca para consertar seu erro.

– Nunca vi uma noiva tão elegante – disse o rei, com um largo sorriso.

Caelen franziu o cenho para o rei e ignorou o olhar de repreensão de Ewan.

David apenas riu e se ocupou com sua comida.

– Fizemos uma coisa boa, Ewan – David disse calorosamente ao limpar a boca com o braço.

Caelen queria ter a mesma certeza de que aquela aliança era necessária.

Ainda assim, seu irmão parecia mais à vontade do que estivera nos muitos meses que passara se preocupando com Mairin, Isabel e Duncan Cameron. E

Alaric parecia… satisfeito. Por muito tempo, Alaric se atormentara por uma escolha impossível: a mulher amada ou a lealdade ao seu clã. Tendo escolhido errado antes, Caelen não se sentia qualificado para decidir sobre tais assuntos.

Com todo mundo tão feliz à sua volta, era difícil argumentar que não fora feita a coisa certa. O único problema era que ele e Rionna pareciam os únicos que *não* estavam felizes.

Ewan lançou um olhar na direção de Caelen antes de se voltar para o rei.

– Sim, fizemos uma coisa boa.

– Assim que o bebê estiver bem o suficiente para aguentar a viagem, você deve apressar-se para reivindicar Neamh Álainn. É importante assegurar a última conexão em nossa fortaleza.

O rei se virou para Caelen.

– É fato que está chegando uma tempestade de inverno, mas é importante que vá para o castelo McDonald. A aliança foi feita, mas não confio que o

antigo laird não provocará discórdia. Será sua tarefa colocar os McDonald sob controle e garantir que honrem a aliança com os McCabe.

Rionna enrijeceu-se com o insulto e ergueu a cabeça, como se lançasse dardos no rei. A mão de Caelen voou para segurar a dela, apertando-a, como um alerta.

– Esqueceu-se de que sou um McCabe? Acha que eu trairia meu próprio povo? Meu irmão? – Caelen disse, lutando para controlar a raiva. Ele e Rionna estavam sacrificando muita coisa pelo bem de seus clãs, e ele não deixaria passar o insulto. – Só porque o Laird McDonald não tem honra não significa que seu povo também não tenha.

Rionna recostou-se na cadeira, seus ombros rígidos baixando à medida que ela relaxava um pouco. Quando seu olhar dourado marejado voltou-se para Caelen, ele viu a gratidão por tê-la defendido. E o respeito indesejado.

– Não quis desrespeitá-lo – David disse. – É verdade que você não passará por um período fácil. Os McDonald não o aceitarão como laird imediatamente. Terá de ser cuidadoso a todo instante. Duncan Cameron se valerá de qualquer meio para enfraquecer nossa aliança; ele é uma víbora que precisa ser descartada.

– Não tenho dúvida de que meu irmão fará o que for preciso para transformar os McDonald em uma força guerreira formidável – disse Ewan. –

Ele é o grande responsável pela invencibilidade dos McCabe. A verdade é que ficarei bastante decepcionado em perdê-lo, mesmo que esteja fazendo isso para ganhar um forte aliado.

– Não vai me perder, irmão – Caelen disse com um sorriso. – Seremos vizinhos agora.

Alaric, que até então se mantivera em silêncio, franziu o cenho e olhou para seus irmãos.

– O que fará, Ewan? Você não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Neamh Álainn precisará ser bem protegida, assim como Mairin e Isabel. Mas nenhum de vocês pode negligenciar nosso castelo. Nosso clã.

Ewan sorriu e trocou olhares conspiradores com o rei.

– Não, Alaric. É verdade o que diz. Agora, você é o único McCabe sem terras e propriedades para chamar de suas. Parece adequado que proteja o castelo McCabe quando Mairin e eu nos mudarmos para Neamh Álainn.

Alaric pareceu atordoado. Olhou de um irmão para outro e balançou a cabeça.

– Não entendi.

– Eu não posso mais ser laird – Ewan murmurou, virando-se para Mairin, com os olhos cheios de amor. – Com certeza, enxerga isso. Com o nascimento de Isabel, assim que ela respirou pela primeira vez, o meu destino, assim como o de todos nós, mudou. É meu dever proteger o legado da minha filha.

Não posso dividir minhas funções entre o meu clã e a minha esposa e filha e, ao mesmo tempo, ser justo com ambos, e é por isso que você se tornará laird.

Não consigo pensar em um homem melhor para a função.

Alaric passou uma mão no cabelo e encarou Ewan, sem acreditar.

– Nem sei o que dizer, Ewan. *Você* é o laird desde que nosso pai morreu. É

como as coisas são. Nunca considerei assumir.

– Está dizendo que precisa pensar? – disse o rei, arqueando uma sobrancelha.

– Claro que não. Farei o que for preciso para garantir a segurança e o futuro do meu clã.

– Exceto casar-se comigo… – Rionna murmurou baixinho, mas Caelen ouviu e lançou-lhe um olhar afiado. Não imaginara que ela pudesse nutrir sentimentos por Alaric. Certamente, eles não ficaram juntos por tempo suficiente. Mas quem saberia explicar o que se passava na mente de uma mulher?

Alaric não era tão frio quanto Caelen, que, como se sabia, poderia ser implacável. Até severo. Alaric parecia mais sociável com as moças, que o adoravam. Achavam-no gentil.

Estaria Rionna chateada por pensar que se casara com o McCabe errado?

Caelen não tinha pensado nisso e, agora que o fizera, não gostara nada da sensação.

– Então, está decidido – o rei anunciou ao colocar o cálice de volta à mesa.

– Vamos reunir os lairds para que Ewan possa nomear seu irmão o novo laird do

Clã McCabe.

– E nossos homens? – Alaric perguntou a Ewan.

Caelen inclinou-se para a frente, porque também precisava ouvir. Os McCabe tinham uma força maravilhosa, mas seriam divididos, o que não beneficiava ninguém.

Ewan sorriu.

– Vou levar um contingente grande comigo para proteger Mairin e Isabel.

Assim que chegarmos a Neamh Álainn, poderemos enviar alguns de volta se

eu me sentir seguro com a guarda real de lá. – E olhando para Caelen, prosseguiu: – Pensei em deixar Cormac aqui, já que está recém-casado e seria mais difícil para ele se mudar para as terras McDonald com uma nova esposa.

Não posso ceder homens para você, mas posso enviar Gannon, a fim de ajudá-

lo no treinamento dos soldados McDonald.

Caelen olhou surpreso para seu irmão.

– Mas Gannon é seu homem mais antigo, o mais confiável. Ele protege você, sua esposa e seu filho fielmente.

– É por isso que vou enviá-lo com você – Ewan disse baixinho. – Você precisará de um aliado, alguém em quem possa confiar sem reservas. – Olhou, como se pedisse desculpas para Rionna enquanto falava.

De maneira estoica, o olhar de Rionna ia além dos homens, fixando-se na tapeçaria pendurada acima da lareira. Nenhum sinal de emoção. Uma pedra poderia ser quebrada em seu rosto. Seus olhos estavam cuidadosamente fixos, para não trair seus pensamentos.

Então virou-se, como se permitisse que os homens sentados ao seu redor olhassem para ela. Puxou o ar de forma delicada e feminina, mas Caelen, de alguma forma, sabia que lhe custara muito não deixar escapar uma bufada definitivamente masculina.

– É maravilhoso como você se permite associar-se a pessoas como os McDonald. Por que se incomoda em formar uma aliança quando somos, claramente, inferiores e não confiáveis? – Rionna disse.

Caelen quase esmagou a mão dela. Suas narinas inflaram, e a teria punido por falar assim com o rei e seu irmão; no entanto, alguma coisa no olhar dela o conteve. Não era tanto a raiva, mas a mágoa que se escondia onde, antes, ela não permitia qualquer demonstração de sentimento. Mas isso desapareceu tão rapidamente, que ele se perguntou se havia imaginado.

O rei riu, enquanto Ewan, franzindo o cenho, disse:

– Sei que não é fácil para você ouvir isso, Rionna. Aceite minhas desculpas. Eu não enviaria meu irmão a um ambiente hostil sem suporte.

– Ele está mais protegido por ser meu marido do que por seu homem – ela argumentou. – Talvez devesse se preocupar mais em não *me* insultar.

Com isso, Ewan estreitou os olhos. Ficara bravo com a ameaça implicada em sua fala. Caelen, por sua vez, estava se divertindo.

– Agora, Rionna, ele ficará pensando que você vai cortar minha garganta enquanto durmo – Caelen retrucou.

Ele inclinou-se para ela, segurou-lhe a nuca e fez o que estava morrendo de vontade de fazer desde que ela entrou flutuando no salão. Seus lábios esmagaram os dela.

Não era um beijo sedutor, acompanhado de gestos carinhosos e palavras melosas.

Era uma ordem para ficar em silêncio. Para ceder à sua autoridade. Um lembrete de que ela lhe pertencia.

A mocinha, determinada, mordeu o lábio de seu esposo. Ele sentiu o gosto do sangue, mas também da doçura de sua esposa. Não recuou, conforme ela provavelmente esperava que o fizesse. Aprofundou o beijo até o sangue passar para a língua dela. Quando ela tentou se afastar, ele puxou-a contra seu corpo até que ficasse achatada contra seu peito, seus seios grandes tensionados em seu corpo.

Só se afastou lentamente quando ela relaxou contra ele e a relutância se esvaiu de seu corpo. Então, limpou a boca com as costas da mão, olhando o tempo todo nos olhos dela.

– Viu, Ewan, é perfeitamente inofensiva. Você só tem de saber lidar com ela.

Com os olhos brilhando, ela levantou-se, furiosamente.

– Você é o pior tipo de babaca idiota!

Ele esforçou-se para sorrir quando ela se virou e saiu dramaticamente do salão. Rionna se sentiria insultada se soubesse que seu andar masculinizado e firme ficava completamente comprometido pelos metros de tecido voando aos seus pés. Ela parecia uma mulher tendo um chilique.

E isso a enfureceria.

Capítulo 4

– Jesus, Rionna, de onde eles saíram? – Keeley exclamou.

Rionna fechou a porta do quarto com uma careta e olhou para baixo, ao perceber a que Keeley estava se referindo.

– São seios!

– Bem, isso eu sei. A pergunta é como eles cresceram da noite para o dia.

Rionna encarou Keeley por um instante, depois caiu na gargalhada. Era isso ou cair no choro, e ela arrancaria o próprio olho antes de permitir que isso acontecesse.

Os olhos de Keeley estavam cheios de alegria, conforme Rionna se aproximava e caía na cama ao lado dela.

– Ele é um… Ele é um…

– Sim, Rionna… ele é o quê?

– Ele é um pateta! Um saco de vento… pomposo e inflado!

– Estou vendo que seu vocabulário é escasso no quesito “insultos” – Keeley disse secamente.

– Eu estava tentando ser cuidadosa – a jovem murmurou.

– Presumo que esteja se referindo ao seu marido?

Rionna suspirou.

– Nunca vai dar certo, Keeley. Olho para você e Alaric. Vejo como Ewan trata Mairin. E então olho para Caelen…

O rosto de Keeley se encheu de tristeza e preocupação.

– Acha que será tão infeliz assim?

Rionna sentiu-se imediatamente culpada. Ali estava Keeley, recuperando-se de um ferimento terrível. Ela se casara com o homem com quem Rionna iria se casar e, provavelmente, se sentia péssima com a infelicidade da amiga.

– A verdade é que eu seria infeliz com qualquer McCabe, então não precisa se sentir culpada por ter se casado com Alaric. Pelo menos uma de nós é feliz, e me alegro que tenha alguém que te ame tanto.

– Como foi ontem à noite? – Keeley perguntou com cuidado.

Rionna semicerrou os olhos.

– Não sei. A última coisa de que me lembro é de parar diante da sua janela.

Acordei vestindo só as roupas de baixo, deitada ao lado de Caelen. Com certeza, não deve ter sido tão ruim se não consigo me lembrar, certo?

– Está dizendo que ainda estava vestida?

– Sim, bem, não estava completamente nua, se é isso que está perguntando.

Keeley riu.

– Não aconteceu nada, Rionna. Ele não dormiu com você. Você estava desmaiada na cadeira. Ele entrou, pegou-a e carregou-a para fora. Deve tê-la

despido e colocado na cama.

Rionna deu um suspiro pesaroso e seus ombros caíram.

– A verdade é que eu esperava que tivesse feito e acabado logo com isso.

Agora tenho que temer o ato de novo.

Keeley deu um tapinha na mão de Rionna.

– Você se preocupa demais. Não é nada mais que um beliscão, e depois é muito bom.

Rionna não estava convencida, mas não ia discutir.

– Agora me conte por que, de repente, você tem seios tão… generosos.

Rionna virou os olhos para cima.

– Eu sempre os tive. A verdade é que, quando comecei a me tornar mais mulher, meus seios chegavam antes de mim. Não conseguia manejar uma espada, esquivar-me e ser rápida com estas coisas balançando. É *indecente*, para usar a palavra de Caelen.

Keeley arfou.

– O que ele disse?

– Ele murmurou algo sobre me vestir e mencionou a palavra *indecente*.

Estou prestes a concordar com ele.

– Você está certa. Ele é um pateta.

Rionna sorriu, depois suspirou.

– A verdade é que este vestido está me enlouquecendo. Vou me trocar e, talvez, tomar um pouco de ar fresco. Os muros do castelo estão me sufocando.

– Você sempre ficou mais confortável do lado de fora – Keeley disse com um sorriso. – Então, vá. Não vou contar para Caelen que a vi, se ele perguntar.

Rionna inclinou-se para a frente, para dar um beijo em Keeley. A novidade sobre Alaric ser o novo laird estava na ponta da sua língua, mas não iria antecipá-la. Era fato que o novo casal precisava de todos os bons momentos

que pudesse ter. Eles já tinham passado por um inferno.

– Virei te ver mais tarde. Agora, descanse, minha irmã de coração.

Keeley lançou-lhe um sorriso misterioso.

– Quando voltar, vou te contar tudo o que aprendi sobre os assuntos de pele.

É verdade que você pode domar o mais grosseiro dos homens com alguns toques e um uso mais criativo de sua boca.

Rionna sentiu seu rosto queimar e colocou a mão sobre as orelhas, com um gemido.

Keeley recostou-se nos travesseiros e sorriu.

– Estou feliz que esteja aqui, Rionna. Senti tanta saudade de você.

– Também senti saudade.

Rionna apressou-se pelo corredor até seu quarto, onde rasgou o tecido superficial do vestido. Ela abraçou a raiva, porque a alternativa não era suportável. O que realmente queria era curvar-se em uma bola na cama e esquecer a humilhação pela qual passara.

Fora estúpida por permitir que Maddie interferisse. Vestir-se bem era para mulheres bonitas, que sabiam todos os pormenores sociais, como falar, caminhar e ser quieta e educada. Todas as coisas que Rionna não era.

Tudo o que Rionna conseguia era se passar por mais tola ainda. E dera a Caelen outra oportunidade para humilhá-la.

Ela o odiava.

Era ruim o suficiente que ele pensasse ter sido um nobre sacrifício casar-se com a noiva descartada de seu irmão, e ainda tinha de ser um babaca insuportável e

presunçoso.

Se ao menos ela tivesse uma irmã para quem passar o marido. Então, Rionna poderia ter se vestido como quisesse, agido como quisesse, e poderia muito bem pegar uma espada quando quisesse.

Ao perceber que estava parada nua e que estava muito frio, ela vestiu as calças desalinhadas e colocou sua túnica preferida. Suas botas eram velhas, com um buraco no calcanhar, mas serviam como uma luva e nunca a haviam decepcionado.

Demorando apenas mais alguns minutos para trançar e amarrar o cabelo, ela embainhou sua espada e usufruiu do conforto de ser ela mesma mais uma vez.

Então, virou-se e saiu do quarto.

Que se danasse Caelen McCabe. Que todos se danassem. Seu clã poderia não ser o mais poderoso ou estratégico, poderia não ter habilidades de luta

como os outros clãs, mas era dela, e ela não permitiria que falassem mal dele.

Seu pai já o fizera bastante. Desgraçado hipócrita.

Ela desceu a escada silenciosamente, torcendo para que os homens ainda estivessem envolvidos nas conversas. Inclinou a cabeça quando chegou à base da escada e escutou o vozerio ecoando pelo grande salão.

Correu para o lado oposto e passou por uma das saídas que davam no pátio.

Soldados de vários clãs estavam treinando. Eles brincavam e riam. O

cheiro de suor preencheu suas narinas, e o familiar e bem-vindo som de metal martelava em seus ouvidos.

Mesmo assim, ela afastou-se dos soldados reunidos e caminhou entre as árvores, em direção ao lago.

– Rionna!

Ela virou-se rapidamente e viu seu pai parado na direção de onde ela viera.

Ele estava franzindo o cenho, com os braços cruzados diante do peito. Então, soltou uma mão e acenou para que se aproximasse.

Ela pensou em ignorar seus chamados, mas não era hora. Ele ainda era seu laird, embora não por muitos dias. Seu novo marido vestiria o manto da liderança e, que Deus a ajudasse, ela não sabia quem mais temia para aquele cargo.

Sua mandíbula ficou tensa. Ela caminhou até seu pai e parou a uma curta distância.

– Sim, pai?

– Quero falar com você. Não podemos permitir que Caelen McCabe assuma o Clã McDonald.

– Temos pouca opção nesse assunto – ela disse com cuidado. – Ou nos aliamos aos McCabe ou enfrentamos Duncan Cameron sozinhos.

– Não, não é nossa única opção.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não acha que é um pouco tarde para dizer isso? Não poderia ter me falado sobre essa solução *antes* de me casar com Caelen McCabe?

– Cale essa sua boca antes que eu o faça – seu pai rugiu. – Ainda sou seu laird e, por Deus, não vou tolerar sua insolência.

Rionna encarou desafiadoramente o homem por quem perdera totalmente o respeito ao longo dos anos. Ele era patético, mesmo sendo seu laird e pai, mas era impossível mudar as circunstâncias de seu nascimento. Se pudesse, o faria.

– Me diga, pai: qual é esse plano que o senhor criou para nos salvar dos

McCabe e de Duncan Cameron?

Ele sorriu e Rionna estremeceu.

– Se não pode vencê-lo, junte-se a ele. Estou pensando em fazer negócio com Cameron. Ele deixa que eu permaneça laird de meu clã e eu o ajudo com suas

tentativas.

Rionna ficou pálida, todo o sangue foi drenado de seu rosto.

– Está falando de traição!

– Quieta! – seu pai chiou. – Não podemos ser ouvidos.

– Você é um tolo – ela soltou. – Já estou casada. Não há nada a ser feito.

Duncan Cameron é um homem sem honra. Você não pode estar pensando em aliar-se a um lixo como ele.

Ele deu-lhe um tapa na cara, chocando-a e silenciando-a. Ela cambaleou para trás, com a mão sobre a face.

Então recuperou-se. Estava a ponto de explodir de tanta raiva.

Rionna desembainhou a espada e voou nele, a ponta da espada encaixada contra o seu pescoço. Os olhos de seu pai se arregalaram e o suor escorria em sua testa ao encará-la.

– Você nunca mais vai me tocar – ela disse. – Se outra vez levantar a mão para mim, vou arrancar seu coração e jogar para os urubus.

Seu pai ergueu as mãos lentamente, os dedos tremendo como folhas no outono.

– Não seja durona, Rionna. Pense no que está dizendo.

– Estou falando a verdade – ela disse com uma voz firme que ele não reconhecia. – Você não vai levar nosso clã à desonra nem vai me arrastar para a lama que criou. Não vamos nos aliar a Cameron. Não vamos trair nossa aliança com os McCabe.

Ela deu um passo para trás e abaixou a espada.

– Saia da minha frente. Você me dá nojo.

Os lábios de seu pai se curvaram, em uma expressão de desgosto.

– Você sempre foi uma decepção dolorosa, Rionna. Finge ser um homem e,

mesmo assim, não é nem homem nem mulher.

– Vá para o inferno – ela sussurrou.

Ele virou-se e afastou-se, deixando-a parada, tremendo, no frio.

Devagar, ela virou-se de volta para o lago e aproximou-se da margem.

Naquele dia, a água estava escura e sinistra. O vento chicoteava a superfície, criando ondas que batiam na margem.

Seu rosto latejava. Seu pai nunca lhe batera antes. Ela sempre o temera por outro motivo. Na verdade, ela o ignorava tanto quanto conseguia, e até ter se tornado uma peça valiosa, seu pai também a ignorava.

Rionna encarou o nada na água e, pela primeira vez desde que aquela confusão começara, sentiu uma onda de desespero pesar em seus ombros, colocando-a para baixo.

O que sabia sobre ser uma esposa?

Olhou para a sua roupa, à medida que a vergonha foi enrijecendo suas bochechas e inchando seu peito. Caelen McCabe conseguiu fazer o que nenhuma outra pessoa havia conseguido. Ele a fez sentir vergonha de quem era, e isso a enfurecia.

Ela esfregou as mãos e enfiou-as debaixo da bainha de sua túnica. Com a pressa para sair do castelo e dos muros que a cercavam, não havia vestido luvas, o que era um descuido.

Mas mesmo o vento cortante e o frio doloroso não conseguiam levá-la de volta para o calor do interior do castelo. De volta para seu futuro com um homem tão frio como o nevoeiro soprando do lago.

– Rionna, não deveria estar aqui fora no frio.

Ela enrijeceu-se, mas não se virou com a reprimenda concisa do marido.

– Vai ficar doente – ele disse, parando ao lado dela e olhando o lago na direção que ela observava.

– Veio para pedir desculpas? – ela perguntou ao olhar de lado para ele.

Surpreso, ele virou-se para encará-la, com a sobrancelha erguida.

– Desculpa pelo quê?

– Se precisa perguntar, não será uma desculpa sincera.

– Não vou me desculpar por beijar você – ele rosnou.

Ela ruborizou.

– Não estava me referindo ao beijo, mas você não tinha direito de fazer algo tão íntimo na frente dos outros.

– Você é minha esposa. Vou fazer o que eu quiser – ele disse preguiçosamente.

– Você me humilhou – ela disse com uma voz tensa. – Não uma, mas duas vezes nesta manhã.

– Você se humilhou, Rionna. Não tem disciplina. Não tem limite.

Ela se virou para ele, com o punho cerrrado. Oh, adoraria bater nele, mas iria perder e, provavelmente, quebrar a mão no processo.

Abriu a boca para discutir, quando a expressão dele a paralisou.

Era, definitivamente, sanguinária.

Os olhos dele estavam vidrados, e sua mandíbula contraída.

Seu rugido quase a achatou.

– Quem te bateu?

Levando imediatamente a mão à face, ela deu um passo para trás. Mas ele não recuou: avançou, abaixou a mão dela, e com a outra mão tocou o local ainda dolorido.

– Quem ousou levantar a mão para você?

Ela engoliu em seco e baixou o olhar.

– Não é importante.

– Claro que é. Me diga e vou matar o desgraçado.

Quando, finalmente, ela ousou erguer o olhar de volta para ele, a raiva terrível nos olhos dele a deixou confusa. Ele estava furioso.

– Seu pai fez isso?

Os lábios dela se partiram com surpresa, e os dele se apertaram.

– Vou matá-lo dessa vez – Caelen murmurou.

– Não! Ele não vale a sua raiva. Não vai me tocar de novo.

– Pode ter certeza de que não vai – Caelen vociferou.

– Eu cuidei do assunto. Não preciso da sua proteção.

Caelen segurou-a pelos ombros.

– Ninguém toca no que é meu. Ninguém machuca alguém da minha família.

Pode pensar que não precisa de minha proteção, mas, por tudo que é mais sagrado, você a terá. Pode estar acostumada a lidar com tudo do seu jeito, Rionna, mas agora isso acabou. Você e eu temos responsabilidade para com nossos clãs.

– Responsabilidade. E qual é minha responsabilidade, marido? Até agora, só vejo que deseja que eu me vista e aja de forma feminina, nunca o contradiga e finja que sou sem graça na frente dos outros.

Ele semicerrou os olhos.

– Sua responsabilidade é ser leal a mim, primeiro e acima de tudo. Você será um exemplo para o seu clã e para o meu. Vai me dar herdeiros. Faça isso e verá que sou um homem fácil de lidar.

– Você quer alguém que não sou – ela sussurrou em uma voz poderosa, cheia de

lágrimas. – Quer uma mulher que não posso ser.

– Não crie uma batalha de vontades comigo, esposa. Só vai sofrer com isso.

– Por que tem de ser uma batalha? Por que não pode me aceitar como sou?

Por que preciso mudar enquanto você continua o mesmo?

As narinas dele inflaram, e ele baixou as mãos dos ombros dela. Por um instante, ele virou-se para longe dela e ficou parado, com as pernas afastadas, enquanto encarava a água. Quando olhou de volta para ela, raiva e impaciência brilhavam em seus olhos.

– Acha que nada mudou para mim? Estou casado, Rionna. Não tinha o desejo de me casar. Certamente, não me preparei para isso e nem para que fosse tão rápido. Sou um guerreiro. O que faço é lutar. Protejo meu clã. Agora cortarei minha raiz e devo me afastar do meu clã e me unir a outro. Esperam que eu lidere pessoas que nunca conheci, que não vão confiar em mim mais do que confiarei nelas. Além disso, Duncan Cameron quer meu irmão morto. Quer Mairin para ele, e a vida de Isabel corre perigo desde que ela foi colocada na barriga da mãe.

E continuou:

– Ele tentou matar Alaric. Enviou traidores para o cerne de nosso clã. Eu deveria ficar *aqui*, onde posso proteger minha família, e não fingir ser o laird de um povo que não me deseja como seu laird mais do que eu desejo ser um.

– Não foi minha escolha – ela disse firmemente.

– É, sei disso, mas não importa. Nós dois estamos unidos por deveres. Não temos escolha nessa questão.

Ela fechou os olhos e virou-se para ficar lado a lado com ele, ambos com o olhar fixo em qualquer lugar, menos um no outro.

– Por que fez isso, então, Caelen? Por que realmente o fez? Você poderia ter ficado quieto. Por que se comprometeu em se casar comigo se era uma tarefa tão desagradável?

Ele ficou em silêncio por bastante tempo antes de, finalmente, responder à

pergunta.

– Porque não poderia suportar ver meu irmão se casar com você amando outra.

A dor apertou o peito dela de novo.

– Espero que, um dia, sua resposta seja diferente – ela disse baixinho ao se virar e caminhar de volta para o castelo.

Capítulo 5

Era tarde quando Caelen subiu as escadas rumo ao seu quarto. Ele havia feito planos com seus irmãos até tarde da noite e, na manhã seguinte, viajaria para o castelo McDonald com sua nova esposa, para assumir suas funções como laird.

Não surpreendentemente, Gregor McDonald retirou-se, e uma dúzia de seus melhores soldados partiram com ele – homens que Caelen não poderia perder.

O antigo laird escapuliu como um covarde derrotado. Nem sequer despediu-se da filha. Não que Caelen o quisesse perto de Rionna de novo.

É, era bom para o Clã McDonald. A pergunta era: reconheceriam o fato e aceitariam Caelen como seu novo laird? É claro que não. Talvez alguns, mas Caelen só poderia imaginar como se sentiriam se, de repente, fosse apresentado a um novo laird do qual nunca tivesse ouvido falar.

Nunca pensou que teria os deveres de um laird. Isso sempre recaíra sobre Ewan e seus herdeiros. Caelen era o terceiro filho, e seu dever sempre foi apoiar o laird. Ser infalivelmente leal e oferecer sua vida por Ewan, sua esposa e seus filhos.

Caelen tinha uma tarefa assustadora pela frente e não sabia se estava preparado. E se falhasse não apenas com seu novo clã, mas com seu irmão e seu rei? Sem falar em sua esposa.

Ele detestava a insegurança que o rondava e nunca admitiria que alguém o salvasse. Podia não estar convencido de que era o melhor homem para liderar os McDonald, mas eles nunca saberiam disso. Qualquer sinal de fraqueza deixaria claro que ele não merecia o manto da liderança, e morreria antes de permitir que isso acontecesse.

Não, deveria ser forte. Não deveria mostrar-se misericordioso desde o começo. Era imperativo conquistar o respeito deles, porque havia muito trabalho pela frente para torná-los uma força tão formidável quanto os guerreiros McCabe.

Para sua surpresa, quando abriu a porta de seu quarto, Rionna estava lá

dentro, ainda acordada. Ela estava sentada diante da lareira, o cabelo solto, batendo na cintura. As madeixas refletiam o brilho das chamas e cintilavam como ouro.

Ele realmente esperava que ela fosse para o quarto dela e o ignorasse.

Rionna não ouviu quando ele entrou, e Caelen aproveitou a oportunidade para analisar sua forma esguia. O fato de ela ter escondido novamente os seios o divertia. Era quase surpreendente como a amarração escondia suas curvas luxuriosas. Era um pecado esconder tanta beleza.

Como se sentisse seu olhar, ela virou-se lentamente, o cabelo escorregando pelo ombro.

– Você deveria estar dormindo – ele disse bruscamente. – Está tarde e vamos partir de manhã.

– Assim, logo?

– É, precisamos nos apressar.

– Está nevando. A tempestade começou.

Caelen assentiu e, sentando-se na beirada da cama, tirou as botas e jogou-as para o lado.

– É provável que neve à noite. A viagem será lenta, mas se esperarmos o tempo melhorar, ficaremos aqui até a primavera.

Rionna ficou quieta. Seus olhos expressavam confusão, mas ela hesitou, seus lábios repuxados, como se debatesse com a indecisão.

Caelen esperou, sem querer criar mais situações que os fariam brigar. Ele parecia ter o hábito horrível de trocar os pés pelas mãos toda vez que abria a boca.

– Você vai querer fazer hoje à noite?

As sobrancelhas dele se uniram e sua testa enrugou-se ao encará-la de volta.

– Fazer o quê, moça?

Ela apontou para a cama, a cor tingindo suas bochechas de um cor-de-rosa escuro que ele achava fascinante. Então ele percebeu, e de novo ficou surpreso como a hesitação dela o tornava protetor.

– Venha aqui, Rionna.

Por um instante, ele pensou que ela fosse desobedecer-lhe. Então, com um suspiro, ela se levantou graciosamente de onde estava, diante do fogo, e andou até ele, com o cabelo cintilando em suas costas como uma tocha acesa.

Quando viu que estava perto o suficiente, ele a puxou para entre suas pernas e pegou as mãos dela.

– Se quero que você monte um cavalo amanhã, e é óbvio que quero, então não farei nada hoje que a deixará muito mole para a cavalgada.

O rubor dela se aprofundou e ela inclinou a cabeça.

Ele apertou as mãos dela, para que olhasse para ele.

– No entanto, quando formos consumar nosso casamento, você não tem nada a temer, moça. Não farei nada que a assuste ou a machuque.

Ela não pareceu totalmente convencida. De maneira nervosa, lambeu o lábio inferior, deixando um brilho e uma umidade na luz da lareira.

Incapaz de resistir ao convite despropositado, ele puxou suas mãos, até ela estar apoiada em suas coxas. Com uma gentileza e graça que ele não possuía, passou a mão em seu rosto e, depois, enfiou os dedos na massa de cabelo atrás de sua orelha.

O cabelo aquecido pelo fato de ela ter ficado sentada diante da lareira por tanto tempo era, de fato, como acariciar o sol. Maravilhado pela sensação e pela visão das mechas caindo e escorregando por seus dedos como um líquido sedoso – ele

tinha certeza de que nunca tocara nada tão agradável –, ele puxou-a para mais perto, até suas bocas estarem a uma respiração de distância.

– Me beije – ele disse com uma voz que não reconhecia como sua.

O direcionamento a deixou inquieta. Ela sentou-se rígida no colo dele, tão tensa que parecia uma coluna de pedra. Olhou para ele, depois para sua boca, e lambeu os lábios de novo.

Ah, inferno. Seu membro estava tão rígido quanto ela. Ele ficou se mexendo na cadeira, sem querer alarmá-la, mas cada movimento seu só lhe dava mais consciência do fato de uma mulher linda e ardente estar em seus braços. Uma mulher para quem ele disse que não consumaria o casamento naquela noite.

Idiota.

Com certeza, ele a montaria no cavalo com ele, para que não ficasse desconfortável.

Não, não daria certo também, porque teria de suportar todo o caminho em agonia.

Ele suspirou e resignou-se a uma noite de extremo conforto. Não tinha intenção de dormir com ela, mas também não permitiria que dormisse em seu próprio quarto. Seus irmãos nunca passaram uma noite longe de suas esposas, e ele não lhes daria motivo para pensar que estava falhando.

Hesitando, ela pressionou os lábios nos dele. Mal tocou, mas foi como um

raio. Quente. Os dedos dele até formigaram como se tivessem mergulhado no fogo. Ele precisou de todo seu autocontrole para não deitá-la na cama e beijá-

la desenfreadamente. Sua paciência recém-descoberta e seu desejo de não assustá-la eram umas de suas decisões mais idiotas.

Ela afastou-se imediatamente, com os olhos arregalados, um toque de rubor cobrindo suas bochechas macias. Então, passou uma mão no peito dele e por seu ombro, olhando-o com cautela o tempo todo, como se esperasse que ele a mordesse por ousar tocá-lo. Jesus, mas ele estava quase *implorando* para que o tocasse.

Os dedos dela passearam em seu pescoço e, depois, ela colocou a boca cuidadosamente na dele outra vez. Dessa vez, permaneceu lá como se tentasse explorá-la. Com a língua. Santa mãe de Deus, isso o estava matando.

Ela agitava-se contra ele conforme se aproximava mais, sua boca quente fundida na dele.

Uma onda de desejo rolou por seu corpo, mas ele se conteve, sem querer destruir a doçura que ela lhe estava oferecendo. Ela era inocente, considerando seu jeito de guerreira e sua tentativa de agir como um homem.

Merecia toda gentileza e adoração que ele pudesse oferecer, embora só Deus soubesse que ele merecia ser canonizado quando aquilo acabasse.

– Isso não é desagradável… Beijar – ela sussurrou.

– Não, moça, não é nada desagradável. Quem te disse isso?

Ela parou e afastou-se, seus olhos fracos ao encará-lo.

– Ninguém, mas nunca beijei ninguém antes. A verdade é que nem sei como fazer.

Ele quase gemeu. Ficava feliz pelo fato de ele ser o único homem a beijá-la, desde que ela estivesse dizendo a verdade. Com certeza, essa inocência não podia ser fingida. O que ela teria a ganhar por tal falsidade? Não, ele estava se permitindo ir além a fim de colorir o presente, o que não era justo com sua noiva.

E o fato de ela ter dito que não sabia beijar o fez querer rir. A moça era uma tentação nata. Beijava com um misto de mulher poderosa e inocência doce, inspirando tantas reações conflituosas, que o fazia calar-se e revirar os olhos.

– Acho que você fez exatamente o que precisa ser feito – ele murmurou. –

Mas, só para ter certeza, poderia praticar um pouco mais comigo.

Ela balançou com uma risada nervosa, o som fazia cócegas nos ouvidos dele como pequenos sinos de prata.

– Beijar pode ser maravilhoso se feito corretamente – ele disse. Assim que falou, pensou em quanto tempo fazia que realmente havia gostado de algo tão doce como um simples beijo.

– Corretamente?

– É.

– Me mostre.

Ele sorriu e a puxou para baixo, depois inclinou-se e pressionou os lábios em seu pescoço. Ela pulou e soltou um gritinho antes de se derreter contra ele.

Ele mordiscou um caminho para a orelha dela e lambeu o lóbulo, como se ela fosse um doce delicioso.

Ela enfiou os dedos nos braços dele e virou-se, fazendo seus seios fartos ficarem pressionados no peito dele. Isso o estava matando, agora que sabia o que havia por trás daquela amarração.

– Ah, sim, beijar é bom.

Não havia como, nem no paraíso nem no inferno, ele ficar satisfeito em apenas deitar-se ao lado dela na cama durante toda a noite. Prometera a si mesmo e a ela que não faria nada que a machucasse ou que tornasse a viagem do dia seguinte desconfortável, mas não significava que não poderia se deliciar com o banquete de sua pele sedosa.

Ele puxou as mangas da túnica de Rionna até os ombros dela estarem despidos. Ela, imediatamente, enrijeceu-se e afastou-se de seu peito, com a boca franzida, como se protestasse. Ela abriu a boca, depois fechou-a enquanto continuava a olhar para ele.

– Quero olhar para você. Então vou te mostrar que há bem mais do que beijar, sem mencionar muitos mais lugares aos quais o beijo traz prazer.

– Oh.

A palavra saiu de seus lábios com uma empolgação sem ar. As pupilas dela chamuscavam e um rubor dançava em sua garganta e suas bochechas.

– O que quer que eu faça?

Ele sorriu.

– Nada, moça. Eu farei o que precisa ser feito. Tudo o que você tem de fazer é deitar-se e aproveitar.

Capítulo 6

Rionna não conseguia deixar de reagir à voz rouca de Caelen. Fazia sua pele formigar, provocando um desejo profundo em seu interior. Então, ele levantou-se, quase carregando-a para longe dele.

Antes que ela conseguisse processar o vazio que de repente a cercou com a perda de seu toque, ele começou a erguer lentamente sua camisola, despindo seus tornozelos e joelhos.

Ela se sentiu pecadora e desavergonhada, e o fato de gostar disso a deixou perplexa. Quem diria que ela, um dia, seria sensual? Uma mulher que enlouquece um homem?

Uma sensação indecente enviou arrepios que correram por sua barriga à medida que a camisola era erguida cada vez mais. Ela gostava daquilo também. O pânico atingiu seu peito com rapidez quando Caelen, finalmente, retirou a camisola por cima da sua cabeça.

Agora, vestida com suas roupas mais íntimas, que mal a cobriam do olhar dele, um calor esquentou sua pele e suas faces se enrijeceram conforme ela ruborizou furiosamente. Ele olhava para ela como se quisesse devorá-la por inteiro, como se fosse um monstro se aproximando de sua presa. Ela deveria sentir medo, mas o que realmente sentia era… ansiedade.

– Eu deveria fazer isso devagar para poder saborear a sua visão, mas sou um homem impaciente, e não consigo mais suportar a excitação. Simplesmente tenho de ver você, moça. Quero muito tocá-la, estou tremendo por isso.

Ela nunca foi mulher de desmaiar. Nunca desmaiara na vida, mas seus joelhos estavam absurdamente fracos, e sua cabeça estava a tal ponto nas nuvens que ela temia desabar.

Não estava sob controle. Sentia como se estivesse flutuando em um sonho delicioso do qual nunca queria acordar. Só que seus sonhos nunca foram eróticos, e certamente não incluíam um guerreiro majestoso diante dela, tremendo por querê-la muito e encarando-a como se ela fosse a única mulher no mundo.

Com uma urgência que ele não tinha mostrado até agora, rapidamente a despiu do restante de tecido e, de repente, ela ficou apenas com a faixa amarrada aos seios. Um arrepio a tomou, apesar de ela estar longe de sentir frio.

Ficou olhando para a amarração por um bom tempo antes de erguer o olhar.

– É uma ofensa esconder uma riqueza da beleza feminina. Você tem vergonha?

Suas bochechas ficaram tensas de vergonha.

– Não, quero dizer, sim. Talvez. São inconvenientes – ela finalmente conseguiu concluir. – Atrapalham.

Caelen riu, sua voz estava rouca pela diversão.

– Estou dividido entre proibi-la de escondê-los e só permitir que os revele a mim.

– Você… Você gosta deles?

– Ah, sim, moça. Nós, homens, gostamos dessas coisas. No entanto, vou gostar mais deles quando eu tirar essa amarração.

Ele a virou e, com delicadeza, desatou as pontas. Então, segurando a tira de tecido, ele foi até a frente e começou a desenrolar, transferindo a faixa de uma mão para outra e dando a volta nela, até seus seios empurrarem o tecido e, por fim, ficarem livres do confinamento.

Ele observou-a descaradamente, embora não tenha focado apenas nos seios.

Enfim, ela estava completamente nua, e ele apreciou, olhando todo o seu corpo, da cabeça aos pés. Então, olhou nos olhos dela e sua respiração saiu entrecortada.

– Você é magnífica.

A palma das mãos dele escorregaram por ela, acariciando-a de forma reverente. Os seios dela estavam pesados. Doloridos. E muito tensos. Seus mamilos se contraíram e endureceram, como bicos, implorando pelo toque dele.

Ela prendeu a respiração quando os dedos dele acariciaram seus mamilos.

Estilhaços de um prazer extraordinário riscaram seu abdome e desceram para a virilha. Seu ventre se contraiu e sua pele mais íntima ficou úmida. Ela estava inchada e… quente.

Qualquer pensamento de que pudesse manter-se em pé desapareceu assim que ele abaixou a cabeça e sua boca se fechou ao redor de seu mamilo rígido.

Ela arfou e seus joelhos falsearam.

Com um gemido, ele a puxou para si, virou e avançou em direção à cama.

Com os braços firmemente envolvidos nela, ele caiu para a frente, deitando-se por cima quando as costas dela chegaram ao colchão de palha.

A boca dele se derreteu na dela, absorvendo-a até deixá-la sem conseguir respirar. Quando ele afastou os lábios, ambos arfaram por ar. Antes que ela conseguisse recuperar os sentidos, ele correu a boca calorosamente por sua mandíbula e depois por seu pescoço, e foi abaixando até encontrar seu mamilo, sugando-o fortemente.

A cada chupada, ela gemia e onda após onda de excitação formavam-se implacavelmente em seu ventre. Ele girou a língua em volta de cada mamilo, primeiro um, depois o outro. Lambeu e provocou até ela contorcer-se de frustração.

Agia como um homem faminto. Mesmo assim, era excessivamente gentil e, às vezes, bruto.

Ela ficava confusa.

Queria mais. Precisava de mais, mas não tinha certeza do que exatamente queria ou precisava.

Ele escorregou a língua ao redor do seio dela, depois para cima da parte de baixo, até ele se equilibrar precariamente na beirada de seu lábio. Então chupou-o, ultrapassando seus dentes, puxando e sugando até ela gritar e cravar as unhas em seus ombros largos.

– Caelen, por favor! Tenha misericórdia.

Ele levantou a cabeça, e seus olhos refletiram a dança das chamas na lareira.

– Misericórdia? Moça, eu não tenho. Além do mais, você não vai querer.

Vai implorar por mais. Ah, isso vai. Você é linda, Rionna. Nunca esconda o que Deus lhe deu. É uma mulher abençoada – ele murmurou baixinho contra sua pele, enquanto beijava o vale entre seus seios.

As palavras dele encharcaram o coração dela, dando-lhe um conforto de que ela não sabia necessitar. Como um homem tão bruto e inflexível podia falar com uma alma de poeta? Ele era um homem firme. Suas palavras eram mais firmes. Era rápido em criticar. Não poupara seus sentimentos em nenhum momento. E, mesmo assim, agora a cortejava tão gentilmente quanto um homem cortejava sua amante.

Ele beijou um caminho até seu umbigo, movendo seu corpo grande conforme sua boca ia mais para baixo. Lambeu-o e, então, raspou os dentes em sua pele

sensível.

Mais arrepios se espalharam pela barriga dela, e ele ainda descia mais, chocando-a com sua ousadia.

Ele abriu as pernas e posicionou o corpo de forma que sua cabeça estivesse acima da pélvis dela. Ela arregalou os olhos quando ele abaixou a cabeça. Ele não podia. Com certeza, não o faria.

Oh, Deus, ele fez.

Escorregou os dedos por entre o emaranhado de pelo que cobria seu centro latejante e separou suas dobras inchadas e doloridas. Ela estava tão indignada, que não conseguiu formar uma simples frase de objeção quando ele pressionou um beijo em sua pele úmida.

Ela tremeu descontroladamente. Suas coxas estremeceram. Seus joelhos estremeceram. Sua barriga tremeu e seus seios se endureceram. Ficaram tão insuportavelmente rígidos que ela queria sair de sua pele.

Então, ele a lambeu.

Uma lambida demorada, e certamente pecaminosa, de sua abertura até sua carne, na qual ele circulou os nervos latejantes de sua parte mais central.

Ele seguiu com um simples beijo; depois, sempre muito gentil, chupou seu clitóris, até ela se tornar um desordenado soluço de incoerência.

Ah, sim, com certeza ele dissera a verdade sobre beijar.

O desejo de urgência tomou conta dela. Seu corpo se contorceu e se enrolou, cada vez mais tenso. O prazer aflorava, quase se tornando doloroso por seus seios e seu ventre e alojando-se no inchaço pulsante que ele provocava tão impiedosamente.

Ela sentia como se fosse desfazer-se a qualquer momento, mas cada vez que essa sensação parecia atingir o auge, a pressão e o prazer indescritível só aumentavam, levando-a cada vez mais para um estado de loucura.

– Caelen! Por favor, não sei o que fazer.

Ele beijou seu centro de novo e, então, ergueu a cabeça, com os olhos brilhando com uma luz selvagem.

– Só relaxe, moça. Você está lutando contra o inevitável. Não vou machucá-

la, eu juro. Vai ser bom. Agora, relaxe e me deixe te amar.

As palavras dele a acalmaram, fazendo-a absorver e relaxar seus músculos tensos e seus nervos puídos. Quando a boca de Caelen a tocou mais uma vez, ela estremeceu e fechou os olhos conforme o prazer recomeçou.

– Você tem gosto de mel. Nunca provei nada tão doce. Você me deixa louco

de desejo. É tudo o que uma mulher deveria ser, Rionna. Nunca se esconda ou tenha vergonha.

Lágrimas pinicaram suas pálpebras. Ela tremeu da cabeça aos pés, não apenas por causa do ataque de prazer, mas devido às emoções que saíam de seu peito. Emoções que ele libertara.

Ela se sentia uma mulher naquela noite. Sentia-se linda e desejada. Como uma noiva deveria se sentir. Como deveria ter se sentido no dia de seu casamento, em vez de sentir-se em um nível inferior.

A língua dele circulou sua entrada e depois escorregou para dentro dela, chocando-a com a intensidade da sensação. Ela arqueou o corpo quando finalmente, *finalmente*, se libertou da pressão excruciante que se formava em suas profundezas.

Foi a experiência mais confusa, mais poderosa e mais absolutamente maravilhosa de sua vida. Ela voou. Subiu impossivelmente alto e, então, desceu flutuando de forma muito gentil até o chão.

Fechou os olhos e se desmanchou na cama, tão mole, tão positivamente satisfeita, que não conseguiria mexer um dedo sequer.

O corpo dela tremia como consequência, e pequenos choques fervilhavam em seu sangue, sussurrando e zumbindo. Ainda latejava entre suas pernas. Uma leve dor e uma vibração, um lembrete da atenção que ele acabara de lhe dar com a boca.

Ela nunca imaginara tal coisa. Com certeza, isso não era normal. Nunca ouvira outra mulher falando disso. Ele não tinha apenas beijado como prometera. Ele a lambera. Chupara.

Certamente, não havia ato mais íntimo que um marido pudesse fazer em sua esposa. A alegria aqueceu todo seu corpo e ela sorriu com satisfação, maravilhada de como estava feliz naquele exato momento. Não importava o que o amanhã trouxesse, ela sempre guardaria bem aquela noite na memória.

Ela sentiu Caelen saindo da cama, mas não conseguiu reunir a energia para abrir os olhos e ver o que ele estava fazendo. Um momento depois, ele puxou as cobertas por cima dela e deitou-se ao seu lado. Sua pele quente foi um choque contra o corpo ainda trêmulo de Rionna.

Por não ter experiência nesses assuntos, ela não sabia exatamente o que deveria

fazer. Sua mãe e seu pai nunca dormiram no mesmo quarto. Com certeza, não na mesma cama. Ela sabia que Mairin e Keeley dormiam com seus respectivos maridos durante toda a noite. O marido delas não permitiria

outra coisa, não que as mulheres quisessem algo diferente. Talvez fosse uma coisa dos McCabe. Talvez eles fossem tão possessivos com suas mulheres que não conseguissem suportar deixá-las sair de sua vista. Ou talvez fossem apenas protetores.

Ela decidiu que não se importava. O que poderia acontecer de pior? Ela receber censura de Caelen? Não era como se não o tivesse feito muitas vezes nos últimos dias.

Ela virou-se para o corpo dele e aconchegou-se firmemente. Por um instante, preocupou-se em ter feito algo errado, pois ele se enrijeceu contra ela. Gradativamente, porém, ele relaxou e passou um braço por sua cintura, puxando-a mais para perto, até o nariz dela estar pressionado contra sua garganta.

– Caelen?

– Sim, moça?

– Você estava certo.

– Sobre o quê?

– Beijar. É a coisa mais maravilhosa.

Ela podia sentir o sorriso dele.

– E estava certo sobre outra coisa. Há muitos outros… lugares… em que o beijo pode trazer bastante prazer.

Dessa vez, ele riu baixinho acima da cabeça dela.

– Durma, Rionna. Precisamos levantar cedo; temos uma viagem difícil pela frente.

Ela suspirou e fechou os olhos e, um pouco antes de cair no sono, pensou que toda essa coisa de consumação não era tão ruim assim.

Capítulo 7

Caelen estava com um humor péssimo. Não dormira um segundo a noita toda. Finalmente, desistira quando viu que não conseguiria suportar nem mais um minuto a tortura do corpo nu de Rionna entrelaçado ao dele.

Ele estava com uma ereção furiosa e, mesmo depois de sair da cama e buscar privacidade a fim de cuidar desse assunto, ainda estava duro e sofrendo.

O gosto dela ainda estava em sua língua. Seu cheiro ainda estava em suas narinas. Seu corpo esguio, com curvas luxuriosas, ainda o assombrava. Quer fechasse, quer abrisse os olhos, não conseguia se livrar da imagem do corpo dela se contorcendo em sua boca.

– Jesus amado – ele murmurou.

Ansiar por uma mulher já tinha causado a ele – e a seu clã – uma vida inteira de problemas.

Ele se deitaria com ela assim que chegassem ao castelo McDonald e, então, se distanciaria. Precisava era de uma boa trepada. Estivera muito tempo sem uma mulher. Sim, essa era a questão. Precisava de alívio, e então recuperaria seus sentidos e poderia funcionar sem ser influenciado por suas bolas.

Sabendo que os outros ainda demorariam para acordar, ele desceu e foi para o pátio. Havia nevado bastante, o que interditava os caminhos comuns.

Ele xingou enquanto olhava em volta para o cobertor pesado de neve recém-caída.

Pelo menos, havia parado de nevar e o céu estava limpo. A lua e as infinitas estrelas brilhavam e refletiam tanto a neve que parecia ser dia.

– Bom dia, Caelen.

Caelen virou-se e viu Gannon parado a uma curta distância.

– Está frio, Gannon. Cadê suas peles?

Gannon sorriu.

– Não quero molhá-las antes da nossa viagem. Estará congelante o trajeto para as terras McDonald.

Caelen analisou o guerreiro que servira seu irmão por muito tempo. O

homem mais leal que Caelen já conhecera. Estava feliz por tê-lo, mas preocupado.

– O que acha de Ewan te enviar comigo?

Gannon olhou em volta do castelo, o pátio onde eles treinaram por tantos anos. Olhou para os muros ainda despedaçados, que só agora estavam sendo consertados, graças ao dote de Mairin.

– Será difícil sair do lar que conheço por tanto tempo. Mas as coisas estão mudando. Ewan é recém-casado e vai partir para Neamh Álainn assim que Isabel estiver forte o suficiente para a viagem. Alaric se tornará laird. É, as coisas estão mudando, e a verdade é que estou ansioso para um novo desafio.

Ir com você para o castelo McDonald me dará isso.

– Estou feliz que vá comigo – Caelen disse. – Será uma tarefa difícil treinar os McDonald para serem guerreiros equivalentes aos McCabe. Não temos muito tempo para moldá-los. Ewan está impaciente para livrar-se de Duncan Cameron de uma vez por todas.

– Assim como nosso rei.

– É, por diferentes motivos; mas, sim, David também está ansioso para se livrar de Cameron.

– Já que nós dois estamos acordados, talvez devêssemos aprontar os cavalos para a viagem. Pedi para alguns dos homens trazerem os baús ontem à noite, a fim de carregar as carroças. Vai esperar sua esposa acordar para partirmos?

Caelen fez uma careta. Sua querida esposa dormira como um bebê, enquanto ele ficara deitado com dor.

– Vou acordá-la quando as carroças e os homens estiverem prontos. Vou querer me despedir de meus irmãos e de suas esposas.

– Você está virando uma nova página em sua vida – Gannon disse com uma voz sábia. – Há duas semanas, imaginava que seria laird de seu próprio clã, recém-casado com uma moça linda e a caminho de uma vida longe dos McCabe?

Por um momento, Caelen não pensou na pergunta de Gannon. Isso lhe causava muito desconforto. A verdade era feia e imperdoável. Sempre ali.

Nunca mudava.

– É minha culpa termos lutado para sobreviver por tantos anos – Caelen disse baixinho. – Devo a meus irmãos mais do que posso pagar. Meu acordo

com esse casamento dá a Alaric a coisa que ele mais queria no munto, e ajuda Ewan a manter sua esposa e filha seguras. Não faria diferença se Rionna McDonald fosse uma prostituta cheia de doença. Eu me casaria com ela por esses motivos e nunca me arrependeria.

– Mas você tem sorte de eu não ser cheia de doença nem uma prostituta.

Caelen se virou e viu Rionna parada a uma curta distância, com o rosto transformado em uma máscara impassível, enquanto o encarava. Ele xingou baixinho assim que Gannon murmurou “O-Ou”. Caelen estava sempre fazendo merda perto de Rionna.

– Rionna…

Ela ergueu a mão, a fim de silenciá-lo, e ele o fez antes de perceber que ela lhe estava dando um comando e que ele obedeceu mansamente.

– Não se desculpe por falar a verdade, marido. É verdade que eu não tinha mais desejo de me casar com você do que você tinha de casar comigo, mas, como disse na última noite, nenhum de nós tinha escolha. Talvez fosse melhor seguir em frente a ficar remoendo os motivos toda vez.

Ele detestava a mágoa na voz dela, mesmo que seu olhar estivesse tremeluzindo friamente sobre ele e Gannon. Seu rosto tinha uma expressão perfeita do tipo não-me-toque, mas sua voz dizia a verdade. Ele a *tinha* magoado.

– Não deveria estar aqui fora. Está uma manhã gelada. O que está fazendo acordada a esta hora?

Seu olhar estava tão frio quanto o vento. Ela não mostrou reação ao frio cortante, apesar de a roupa que estava vestindo não ser nada apropriada a tal clima.

– Acordei quando se levantou e sabia que iria querer começar cedo. Não é uma viagem tão longa, mas a neve irá nos atrasar. Pensei que pudesse ajudar nas preparações.

– É um gesto gentil, *milady* – Gannon disse. – Mas é meu dever auxiliar seu marido. Eu me sentiria melhor se ficasse lá dentro onde está quente; assim, não terá chance de ficar doente.

Caelen olhava fixamente Gannon por suas palavras muito bem pensadas. A gentileza deveria vir dele, não de seu comandante. Ele pôde ver o efeito que causou em Rionna. Seus olhos perderam um pouco da frieza, e sua postura relaxou.

– Vou me despedir de Keeley, e também de Mairin e do bebê.



Caelen concordou.

– Vou chamá-la quando for a hora de partir.

Ela assentiu rigidamente e, então, virou-se e voltou para o castelo. Caelen suspirou e olhou para Gannon.

– Vai demorar para limpar o caminho. Podemos começar agora.

Rionna esperou até ter certeza de que Alaric havia se levantado antes de ir para o quarto de Keeley. Embora todos os guerreiros McCabe acordassem notoriamente cedo – de alguma forma, eles funcionavam com apenas algumas horas de sono toda noite –, Alaric havia dedicado a maior parte de seu tempo ao lado de Keeley nas últimas semanas.

Após ver Alaric entrar novamente no quarto com comida para o café da manhã de Keeley, ela esperou alguns minutos e bateu.

Alaric abriu a porta e Rionna aprumou os ombros.

– Gostaria de me despedir de Keeley, se ela estiver se sentindo bem o suficiente nesta manhã.

– É claro. Entre. Está tomando café da manhã e resmungando por ser mantida no quarto.

Rionna sorriu com o tom exasperado de Alaric. Entrou e viu Keeley sentada na cama, com mais cor em suas bochechas do que vira no dia anterior.

– Vim me despedir de você.

Os lábios de Keeley se franziram de forma infeliz.

– Já? Eu esperava passar mais tempo com você.

Rionna se sentou na beirada da cama, pegando a mão de Keeley e apertando-a contra a sua.

– Você irá me visitar quando estiver bem. Talvez eu volte para visitá-la.

Somos casadas com irmãos, vamos nos ver frequentemente. Ainda espero que me ajude quando eu tiver meu primeiro filho; então se certifique de não fazer nada tolo, como se machucar novamente.

Os olhos de Keeley dançaram com diversão.

– Como foi ontem à noite com Caelen?

Os olhos de Rionna se estreitaram.

– Eu o odeio. Ele tem uma língua cruel e sedosa, mas fora do quarto se



transforma em um babaca da pior espécie.

Keeley suspirou.

– Dê tempo a ele, Rionna… é um bom homem. Você só precisa entrar sob aquela superfície a fim de descobrir o homem que ele é.

Rionna fez uma cara.

– Não tenho a sua fé, Keeley.

– Quero que seja feliz. Prometa que vai lhe dar uma chance.

– Só posso prometer não enfiar minha faca na garganta dele enquanto ele dorme – Rionna resmungou.

Keeley riu.

– É tudo o que posso pedir, então. Fique bem, Rionna. E feliz. Avise-me quando estiver estabelecida no castelo McDonald e me informe quando chegarem a salvo. Esperarei notícias de seu primeiro filho também.

Rionna levantou-se e, em seguida, inclinou-se para dar um beijo na bochecha de Keeley.

– É verdade que nunca vou ter um filho se ele não aprender a fechar a boca na hora certa.

Keeley sorriu.

– Essa é uma habilidade que acho que nenhum homem aprendeu ainda. Mas lembre-se de tudo o que lhe aconselhei. Use suas habilidades como mulher e garanto que ele fechará a boca… por um tempo, pelo menos.

Rionna montou em seu cavalo, observando a fila de homens McDonald, que estava menor do que quando chegaram. Seu peito doía pelos homens que tinham escolhido ficar ao lado de seu pai. Homens com os quais ela crescera e convivera; alguns deles, jovens, e na certa tinham ficado balançados pela conversa de seu pai sobre lealdade e desconfiança em relação aos McCabe.

Os guerreiros mais velhos, por sua vez, sentindo-se ofendidos por seu pai ter sido expulso como laird, o seguiram sem coerção.

Não havia como dizer o que aconteceria quando Rionna e Caelen retornassem ao castelo dela e anunciassem que Caelen era seu novo laird. Não que o povo não estivesse esperando que Rionna se casasse e seu marido, um dia, liderasse o clã, mas não era para acontecer do dia para a noite.

Ela estremeceu quando o vento a cortou. A pele que vestia estava gasta, e suas roupas de baixo não eram adequadas para viajar naquele frio. Quando viajaram para o castelo McCabe, fazia muito calor. Não era mais o caso, e ela não tinha levado roupa para ficar a céu aberto no frio cortante por muito tempo.

Caelen e seu comandante lideravam o caminho. Rionna estava muitos cavalos atrás, rodeada por quatro soldados McDonald, conforme eles se arrastavam pela camada de neve.

Ele não tinha olhado para trás nenhuma vez; aliás, Rionna nem esperava que o fizesse. A contar pelos cuidados que ele lhe dispensara desde que a viagem começou, era como se ela não existisse.

Com exceção de ajudá-la a montar no cavalo, ele não se dirigiu a ela desde que o ouvira conversar com Gannon mais cedo, naquela manhã.

– Eu não gosto dele, Rionna – James murmurou ao seu lado.

Ela ergueu a cabeça de repente, para certificar-se de que Caelen não ouvira o comentário desleal, e então virou-se para o jovem guerreiro. Ao lado dele, Simon, seu pai, assentiu:

– Também não gosto dele, moça. O rei e os McCabe nos enganaram. Não foi certo o que fizeram com seu pai.

Rionna tensionou a mandíbula até doer. Não podia revelar seus sentimentos verdadeiros. Não podia dizer que também não gostava de seu novo laird, mas não iria tão longe para defender seu pai.

– O melhor é dar uma chance a ele – ela murmurou em voz baixa, o tempo todo mantendo o olhar nas costas de Caelen. – Ele parece um homem bom e justo.

– Ele não te trata com o devido respeito – Arthur disse, bravo, do outro lado dela.

Rionna virou-se, surpresa, depois observou todos os homens que cavalgavam atrás de Caelen e Gannon. Nenhum deles parecia feliz em ter Caelen liderando-os de volta para casa. Em suas bocas, linhas finas e firmes; em seus olhos, raiva e dureza.

– A verdade é que nenhum de nós queria este casamento – ela disse. – Será uma adaptação para nós dois. Ele nunca pensou em ser laird do nosso clã.

Pensem como se sentiriam se fossem ao casamento de seu irmão e acabassem sendo unidos à sua noiva indesejada.

Os homens estremeceram, e James assentiu sua comiseração.

– Mesmo assim, ele não tem motivo para tratá-la como o faz – Simon argumentou. – Os guerreiros McCabe têm a reputação de serem justos.

Ferozes, mas justos. A senhora traz muita coisa a ele pelo casamento. Ele deveria tratá-la gentilmente, assim como o faria com qualquer outra dama fina e delicada.

– Bem, agora, esse é o problema – Rionna resmungou. – Não sou nenhuma dama fina e delicada, lembra?

Os homens riram ao seu redor, e Caelen virou-se, olhando por cima do ombro para o ruído repentino. Por um instante, seu olhar se conectou ao de Rionna e ela o encarou de volta, sem permitir que a intimidasse.

Depois de um tempo, ele deixou seu olhar se desviar e virou-se para a frente de novo.

– Ele terá de se provar para nós – Simon disse. – Não dou a mínima para o que o rei decretou. Se ele será laird do nosso clã, terá de provar que merece o manto da liderança.

– Ele pode se provar mais merecedor que meu pai – Rionna sussurrou.

Os outros ficaram quietos, talvez por lealdade ao homem que chamaram de laird durante tantos anos. Rionna estava focada em agir como a filha obediente. Tinha planos para quando voltasse ao seu castelo.

Independentemente se seu marido gostasse ou não, ela pretendia ser uma força maior ao remodelar seu clã. Seu povo sofreu por muito tempo sob a pobre liderança de um tolo agressivo e ganancioso.

Talvez tivessem trocado seis por meia dúzia. Ela ainda não sabia. Esperava que

Caelen provasse ser um bom homem e um guerreiro melhor ainda.

A guerra era iminente. Ewan McCabe preparava-se para lutar com Duncan Cameron e levaria todas as Terras Altas com ele para a batalha.

Seu clã não seria o cordeiro de sacrifício no campo de batalha, se Rionna pudesse evitar.

Capítulo 8

Estava escurecendo quando Caelen mandou todos pararem. Rionna estava com tanto frio, que já tinha parado de sentir as mãos e os pés há muito tempo.

Suas bochechas estavam adormecidas, e ela estava gelada por dentro.

Tinha certeza de que o calor não retornaria mais ao seu corpo. Os fogos do inferno seriam bem-vindos naquele momento.

Ela tirou as mãos das rédeas e as colocou debaixo da pele, torcendo para sentir alguma coisa novamente. Estava com medo de desmontar; não queria colocar os pés na neve, tampouco queria fazer qualquer coisa que exigisse movimento.

Com uma respiração fortalecedora, ela agarrou a sela e começou a desmontar. Caelen apareceu ao lado de seu cavalo e a ajudou.

Ela ficou tão pateticamente agradecida, que quase desabou nos braços dele.

De alguma forma, conseguiu apoiar as mãos nos ombros dele, permitindo que a carregasse para baixo. Porém, quando seus pés entraram em contato com o solo, suas pernas falsearam e ela caiu na neve.

Caelen, imediatamente, segurou-a, mas, quando as mãos dele tocaram a pele congelada de Rionna, ele proferiu uma sequência de xingamentos que queimaram os ouvidos dela.

Quando a pegou nos braços, latiu ordens para fazerem fogueiras e abrigo.

– Caelen, eu estou bem. Só estou com f-frio.

Ela fechou a boca rapidamente quando terminou de falar. A verdade é que

congelava de tanto frio.

– Você não está bem – ele disse com uma voz sombria. – Por Deus, mulher, está tentando se matar? Por que não está vestida para o frio? E por que não me disse que estava sofrendo tanto?

Ela teria arrancado a língua antes de reclamar de algo para ele.

Assim que o fogo foi aceso e começou a queimar, Caelen carregou-a e sentaram-se em um tronco o mais perto possível das chamas, mas distante o suficiente para não queimar suas roupas.

Ele abriu as peles e colocou-a diretamente em seu peito, onde ficaram separados apenas pela túnica que cada um usava. Então, abraçou-a fortemente e permitiu que seu calor passasse para o corpo dela.

Oh, foi maravilhoso. Por um momento.

Assim que um pouco da dormência começou a desaparecer, sua pele começou a pinicar como se milhões de formigas estivessem comendo sua carne. Ela choramingava e lutava contra ele, mas ele apenas a segurava mais forte e a abraçava mais para que ficasse presa.

– Dói.

– É, eu sei, e sinto muito por isso, mas é o sentido voltando para o seu corpo. Fique feliz por sentir alguma coisa.

– Não me dê sermão. Não agora. Pelo menos, espere até eu não estar sentindo como se minha pele estivesse sendo arrancada de meus ossos.

Caelen riu baixinho.

– Não deve estar muito ruim, pois você ainda está com a língua afiada. Eu não lhe daria sermão se não fosse uma moça tão teimosa. Se não tinha roupa adequada para a viagem, deveria ter dito antes de partirmos. Eu jamais teria permitido que viajasse nessas condições sem proteção apropriada.

– Está me dando sermão de novo – ela resmungou, mesmo aconchegando-se mais no corpo dele para que pudesse absorver ainda mais de seu calor.

Enquanto tentava absorver mais calor, mas sem sucesso, ela começou a tremer. Seus dentes batiam de forma tão violenta, que ela tinha certeza de que cairiam de sua boca.

Na tentativa de cessar o tremor que balançava seu corpo, Rionna enterrou o rosto no pescoço de Caelen.

– F-frio. N-não consigo me e-esquentar.

– Shh, moça. Ficará tudo bem. Só fique um pouquinho quieta até eu te esquentar.

Ela quase rastejou para dentro dele. Agarrou-se à túnica de Caelen e manteve o rosto enfiado debaixo do queixo dele, enquanto respirava o ar quente em sua garganta.

Paulatinamente, seu tremor foi se transformando em espasmos musculares ocasionais, e ela deixou-se ficar mole e exausta nos braços de Caelen.

– Está quente o suficiente para comer? – Caelen perguntou.

Ela assentiu, mas a verdade é que não queria se mexer.

Com cuidado, ele levantou-se e a deixou sentada no tronco caído. Enrolou

mais firme a pele em volta dela, fechando a abertura para não entrar vento.

Depois de certificar-se de que não cairia, afastou-se, ordenando que os homens terminassem de erguer as tendas.

Minutos depois, ele voltou e lhe ofereceu um pedaço de pão e de queijo.

Ela tirou os dedos de dentro da pele e curvou-se sobre eles ao comer delicadamente o que o marido lhe oferecera.

De tanto frio, ela não conseguia sentir o gosto do alimento, que, mesmo assim, caiu bem em seu estômago, fazendo-a recuperar a energia. Enquanto comia, observava desinteressadamente a neve ser removida em um amplo espaço ao redor da fogueira. Tendas estavam erguidas e a neve amontoada nas bases para dar mais estabilidade contra o vento forte.

Mais madeira foi colocada na fogueira, fazendo as chamas subirem em direção ao céu e toda a área brilhar em tons alaranjados.

Depois que Rionna terminou de comer o queijo, estendeu os braços em direção à fogueira, deleitando-se com o calor intenso que atingia as pontas de seus dedos.

Então, Caelen apareceu. Estava lá, parado diante dela. Não falou.

Simplesmente pegou-a no colo e carregou-a para a tenda mais próxima da fogueira.

No chão, havia um monte de peles arrumadas de uma forma que parecia bem confortável. Ele a colocou no meio delas e tirou suas botas, franzindo o cenho ao inspecioná-las.

– Isso é um desperdício de couro. É um milagre que não tenha perdido seus dedos congelados. Há mais buracos do que bota.

Ela estava cansada demais para discutir com ele.

– Amanhã precisamos ver o que fazer com elas – ele murmurou. – Não pode sair por aí, no ápice do inverno, com essas coisas que chama de botas.

Ainda resmungando baixinho, ele rastejou sobre as peles e deitou seu corpo paralelo ao dela, que ruborizara novamente. Ele a rolou de lado e, então, puxou as peles firmemente ao redor de ambos.

– Coloque seus pés entre minhas pernas – ele instruiu.

Ela escorregou os pés descalços entre as coxas dele e os abaixou, gemendo com o calor instantâneo. O homem parecia o próprio fogo.

Ela aconchegou-se nos braços dele e pressionou o rosto em seu peito, suspirando. Ele emanava um calor delicioso. E também cheirava bem. Uma mistura de madeira, fumaça e seu cheiro natural. Era uma mistura tóxica.

Um gemido de puro prazer escapou dos lábios dela. Ele enrijeceu-se, depois xingou baixinho. Ela franziu o cenho, sem saber o que tinha feito para receber seu desprazer.

– Caelen? Há algo errado?

– Não, Rionna. Durma. Vamos chegar ao castelo McDonald à tarde se sairmos bem cedo.

– Minhas mãos ainda estão frias – ela disse baixinho.

Ele as procurou, uniu-as e, então, as guiou para debaixo de sua túnica, sobre sua barriga musculosa e cheia de pelos.

Ela sabia que suas mãos estavam uma pedra de gelo, mas ele não fez mais que hesitar quando ela pressionou a palma em sua pele. A sensação era tão…

íntima. Aconchegante.

Ela suspirou e esfregou as faces no ombro dele, sua pálpebras pesando à medida que ficava mais aquecida.

Os pelos faziam cócegas em seus dedos, e ela tentou mexer uma mão, gostando de sentir o peito musculoso dele. Os olhos da moça se arregalaram quando ela sentiu uma linha saltada de cicatriz.

Então, encontrou a superfície lisa do mamilo e o bico duro e o acariciou distraidamente.

– Rionna – Caelen rosnou.

Ela ergueu a cabeça tão rapidamente, que golpeou o queixo dele, o que o fez afastar-se e xingar de novo.

Ela engoliu em seco.

– Desculpe!

Ele soltou o ar demoradamente e de forma sofrida.

– Durma.

Ela ajeitou-se novamente contra ele e escorregou as mãos para debaixo de sua túnica. Gostava de tocá-lo. Além do maravilhoso calor que ele produzia, havia algo infinitamente fascinante em seu corpo.

De novo, ela descansou as palmas sobre a superfície lisa de seu peito, mas então abaixou-as, descendo para a sua barriga dura e a linha de pelo que trilhava até embaixo.

– Pelo amor de Deus – Caelen murmurou.

Ele puxou as mãos dela da túnica, enfiou-as entre seus corpos, e puxou-a tão apertado contra ele que ela não conseguia se mexer.

Então, envolveu os braços em torno dela e apoiou o queixo no topo de sua

cabeça. Suas pernas estavam entrelaçadas, e ela, efetivamente presa. Não conseguia mover um músculo.

Ela bocejou amplamente, percebendo que não se importava com a prisão improvisada, pois estava incrivelmente quente. Conforme pegava no sono, ocorreu-lhe que não mais beijara seu marido.

Que pena. Lembrou-se de que gostara bastante de beijar. Talvez pela manhã, quando Caelen não estivesse tão grosseiro e impaciente. É, era um bom plano.

– Amanhã – ela murmurou.

– Amanhã o quê, moça?

Os lábios dela se moveram, mas seus olhos permaneceram fechados, à medida que ficava entre a consciência e o sono pesado.

– Vou te beijar. Amanhã. É, é uma promessa.

A risada discreta dele entrou pelos ouvidos dela.

– Isso, moça, você vai me beijar. Vai fazer muito mais quando terminarmos.

– Hummm. Mal posso esperar.

Caelen folgou seu aperto em Rionna e viu sua cabeça cair para o lado. A boca de sua esposa estava aberta e ela já estava dormindo. Ela era, talvez, a pessoa que dormia de forma mais indelicada que ele já testemunhara. A visão o divertia e ele decidiu que ela era… fofa. É. Fofa.

Então, balançou a cabeça. Toda essa conversa de beijo e fofura o estava enlouquecendo. Ele deveria estar pensando em treinar e lutar. Essa mulher seria a morte dele, e não fazia nem dois dias que eles tinham se casado.

Capítulo 9

Era o meio da tarde do outro dia, quando se aproximaram dos portões do castelo McDonald. Para Rionna, era importante cavalgar, para cumprimentar seu povo sob seu próprio poder. Isso lhe parecia tão importante quanto para Caelen que ela parecesse uma mulher infeliz sob seu domínio.

Ela estava sentada à frente dele na sela, embalada em seus braços, já que havia cavalgado o dia todo. Ele determinara que ela cavalgaria com ele, já que não estava adequadamente protegida do frio.

Quando estavam chegando ao castelo, Rionna insistiu em voltar para a sua própria sela, mas ele a ignorou e continuou cavalgando.

Era verdade que ela temia encarar as pessoas. Muito tinha mudado desde que partira, há algumas semanas, e estava retornando com um irmão McCabe diferente e sem seu pai. E agora iria apresentar o novo laird ao seu clã.

Um grito foi ouvido assim que o guarda na torre de vigia os viu se aproximando. Caelen franziu o cenho e olhou de lado para Gannon.

Gannon deu de ombros.

– O que foi? – Rionna perguntou, franzindo a testa pela comunicação silenciosa deles.

– É vergonhoso que só nos tenham visto agora, que estamos tão perto do castelo – Caelen disse desgostoso. – Se Duncan Cameron chegar perto assim, será tarde demais para soar o sinal de ataque.

– Talvez seja melhor conhecer seu novo clã antes de criticá-lo.

– Não estou preocupado com os sentimentos deles – Caelen disse grosseiramente. – Estou mais preocupado com a segurança deles. E com a sua.

Rionna virou-se o máximo que pôde quando o portão começou a se abrir.

Como ela temia, a maior parte do clã havia se reunido no pátio, com grande curiosidade sobre o novo marido de Rionna.

– Me coloque no chão para que eu possa apresentá-lo – ela ordenou em voz baixa.

Ele a apertou mais, mas não a olhou. Manteve o olhar focado nos homens e

nas mulheres reunidos. Puxou as rédeas quando estava apenas a alguns metros deles e, sem dizer uma palavra, desmontou, estabilizando Rionna, para que não caísse do cavalo.

– Cuide da minha esposa – ele ordenou a Gannon.

Cuide da minha esposa? *Cuide da minha esposa?*

Rionna abriu a boca para Caelen quando ele virou-se para o outro lado, a fim de se dirigir ao clã dela. Ao clã *dela*, droga. Gannon desceu do cavalo, depois ergueu as mãos e tirou Rionna da sela tão facilmente, como se ela fosse uma pluma.

Imediatamente, enrolou-a em uma pele e ficou atrás de Caelen, com a mão no ombro dela, para mantê-la no lugar.

– Meu nome é Caelen McCabe – Caelen disse em uma voz calma e direta. –

Sou o marido de Rionna e o novo laird de vocês.

Houve arfadas de surpresa, ouviram-se exclamações e todos começaram a falar ao mesmo tempo.

– Silêncio! – Caelen rugiu.

– O que aconteceu com Gregor? – Nate McDonald gritou do meio dos homens reunidos do clã.

Muitos outros concordaram.

– É, o que aconteceu?

Caelen nivelou o olhar para a multidão.

– Ele não é mais laird. É tudo com o que precisam se preocupar. A partir de hoje, vão jurar obediência e lealdade a mim ou partirão. Minha palavra é absoluta. Temos muito trabalho e treinamento a fazer se quisermos enfrentar a força do exército de Duncan Cameron. Nossa aliança com meus irmãos, Ewan e Alaric McCabe, assim como seu clã vizinho, nos tornará invencíveis. Se quiserem continuar com o que é de vocês e criar seus filhos em paz, então devemos lutar. E se devemos lutar, então precisamos nos preparar para quando a hora chegar.

Seus homens trocaram olhares desconfiados e suspeitos. Olhavam para Caelen e, depois, para ela, como se esperassem que Rionna falasse. Ela o teria feito, mesmo se fosse apenas para acalmar seus medos, mas Caelen virou-se e encarou-a com um olhar que a manteve em silêncio naquele momento.

Quando virou-se de volta, ela soltou-se do aperto de Gannon e correu para a frente, a fim de dirigir-se ao seu clã.

– Esta aliança agrada o nosso rei. Ele mesmo abençoou o nosso casamento.

O acordo sempre foi que quem quer que fosse meu marido assumisse como laird de nosso clã. Em vez de ser com o nascimento de meu primeiro filho, Caelen assume o manto da liderança agora. Nós precisamos dele. Precisamos de seu direcionamento se quisermos ser vitoriosos contra aqueles que roubam nossas terras e lares.

Caelen virou seu olhar furioso para ela, que, tranquilamente, encarou seu clã, absorvendo a indecisão e a confusão deles.

– Meu pai não tinha honra – ela disse com uma voz clara desprovida de emoção. – Minha esperança é de que, sob a liderança de um novo laird, recuperemos o que foi perdido. Vamos manter a cabeça erguida ao defender nosso legado.

– Você ficará quieta – Caelen disse com uma voz baixa e perigosa. – Entre no castelo. Agora.

O olhar dele teria feito um guerreiro colocar o rabo entre as pernas e correr, mas Rionna se virou firme, com os ombros endireitados, e caminhou num ritmo tranquilo em direção ao castelo, como se fosse essa a sua intenção o tempo todo após terminar o discurso.

Assim que entrou no castelo, suas pernas cederam e ela vacilou pelo corredor.

Sarah apressou-se para recebê-la, colocando suas mãos deformadas nos ombros de Rionna, com um aperto que fez Rionna se retrair.

– Me conte tudo, moça. O que é isso de se casar com Caelen McCabe e substituir nosso laird? Onde está seu pai? E nossos homens?

Com cuidado, Rionna tirou as mãos de Sarah e sentou-se, exausta, em uma das cadeiras à mesa.

– É uma longa história, Sarah.

– Bem, me parece que não tenho nada melhor a fazer do que ouvir, se quiser saber o que está acontecendo aqui. Como se casou com Caelen McCabe?

Todos sabem que ele cansou de dizer que nunca se casaria. Era um jovem rapaz quando fez o juramento, logo depois da traição de uma moça que ele amava.

Rionna emitiu um suspiro carregado. Ótimo. Jurou nunca se casar e, mesmo assim, se sacrificou por um sentimento com o qual não estava acostumado.

Amor. Amor por Alaric e Keeley.

Talvez ele tenha percebido que não importava se nunca tivesse planos para dar seu coração a outra mulher.

– Você conhece a história, Sarah? Por que sua amada o traiu?

– É para você me contar a sua história, moça.

– E eu vou – Rionna a cortou, impaciente. – No momento, estou mais interessada nesse juramento que meu marido fez e por quê.

Sarah soltou a respiração, depois olhou em volta.

– Tudo bem. Vou te contar o que sei. Oito anos atrás, Caelen McCabe apaixonou-se por Elsepeth Cameron. A verdade é que ela o seduziu. Era um pouquinho mais velha que o rapaz. Mais vivida, se é que me entende.

Rionna não entendia, mas não ia admitir.

– O tempo todo, ela estava tramando com seu parente, Duncan Cameron.

Drogou os soldados e abriu o portão para os homens de Cameron. Foi um massacre terrível. Caelen perdeu seu pai no ataque e, Ewan McCabe perdeu sua jovem esposa. Os irmãos estavam fora no momento do ataque e, quando retornaram, encontraram o castelo em ruínas e seu povo assassinado. Foi uma coisa horrível.

– É – Rionna murmurou. – Então o idiota agora acredita que todas as mulheres são más e jurou nunca abrir seu coração para outra. – Ela balançou a cabeça e virou os olhos para cima. – Por que os homens são tão estúpidos?

Sarah jogou a cabeça para trás e riu.

– Bem, moça, essa pergunta é boa, não é? Você tem um caminho difícil pela frente, mas se alguém pode convencer o rapaz que o coração de uma mulher é verdadeiro e leal, esse alguém é você. Não há moça mais leal ou corajosa que você.

Infelizmente, Caelen pensava que ela era o preço que ele tinha de pagar pela felicidade de seu irmão e o bem-estar de seu clã.

– Agora me conte o que aconteceu nos McCabe e por que seu pai não voltou, assim como a maioria dos nossos homens.

Rapidamente, Rionna relatou tudo o que ocorrera enquanto estavam nos McCabe. Incluindo a exigência de Caelen sobre seu pai ceder a liderança do clã a ele e a partida subsequente de seu pai.

– Me pergunto quantos homens mais teriam escolhido seguir meu pai se não tivessem esposas e crianças para quem voltar. Os homens que foram com meu pai não tinham parentes próximos com quem se preocupar em rever.

– É mais preocupante pensar no que estão fazendo agora – Sarah disse com cautela. – Seu pai é um homem vaidoso e não suporta um insulto facilmente.

– Ele é um tolo – Rionna chiou. – Um velho tolo devasso que colocou seus desejos e vontades acima de seu clã. Mereceu ser removido do posto de laird.

Sarah deu um tapinha reconfortante na mão de Rionna.

– Pronto, pronto, moça. Não precisa ficar nervosa por um velho tolo. O

tempo dele acabou. É hora de olhar para o futuro. Os McCabe são um clã forte. Precisaram de muito tempo para se reconstruir, mas acredito que Ewan seja honrado. Só posso imaginar que seus irmãos também o sejam. Talvez Caelen seja exatamente do que este clã precisa se quisermos sobreviver aos tempos difíceis que virão.

Rionna não tinha dúvida de que Caelen McCabe seria bom para o seu clã.

Ele era um guerreiro incomparavelmente forte no campo de batalha.

Comandava seus homens com respeito. Ela sabia que os soldados McDonald não eram os mais aptos. Nem eram os piores. Mas havia visto em primeira mão o poder dos guerreiros McCabe e queria aquilo para os McDonald. É, Caelen era a melhor opção, até mesmo mais que Alaric McCabe.

Só desejava que ela pudesse ter tanta certeza sobre ele ser um bom marido e pai para seus filhos.

Se ele já tivesse fechado seu coração, que chance Rionna teria de abri-lo?

Capítulo 10

Rionna não viu seu marido pelo restante do dia. Ele nem apareceu para a ceia, e ela comeu sozinha, no grande salão frio.

Ela detestava a sensação de não saber o próprio lugar no clã. Permaneceu no castelo desde que Caelen lhe ordenara que entrasse, e não porque ele mandara, mas porque, simplesmente, não tinha ideia do que fazer ou do que dizer ao seu clã.

Sua covardia a sufocava. A comida que tentava ingerir parava em sua garganta, e ela não conseguia fazê-la descer, independente de quanto tentasse.

Alternou entre querer que Caelen aparecesse, para que pudesse brigar com ele por humilhá-la diante de seus homens, e querer que ele ficasse o mais longe possível, para que não precisasse encará-lo. Não até ela recuperar sua coragem e decidir o próximo passo.

Enojada por sua repentina intimidação, colocou a comida de lado e saiu da mesa. Não ia ficar sentada discutindo consigo mesma se queria ou não ver seu marido.

Ele podia apodrecer. Ela estava exausta; mais do que isso: já passara da hora de ir para a cama.

Ela se abraçou, por causa do frio que sentiu ao abrir a porta. Seu quarto não tinha lareira, mas não havia janelas, de modo que o vento não soprava em seus aposentos. Pegou duas velas e voltou para o salão, para acendê-las em uma das tochas penduradas na parede.

A pouca luz iluminava o quarto minúsculo, e a luz quente eliminava um pouco do frio, embora fosse tudo psicológico. As velas meio queimadas mal conseguiam fornecer calor suficiente para fazer diferença. Mesmo assim, elas a alegravam e a faziam sentir um pouco aquecida.

Estava tão frio que ela decidiu ficar de roupa. Tudo o que fez foi tirar as botas, e então vestiu sua única peça de luxo: um par de meias de lã, que Sarah havia costurado para ela.

Suspirou quando o tecido quente e macio escorregou por seus pés.

Flexionou seus dedos e, então, entrou debaixo das peles de sua cama.



Seus olhos se fecharam imediatamente, mas ela não dormiu. Sua mente estava ocupada demais com tudo o que ocorrera nas duas últimas semanas.

Se fosse ser sincera consigo mesma, admitiria ser mais do que apenas uma preocupação temporária. Ela temia por seu futuro. Temia pelo futuro de seu clã.

Não importava que ela sempre se vestisse como um homem e se envolvesse em uma briga com espadas, enquanto outras garotas sonhavam com casamento e filhos. Ela guardava sonhos secretos de menina para si mesma. Imaginava vestidos lindos e um guerreiro sem comparação ajoelhando-se diante dela para jurar lealdade e amor eterno.

Sorriu, sonhadora, e aconchegou-se mais ainda debaixo das cobertas. Sim, era uma boa fantasia. Seu guerreiro não a amaria sem razão. Ele aceitaria seus defeitos e teria orgulho de suas conquistas na guerra. Iria vangloriar-se para seus homens do fato de sua esposa ser uma guerreira. Uma princesa guerreira com

beleza e conquistas incomparáveis.

Eles lutariam lado a lado e, então, retornariam ao castelo, onde ela se vestiria com camisolas finas presenteadas por seu marido, e lhe serviria uma refeição requintada com suas próprias mãos. Depois se sentariam diante do fogo e beberiam cerveja boa, antes de se retirarem para seus aposentos, onde ele a seguraria e sussurraria palavras de amor.

– Você é uma idiota – ela murmurou, com a repugnância consumindo-a repentinamente. Nenhum homem jamais aceitaria alguém como ela. Um homem queria alguém como Keeley, toda branda e gentil, com características adequadas para uma dama. Como curar. Ou costurar. Ou uma mulher que pudesse administrar um castelo e sempre ter uma refeição boa à mesa.

Tudo o que Rionna poderia fazer era causar machucados que exigissem mulheres com habilidades de Keeley para remendar e enviá-los de volta à batalha. Rionna não tinha nem o toque gentil nem a gentileza feminina.

Ela franziu o cenho, mas manteve os olhos fechados. E daí que não era como as outras mulheres? Ela não deixava a desejar. Não era inferior. Era simplesmente… diferente. Sim, ela era diferente, e um bom homem comemoraria essas diferenças. Se Caelen McCabe não conseguia apreciar sua esposa da maneira que ela era, então poderia se sentar em sua espada e girar.

O quarto estava suspeitamente quente, e a cama mais macia e gostosa do que ela estava acostumada. Tinha consciência de que algo estava totalmente diferente, mas não conseguia se forçar a acordar o suficiente para dar uma olhada na situação.

Determinada a não arruinar um sonho perfeitamente bom, ela se aninhou mais ainda no paraíso quente e suspirou.

Um riso baixinho intrometeu-se em sua euforia assim que uma roçada lenta passou por seus seios, enviando um arrepio que correu por sua barriga.

Seu seio? Ela tinha ido dormir com eles amarrados. Na verdade, não tinha se despido. Tinha dormido totalmente vestida e pegara no sono em questão de minutos.

Ela abriu um olho e viu seu marido despindo-se a nem um metro de onde ela

estava. Não estava em seu quarto. Nem no de seu pai. O melhor que podia dizer era que estava em um dos quartos reservados para convidados de honra, ainda que não tivessem tido muitos deles no castelo McDonald.

Em vez de levantar-se de repente e perguntar como tinha ido parar ali, observou Caelen em silêncio, enquanto ele tirava sua túnica.

Suas costas estavam viradas para ela e seus músculos se tensionavam conforme ele puxava o tecido por cima da cabeça e o jogava para o lado. Ele passou um instante alongando-se antes de começar a se livrar de suas calças.

As faces dela queimaram quando a bunda dele apareceu. Firme, mas grande o suficiente para atrair seus sentidos femininos. Com a pele mais branca que a do restante de seu corpo e suportada por pernas que mais pareciam dois troncos de árvore. Não havia um centímetro de pele sobrando que ela pudesse ver. Todos os músculos definidos e o cabelo bagunçado e escuro.

Ela arrepiou-se de novo, mas não era de frio.

Ele era um guerreiro lindo. Tudo o que uma mulher como ela admirava. Não era perfeito, mas lindo, mesmo assim.

Cicatrizes corriam por seu corpo, dos tornozelos à nuca. Ela viu-se ansiosa para explorar cada parte delas com os dedos e a… boca.

Será que ele gostaria da mesma atenção que lhe dera na noite do casamento?

A ideia de beijar e provar o corpo do marido de forma tão íntima tensionava regiões de seu corpo que ela não ousava mencionar.

Ela olhou para baixo, mais uma vez consciente de que estava nua. Nem um único tecido de roupa.

As cobertas ficavam sensuais contra sua pele nua. Seu corpo inteiro estava

em um estado de sensibilidade acentuada. Seus mamilos eram pontos duros, empinando-se como se implorassem pela boca de seu marido.

Ela quase gemeu. Ele realmente tinha uma boca bem cruel. E a língua. Ela não conseguia esquecer as maravilhas daquela língua talentosa.

Sua pele mais íntima se contraiu e a dor floresceu de forma profunda em seu ventre. O que estava acontecendo com ela, que apenas ver seu marido e lembrar-se de sua atenção causava tanto estrago em seu corpo?

Ela se mexeu, inquieta, sem mais conseguir ficar parada. Caelen ouviu e virou-se para olhá-la, impassível com sua completa nudez.

Ela arregalou os olhos ao ver sua masculinidade tão rígida e… ereta.

Parecia, como o restante dele, dura e ardente. Ela engoliu, nervosa, quando seu olhar finalmente se ergueu para encontrar o de seu marido.

– Então, você está acordada.

Ela assentiu, automaticamente. É claro que estava acordada. Qualquer tolo podia ver isso.

– Por que estava dormindo naquele quarto minúsculo e abafado? Estava se escondendo?

O olhar dele sugeria que se divertia com aquele ponto de vista. Ela fez careta e se sentou, percebendo tarde demais que o movimento deixava toda a região superior de seu corpo à mostra para ele.

– É o meu quarto. Onde mais eu dormiria?

Ele ergueu uma sobrancelha, como se dissesse que sua declaração era absurda.

Ela mostrou os dentes, com frustração.

– Não vi você nenhuma vez, nem no jantar. Como vou saber quais são suas *expectativas*?

Ele fechou a mão em volta da base de sua ereção e a puxou para cima, sem nunca deixar de olhar para a esposa. Um sorriso leve apareceu nos lábios dele, como se dissesse que o que quer que fosse dizer iria enfurecê-la.

– Eu negligenciei minha esposa? – falou pausadamente. – E eu pensava que estava cuidando de assuntos importantes, como a defesa do seu clã, e declarando minha autoridade.

Ela curvou os dedos nas cobertas, até eles estarem juntos de seus punhos.

– É o seu clã agora. Não só meu. Você fala como se estivesse nos fazendo um grande favor, mas a verdade é que está ganhando muito com essa troca.

– Como está corajosa, esposa. Já te disse como fica atraente quando faz

careta para mim?

– Não é meu objetivo ser atraente!

– Independente se é seu objetivo ou não, não muda nada. Fico tão duro quanto uma pedra toda vez que você abre essa sua boca insolente – ele disse sorrindo, ao aproximar-se da cama, sua mão ainda fazendo coisas curiosas com seu membro inchado. Ela não podia deixar de olhar. Só conseguia focar naquilo.

Ele surgiu em cima da cama – e dela –, fazendo-a sentir-se pequena e vulnerável. Seu olhar a deixava nervosa. Havia promessa, mas ela não tinha certeza do quê. Lambeu os lábios e inclinou-se para trás, agarrando as peles para se cobrir.

– Não adianta esconder seus encantos, moça. Vou encontrá-los logo.

– O que quer dizer? – ela perguntou, sem fôlego. A verdade é que estava ficando bem difícil levar o ar para os pulmões. Seu peito estava pesado, e uma sensação esquisita de aperto tomava conta dela, fazendo-a sentir-se zonza.

Ele puxou as peles de seus dedos e as jogou para baixo, na direção de seus pés.

– O que quero dizer é que, esta noite, não vou parar até a minha absoluta e total satisfação.

Os olhos dele brilhavam à medida que seus dedos passeavam por todo o seio de Rionna, até o mamilo, que ele pressionou suavemente até que se contraísse e endurecesse.

– E a minha satisfação? – ela perguntou, interrompendo-o.

Ele sorriu, soando arrogante e egoísta.

– Não acho que vá reclamar, moça. Certamente, não o fez na noite após nosso casamento.

Ela não tinha nenhuma resposta para o que ouvira, porque ele, de fato, estava certo.

Suas pernas balançavam. Seus dedos tremiam. O frio em sua barriga subia até a garganta.

Ele inclinou-se sobre Rionna e escorregou um joelho na cama, até estar por cima dela, tão perto que ela conseguia sentir o calor de sua respiração.

Em vez de pressionar sua boca na dela, como ela esperava, ele inclinou a cabeça e esfregou os lábios em seu pescoço.

Era como ser atingida por uma tempestade violenta.

Ela arfou e arqueou, deixando a cabeça cair para trás, como um convite

para ele acariciar embaixo da sua orelha.

– Você tem uma pele linda, moça – a voz dele ronronou sobre a garganta vibrante e rouca de Rionna, até todo o corpo dela formigar em antecipação de onde ele a beijaria depois.

Os dentes dele cravaram levemente em seu pescoço, numa mordida gentil, que depois ficou mais forte.

– Seu gosto é tão doce quanto você.

Ela suspirou e fechou os olhos.

– Você tem uma boca malvada, marido.

– E pensar que só comecei…

Capítulo 11

Rionna ergueu os braços para segurar os ombros de Caelen, seus dedos cravando nos músculos definidos. Ela esticou-se, querendo mais da boca do marido. Arrepios de prazer corriam regularmente por sua pele, como gotas de chuva em uma tarde quente de verão.

– Isso, moça. Segure-se em mim.

Gentilmente, ele a abaixou até suas costas encontrarem a cama, e ela deitou-se delicadamente.

– Você é um banquete para os olhos de um homem.

– Por que só me diz palavras gentis na cama? – ela disse, torcendo os lábios.

Ele recuou, com um sorriso discreto nos lábios.

– É o único momento em que você é obediente, esposa.

Ela cerrou o punho e socou o ombro de Caelen, de forma ineficaz. Ele pegou seu punho e levou-o acima da cabeça dela, mantendo-o ali, à medida que segurava seus seios e os acariciava.

Ele passava os dedos preguiçosamente, traçando linhas suaves até seu mamilo. Capturou o bico e puxou. Primeiro, gentilmente; depois, mais forte.

Cada puxada enviava uma onda de prazer direto para a região central dela.

Seu ventre se contraía. Ela apertava as coxas e se arqueava mais em direção ao toque dele.

Então, ele abaixou a cabeça até o sopro quente de sua respiração atingir o bico entumescido. Ela gemeu de ansiedade, mal reconhecendo os sons femininos e arfantes que saíam de sua garganta.

Quente e áspera, a língua dele escorregava sensualmente por seu mamilo, deixando uma trilha úmida no topo de seu seio. Ele soltou o punho dela e baixou a mão para o outro seio. Ele amassou, massageou e depois os uniu.

Lambeu um mamilo e, então, deu um beijo delicado na ponta, antes de seguir para o outro. Ela olhava para sua cabeça escura, à medida que ele chupava. A cada sugada, o corpo dela se endurecia mais, até estar rígida debaixo dele.

Incapaz de resistir, ela enfiou os dedos em seu cabelo escuro e comprido.

Acariciou as tranças em suas têmporas, puxando-as quando ele parou de chupar. Rindo, ele continuou, e ela relaxou o aperto, para poder se enroscar nas mechas, apreciando a maciez em suas mãos.

– Quero provar você de novo, sentir seu mel em minha língua – ele sussurrou.

Ela fechou os olhos e deixou as mãos caírem, conforme ele ia beijando um caminho por sua barriga e descendo até a junção de suas coxas.

Ele deitou-se de lado, sua mão enorme parada sobre a pélvis dela. Então, apoiou-se no outro cotovelo e, ociosamente, brincou com os cachos que protegiam sua feminilidade. Isso a deixava mortificada e fascinada ao mesmo tempo.

Parte dela queria fechar as coxas e afastar-se, e outra parte queria abri-las e dar livre acesso ao marido.

Com cuidado, ele mergulhou para baixo. Gentilmente, separou sua pele, até ela estar aberta e úmida para o seu toque. Com um dedo, acariciou para baixo, e depois voltou-se para cima, a fim de circundar a protuberância minúscula e sensível.

– Estou quase explodindo, moça. Quero me enterrar fundo em seu calor.

Os olhos dela se arregalaram com a imagem que as palavras dele provocaram. Ela ficou paralisada sob os dedos dele e encarou-o. Ele inclinou a cabeça para trás, para encontrar o olhar da esposa, e a intensidade que viu em seus olhos o fez sentir a boca seca.

A mão dele a deixou e subiu por sua barriga até segurar seu seio, e ele se abaixou, a fim de beijar o bico, endurecendo-o. Então, moveu seu corpo e subiu,

até que seus lábios estivessem a uma respiração de distância.

Caelen tocou a face dela com as costas de um dedo e seguiu para a maçã do rosto, indo até sua mandíbula.

– Não vou te machucar, moça. Você estava com medo na noite de nosso casamento, e foi por isso que não me deitei com você. Serei tão gentil quanto um homem pode ser quando está tremendo de desejo por sua noiva.

Ela estava abrindo a boca para negar que tivesse medo de alguma coisa, mas desistiu de protestar quando soltou o ar e fechou os lábios mais uma vez.

Então, ele a beijou, sua boca se movendo com uma gentileza infinita sobre seus lábios. A todo momento, as mãos dele escorregavam por seu corpo, acariciando-o e afagando-o. Acalmando-a.

De alguma forma, ele conseguiu mover-se para cima de Rionna, cobrindo-a com seu corpo como um cobertor quente. Uma coxa musculosa apareceu entre as dela e as separou.

Ela estava tão hipnotizada pelos beijos dele, que não percebeu o corpo enorme e nu se pressionando firmemente contra o dela e a outra porção bem grande e dura de sua anatomia provocando insistentemente sua carne mais íntima.

Ele encontrou sua abertura e parou, conforme ela se distendia ao redor da ponta da sua masculinidade. O olhar assustado dela voou para o rosto dele.

Ela ficou tensa, sem conseguir evitar a inquietação que a invadiu.

– Relaxe, moça – ele sussurrou contra o canto de sua boca. – Será mais fácil se você se entregar. Vou te dar prazer. Eu juro.

– Me diga o que fazer – ela sussurrou de volta.

– Envolva suas pernas em mim e segure em meus ombros.

Ela ergueu as pernas e as enrolou nele, deslizando os tornozelos para cima, pela parede musculosa e peluda que eram as pernas dele, a fim de travá-los atrás de seus joelhos.

As mãos dela pareciam pequenas nos ombros dele. Seus dedos mal deixavam marcas em sua pele firme. Ela encarou os olhos dele e encontrou gentileza. O fato de ele se preocupar em não assustá-la a confortou. Com certeza, ela podia encontrar coragem. Como esperar que ele respeitasse sua

“princesa guerreira” se ela nunca se mostrava para ele?

– Venha para mim, marido – ela disse, audaciosa.

A dureza dele a encontrou de novo, firme contra sua maciez. Explorando e insistindo.

Arfando um pouco, quando ele escorregou o mínimo possível para dentro de seu corpo, ela se esticou para acomodá-lo, mas a plenitude a incomodava.

Era uma combinação esquisita de hesitação e urgência. Queria que ele parasse, mas, ainda assim, queria que continuasse.

Mordeu o lábio inferior e ergueu os quadris, incentivando-o.

– Ah, moça, como você me recebe docemente.

Ele fechou os olhos e um tremor passou pelos ombros dele. Sob a ponta de seus dedos, ele tremia e se sacudia, tão tenso, como se lutasse contra todo o instinto para se conter.

Ela correu as mãos para cima e para baixo em seus ombros e braços, acariciando-o à medida que seu coração amolecia. Ele realmente estava

tomando o máximo de cuidado com ela.

– Está tudo bem – ela sussurrou. – Sei que não vai me machucar.

Os lábios dele eram linhas brancas e finas no rosto cheio de concentração.

– É, mas preciso, moça. Preciso tirar a sua virgindade e vai doer, independente do que eu fizer.

Ele beijou-lhe a boca e, então, cortejou-a delicadamente, alimentando-se e bebendo de seus lábios.

– Sinto muito por isso, mas não há nada que eu possa fazer.

– Então, acabe logo com isso. Não há por que nós dois ficarmos sofrendo.

Posso sentir a tensão em seu corpo. Para você, é desconfortável conter-se como está fazendo.

Ele riu baixinho.

– Você não faz ideia, moça. Não faz ideia.

Pela primeira vez, ela iniciou um gesto íntimo. Suas mãos enquadraram o rosto dele, seus polegares passaram pelas suas bochechas firmes. Ela acariciou sua mandíbula angular e, depois, passou os dedos pelos lábios dele.

Erguendo a cabeça, enquadrou o rosto dele mais uma vez e puxou-o para baixo, em um beijo demorado. As línguas deles se entrelaçaram sensualmente.

Ela não tinha fôlego, mas se recusava a se afastar. O beijo dele era tóxico. O

néctar mais doce que ela já provara.

O corpo dela se abriu sob o empurrão insistente dele. Era como ter uma espada escaldante invadindo suas profundezas. Tão duro e aveludado. O corpo dela resistia à intenção dele de conquistá-la, mas ele a segurou no lugar, com as mãos agarrando seus quadris à medida que empurrava de novo.

– Me beije, moça. Vai acabar logo.

Assim que suas bocas se encontraram com uma velocidade sem fôlego, ele empurrou forte e profundo. Ela estava despreparada para a dor. Sim, sabia o que tinha de acontecer, mas estava esperando uma pontada. Talvez até uma dor breve e aguda, mas não essa sensação rasgante que fazia seu interior parecer esfregado pelo fogo.

Ela gritou e lágrimas saltaram espontaneamente de seus olhos, queimando ao descer por suas faces.

Caelen parou imediatamente, seu membro enterrado fundo dentro dela.

Havia uma expressão de dor parecida no rosto dele, enquanto tensionava o maxilar. Suas narinas se inflaram e ele inspirou muitas vezes enquanto estremecia contra ela.

Beijou-lhe a testa, as pálpebras, as bochechas e até seu nariz. Então, beijou as trilhas úmidas que se formaram em suas faces.

– Sinto muito, moça. Sinto tanto.

A dor na voz dele fez o coração dela se retorcer. Um nó se formou em sua garganta, inchando a ponto de ela não conseguir formar as palavras que mais queria dizer.

Ele a beijou de novo, mesmo quando um gemido primitivo saiu de seu peito.

– Me diga quando melhorar. Não vou me mexer até você dizer que sim.

Ela se apertou em volta dele, experimentando e provando a sensibilidade de sua superfície.

– Por Deus, moça. Tenha piedade.

Ela sorriu, aliviada, porque um pouco da dor aguda se tornara uma dor profunda esquisita em seu ventre.

– Está muito melhor agora. A dor está entorpecida.

– Graças a Deus – ele murmurou. – Não consigo me segurar por muito mais tempo.

Ela passou uma de suas mãos na testa úmida dele, depois enfiou os dedos em seu cabelo e o puxou para baixo, em um beijo profundo.

– Termine – ela sussurrou.

Com cuidado, ele saiu de dentro dela. Seus olhos se arregalaram com as inúmeras sensações que a bombardearam. Ela estava sensível, sim, e o desconforto continuava ali, mas também havia uma queimação incrível que não tinha nada a ver com a dor.

– Calma, agora – ele murmurou. – Dê tempo, moça. Você vai sentir prazer.

Ele empurrou de novo, devagar e com tanta delicadeza que ela suspirou. Ele parecia muito determinado a tornar a experiência o mais agradável possível a ela.

Os dedos dele encontraram seu mamilo, e ele esfregou o polegar no bico até deixá-lo rígido e ereto. Então, acariciou o outro, até ambos os seios ficarem dolorosamente tensos.

Então, sorriu para ela, com um brilho perverso nos olhos.

– Está molhada em volta de mim. Os seios, que tanto tenta esconder, dão muito prazer a você. E a mim. São lindos, como você, e uma benção para a sua feminilidade. São macios, como uma mulher deveria ser, e bonitos de se ver.

Não há nenhum defeito que eu encontre em você, moça. Deus a fez uma mulher perfeita. Sou, de fato, um homem sortudo.

Ah, mas ela planejava lembrá-lo de suas palavras melosas da próxima vez que ele fizesse um gesto de desaprovação para ela. E o faria lembrar-se de todo e de cada um de seus elogios. Guardaria no coração e fingiria ser sua amada, e não uma noiva jogada para cima dele para o bem da lealdade e da honra.

Keeley a alertara que um homem dizia muita coisa quando seu membro estava envolvido. Coisas que ele não sentia realmente. Agora Rionna entendia o que ela quis lhe dizer.

Ele saiu e estocou de novo, desta vez muito mais calmo. Ele estava certo.

Ela havia ficado úmida no momento em que ele acariciara seus seios. Eles foram fruto de irritação por tanto tempo, mas agora ela estava descobrindo que, afinal de contas, eram úteis.

Pela primeira vez, ela abraçou a ideia de que, de alguma forma, era feminina. Linda, até. Não se desesperou por parecer mais afável e não tão firme. Era bom ser uma mulher nos braços fortes de um guerreiro. Sim, era bom mesmo.

– Ainda estou te machucando? – ele perguntou.

Ela levou a boca até a dele.

– Não, guerreiro. Está muito, muito bom.

– Está mesmo, esposa.

Ele deslizou as mãos para debaixo da bunda dela e a segurou, abrindo-a mais e segurando-a mais perto dele. Então, empurrou, enterrando-se mais fundo que antes.

O guerreiro gentil, que se esforçava para não lhe causar dor, tinha sumido.

Agora que se certificara do conforto da esposa, começou a se infiltrar, como se estivesse provando sua possessão, seu *direito* de posse.

Os dentes dele rasparam em sua mandíbula, depois desceram para seu pescoço. A respiração dele soprava quente na pele dela, queimando um caminho que ia da orelha até o ombro.

Ele alternava entre sugar, chupar e beijar o corpo dela, até ela ter certeza de que ficaria com marcas por duas semanas. Ele era insaciável, como se estivesse faminto por ela por tanto tempo e não conseguisse mais controlar sua fome.

Ela jogou a cabeça para trás, rendendo-se ao poder dele. Ofereceu sua submissão por vontade própria. Ele acordou um desejo ardente dentro dela.

Sentimentos a respeito dos quais ela nunca pensara. Ela queria pertencer a ele.

Queria ser cuidada por ele.

Era sua esposa. Fechou os olhos e o coração para o motivo pelo qual se casaram. Só porque tinha começado de um jeito, não significava que não poderia mudar para algo totalmente diferente.

Ela queria o amor dele.

Sim, ela exigia.

Agora que provara de sua atenção e gentileza, sabia que ele era capaz. É, era mais do que capaz de demonstrar sentimentos mais sensíveis. Não importava o

que ele pensasse, seu coração não era completamente fechado para o amor.

Cabia a ela mostrar-lhe isso.

Ele se movia mais rápido e mais forte entre as pernas dela. Recusando-se a deitar passivamente, à medida que ele a reivindicava, ela respondia a cada beijo e carícia com o mesmo fervor.

Ele poderia reivindicá-la, mas ela também o faria.

Aquele guerreiro era dela. Era seu marido. Seu amante.

Nunca o deixaria ir.

Caelen escorregou uma mão entre eles e esfregou as pontas dos dedos na pele palpitante dela, enquanto estocava ferozmente mais uma vez.

Foi tudo o que precisou para ela perder completamente o controle sobre si mesma. Ficou desnorteada. Em um instante estava tensa, como uma corda de arco, e no outro estava sendo lançada a um céu cheio de estrelas, estilhaçando-se como se fossem luzes cintilantes.

Sua mente ficou completa e repentinamente vazia. Tudo o que conseguia perceber era o prazer incrível que fluía em suas veias e rastejava como mel grudento por seus membros.

Ela não conseguia respirar. Arfou, suas narinas se inflando com o esforço em levar o ar até os pulmões.

Sobre ela, Caelen deu um grito e, então, empurrou tão forte que caiu em cima dela, afundando ambos no colchão.

A testa dele caiu no travesseiro ao lado da cabeça dela, e ele enfiou os braços debaixo de Rionna, para que a segurassem firme contra seu corpo.

Entre suas coxas, ele contraiu e flexionou, enquanto seu corpo grande estremecia.

O peito dele se elevava, e ela sabia que estava com a mesma dificuldade de respirar.

Com um sorriso, envolveu os braços em sua cintura e o abraçou forte. Ela fechou os olhos e descansou a face na curva de seu pescoço, à medida que absorvia a esplêndida sensação de seus corpos unidos tão firmemente, que nada poderia separá-los.

Capítulo 12

Rionna acordou com uma calidez abençoada. Estava rodeada de calor.

Flexionou os dedos dos pés e suspirou quando eles tocaram as cobertas quentes. Preguiçosamente, abriu os olhos e viu o fogo queimando na lareira.

Acordar nesse cenário lhe era incomum, e rapidamente decidiu que era uma coisa com a qual aprenderia a se acostumar.

Olhou em volta e viu o espaço vazio ao seu lado. Nenhum sinal de que Caelen tivesse se deitado ao seu lado nem de que seus membros tivessem ficado entrelaçados quase a noite toda.

Ela esticou o braço por cima das cobertas, onde Caelen tinha realmente passado a noite, e acariciou o travesseiro no qual sua cabeça descansara.

Sentiu no corpo os efeitos da possessão do marido. Quando se mexeu, a sensibilidade entre suas pernas estava mais pronunciada e seus músculos, doloridos, como costumava se sentir após uma sessão de treinamento vigoroso.

A verdade é que Rionna não queria sair da cama.

Sim, estava dolorida, mas era uma dor deliciosa, e estava disposta a sofrer essa dor de novo e de novo. Fechou os olhos e alongou-se sem pressa, revivendo as imagens de Caelen sobre seu corpo e em cima dele, acariciando-o fundo, sua boca fazendo um amor muito, muito doce com sua pele.

Um som à porta a fez abrir os olhos e virar-se para ver quem era. Sarah colocou a cabeça para dentro e, assim que viu Rionna acordada, entrou e fechou a porta.

– Vejo que está acordada.

– Sempre observadora – Rionna disse secamente.

Sarah riu baixinho e voltou os olhos na direção de Rionna.

– O laird pensou que gostaria de um banho antes de começar suas instruções. Pedi para trazerem água para encher a banheira.

– Banheira? Que banheira?

Rionna sentou-se, puxando as cobertas até o peito. Esfregou os olhos e



analisou o quarto, enxergando uma banheira enorme de madeira bem diante do fogo. Aquilo lhe escapara por ter acabado de acordar. Quando Caelen levou a banheira para o quarto? Provavelmente, antes de carregar Rionna para o quarto na noite anterior.

Então, algo que Sarah disse a fez pensar.

– Instruções? Que instruções?

Rionna jogou os pés para o lado, ainda agarrando as cobertas ao seu corpo nu.

Sarah sorriu.

– O laird quer que eu e as outras mulheres lhe ensinemos os deveres de uma dama do castelo. Ele disse que é óbvio que você não tem tal conhecimento e que, agora que é esposa do laird, está na hora de assumir seu posto.

Rionna sentou-se na banheira, com a água até as orelhas, soltando fogo, em silêncio. Após uma noite de puro paraíso, uma noite na qual tivera certeza de que ela e Caelen recomeçariam, de que ele realmente agiria como se se importasse com ela, ele saiu da cama e ordenou que começasse a agir como uma esposinha dócil.

Para piorar, Sarah estava sentada ao lado da banheira, assinalando a lista de instruções de Caelen.

Ela não poderia mais vestir-se como um homem. Não poderia envolver-se em atividades inapropriadas para uma dama, e ele especificou briga de espadas, luta ou qualquer outra atividade designada a um guerreiro. Ela não poderia mais

amarrar seus seios.

Esse item fez Rionna ficar vermelha. Suas bochechas queimavam tanto, que a água fumegante de repente pareceu morna. Heveria humilhação maior que essa?

– Agora, moça, não fique assim – Sarah a consolou. – Não é como se ele tivesse dito isso a todo o castelo. Ele me puxou de lado e o fez sigilosamente.

Contou-me seus desejos e me instruiu a não falar para ninguém.

– Se ele tinha algo a dizer, deveria ter falado comigo – Rionna chiou.

Sarah bufou.

– E você o teria ignorado e continuado com suas práticas usuais.

Sarah esvaziou um balde de água na cabeça de Rionna e, depois, a submergiu. Rionna saiu da água com o olhar fixo e perfurante em Sarah, que estava sentada, sorrindo, com um olhar de satisfação.

– A verdade é que esperei muito tempo para colocar minhas mãos em você, moça. Seu pai não se importava com a forma como você se comportava, apesar de desaprovar. Ele era um homem preguiçoso, que deveria tê-la educado muito antes de você atingir a idade que tem agora. E sua mãe deveria ter lhe ensinado as maneiras de uma dama do castelo, mas ela estava sempre ocupada em manter seu pai longe de outras moças. Você não teve um bom exemplo, com certeza, mas isso tudo vai acabar a partir de hoje. Vou transformá-la na dama mais fina do castelo que o Clã McDonald já viu.

A determinação nos olhos da mulher idosa fez Rionna baixar os ombros, em resignação. Havia um prazer maléfico no olhar de Sarah, que estava praticamente pulando de alegria.

– Primeiro, vamos tomar suas medidas para novos vestidos. Os corpetes dos seus vestidos atuais nunca vão caber com esses seios fora da bandagem.

Já tenho três mulheres trabalhando na reforma dos vestidos que sua mãe usava.

Alguns pontos aqui e ali e você terá vestidos que poderá usar até renovarmos o seu guarda-roupa.

– Não temos dinheiro para renovar meu guarda-roupa – Rionna disse, sombria.

– Não se preocupe com isso – Sarah disse, balançando a cabeça. – O Laird está esperando todo tipo de suprimentos de seu irmão na próxima quinzena.

Ele mesmo me disse que falou especificamente sobre você precisar de roupas quentes e de todos os adereços de uma dama.

– Todos os adereços de uma dama – Rionna imitou.

– Quieta, agora. A água está esfriando. Resmungar não muda o fato de que tem muita coisa para aprender. Será melhor para todos se você agir bem.

– Me deixe ficar emburrada um pouco – Rionna disse. – Sei que você tem razão, mas a verdade é que não gosto da função.

Sarah sorriu e esticou o braço para dar um tapinha na face de Rionna.

– Eu te amo como se fosse minha própria filha e vou tratá-la como se fosse minha filha, o que significa que vou bater em você se for insolente comigo.

Rionna sorriu, depois ficou séria.

– O que acha do novo laird?

Sarah inclinou a cabeça, como se pensasse no assunto.



– Acho que é um homem grosseiro, mas justo. É rígido, e gosta das coisas de uma certa forma. Talvez o clã demore um pouco para se acostumar com o jeito dele, mas acho que seremos um clã melhor por isso.

– Também acho – Rionna disse com ressentimento. – Só quero…

– O que você quer, moça?

Rionna pressionou os lábios, determinada a não demonstrar fraqueza diante de Sarah. Ela queria a mesma coisa que uma garota. Sonhava os mesmos sonhos. Não o que uma mulher feita com uma responsabilidade sobre seu clã passaria

seu dia pensando.

– Não importa o que eu quero – ela disse baixinho. – O que importa é o que o laird quer.

Caelen estava em pé, parado no pátio, com os braços cruzados e uma expressão endurecida, conforme supervisionava o treinamento dos soldados McDonald. Gannon estava ao seu lado e, de vez em quando, balançava a cabeça, desanimado.

– Não temos tempo de transformar esses homens em um exército decente –

Gannon disse. – Não teremos chance contra Cameron.

– Não se eu disser alguma coisa – Caelen disse, severamente. – Eles têm a habilidade; só lhes falta treinamento adequado.

– O melhor guerreiro deles é uma mulher – Gannon disse, desgostoso. –

Rionna venceu Diormid, lembra?

Caelen fez careta. Não precisava que lhe lembrassem da destreza de sua esposa com uma espada, mas não tinha a intenção de permitir que fosse morta.

Então, quanto mais rápido a engravidasse, mais rápido ela se acalmaria e voltaria suas atenções a conquistas mais femininas. E ele não teria mais que se preocupar com ela causando problemas.

– Chame os líderes para mim – Caelen disse a Gannon. – É óbvio que ainda não respeitam minha autoridade, mas vou contar meu plano para o homem mais antigo e mostrar que não sou uma ameaça à sua liderança.

– Estive observando – Gannon murmurou. – Simon McDonald exerce muita influência no clã. Os homens o escutam e aguardam seu direcionamento. Arlen McDonald é outro antigo, que os soldados mais jovens respeitam. Ele é

experiente com a espada.

– Diga que quero me reunir com eles no grande salão. Convide-os para almoçar e, então, conversaremos. Vamos ter de dividir os homens em pequenos grupos

para treiná-los. Precisarei da ajuda dos homens McDonald em posições de liderança, se quisermos conquistar tudo o que precisamos.

– Sim, concordo. Não será uma tarefa fácil.

Caelen sorriu para seu comandante.

– Você disse que desejava um novo desafio.

Gannon lançou-lhe um olhar descontente.

– Quando disse isso, não estava nos planos transformar um exército inteiro.

Caelen suspirou.

– Também não fazia parte dos meus. A verdade é que nem sei por onde começar. A tarefa diante de nós é extremamente grande.

Gannon pousou uma mão no ombro de Caelen.

– O cumpridor de tarefa mais capaz que já conheci. Se tem alguém que consegue, esse alguém é você.

Caelen analisou os guerreiros lutando e franziu o cenho. Esperava que Gannon tivesse razão. As semanas seguintes seriam exaustivas, e sua única chance de sucesso era obter a cooperação de seu novo clã.

Até agora, ninguém o cumprimentara com outra expressão que não fosse de receio e suspeita.

– Encontre Simon e Arlen – ordenou a Gannon. – Estarei esperando no salão.

Quando Caelen entrou no castelo, olhou para as criadas andando para lá e para cá, no meio de suas funções. Procurou sua esposa, mas não a viu.

Também não viu Sarah, que prometera colocar Rionna debaixo de sua asa e ensiná-la gentilmente.

Entrou no salão e o encontrou sem vida. Franziu o cenho, sabendo que estava perto da hora do almoço. Não havia atividade que sugerisse que a refeição viria em breve. Não havia fogo queimando na lareira. Nenhum cheiro vindo da

cozinha. Nenhum lugar posto à mesa.

Ele nem sabia o nome de ninguém para chamar e fazer suas indagações.

Aborrecido, saiu do salão e andou na direção de vozes distantes.

Quando entrou no cômodo, que imaginou ser onde as mulheres faziam a limpeza, encontrou sua esposa em um estado de agitação, as mãos nos quadris e o rosto vermelho ao encarar Sarah.

O vestido que ela usava era bonito, um pouco usado. O corpete estava meio apertado, ou melhor, muito apertado, e os seios maleáveis de Rionna apareciam acima do decote bordado. Ela estava… linda. Delicada e feminina.

Ele estava acostumado a vê-la malvestida, com roupa de homem, o rosto sujo, seios retos e um cabelo emplastrado na cabeça.

Em cada detalhe, ela parecia a senhora elegante do castelo. Competia com Mairin e Keeley na beleza e na forma.

Isso foi até ela abrir a boca e soltar uma lista de blasfêmias, que ele tinha certeza de nunca ter ouvido sair da boca de suas cunhadas.

Rionna ainda estava xingando quando se virou e o viu parado na porta. Seus lábios se fecharam e ela olhou para o marido como se ficasse zangada por sua intromissão. Caelen levantou uma sobrancelha quando não ouviu nenhum pedido de perdão.

As palmas das mãos dela se afundaram nos quadris à medida que o encarava. Seus olhos brilharam, uma mistura de âmbar e dourado.

– Está vindo para ver como estou, marido?

Ele apertou os lábios e a perfurou com o olhar.

– Vim saber por que não está sendo servida a refeição no grande salão.

Passou da hora do almoço. Os soldados já tiveram um dia difícil de trabalho e estarão com fome. E eu também.

Rionna o encarou, com as sobrancelhas unidas, confusa. As outras mulheres também o encararam, como se ele tivesse dito alguma coisa completamente absurda.

Sarah foi a primeira a falar. Olhou para Rionna, depois deu um passo à frente.

– Não servimos almoço, laird.

Ele franziu o cenho de novo.

– Há algum motivo específico para isso? É importante que os homens comam. Sua força precisa ser restabelecida, principalmente agora que treinarão mais forte.

Rionna limpou a garganta.

– O que ela está tentando dizer, de forma muito delicada, é que não temos comida. Quebramos o desjejum com pão e queijo, quando temos de sobra, e terminamos o dia com o que quer que tenhamos conseguido caçar.

– E quando a caça não é bem-sucedida?

– Não comemos – ela disse.

Ele balançou a cabeça. Nada daquilo fazia sentido. Os McDonald poderiam não ser os mais bem treinados, quando se falava sobre a força de seu exército, mas sempre foram um clã bem organizado.

– Seu pai apostou com meu irmão três meses de comida de seus estoques.

– Ele não tinha com que apostar – Rionna disse, amargamente. – Ele nos deixou sem nada para comer, e nenhuma moeda para trocar com outros clãs.

Caelen conteve um xingamento.

– Mostre-me a despensa.

Dando de ombros, Rionna virou-se e seguiu pelo corredor, para longe do grande salão, passando a cozinha, até chegar a um cômodo pequeno e abafado.

Ele entrou, olhou em volta, e seu estômago afundou conforme ele observava as

prateleiras vazias.

Como se fosse possível, o Clã McDonald estava em circunstâncias mais pobres que seu próprio clã estivera antes de seu irmão se casar com Mairin.

– Isso é inaceitável – ele disse entredentes. – O clã precisa comer.

– Estamos acostumados a sobreviver com pouco – Rionna disse, prática. –

Esse tem sido o nosso modo de vida já há alguns anos.

– Seu pai era um completo vagabundo? – ele perguntou.

– Meu pai só estava preocupado com seu próprio conforto e com sua própria barriga.

– É um milagre não terem sido invadidos até agora – Caelen disse, com desgosto. – Certamente, seriam uma conquista fácil.

A boca de Rionna se apertou e seus olhos se estreitaram, com fúria.

– É do seu clã que fala com tanto desdém.

– Não, não é pelo meu clã que tenho tanto desdém. É por seu pai. É um pecado um homem não cuidar de seu clã. Suas crianças também passam fome?

E os velhos e doentes?

Rionna deu um suspiro enfadonho.

– Não adianta desabafar sua indignação comigo, marido. O homem para quem deve direcionar sua raiva não está aqui. Meu clã já sofreu o suficiente e não merecemos sua reprimenda.

Caelen soltou o ar, em desaprovação, e virou-se para sair do cômodo.

– Aonde você vai? – ela gritou atrás dele.

– Caçar – ele soltou.

Capítulo 13

– Mudança de planos – Caelen disse a Gannon, quando encontrou seu comandante no pátio. – Mande Simon e Arlen pegarem seus melhores caçadores e prepararem os cavalos.

Gannon olhou para ele, curioso, mas foi fazer imediatamente o que seu Laird lhe pedira.

Um instante mais tarde, Gannon voltou com um pequeno grupo de guerreiros.

– Vamos caçar, McCabe? – Simon perguntou.

Caelen semicerrou os olhos com o desrespeito. Aquele não era o momento de mostrar nenhuma cortesia ao novo clã. Se o fizesse, perderia toda e qualquer credibilidade. Não precisavam gostar dele, mas iriam, sim, respeitá-

lo.

Ele desembainhou sua espada, antes que os outros homens conseguissem piscar, e cortou o ar com a lâmina, a um milímetro do pescoço do homem mais velho.

Simon piscou, com surpresa, mas não ousou se mover para fugir da lâmina.

– Vão se dirigir a mim como laird – Caelen disse. – Você pode não gostar do fato de um McCabe ter substituído um McDonald, mas vai mostrar o devido respeito ou vai se ver no chão.

– Pode muito bem tentar – Simon rosnou.

Caelen precisava reconhecer os méritos do homem. Ele poderia ser mais velho e estar falando com uma clara desvantagem, por ter uma espada em sua garganta, mas não demonstrou medo ou falta de coragem.

Devagar, Caelen baixou a espada e jogou-a na direção de Gannon. Depois, sorriu lentamente e, curvando o lábio ao encarar Simon, disse:

– Vou fazer mais que tentar, velho.

Sem aviso, Simon atacou-o. Um grito se ouviu no pátio e os homens avançaram, ansiosos, para ver a briga iminente.

Simon bateu o ombro no abdome de Caelen, jogando-o muitos metros para

trás, mas Caelen continuou em pé e não cedeu ao ataque.

Os homens McDonald rapidamente circularam Caelen e Simon e começaram a torcer por Simon. Gritos de “acabe com ele” e “mostre a ele o que pensamos de nosso novo laird” preencheram o ar.

Caelen rodou, envolvendo os braços na cintura de Simon. O movimento se deu no momento em que Simon, ao avançar, se desequilibrara. Caelen o ergueu e gritou, jogando-o no chão, conforme subia nele.

Ambos rolaram, jogando neve com a agitação de braços e pernas. Simon deu um soco no maxilar de Caelen, jogando-o para trás o suficiente para se soltar.

Os dois guerreiros se levantaram e circularam com prudência, fingindo ir para a esquerda e para a direita, enquanto um esperava que o outro atacasse.

Caelen iniciou o novo *round*, dando um golpe poderoso no queixo de Simon e jogando-o para trás. Simon, por sua vez, limpou um rastro de sangue de sua boca, depois curvou o lábio em um rosnado:

– Agora vamos ver a sua força, McCabe.

Dito isso, ele atacou, envolvendo seus braços musculosos na cintura de Caelen e levando os dois para a neve. O impacto fez Caelen perder o ar. Ele rolou, depois esquivou-se do punho que voou em seu rosto, mas não foi rápido o bastante para evitar o impacto. Sentiu o gosto de sangue na língua.

Caelen deu uma joelhada no tronco de Simon e virou o homem de cabeça para baixo, jogando-o no chão, a muitos metros dali. Então, levantou-se rapidamente e ficou para trás, enquanto Simon se recompunha do golpe.

– Qual é o problema de vocês? – Caelen latiu. – Seu laird era um desperdício de ar puro. Ele deixou seu clã em circunstâncias medonhas. Agiu sem honra. Foi envergonhado diante de todos vocês.

Simon cuspiu sangue na neve.

– Você não é nossa escolha. Sim, o velho não era um bom laird e não merecia o

manto da liderança, mas você também não se provou valioso. Anda por nossa terra gritando ordens a mando do rei, que não se apresentou a nós para fazer essa declaração.

– Você não trata Rionna com respeito – James gritou da multidão.

– É – muitos outros concordaram.

Simon assentiu.

– Rionna é uma boa moça, que se preocupa apenas com o seu clã. Ela luta ao nosso lado. Fica sem quando ficamos sem. É leal até o fim – Simon disse. –

Merece um marido que cuidará dela como o tesouro que é.

Caelen aproveitou a distração momentânea do homem mais velho e atacou.

Eles caíram de novo, e Caelen usou sua vantagem para virar Simon de costas.

O homem estava com o rosto afundado na neve, e Caelen, pressionando o joelho nas costas dele, segurou-o pelo cabelo e puxou-o até seu rosto estar livre da neve.

– É assim que as coisas funcionam no Clã McDonald? Permitem que suas mulheres lutem por vocês? Rionna é a filha de um laird. Agora é esposa do novo laird de vocês. Acham que ela deveria sair por aí como um homem, colocando-se em risco? Ela poderia ser morta ou se machucar gravemente. Se a querem tratada como o tesouro que dizem que ela é, não faz mais sentido que permaneça no castelo, onde pode ser protegida? Como podem falar de respeito quando é óbvio que nenhum de vocês tem qualquer respeito por ela e por seu posto?

Caelen soltou Simon e recuou, para ficar em pé ao lado dele.

– As mulheres devem ser protegidas, cuidadas e providas. O dia em que eu precisar de uma mulher para fazer as coisas por mim é o dia em que me colocarão na terra e não mais me chamarão de guerreiro.

Simon fez careta ao levantar-se e limpar a neve de sua túnica.

– Sim, você tem razão. Rionna… ela é uma moça diferente, laird.

Caelen grunhiu satisfeito pela forma como Simon se dirigiu a ele.

– Sim, eu sei disso. Ela é uma moça estranha, com certeza, mas não é tarde demais para ensinar-lhe as maneiras adequadas a uma moça. Logo, carregará meu filho e seu próximo laird. Arriscariam sua segurança e a de seu filho para pegar uma espada e lutar como um homem?

– Não.

O burburinho aumentou na multidão, conforme cada homem balançava a cabeça, embora nem todos estivessem convencidos. Podiam concordar que Rionna precisava de proteção, mas não o aceitavam como laird.

Levaria tempo. Tempo que Caelen não tinha, já que pretendia transformar aquele exército mediano em uma força poderosa, tão boa quanto os McCabe.

– Aonde vamos hoje, laird? – Simon perguntou.

O fato de Simon dirigir-se a Caelen como laird não era aprovado por muitos. Os homens fizeram careta e balançaram a cabeça, antes de virar as costas e mostrar total desrespeito.

– Vamos caçar – Caelen disse. – Nossas despensas estão vazias. Nossas

mulheres e nossos jovens passam fome, enquanto nós ficamos aqui agindo como crianças. Temos muito o que treinar nas próximas semanas. Nossos homens precisam de sustância adequada para manter sua força. Vou trabalhar duro com vocês e sem piedade. Vou transformá-los em guerreiros a qualquer custo.

– Meu filho James é bom com o arco. É nosso melhor caçador.

– Então vou gostar de tê-lo comigo. Reúna os melhores. Quero que você e Arlen, e quem quer que você escolha, nos acompanhem. Partiremos imediatamente.

Simon assentiu e começou a se virar, mas então parou. Inspirou, como se pensasse no que queria dizer.

– Fale – Caelen ordenou. – É óbvio que tem algo que queira tirar de seu peito.

– Tente ter paciência com a moça. Os modos dela são tudo o que ela conhece.

Tem um coração bom e valente.

Caelen franziu a testa. O fato de receber conselho a cada minuto sobre como lidar com sua esposa o irritava; até seu irmão tinha opinado a respeito após se casar com outra mulher… Mas Alaric se achava *expert* quando o assunto era mulher.

– A moça precisa de uma mão firme. Deixaram que ela se rebelasse por tempo demais.

Algumas risadas foram ouvidas da multidão. Até Simon sorriu, como se todos compartilhassem uma diversão secreta.

– Então, eu lhe desejo sorte, laird. Algo me diz que vai precisar.

Capítulo 14

Rionna estava na janela da torre de vigia e observava a paisagem coberta de neve. O grupo de caça partira há três dias e ainda não havia nenhum sinal do retorno deles.

Na primeira noite, um dos guerreiros mais jovens voltou com um bom veado, trazendo instruções de Caelen para que a carne fosse temperada e guardada, e que uma porção adequada fosse cortada e preparada imediatamente para as mulheres e crianças comerem.

O restante do grupo permaneceria caçando, até terem matado animais suficientes para encher as despensas.

Ela observou os homens no pátio, treinando de acordo com as especificações de Caelen. Por três dias, controlou a tentação de juntar-se aos exercícios. Em vez disso, permaneceu dentro do castelo e escutou os ensinamentos infinitos sobre a preservação da carne, como guardar adequadamente na despensa, horários de limpeza, sem mencionar as palestras soníferas de etiqueta apropriada para damas e como receber e ser hospitaleiro com convidados importantes.

Como se recebessem convidados importantes no castelo McDonald.

Era óbvio que seu marido não retornaria naquele dia, e havia muitas horas do dia ainda. Ela estava com muita vontade de descer ao pátio, onde poderia

descarregar sua frustração com uma boa luta de espada.

O problema era que Sarah não teria remorso em dedurá-la para o seu marido, o que significava que teria de dizer a ela que iria se retirar para o seu quarto e, depois, ir escondida para o pátio.

Rionna se virou, puxando mais a capa à sua volta, conforme começava a descer da torre. Ao chegar à base, encontrou uma das criadas que Sarah mandou, sem dúvidas, para monitorar aonde ela iria.

– Vou para os meus aposentos – Rionna disse em voz baixa.

– Não está se sentindo bem, *milady*?

Rionna sorriu para a mulher não muito mais velha que ela.

– Estou bem, Beatrice. Só um pouco cansada.

Beatrice sorriu sabiamente.

– Não está dormindo bem desde a noite em que o laird partiu. Ele voltará logo, *milady*, e com carne para passarmos o inverno.

Rionna sorriu fracamente ao virar-se para as escadas e subir para o quarto que dividia com Caelen. Enquanto os homens ainda não aceitavam Caelen como laird, as mulheres do castelo não hesitavam quanto a isso. O que quer que ele tivesse feito, inspirara confiança nos membros femininos de seu clã.

Todas acreditavam que ele cuidaria de suas dificuldades e recuperaria suas despensas e sua força.

Rionna supôs que se ele, de fato, fizesse tudo aquilo, ela deveria ficar muito satisfeita com seu casamento.

Deveria.

Quando entrou no quarto onde dormira sozinha nas três últimas noites, ficou admirada com a marca que seu marido já tinha deixado no ambiente. Não que ele tivesse muita coisa. Na verdade, trouxera muito pouco na viagem de seu antigo lar. Mas, considerando que, antes, o quarto estava vazio e impessoal,

agora parecia masculino, como se ela respirasse o cheiro dele a cada pequeno espaço.

As cobertas que ele trouxera do castelo McCabe cobriam a cama. Peles luxuosas e grossas, debaixo das quais ela já se acostumara a dormir à noite.

Até as peles que cobriam as janelas foram substituídas pelas que ele trouxera.

Diante do fogo, uma mesinha com uma cadeira apoiava seus pergaminhos, pena e tinta. Eles aguçavam a curiosidade dela. Adoraria saber o que havia nos pergaminhos, mas não sabia ler. O fato de seu marido ser tão educado a surpreendia e intrigava.

Caelen tinha muitos abismos escondidos, os quais ela nem começara a sondar. Ele, certamente, se fechava para os outros, permitindo que as pessoas enxergassem apenas o que quisesse mostrar. Era frustrante para ela, porque queria desesperadamente saber tudo o que havia para saber sobre o homem com quem se casara.

Ela foi até o baú em que guardava os vestidos que as mulheres fizeram para ela. Esticou o braço para trás dele, no espacinho entre ele e a parede, e puxou a túnica e as calças que havia escondido ali.

O tecido escorregou adoravelmente por seus dedos. Surrado, mas confortável. Familiar. A ansiedade a deixou inquieta até ela, de forma

apressada, tirar o vestido do corpo e começar a colocar a túnica.

Quando estava vestida, puxou suas botas do canto onde tinham ficado desde que chegaram de volta às terras McDonald. Primeiro, ela vestiu suas meias preciosas; depois, as botas.

As meias tornavam as botas mais agradáveis, mas não eram desconfortáveis. Mais importante: seus pés estavam aquecidos.

Ela praticamente dançou até a parede em que Caelen havia pendurado a sua espada, e ficou grata por ele não tê-la derretido a fim de fazer armadura. Era um pecado abusar de armas tão finas.

Escorregou os dedos pelo cabo e, com cuidado, ergueu-a de seu suporte.

Era gloriosa em sua mão. O peso. Os sulcos, feitos apenas para a sua empunhadura. Leve o suficiente para ela conseguir manejá-la com uma mão ágil, mas pesada o suficiente para infligir um golpe mortal.

Testou se a lâmina estava afiada, e ficou satisfeita quando o cabelo que ela esfregou no fio caiu partido em dois.

Agora precisava encarar as escadas e torcer para não dar de cara com Sarah.

Minutos mais tarde, ela saiu no pátio e correu pela fila de homens, para que pudesse se posicionar no ponto mais longe da entrada do castelo. Se Sarah fosse procurá-la, queria estar bem longe de sua vista.

A recepção confusa dos homens a deixou perplexa. Alguns olhavam claramente felizes em vê-la e gritavam um cumprimento, enquanto outros pareciam mais reservados e trocavam olhares apreensivos. Alguns eram mais ousados e paravam diante dela, embora sua postura não fosse nada agressiva.

Não, eles pareciam preocupados. E protetores.

Hugh McDonald franziu o cenho e, então, engoliu desconfortavelmente.

– Rionna, talvez seja melhor permanecer dentro do castelo. Está frio hoje.

Você não deveria se envolver no treinamento dos homens.

O queixo de Rionna caiu ao olhar de volta para o guerreiro corpulento.

Hugh era diretamente responsável por grande parte de sua habilidade. Ele lhe ensinara quase tudo que ela sabia. Derrubara-a no chão mais vezes do que ela podia contar, e sempre a instigava a levantar-se e tentar de novo.

– Ele convenceu vocês, não foi? – ela perguntou. – Não está aqui nem há uma semana e já os colocou contra mim!

Hugh ergueu uma mão, em sinal de paz.

– Rionna, não foi nada disso que aconteceu. O Laird nos fez ver que lutar

não é o melhor caminho para você. Não é uma habilidade adequada para uma

mulher.

Ela contorceu o rosto em uma careta, depois desembainhou sua espada.

– Quanto seria adequado se uma mulher te jogasse no chão?

Hugh ergueu a mão para os outros.

– O homem que erguer a espada para ela vai responder a mim.

A dor apertou o peito de Rionna, contorcendo suas entranhas em um nó.

– Vai proibir os homens de lutarem comigo?

Parecia que Hugh tinha engolido um bastão.

– Sinto muito, moça. Além do fato de o laird poder descobrir, eu não a machucaria nem a qualquer criança da qual você pode estar grávida.

Ela fechou os olhos e virou-se. A desolação a tomou, deixando-a vazia e com dor. Lágrimas faziam suas pálpebras arderem e seus ombros se afundaram pela derrota.

– Me dê sua espada, moça – Hugh disse, gentilmente. – Vou guardá-la.

Ela virou-se e viu os outros homens parados atrás de Hugh, claramente concordando com ele. Nenhum deles lutaria com ela. Segurando as lágrimas, lentamente, ela estendeu a espada para Hugh. Ele a pegou e entregou-a para um dos outros homens, e ela não esperou para ver o que fariam. Apenas virou-se e correu para longe do pátio, sem olhar para trás.

Parecia que seu peito ia explodir.

O vento soprava frio em suas faces úmidas. Lágrimas que ela não percebera congelaram em sua pele. Seu sentimento de perda era familiar. Cortava fundo e supurava como uma ferida de uma semana.

Ela se sentia terrivelmente traída, como se sua vida nunca mais fosse ser a mesma. As pessoas a quem amava, e que a amavam, foram persuadidas pelas crenças fortes de seu marido sobre o lugar de uma mulher.

Desejava voltar nos dias em que corria livre e quando sua única preocupação era evitar seu pai. Sentia falta da sensação eufórica de vitória quando vencia um dos homens de seu pai com uma espada.

Lá fora, com sua espada, seus defeitos desapareciam. Ela não se sentia inadequada. Era apenas outra espada no mar de guerreiros. Forte e capaz. Não somente uma mulher que precisava de proteção.

Não era boa em sorrir e fingir ser recatada. Não tinha o traquejo social necessário para não se envergonhar ou envergonhar seu povo, e era por isso que seu pai nunca a tinha colocado diante do nariz de qualquer um que fosse

importante.

Ela se arrastou ladeira abaixo em direção ao riacho borbulhante que conectava os dois lagos das terras McDonald. Era uma visão bonita com gelo incrustado nos bancos, chegando ao meio, onde a água ainda subia na rocha. A neve caía dos dois lados, emoldurando a água congelante e cobrindo a paisagem de branco.

Ela parou na beirada da água e se abraçou. Fechou os olhos e respirou fundo o ar fresco do inverno. O fraco cheiro da fumaça da chaminé do castelo flutuou por suas narinas e, pela primeira vez em muito tempo, sentia o cheiro de carne no espeto.

Não sabia por quanto tempo ficara ali olhando a água, mas um tremor de frio a fez perceber que o que ela odiava não era a perda da sua liberdade, mas o medo do desconhecido.

Estava agindo como uma criança petulante, cujo brinquedo preferido lhe fora tirado. Poderia fazer parte da reconstrução de seu clã, talvez não da forma que tinha mais conhecimento. Todos precisavam lidar com a mudança, mas ela não era a única que não gostava disso.

Se seu marido queria uma dama perfeita, um castelo bem cuidado, o epítome da graça feminina, ela lhe daria tudo isso, mesmo se a matasse.

Não lhe daria motivo para se envergonhar dela.

Ergueu o queixo e seu olhar pairou do outro lado do riacho. Para sua surpresa, homens montados em cavalos apareceram detrás das árvores e correram na sua

direção.

Ela virou-se e soltou um grito assim que os cavalos entraram na água.

Correu pela margem, sabendo que não tinha chance de subir a colina até o castelo, mesmo que tentasse. Nunca superaria os cavalos.

Abriu a boca para gritar de novo, rezando para que os homens ouvissem àquela distância, mas uma bota bateu em suas costas, jogando-a no chão.

Ela caiu na neve com tanta força que perdeu o ar.

Ignorando a dor, apoiou a palma das mãos e colocou os pés sob o corpo mais uma vez para fugir.

Uma mão torceu seu cabelo, e seu atacante puxou-a para trás, depois a virou. Ela encarou um grupo de cinco homens. O gosto de medo era vil em sua língua. Ela os afrontou, determinada a não demonstrar quanto estava aterrorizada.

– O que vocês querem? – ela perguntou.

O homem que a segurava lhe deu um tapa no rosto com as costas da mão, chocando-a e silenciando-a. Furiosa, ela atacou, seus dedos voando para os olhos dele. Ele urrou de dor e tropeçou para trás, dando-lhe um momento para fugir.

Ela não chegou longe antes que outro dos homens a abordasse, jogando-a de cara na neve. Isso encheu seu nariz e boca de neve, adormecendo a dor latejante do tapa perverso há um instante.

De novo ela foi virada, mas dessa vez o segundo atacante socou-lhe o rosto com o punho. A mão dele se fechou em seu pescoço, apertando com força suficiente para impedir que ela respirasse.

Ele a segurou assim até que se acalmasse. Os outros homens se reuniram por perto e, então, o primeiro cambaleou até ela, com sangue escorrendo de um dos arranhões que ela causara.

– Putinha – ele cuspiu.

Ele agarrou a gola da túnica de Rionna e rasgou até seus seios aparecerem.

Mais uma vez, ela começou a lutar, mas o homem que segurava seu pescoço apertou de novo até ela ser obrigada a desistir.

Ela tentou gritar, mas não saiu nenhum som. Lágrimas de raiva embaçaram sua visão quando um dos homens afagou seus seios e torceu um mamilo.

Instantes antes de ela desmaiar, a mão relaxou em sua garganta e ela inspirou profundamente. Assim que teve ar suficiente, abriu a boca para gritar bem alto, mas seu rosto explodiu de dor outra vez.

Ele deu tapas fortes e metódicos em seu rosto, alternando os lados, até uma névoa de dor a envolver. As outras mãos continuaram abusivas, tateando-a, torcendo-a e apalpando-a como um animal.

Lágrimas quentes escorriam em suas bochechas maltratadas. Ela nunca se sentiu tão desamparada na vida. Onde estava sua espada? Como esperar que se defendesse?

Ela seria estuprada ali em suas próprias terras, condenada a fazer nada além de deitar ali e chorar.

Quando Rionna recobrou parcialmente a consciência, seu atacante aproximou-se mais, até o bafo quente e fétido que saía de sua boca soprar-lhe o rosto.

– Você vai entregar uma mensagem ao novo laird – ele chiou. – Diga-lhe que nenhum McCabe está a salvo de Duncan Cameron. Nem Mairin McCabe ou sua nova filha. Nem ninguém com quem os McCabe se importam. Cameron

vai destruir todos os que se aliarem a Ewan McCabe. Ele não descansará até Neamh Álainn ser dele. Pode dizer a ele que esse seu rostinho lindo é um símbolo do apreço de Duncan Cameron.

Ele endireitou-se para cima dela, chutando a neve em seu rosto ao andar de volta para seu cavalo.

O som dos cavalos cruzando o riacho preencheu a mente perturbada de Rionna. Ela tentou erguer a cabeça, mas a dor inundou-a. Seu estômago se revoltou e a náusea fervilhou em sua garganta.

Ela fechou os olhos e fez uma série de respirações curtas e regulares, até que a

náusea se dissipasse. Então, lentamente, rolou de lado e ficou ali deitada por bastante tempo, reunindo força.

Quando tentou se ajoelhar, caiu para a frente. Lágrimas de frustração inundaram nervosamente seus olhos. Por tudo o que era sagrado, ela tinha de voltar ao castelo mesmo que tivesse de rastejar.

Quase desmaiou de novo quando se empurrou para cima. Olhou para o alto da colina e suspirou cansada para a distância que parecia interminável.

Então começou a rastejar.

Capítulo 15

– *Milady*! *Milady*!

Rionna precisou de toda sua força para erguer a cabeça e olhar para a frente, embora não conseguisse identificar quem estava gritando. O inchaço praticamente fechara seu olho direito, e a visão estava embaçada no esquerdo.

Em seus ouvidos, ainda ressoavam zumbidos devido aos golpes que recebera.

– Meu Deus, moça, o que aconteceu com você?

– Hugh – ela sussurrou. Fez uma tentativa débil de segurar a túnica esfarrapada nos seios.

– Sim, moça, é o Hugh. Me conte o que aconteceu.

Ela lambeu os lábios e sentiu o gosto de sangue.

– Homens. – A voz dela estava rouca, quase irreconhecível. Sua garganta estava inchada pelo agressor tê-la enforcado. – Vieram do outro lado do riacho.

– Armados! – Hugh rugiu.

Rionna caiu para a frente, o que restou de sua força desapareceu quando ouviu Hugh gritar ordens para os homens montarem nos cavalos.

– Rionna!

Mãos gentis tocaram seus ombros e a viraram com cuidado. Então, tiraram os cabelos de seu rosto inchado.

– Oh, moça – Sarah choramingou. – O que aconteceu com você?

– F-frio. Me ajude a entrar.

– Não, não se mexa. Vou pedir que um dos homens a carregue. Quebrou alguma coisa?

Por algum motivo, Rionna achou aquilo engraçado. Deu um sorriso torto e imediatamente se arrependeu de ter mexido a boca.

– Só o meu rosto.

– Mangan, venha carregar sua senhora para o quarto – Sarah ordenou.

Rionna resmungou quando foi erguida pelo guerreiro musculoso.

– Sinto muito, moça – Mangan disse, bruscamente. – Não quero te machucar.



– Estou bem, Mangan. Só um pouco machucada.

– É um absurdo que um homem abuse assim de uma mulher – ele rosnou.

– É, sim – ela sussurrou e estremeceu, lembrando-se da reação de Caelen quando seu pai lhe deu um tapa. Ele ficaria furioso quando soubesse do ataque.

Mangan carregou-a para dentro e subiu as escadas, com Sarah e muitas criadas seguindo-os por todo o caminho.

– Coloque-a na cama. Cuidado agora! – Sarah disse, atenciosa. – Neda, pegue água e panos, e traga água quente para a moça tomar banho. Ela vai pegar uma gripe. Mangan, traga madeira para o fogo. Vou precisar de uma lareira bem acesa para esquentá-la.

Rionna afundou-se na cama e gemeu baixinho. Agora que estava segura e dentro do castelo, a batalha para permanecer consciente estava perdida. O

quarto ficava cada vez mais escuro e, apesar da tentativa de Sarah em mantê-la acordada, a escuridão se avolumava, até que ela cedeu com um suspiro fraco.

– Você deu um bom tiro – Caelen disse a James ao parar sobre o veado caído. – Seu pai tem razão, sua mira com o arco é boa.

– Com esse, são dois. Três, contando o veado que mandamos de volta para o castelo. Mais um e teremos carne suficiente para muitas semanas – disse o homem mais jovem, sorrindo com o elogio que Caelen lhe fizera.

– É, talvez de manhã cacemos mais um. Está escurecendo. Devemos procurar um lugar para acampar à noite e fazer uma fogueira.

Uma hora mais tarde, os homens se sentaram diante do fogo com uma perna do veado tostando nas chamas. Simon puxou um pedaço do osso com sua faca e o jogou para Caelen.

Caelen mordeu e assentiu, em aprovação.

– É uma boa peça de veado.

Simon cortou pedaços para o restante dos homens, até o osso estar limpinho. Gannon abaixou-se ao lado de Caelen e recostou-se no tronco.

– Faz tempo que não saio para uma longa caça. Tudo o que fiz ultimamente foi perseguir mulheres difíceis.

Caelen riu e tossiu quando um pedaço de carne ficou preso em sua garganta.

Gannon deu-lhe um tapa nas costas e ambos riram.

– A verdade é que eu não invejava sua função – Caelen disse com pesar. –

Tive a minha vez de perseguir Mairin, e não é algo que queira fazer de novo.

Sempre pensava o que você teria feito de ruim para que meus irmãos o escolhessem para cuidar de suas mulheres.

– E eu sempre pensava que Cormac se casara só para se livrar dessa função

– Gannon respondeu, balançando a cabeça.

Caelen riu.

– É possível, eu acho. Você tem de admitir que Mairin o deixava exausto.

Simon se sentou do outro lado de Caelen quando o restante dos homens se sentaram em volta do fogo.

– Me diga uma coisa, laird. Temos chance contra o exército poderoso de Duncan Cameron? Estaríamos nos planos dele se não tivéssemos nos aliado ao seu povo?

Caelen semicerrou os olhos com a insinuação.

– Gregor aproximou-se de nós porque temia Cameron. Esta aliança era de sua vontade.

– Mas você se beneficia.

– Isso não é um insulto, mas a verdade é que Gregor comandava um exército pobre. O benefício que vemos desta aliança foi unir as propriedades McCabe com o outro lado. A terra McDonald era tudo o que separava Neamh Álainn do castelo McCabe. Mas o principal benefício foi o fato de outros lairds estarem dispostos a se unir a nós assim que Gregor concordou com a aliança. Nossa força está em nossos números e na força de luta superior dos McCabe.

– Você é bem convencido – Simon disse.

– Não há uma força que supere a nossa habilidade – Caelen soltou.

– Então, por que esperam para destruir Cameron? – James perguntou.

– É – um dos outros homens disse ao inclinar-se para a frente. – Por que esperar?

Os demais McDonald que os acompanhavam na caça também se inclinaram para a frente, curiosos para ouvir o curso da conversa.

– Porque é preciso paciência para derrotar um inimigo – Caelen disse. –

Esperamos muitos anos para livrar o mundo de Duncan Cameron. Ele é um homem ambicioso e perigoso, que não vai parar até controlar tudo o que quer.

Ele deseja nossas terras. Todas as nossas terras. Acreditamos que tenha feito uma

barganha com Malcolm. E se Malcolm liderar outra rebelião contra

David e assumir o trono, a Escócia, mais uma vez, será dividida em duas. A recompensa de Cameron será as Terras Altas. Ele será rei sem o título, enquanto Malcolm governa Cúmbria. Mais nenhum laird governará sua própria terra. O poder de Cameron será absoluto. Sem distinção. Sem legado para passar para os nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos. Tudo seria controlado por ele.

– Não podemos permitir isso – James murmurou.

– Não podemos, não – Caelen concordou.

– E Gregor? Aonde será que foi? Onde está a sua lealdade? – Simon perguntou.

Caelen virou o olhar para o homem mais velho.

– Isso eu não sei. Ele sumiu com muitos de seus homens. Não ficou satisfeito com o decreto do rei. Devemos ser prudentes, não apenas por causa de Cameron, mas também por Gregor. Ele pode muito bem tentar tomar de volta o que acredita ser dele por direito.

– Deveríamos ter votado para ele sair há muito tempo – Simon disse, sombrio. – Temos muita culpa nisso. É, ele era um laird ruim e prejudicava demais o nosso clã, mas permitimos isso e devemos responder a Deus por nossos pecados.

– Não é tarde demais para consertar os erros do passado – Caelen disse. –

Assim que tivermos fornecido comida para o nosso clã, devemos voltar o foco para fortalecer nossos homens. Devemos enviar uma mensagem para nossos inimigos. Não seremos uma conquista fácil.

Simon recostou-se e encarou Caelen intensamente.

– É a primeira vez que chama o clã de seu, laird.

Caelen uniu as sobrancelhas.

– E é. Talvez esteja me acostumando.

Os homens assentiram, satisfeitos. Ainda havia desconfiança no olhar deles, mas

Caelen sentiu que ganhara muitos pontos com os homens que comandava.

Sua aceitação não seria do dia para a noite, mas pelo menos eles não o estavam ignorando por completo.

Gannon colocou a mão no braço de Caelen e pôs um dedo nos lábios. Os homens ficaram imediatamente quietos. Sem esperar para ouvir o que alarmara seu comandante, Caelen levantou-se e desembainhou a espada.

Os outros o seguiram, impressionando Caelen com a velocidade e o silêncio. Talvez ainda pudessem ser guerreiros habilidosos.

– Laird! Laird! Laird Caelen!

Hugh McDonald cavalgou até o acampamento, com quatro homens atrás dele. Era evidente que o cavalo cavalgara rápido e sem descanso. Hugh desceu da sela e foi na direção de Caelen.

Caelen embainhou sua espada e pegou o homem muito maior pela túnica.

– O que foi, Hugh? O que aconteceu?

– É sua esposa, laird.

O sangue de Caelen gelou.

– O que quer dizer?

Hugh tentou respirar.

– Ela foi atacada por intrusos há dois dias. Eles atravessaram o riacho que liga os dois lagos. Da floresta. Estavam escondidos nas árvores.

Caelen segurou o rosto de Hugh, seu pulso batia rápido em suas têmporas.

– Ela está bem? Foi machucada? O que fizeram com ela?

– Bateram muito nela, laird. Não sei de mais nada. Eu a vi quando rastejava de volta para o pátio, mas parti atrás de seus atacantes. Quando perdi a trilha deles, vim diretamente para te encontrar.

Caelen o jogou para o lado, com as mãos tremendo ao tentar organizar seus pensamentos.

– Ela está viva?

– Sim, laird. Estava viva quando parti. Não acho que os machucados tenham sido graves o suficiente para causar sua morte.

Caelen virou-se para Gannon.

– Você vem comigo. – Então, apontou para Simon. – Você e os outros embalem a carne e retornem para o castelo imediatamente.

Gannon saiu rápido para preparar os cavalos e Caelen voltou-se para Hugh.

– Quem eram? – ele perguntou em uma voz mortal.

– Também não sei, laird. A moça mal conseguia falar uma palavra. Não esperei para que ela relatasse a história e parti em busca dos agressores.

– Fez bem, Hugh.

Simon avançou, com a expressão séria.

– Laird, gostaria de voltar com você e Gannon. Não é seguro para dois homens sozinhos.

Caelen ergueu uma sobrancelha.

– Você quer me proteger?

Simon parou um instante, antes de finalmente responder.

– Você é meu laird. Meu dever é protegê-lo sempre. Não posso fazer isso se for deixado para trás.

– Muito bem, Simon. Ficarei feliz com a sua escolta. Vamos nos apressar para que eu possa cuidar da minha esposa.

Capítulo 16

O sol ainda não tinha nascido quando os três homens entraram no pátio.

Caelen descera de seu cavalo antes mesmo de ele parar completamente. Sarah o encontrou na base das escadas que levavam ao castelo.

– Como ela está? – ele perguntou.

Sarah torceu as mãos, franzindo o rosto com a preocupação.

– Graças a Deus o senhor voltou para casa, laird. Não sei o que fazer com ela. Ela não saiu do quarto desde o ataque. Não está bem. Não quer comer. Só fica sentada e olhando para a janela.

Caelen pegou os braços de Sarah, chacoalhando sua histeria.

– Ela está bem? Está muito machucada?

Lágrimas brilharam nos olhos de Sarah.

– A verdade é que não sei tudo o que foi feito a ela. Quando ela recuperou a consciência, ficou em silêncio. Recusa-se a ter companhia. Não vai se abrir comigo.

– Vou cuidar dela – Caelen disse ao passar por Sarah.

Tomado de pavor, ele subiu as escadas, mas só percebeu que estava com medo quando chegou na porta do quarto. Era uma sensação estranha, e admitir isso era mais estranho ainda. Ele vira seus irmãos passarem um sufoco com as mulheres que amavam, mas jamais imaginou que um dia pudesse sentir o mesmo medo que tomara seus irmãos.

Balançou a cabeça. Ficaria preocupado com qualquer mulher que fosse abusada. E furioso com qualquer outro homem que ousasse tocar no que era dele.

Ficou parado no corredor, com a mão erguida para bater na porta, quando percebeu o que estava fazendo. Então, baixou a mão e abriu a porta.

Esperava encontrar Rionna dormindo, mas ao pousar o olhar na cama, viu que estava vazia. Não parecia que tivesse sido usada recentemente. Ele virou a cabeça, observando o quarto, e viu-a sentada diante do fogo, com a cabeça

inclinada para o lado.

Prendeu a respiração ao ver os machucados que sombreavam seu rosto. Ele conseguia ver apenas o perfil de sua esposa, mas seu olho estava inchado e, mesmo do outro lado do quarto, ele conseguia ver marcas de dedos em seu pescoço.

Fechou a porta com cuidado para não assustá-la. Então, cruzou o quarto, a fim de poder observá-la mais de perto.

Jesus amado, alguém tinha, de fato, espancado a moça. Suas mãos se contraíram de raiva à medida que se aproximou e parou ao lado dela. Ela parecia tão frágil. Tão delicada. Como sobrevivera a tanta brutalidade? Pior, quanto Rionna teria sofrido?

Seu estômago agitou-se quando imaginou o que poderia ter ocorrido. Sarah dissera que ela se fechara no quarto desde o ataque e que não se abriria com ninguém. Teria sido violada?

A mão dele tremia ao esticá-la para acariciar o rosto de sua esposa. Meu Deus, ele não conseguia suportar o pensamento de alguém tocando-a.

Machucando-a. Teve de sentar-se na pedra da lareira antes que suas pernas fraquejassem.

Ela agitou-se quando a mão dele saiu de seu rosto. Suas pálpebras se moveram, e então fechou os olhos, como se abrir o olho direito lhe causasse dor.

– Caelen – ela sussurrou.

– Sim, moça, sou eu. Você está bem? Ainda sente dor?

Ela lambeu os lábios, depois ergueu uma mão a fim de massagear a garganta. O movimento delicado só trouxe mais atenção à sua fragilidade, e a fúria estralou nele como um chicote.

– Estou dolorida, mas estou bem. Não foi nada sério. Sua caça foi bem-sucedida?

A formalidade da conversa desconcertou Caelen. Era como se nada de errado

tivesse acontecido durante a sua ausência e ele tivesse retornado à casa para uma recepção educada de sua esposa.

As sombras em volta dos olhos de Rionna o perturbavam, porque estavam mais escuras que seus machucados. A fragilidade, que ele já notara, tornava-se mais evidente à medida que ela ficava acordada. Havia alguma coisa errada com ela, e agora ele percebia por que Sarah estava tão preocupada.

– Rionna – ele começou gentilmente. – Pode me contar o que aconteceu com você? É importante que eu saiba de tudo. Demore quanto quiser. Não há

pressa, porque estamos apenas eu e você no quarto. Não há nada que não possa me contar.

Os olhos dela tremeluziram sem vida quando seu olhar pousou nele. Ele queria tocá-la, mas, por Deus, não sabia se poderia colocar a mão nela sem machucá-la.

– Eu estava parada no riacho. Quando olhei para cima, vi homens em cavalos do outro lado da água. Sabia que nunca conseguiria subir a colina correndo antes que eles me pegassem, então corri pela margem, mas eles foram rápidos.

A mão de Rionna descansava no colo. Caelen deslizou a mão até alcançá-la; então, tomando-a sobre seus dedos, afagou-a com o polegar. A mão de Rionna ficava minúscula sobre a mão dele, e ele foi se dando conta do quanto ela era pequena e frágil.

– Um deles me jogou no chão e meu deu um tapa. Enfiei meus dedos nos olhos dele e o arranhei.

– Bom – Caelen disse bruscamente.

– Escapei por um instante, mas fui pega por outro.

Pela primeira vez, a voz dela vacilou e tremeu de emoção à medida que desabafava e focava seu olhar no fogo.

– Não havia nada que eu pudesse fazer – ela sussurrou. – Ele me bateu.

Rasgou minha roupa. Ele… me tocou – ela engasgou.

Caelen ficou completamente paralisado. Tentou engolir, mas não conseguiu.

– Ele te estuprou?

Ela voltou seu olhar para ele, com os olhos arregalados e surpresos.

– Não. Segurou meus seios. Me machucou e me humilhou. Mandou eu lhe entregar uma mensagem.

O fato de ela não ter sido molestada não o aliviou muito, pois Rionna fora extremamente abusada. E agora parecia que tudo tinha acontecido porque alguém queria ferir o que era dele.

– Me diga a mensagem.

– Ele disse que nenhum McCabe está a salvo de Duncan Cameron. Nem Mairin. Nem Isabel. Nem ninguém com quem um McCabe se importe. Falou para te dizer que o meu rosto é um símbolo da consideração de Cameron.

Ele rangeu os dentes com tanta força que achou que fosse quebrá-los. Sua mandíbula doía enquanto tentava corajosamente manter a raiva de lado.

Rionna precisava de sua gentileza e compreensão, não de um guerreiro prestes

a matar todo mundo em seu caminho.

– E depois, Rionna? – ele perguntou com delicadeza.

Os olhos dela voltaram a encontrar os dele, muito escuros e perturbados.

Havia vergonha e dor nas profundezas douradas. Ela parecia… destruída. Não só no corpo, mas na alma. Era como se uma adaga tivesse penetrado em suas entranhas.

– Eles foram embora e eu subi rastejando até o pátio. Não me lembro de muito mais.

O peito dele doeu. Seu estômago se contorcia ante a ideia de sua esposa, tão orgulhosa e espirituosa, estar destruída a ponto de rastejar como um animal.

Rastejar.

Era muito para ele suportar.

Ele levantou-se de repente e virou de costas, para que ela não visse a raiva estampada em seu rosto. Precisou de um momento para poder respirar normalmente outra vez. Então, virou-se de volta e viu Rionna encarando o fogo, ainda parada e rígida.

Caelen voltou e ajoelhou-se ao lado da esposa, tocando-lhe o queixo até que ela se virasse e olhasse para ele.

– Você dormiu?

Ela ficou confusa com a pergunta. Seus olhos se enevoaram. O fato de ela não conseguir responder dizia que, provavelmente, não tinha dormido nada além dos breves momentos diante do fogo.

Sem esperar que ela dissesse alguma coisa, ele, cuidadosamente, colocou os braços debaixo de seu corpo e ergueu-a tão gentilmente quanto conseguiu.

Segurou-a perto de seu peito e descansou os lábios sobre sua cabeça, enquanto a carregava para a cama.

Ele a deitou no colchão e puxou as cobertas sobre seu corpo, para que ela ficasse aquecida.

– Quero que descanse. Você precisa dormir, Rionna. Estou aqui agora, nada vai te machucar.

Obedientemente, ela fechou os olhos, mas ainda estava tensa. Ele inclinou-se e passou os lábios por sua testa.

– Agora, durma, moça. Estarei aqui quando acordar.

Com essas palavras, ela relaxou um pouco e pareceu se afundar mais na cama. Um pouco da tensão ao redor de seus olhos e de sua boca diminuiu, e ela suspirou levemente.

Ele acariciou o cabelo dela até que ela parecesse mais calma e, então, levantou-se e afastou-se da cama. Mas os olhos dela se abriram, seu olhar procurando o dele.

– Fique tranquila, Rionna. Não vou embora. Preciso falar com meus homens e administrar seus cuidados. Sarah disse que você está se recusando a comer.

Ela não respondeu, mas seu olhar sugeriu que ainda não desejava comer.

– Você precisa permanecer forte. Vou trazer um pouco de caldo de carne, algo que não vá machucar sua boca ou mandíbula para mastigar. Você vai comer.

Ele esperava que os olhos dela brilhassem com sua ordem, pois nunca lhe dera uma ordem que não provocasse nela uma careta ou um desafio absoluto.

Mas os olhos dela permaneceram entorpecidos, e ela virou-se para o travesseiro, fechando-os. Ele preferia qualquer coisa, menos ser ignorado.

Xingando baixinho, Caelen virou-se para a porta e viu Gannon parado contra a parede do lado de fora. Gannon endireitou-se quando Caelen fechou a porta delicadamente.

– Como ela está? – Gannon perguntou.

– Eles bateram muito nela – Caelen soltou.

– Quem?

– Os homens de Cameron. Eles me mandaram uma mensagem. Os filhos da puta a brutalizaram. Não há uma região de seu rosto ou pescoço que não esteja machucada.

– Cameron não tem remorso em fazer uma guerra contra mulheres – disse Gannon, com a raiva brilhando em seus olhos. – Mas por que agora? Por que Rionna? Qual é o objetivo? Por que não atacar simplesmente? Obviamente, sabiam que você tinha saído para caçar.

– Ele quer me tirar daqui – Caelen disse, sombrio. – Quer me deixar furioso a ponto de ser capaz de fazer uma tolice, como ir atrás dele no ápice do inverno com guerreiros inferiores, quando, se sobrevivermos ao frio e à fome, seremos facilmente derrotados assim que o confrontarmos em sua fortaleza.

– Ele deve pensar que você é tolo – Gannon disse com desgosto.

– Não importa o que ele pensa. O que importa é o que ele vai *conhecer* quando minha espada estiver enfiada em seu coração.

– Acho que você pode ter de lutar contra seus irmãos para ter essa honra.

Ele prejudicou muito Mairin e Keeley.

– E Rionna – Caelen disse. – Acha que nos enfraquece por meio de nossas

mulheres.

– Não é muito característico de um homem promover guerra contra aqueles mais fracos do que ele mesmo.

– Quero que envie uma mensagem para Ewan, contando o ocorrido. Diga-lhe que há novas ameaças contra sua esposa e filha e que Cameron intensificou seus ataques. Depois quero que coloque homens na torre de vigia e em volta dela. Quero alguém vigiando todas as proximidades do castelo o tempo todo.

E quero que trabalhe com os homens imediatamente. Eles vão treinar, e treinar forte. Devem ter muito mais motivação agora do que antes.

Gannon assentiu e começou a descer o corredor.

– Peça a Sarah para trazer água e um caldo para Rionna – Caelen gritou atrás de Gannon.

Gannon ergueu uma mão, demonstrando que ouvira, e desapareceu na escadaria.

Em silêncio, Caelen entrou novamento no quarto para ver Rionna. Ela não se movera de onde ele a colocara na cama. As cobertas estavam puxadas até seus ombros e seus olhos estavam fechados.

Querendo ver se ela estava dormindo de verdade, ele inclinou-se mais perto e escutou sua respiração suave e regular. Quando ela não enrijeceu, ele afastou-se e foi colocar mais lenha na lareira, para que Rionna continuasse aquecida.

Quando as chamas estavam queimando novamente, ele se sentou na cadeira e baixou a cabeça. Fora tão espontâneo ao partir para caçar… A comida lhe parecia uma prioridade. Ele pensou em alimentar seu clã e, *depois*, cuidar da sua

proteção. Em sua primeira ação e decisão como laird, Caelen cometera um grande erro. Um erro pelo qual sua esposa teve de pagar um preço alto.

Capítulo 17

Rionna pressionou delicadamente seu olho ainda inchado e estremeceu ao tocar um local particularmente dolorido. Caelen estava lá embaixo, no pátio, direcionando o treinamento dos homens. Ele saíra depois de se certificar de que ela tivesse feito uma boa refeição e de tê-la instruído a descansar.

A verdade era que ela tinha descansado mais do que conseguia suportar na última semana. Descansara demais e ficara mal-humorada. Lidara com o próprio medo e com a sensação de fracasso. Agora… Agora ela estava apenas furiosa.

Furiosa com os homens que tinham invadido suas terras. Furiosa com a covardia de Duncan Cameron. Furiosa por ter sido rendida sem ter como fugir de um ataque violento.

Não podia mais aceitar a ordem de seu marido de que se tornasse uma versão feminina e dócil de qualquer fantasia da esposa perfeita que ele construíra em sua mente. Ela não era assim. Ele deveria ter pensado mais antes de se candidatar a se casar com ela se não estava preparado para aceitar uma esposa que considerava totalmente inadequada.

Ela vestiu as calças e uma túnica que guardara para o que via como ocasiões especiais. Era macia. Sem buracos, sem manchas, e a bainha era elegantemente bordada.

Era sobreposta por uma camada de veludo vermelho e dourado. Gastou toda moeda que economizara por três anos, mas era a coisa mais chique que tinha.

Limpou a terra de suas botas e passou um dedo na ponta, onde o couro, de tão fino, já deixava ver o buraco que se formava. Ela precisava de novas botas, mas era um luxo com o qual não podia arcar; não quando todo o restante de seu clã tinha sapatos e botas tão surrados quanto, se não pior.

Mesmo assim, ela imaginava como seria um novo par de botas em seus pés.

Forrada de pele. Podia praticamente sentir a maciez rodeando seus dedos.

Ela levantou-se e, automaticamente, levou a mão à garganta, testando a dor.

Ainda doía para engolir, e a rouquidão de sua voz ainda não tinha sumido.

Provavelmente, ela parecia assustada, mas depois de tantos dias, estava pronta para sair do quarto.

Foi para as escadas, sentindo um pânico momentâneo por ter deixado a segurança de seu quarto. Durante a descida, teve de parar, pois pontos pretos dançaram diante de seus olhos conforme ela tentava respirar.

Essa fraqueza a enfurecia. Ela cerrou os punhos e fechou os olhos firmemente, suas narinas se inflando enquanto inspirava profundamente.

Ficara escondida em seus aposentos por tanto tempo porque a ideia de sair a aterrorizava. Era uma fraqueza que nunca admitiria. O ataque e os dias que o seguiram foram uma humilhação que ela viveria pelo resto da vida.

– Milady, não deveria estar fora de seus aposentos. Precisa da minha ajuda para voltar? Há algo de que esteja precisando? Ficarei feliz em pegar para a senhora.

Ela olhou para cima e viu o comandante de Caelen parado nas escadas, bloqueando seu caminho. Ele segurou-a pelo braço, e a preocupação queimava em seu olhar.

Ela tirou a mão dele com a sua própria e quase deu um passo para longe do guerreiro antes de se recompor. Forçou o queixo para cima e lançou um olhar calmo para ele.

– Estou bem, e, não, não preciso de nada. Estou descendo as escadas.

– Talvez seja melhor esperar o laird. Vou chamá-lo e dizer que a senhora gostaria de sair do quarto.

Ela franziu o cenho.

– Acaso sou uma prisioneira em meu próprio lar? Não posso sair do meu quarto sem a permissão do laird?

– Entendeu errado, milady. É minha preocupação por seu bem-estar que me leva

a fazer esta declaração. Tenho certeza de que o laird gostaria de acompanhá-la assim que verificar que está bem o suficiente para descer as escadas.

– Eu mesma posso verificar se estou bem o suficiente para sair do meu quarto. Tenha a bondade de se retirar do meu caminho para que eu possa continuar descendo.

Gannon não pareceu feliz com a ordem. Hesitou um instante, claramente tentando decidir se deveria insistir com sua ideia inicial.

Ela não iria esperar. Sabendo que ele não faria nada que a machucasse, ela empurrou seu peito até que ele cedesse e recuasse. Mesmo assim, ele não

permitiu que ela passasse. Segurou seu cotovelo e pegou a mão dela, colocando-a debaixo de seu braço.

– Pelo menos me deixe acompanhá-la; não gostaria que caísse nas escadas.

Sua frustração foi tão grande, que ela quase tirou a mão. Mas iria conseguir o que queria, e não seria inteligente arriscar que ele a obrigasse a voltar para o quarto e chamar Caelen, que, provavelmente, iria cuspir fogo ao ver sua vestimenta e pelo fato de ela estar fora da cama.

Quando chegaram à base das escadas, ela soltou a mão e correu para longe do guerreiro. Não tinha uma direção clara em mente, só sabia que queria se afastar de Gannon.

Ar fresco estava no topo da lista de prioridades, mas ela não podia ir para o pátio. Caelen estava lá treinando com os homens. Optou por passar pela cozinha e sair pela lateral, onde a distância entre o castelo e a muralha era maior e ela conseguia ver as montanhas ao longe.

Ignorando as exclamações de surpresa das mulheres ao vê-la sair, Rionna respirou fundo assim que o ar frio atingiu seu rosto.

Era o paraíso. Libertador. A garganta e os pulmões pareciam se abrir e perder a constrição repugnante com que ela vivera por tantos dias.

Ela pisou na neve, regozijando-se do barulho alto e do frio que envolvia seus dedos dos pés. Enfim, sentiu-se viva de novo. Revigorada.

O vento chicoteava seu cabelo e causava um arrepio em sua espinha. Na pressa de sair do quarto, ela se esquecera completamente da capa.

Colocando os braços em volta da cintura, a fim de se aquecer, andou beirando o muro do castelo, deixando pequenas pegadas na neve fresca.

Se ainda fosse criança, teria se deitado na neve e criado formas com Keeley. Elas fingiam ser princesas da neve aguardando o príncipe que viria resgatá-las. Ele só usava as peles mais quentes e as roupas mais elegantes. Seu corcel não tinha comparação em relação a beleza e velocidade. Ele chegaria cavalgando, envolvido nas peles, e a levaria para longe, para uma terra onde era sempre quente e ensolarado.

Rionna riu baixinho. Que imaginação ela e Keeley tinham. Sempre com a cabeça nas nuvens. O pior dia da vida de Rionna fora quando seu pai atacou Keeley. Então, a mãe de Rionna chamara Keeley de prostituta e a banira do clã.

Keeley fora sua única amiga. A única garota que entendia as práticas esquisitas de Rionna. Keeley a encorajara a praticar o arco e aplaudia toda



vez que Rionna acertava o alvo. Admirava a habilidade da amiga com a faca, jurando que Rionna poderia acabar com um exército inteiro só com um punhal.

Rionna tentara ensinar essas habilidades a Keeley, alertando-a de que moças precisavam saber se proteger, mas a amiga dava risada e dizia que não tinha o dom para tais assuntos e que, um dia, teria seu príncipe para protegê-

la, de qualquer forma.

Bem, Keeley conseguira seu príncipe, e Rionna conseguira as habilidades para se proteger. Ela não sabia quem tinha se dado melhor nessa história.

Encontrou um montinho de neve maior e sentou-se na superfície fria. Sua bunda congelaria se ficasse ali muito tempo, mas ela ainda não estava pronta para o confronto a que seria obrigada com seu marido.

Caelen passou pela cozinha com a expressão impiedosa. Rionna não deveria ter

descido. Inferno, ela nem deveria ter saído da cama. Ele pretendia mantê-la em repouso por, pelo menos, mais duas semanas.

Mas o que o preocupava, mais que estar fora da cama, era o estado psicológico de sua esposa. O ataque a havia afetado profundamente. Ela ficara quieta, reservada, e até tímida. E Rionna não era uma moça tímida. Ele temia que o ataque a tivesse mudado irreversivelmente ou, de alguma forma, a prejudicado. E não havia nada que ele pudesse fazer para mudar isso.

Parou na porta que dava para a parte de fora, depois que uma mulher na cozinha relatou que ela saíra sem hesitar. Quando pisou na neve, ele olhou para cima e a viu sentada ao longe, de costas para ele, conforme observava as montanhas.

O nó que ele sentia tão frequentemente desde que voltara da caça apertou sua garganta quando viu o cabelo dela soprar para um lado e para o outro com a aragem.

Ela parecia tão pequena, tão frágil. Aliás, “frágil” era uma palavra a que ele recorria toda vez, mas a aplicava para descrever sua aparência.

Rionna parecia sozinha e vulnerável, como se ninguém no mundo a protegesse. Ninguém a *tinha* protegido quando ela mais precisou. Era algo com o qual ele teria de conviver pelo resto da vida.

– Laird, não fique bravo. O que ela está usando é confortável para ela.

Precisa disso neste momento.

Caelen virou-se surpreso com as palavras de Sarah. A mulher estava parada atrás dele, com um olhar preocupado, observando Rionna.

– Acha que eu ligo para o que ela está vestindo? Estou mais preocupado com seu bem-estar.

Sarah assentiu, aprovando, e Caelen fez um gesto para ela sair.

Ele pisou suavemente na neve. Não queria assustar ou perturbar Rionna.

Pensou que ela lembrava uma corsa, pronta para correr ao mais leve ruído ou provocação. No entanto, conforme ele se aproximava, conseguia ver seu olhar

distante e vazio encarando a vista longe do castelo.

Será que os ataques a haviam perturbado de forma permanente? Ela nunca voltaria a ser o que era de novo? Era cedo para se preocupar com essas possibilidades, mas ele não conseguia deixar de pensar em quanto as cicatrizes seriam profundas.

– Rionna – ele chamou baixinho.

Ouviu a rápida inspiração da esposa, como se a tivesse assustado. Ela virou-se, com os olhos um pouco arregalados, até pousá-los nos dele, então, se aquietou.

Ela permaneceu parada, encarando-o de uma forma que o incomodava. Era esquisito. Ela o analisava como se estivesse prestes a julgá-lo e a apontar seus defeitos. Talvez fosse sua própria culpa lhe dizendo isso, mas ele não conseguia evitar a sensação de que ela estava brava. Muito, muito brava.

– Está frio. Você deveria estar dentro do castelo, onde está quente. Ele colocou uma mão no ombro dela e apertou, tentando consolá-la. Para sua surpresa, ela sorriu. Não foi um som alegre que saiu de sua garganta. Foi duro e rouco. Soava doloroso.

– Você deve estar pensando que estou louca – ela disse.

– Não – ele disse com gentileza. – Louca, não.

– Também pode pensar que sou um coelho assustado agora, com medo de sair do meu quarto, com medo de ser atacada novamente.

– Não, moça. Penso que você precisa de tempo para se curar. Sua coragem virá.

Então, ela virou-se e penetrou nele aqueles seus olhos brilhantes, até que ele se sentisse incomodado pela franqueza de seu olhar.

– Não estou com medo, laird. A verdade é que estou furiosa.

Raiva era uma reação apropriada sob aquelas circunstâncias, e ela,

realmente, parecia furiosa. Luzes brancas faiscavam de seus olhos e todo o seu corpo tremia. Pela primeira vez, ele relaxou, com um grande e repentino alívio.

Sabia como reagir à raiva de Rionna. Mas a mulher frágil, acabada e abusada que ocupara seu corpo pela última semana o desconcertava e confundia.

– É bom que esteja brava – ele disse prudentemente.

Ela olhou para os próprios pés e girou, encarando-o. Suas mãos estavam em punhos na lateral de seu corpo, e parecia querer atacá-lo.

– Mesmo se estiver furiosa com *você*?

Ele não estava preparado para *isso*. Franziu o cenho, sabendo que teria de andar com cuidado naquele terreno. A moça ainda não estava bem. Suas emoções estavam por todo lugar, e ele não queria chateá-la mais.

– Sinto muito por não tê-la protegido, Rionna. É algo de que vou me arrepender para o resto da vida. Deveria ter cuidado melhor de sua proteção.

Não cometerei esse erro novamente.

Um som deturpado de raiva saiu da garganta dela. Parecia que queria agarrar os próprios cabelos e puxá-los.

– Não, você não deveria ter me protegido melhor, marido. O que deveria ter feito era permitir que eu me protegesse!

– Não está falando coisa com coisa, moça. Acalme-se. Vamos entrar. Você deveria estar lá em cima, em nosso quarto.

– Sabe o que tinha acabado de acontecer antes de aqueles homens me atacarem? – ela perguntou, ignorando sua sugestão de entrar. – Vou te contar o que aconteceu. Minha espada havia sido tirada por Hugh, porque ele disse que não queria que eu me machucasse e que não era coisa de mulher mexer com espada. E alertou os outros homens que qualquer um que lutasse comigo iria responder a ele.

Ela avançou sobre Caelen e colocou um dedo em seu peito.

– Se eu estivesse com a minha espada, aqueles homens nunca teriam se aproximado de mim. Nunca teriam me jogado na neve. Nunca teriam me tocado. Nunca teriam me batido.

A moça havia acumulado uma raiva que era impressionante de se ver. O fato de ele quase tremer de desejo com a agressividade dela, que parecia um guerreiro prestes a dar o golpe fatal, o envergonhava.

A única coisa que ele queria era jogá-la na neve e despi-la daquela túnica e daquelas calças odiosas.

– Se você queria uma dama dócil do castelo, com todos os pormenores sociais e adequadamente treinada e educada para ser uma anfitriã perfeita e um elogio a você, então deveria ter pensado antes de se comprometer a se casar comigo no lugar de seu irmão. Ele *sabia* com o que estava lidando.

Ela colocou as mãos nos quadris e deu outro passo para a frente, até seu peito estar pressionado contra o tronco dele.

– Não sou nada dessas coisas. Não tenho o desejo de ser essas coisas.

Havia decidido ceder e me aplicar para ser a esposa perfeita, mas então vieram os homens do outro lado do riacho e me dominaram tão facilmente quanto fariam com uma criança. Que bem eu faço a você ou ao meu clã se não consigo nem me defender? Como posso proteger meu povo? As crianças? As outras mulheres do castelo? É para eu ficar em pé ao lado dos túmulos de outros e murmurar que fui uma boa esposa e uma dama graciosa? Será que isso confortará suas famílias? Eles perdoarão o fato de eu ficar de lado e permitir que seus entes queridos morressem porque meu marido queria uma esposa que conseguisse sorrir lindamente e receber convidados sem se complicar?

Caelen lutava contra o sorriso ameaçador. Ele mordeu o lábio inferior e, valentemente, tentou ocultar seu divertimento, porque, se ele risse naquele momento, ela poderia muito bem enfiar um punhal nele.

A verdade é que ele deveria estar bravo pela demonstração grosseira de desrespeito. Deveria até mesmo repreendê-la. Mas foi o primeiro sinal de vida que vira nela desde que sofrera o ataque, e Deus sabia que ela ficava gloriosa com raiva.

– Você acha isso engraçado? – ela quis saber, batento nele com toda força.

Surpreso com o golpe repentino, Caelen caiu na neve, fazendo barulho.

Enquanto limpava a neve de cima de suas pernas, olhou para ela, que já estava acima dele, mantendo-o preso em seu olhar inflamável. Então, a expressão dela tornou-se dolorosa, e as sombras retornaram aos seus olhos.

– Deixe-me ser quem eu sou, Caelen. Eu não pediria para você mudar quem é. Posso ajudá-lo, se permitir. Não me jogue nas trevas, requisitando-me somente quando for conveniente a você. Talvez essa seja a forma como as coisas funcionam no mundo, mas não precisa ser assim para *nós*.

Caelen suspirou quando o pedido apaixonado da esposa atingiu diretamente uma região de seu coração que ele pensara que estivesse morta há muito tempo.

– É tão importante para você vestir-se como um homem e manejar uma

espada?

Ela franziu o cenho e balançou a cabeça.

– Não é o jeito de me vestir que é importante. Se puder me mostrar como é possível manejar uma espada usando um vestido, não discutirei com você se me disser para não me vestir assim novamente.

– Você não pode manejar uma espada de vestido – Caelen murmurou. – Iria tropeçar na barra.

Pela primeira vez, ela sorriu, seus olhos iluminados com mais vida do que ele já vira em muito tempo.

– Então, tenho sua permissão para usar esses trajes?

Ele suspirou com desgosto.

– Quando você buscou a minha permissão para alguma coisa, moça?

– Posso ser amável – ela se defendeu.

Ele virou os olhos.

– Quando serve aos seus propósitos, sim. – Então, ele semicerrou o olhar para encará-la intensamente. – Mas há condições, Rionna. De hoje em diante, meu

comandante irá acompanhá-la a todo lugar. E quero dizer a todo lugar *mesmo*. Você não vai a nenhum lugar desacompanhada. Não vou deixar que aconteça novamente o que aconteceu na minha ausência. Se eu precisar que Gannon me acompanhe, então Hugh assumirá a sua escolta.

Ela assentiu, aceitando.

– Segundo, você vai treinar comigo e somente comigo. Não vai lutar com mais ninguém. Se quer aprender, será treinada pelo melhor, e não vou amaciar para você por ser minha esposa.

Ela abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Não esperaria menos, marido.

– Você não vai amarrar seus seios.

Quando ele disse isso, ela ergueu uma sobrancelha e fitou-o com desconfiança.

– Não é só para o meu prazer – Caelen sorriu e respondeu preguiçosamente.

– É que não faz sentido. Posso permitir que se vista como homem, mas não vou aceitar que tente parecer um.

– Mais alguma coisa, marido? – ela perguntou, ao bater repetidamente o pé na neve.

– Sim, ajude-me a levantar.

Virando os olhos, ela esticou-se para lhe dar a mão. A moça nunca ia

aprender. Ele agarrou seu punho e, com um golpe rápido, jogou-a na neve, ao seu lado.

Ela levantou-se, com a neve cobrindo seu rosto, e piscou, como se não fizesse ideia do motivo de ele ter feito aquilo. Ele simplesmente sorriu de volta.

– Vingança, moça. Vingança.

Com um olhar desgostoso, ela se lançou sobre ele, e rolaram juntos na neve.

Ele riu e montou nela. Com uma mão livre, fez uma bolinha de neve e segurou ameaçadoramente acima do ombro.

– Você não ousaria – ela disse.

Ele jogou e riu de novo quando ela piscou, tirando neve do rosto. A neve escorria por suas bochechas, revelando um olhar de surpresa. Então, os olhos de Rionna brilharam com a luz da batalha.

Preocupada por sua senhora e o laird estarem lá fora no frio por bastante tempo, Sarah correu para a porta. Quando abriu, foi surpreendida em ver o laird em cima de Rionna na neve.

Como ele poderia se importar tão pouco com a fragilidade em que sua esposa se encontrava por causa do ataque? O homem enlouquecera.

Sarah estava pronta para gritar uma reprimenda para o seu laird, quando ouviu a risada de Rionna ecoando pelo ar frio. Então, a viu rolar por cima dele e jogar neve em seu rosto, e viu seu laird lutar contra a neve, que voava rápida e violenta.

Um sorriso largo se formou no rosto de Sarah e, em silêncio, ela voltou para dentro, fechando a porta para lhes dar privacidade.

Capítulo 18

Pela primeira vez desde o ataque, Rionna desceu para o salão para o jantar.

Podia sentir os olhares dos homens e das mulheres e precisou controlar-se para não esconder os ferimentos e voltar apressada para o quarto.

Mas passara tempo suficiente se escondendo. Não o faria mais.

Caelen olhou para cima, surpreso, depois levantou-se quando ela se aproximou da mesa. Os outros guerreiros fizeram a mesma coisa, e depois Caelen fez sinal para Simon trocar de lugar, a fim de que Rionna pudesse se sentar ao seu lado.

– Eu ia pedir que sua refeição fosse servida em nosso quarto – Caelen disse em voz baixa, quando se sentou novamente.

Ela sorriu.

– É gentil de sua parte cuidar de mim desse modo, mas está na hora de eu parar de me esconder. Os hematomas me deixam medonha, mas não há nada errado com o restante de mim.

Ele ergueu o queixo dela, virando o rosto da esposa em sua direção e também em direção à luz, com uma expressão melancólica no rosto. Não ofereceu falsos elogios nem lhe disse que não parecia medonha.

Estranhamente, ela achou isso reconfortante.

– O hematoma está sumindo. Em poucos dias, desaparecerá por completo.

Com as pontas dos dedos ele acariciou o pescoço de Rionna, e suas narinas se inflaram antes que ele afastasse a mão e continuasse a comer.

Ao terminar a refeição, Rionna levantou-se e pediu licença para se retirar.

A refeição fora silenciosa, como se os homens temessem chateá-la de alguma forma. Levaria tempo para convencê-los de que ela não iria se despedaçar ante a menor provocação. Era culpa dela, da forma como agira, eles terem ficado com essa impressão, mas como explicar em palavras quanto se sentira indefesa e brava nas mãos de seus atacantes?

Não era algo que os homens fossem entender, então ela preferia seguir em frente, sem ficar remoendo os acontecimentos passados. Com o tempo, eles

também esqueceriam.

Caelen segurou-a com a mão e acenou com a cabeça para Gannon.

– Vou subir com você – ele disse para Rionna, surpreendendo-a.

Caelen fazia questão de relaxar com os homens depois do jantar. Era sua forma de criar camaradagem após um longo dia de treinamento. Ele escutava as ideias deles, fazia piadas desagradáveis, muitas das quais faziam Rionna virar os olhos, e conversava sobre os acontecimentos do dia. Caelen e Gannon tentavam aproximar-se dos guerreiros McDonald, um fato que Rionna apreciava, mesmo que os homens ainda não o tivessem aceitado completamente ou adotado como

laird.

Porém, naquela noite, ele retirou-se, com os dedos ainda segurando delicadamente o punho de Rionna. Então, ele a levou até as escadas e, juntos, subiram para o quarto.

– Não precisava subir comigo – Rionna disse quando ele fechou a porta.

– É, eu sei. Foi minha escolha. Talvez nesta noite eu preferisse conversar com a minha esposa, e não com os homens.

Ela virou-se e pousou o olhar no rosto dele, estudando seus olhos para saber qual era sua intenção.

– Tem alguma coisa específica em mente?

– Talvez. Apronte-se para dormir, esposa. Você parece cansada.

Vou colocar mais lenha na lareira, e vamos nos retirar cedo esta noite.

Confusa por seu humor estranho, ela fez como ele mandou e começou a se despir. Quando pegou a camisola, ele resmungou, em desaprovação. Ela olhou para ele e o viu inclinando-se sobre a lareira, com a lenha na mão e balançando a cabeça para ela.

– Não?

– Gostaria de sentir sua pele na minha.

Não era um pedido sem sentido, mas, naquela noite, ela ficou tímida e um pouco em dúvida, e ficava brava por se sentir assim.

Como se sentisse sua dúvida, Caelen levantou-se de onde estava e cruzou o quarto. Gentilmente, pegou a camisola de sua mão e a deixou na cadeira, ao lado do fogo.

– Não vou exigir nada de você, Rionna. Não faria nada para te assustar, mas sinto falta de você perto de mim. Sinto falta do seu calor e do seu cheiro na minha pele. Gostaria de ter isso esta noite, se não ficar chateada.

Ela colocou a mão no peito dele e encarou-o, com o coração amolecido

com a sensibilidade na sua voz.

– Você não me assusta, Caelen. A verdade é que me sinto mais segura quando estou perto de você.

Ele segurou a mão de Rionna e puxou-a até sua boca. Beijou a palma da mão dela e a manteve contra os lábios por um instante, antes de baixá-la de novo.

– Venha para a cama. Está frio nesta noite e o vento passa pelas peles na janela.

Rionna deitou-se debaixo das cobertas e assistiu a Caelen despir-se no brilho do fogo. Quando ele se virou, ela puxou as peles, como um convite.

Assim que ele se deitou, ela aconchegou-se nele, suspirando conforme seu calor a envolvia.

Caelen riu contra seu cabelo.

– Você está quase ronronando, esposa.

– Hummm… Você é bom, marido.

Ele pousou a palma de sua mão nas costas dela e acariciou para cima e para baixo, sua respiração regular soando próxima ao ouvido dela.

– Estive pensando – ele disse.

Ela franziu o cenho contra o pescoço dele. Uma conversa que começava com essas palavras nunca terminava bem. Ela afastou-se, e a mão dele parou na sua lombar.

– Em que assunto esteve pensando?

– Me diga por que se veste assim e por que praticou tanto com a espada.

Os olhos dela se arregalaram. De todos os assuntos que ela pensou que ele pudesse abordar, esse não era um deles.

– Está evidente que você dedicou muito tempo à prática de guerra. Tem de

admitir que é um compromisso estranho para uma moça. E seu pai não aprovava; vi a reação dele quando você venceu o guerreiro McCabe ao visitar o nosso castelo.

Quando ela continuou quieta, ele acariciou-lhe as costas outra vez. Seu toque era leve e tranquilizador.

– E agora, quando foi atacada e dolorosamente açoitada, um acontecimento traumático para qualquer um, ainda mais para uma moça tão delicada como você, pensei que fosse ficar com medo, mas você ficou com raiva porque a sua capacidade de se defender havia sido tirada.

– É – ela sussurrou. – Me fez sentir indefesa. Detestei.

– O que a fez ter tanta determinação em se proteger, Rionna? Não é algo pelo qual uma moça costume a se interessar. A proteção de uma moça é função de seu povo, de seu pai, de um irmão ou de seu marido; eles é que têm de cuidar dela e protegê-la do mal. Mas, mesmo sabendo disso, você não pede que ninguém lhe faça essas coisas.

Ela fechou os olhos quando a vergonha se acumulou. Caelen sabia das ações vergonhosas do pai de sua esposa, mas falar desses medos em voz alta só piorava.

– Rionna?

Ele afastou-se e ergueu o queixo dela, para que pudesse olhar em seus olhos. As velas que queimavam no quarto forneciam luz suficiente apenas para ela poder ver a expressão sombria nos olhos do marido e a determinação dele em descobrir seus segredos.

Ela suspirou e desviou o olhar.

– Você sabe o tipo de homem que meu pai era. E que, quando tentou atacar Keeley, minha mãe a expulsou. Ela era minha *prima*. E Keeley não foi a única jovem que meu pai atacou. Eu sabia da maldade dele desde muito jovem e sempre temi…

Ela inspirou fundo e olhou de volta para Caelen.

– Tudo em que eu pensava era: “e se ele voltar sua atenção para mim?”. Se tinha conseguido fazer isso com a própria sobrinha, que diferença faria eu ser a filha dele? Meus seios cresceram quando era bem jovem. Tinha uma forma agradável, que eu sabia que os homens gostavam de olhar. Então, comecei a esconder meus atributos e me fazer parecer mais como um rapaz do que com uma mulher. E aprendi a manejar uma espada porque jurei que, se meu pai um dia tentasse alguma coisa comigo, eu conseguiria me proteger.

A raiva e o desgosto brilharam nos olhos de Caelen. Ele tocou a face da esposa e correu o dedo na linha da mandíbula até a têmpora, e fez o caminho de volta.

– Você fez o certo – ele admitiu. – A obsessão dele por Keeley nunca acabou. Mesmo anos depois. Ele a teria estuprado há algumas semanas se eu não tivesse impedido, quando a arrastou para um quarto no castelo McCabe.

– Os desejos dele não são naturais, e ele não se importa com quem magoa.

Pensa só em si mesmo e em seu prazer. Eu o mataria pelo que fez com Keeley.

– Se, um dia, ele tocá-la de novo, independente se for com raiva ou desejo, vou alimentar os urubus com sua carcaça.

– É quando você não está perto que me preocupo – ela disse baixinho.

– É, eu sei disso, moça, e por mais que doa em mim admitir, você tem um argumento sólido para eu permitir que continue seu treinamento. A verdade é que presenteei Mairin com um punhal para que ela tivesse meios de se proteger. Faz todo sentido eu dar a mesma oportunidade para a minha esposa e as habilidades para fazê-lo.

– Obrigada – ela disse baixinho. – Significa muito para mim você me apoiar nisso.

– Não me agradeça ainda – ele alertou –, pois não pegarei leve com você só porque é uma moça. Se quer se proteger, então precisa aprender a vencer um homem com o dobro de seu tamanho e o dobro de sua força.

Ela assentiu, mas ele continuou.

– Sou um professor brutal e vou trabalhar muito e duro com você, até implorar

por misericórdia. Vou esperar o mesmo de você do que espero de meus homens.

– Sim, entendi – ela disse. – Agora fique quieto e me deixe agradecer-lhe adequadamente, marido.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Defina *adequadamente*.

Ela sorriu e envolveu os braços em seu corpo forte.

– Não acho que você vá reclamar.

Capítulo 19

– Levante e tente de novo, Rionna.

Rionna cambaleou para ficar em pé e esfregou as mãos em sua pobre e maltratada bunda, massageando-a. Teve a impressão de que seu braço ia cair.

Há muito perdera a sensação da própria mão. De tão exausta, seus olhos se enviezaram, mas mesmo assim o marido a pressionou.

Não havia impaciência em seu comando. Ele era, provavelmente, o homem mais paciente com quem já lutara; até Hugh, quando a instruía, frequentemente jogava as mãos para o alto e saía pisando duro, resmungando sobre a impossibilidade de ensinar uma moça a lutar.

Mas ela mostrou-lhe que era, da mesma forma como mostrara a todos os homens de seu pai que zombavam de seus esforços. E mostraria também a seu marido, que parecia determinado a ver quantas vezes conseguiria derrubá-la.

A ponta da espada de Rionna quase se arrastava no chão à medida que avançava para encarar Caelen novamente, mas ela tinha o cuidado de impedir que a lâmina o fizesse. Caelen já lhe ensinara uma lição sobre maltratar sua arma.

– Por Deus, moça, você está me deixando louco – Gannon resmungou. –

Gire desta vez. Você não pesa nada; deveria ser fácil para uma moça do seu tamanho ser mais rápida que um homem do tamanho do laird.

Inspirando de forma dolorosa, Rionna rodeou seu marido com cautela, atenta para qualquer movimentação.

– Pare. Só pare um instante, Caelen.

Caelen suspirou e baixou sua espada quando Gannon avançou.

– Uma palavrinha, milady?

Sem desconfiar de que isso fosse um truque inventado por Caelen para distraí-la, ela recuou lentamente, segurando sua espada na direção de Caelen o tempo todo. Seu marido sorriu.

– Ela está aprendendo, Gannon. Não seja muito duro.

– Só quero que isso acabe logo para que possamos comer – Gannon

murmurou.

Ele levou Rionna para o lado.

– Você está agindo como se isso fosse um exercício com regras e parâmetros. Batalha não é nada disso, moça. Rodeia Caelen esperando que ele aja primeiro e, então, você reage. Vá atrás dele e use sua agilidade. Você não tem a força dele. É imprudente tentar ficar no lugar contra um homem que é três vezes o seu tamanho. Pense em outras maneiras para compensar essa desvantagem e seja rápida. Estou faminto.

Rionna sorriu.

– Vou dar o meu máximo para não ser um inconveniente para você, Gannon.

– Ele ficará aqui a noite toda; pode ter certeza de que ficará, moça. Ele vai conseguir o resultado que quer ou vai acabar completamente com você, o que vier primeiro. Minha sugestão é dar o resultado que ele quer para que possamos ir para dentro, onde está mais quente.

– Você está se transformando em uma velha.

– É melhor torcer para que ele nunca deixe que eu lute com você. Vou te mostrar

a velha. E não serei tão piedoso quanto ele.

Rionna ergueu uma sobrancelha.

– Quem disse que ele está sendo piedoso? Minha bunda discorda que ele tenha mostrado alguma piedade.

– Você não está sangrando. Isso é ser piedoso.

Rionna deu de ombros e virou-se de volta para encarar Caelen, que estava parado esperando, sem sinal de cansaço ou de irritação nos olhos. Parecia estar em uma caminhada casual. Nada o irritava. Ela pensou se ele já tinha sido pego de guarda baixa na vida.

Lembrando-se do conselho de Gannon, ela começou a rodear, assim como fizera todas as vezes. Havia razão nas palavras de Gannon. Ela era previsível pelo simples fato de que fazia sempre o mesmo ritual, esperando Caelen atacar.

Esforçando-se para encontrar o resto de sua força quase perdida, ela ergueu a espada, soltou um grito de fazer inveja a qualquer guerreiro, e atacou.

Caelen sorriu e soltou um *opa*, conforme suas espadas se encontraram. O

barulho podia ser ouvido por todo o pátio. Revigorada, Rionna golpeava, esquivava e continuava fazendo-o recuar, usando sua agilidade e o fato de ela manejar uma espada muito mais leve, impedindo-o de contra-atacar.

É, agora ele estava na defensiva, bem onde ela queria que estivesse, até que

lhe desse uma abertura.

Apesar do ar frio, o suor escorria pela testa de Rionna. Sua mandíbula doía por causa dos dentes rangidos, e seus olhos estavam semicerrados com a intensa concentração.

Caelen golpeou, mas ela virou-se e ergueu a espada para bloquear. A força a fez cair de joelhos, mas antes que pudesse se recuperar, ele tirou a espada da mão dela com um movimento de punho.

– Foi melhor, esposa, mas não o suficiente.

Decidindo que já tivera o bastante daquela superioridade presunçosa, ela abaixou-se e lançou-se sobre ele. Ergueu o ombro, atingindo-o bem abaixo da cintura.

Ele soltou uma série de palavrões que feriram os ouvidos dela. Então, ele caiu de joelhos, cobrindo as bolas com a mão. Sua espada caiu da outra mão e fincou-se na neve.

Rionna cambaleou para trás, reavendo sua espada, então colocou a ponta no pescoço dele.

– Você se rende?

– Com certeza, eu me rendo, ou você acabará cortando o que sobrou das minhas bolas.

Em geral, a tensão na voz dele e a dor que se refletia em sua testa franzida teriam deixado Rionna preocupada, mas então ela se lembrou das horas de inferno que ele a fizera passar e toda a empatia desapareceu.

Gannon seguiu adiante, bufando com a risada. Caelen mostrou-lhe uma carranca sombria.

– Cale a porra da boca, Gannon.

Gannon soltou mais uma gargalhada, depois deu um tapinha nas costas de Rionna, quase jogando-a no chão.

– E é assim, milady, que se derruba um guerreiro.

– Você disse a ela para acabar com minhas bolas? – Caelen perguntou.

– Não, só disse para ela ficar na ofensiva. Diria que ela pensou bem.

– Meu Jesus – Caelen disse ao esforçar-se para se levantar. – Eu era bastante afeiçoado a essa área de minha anatomia, esposa.

Rionna sorriu de orelha a orelha e, então, inclinou-se mais perto de Caelen, para que Gannon não escutasse.

– Eu também… Espero que não haja dano permanente.

– Mulher desrespeitosa – Caelen reclamou. – Vou lidar com essa situação

mais tarde.

Então, ele tocou a bochecha dela, onde um hematoma que estava sumindo ainda sombreava sua pele.

– Seus ferimentos ainda lhe causam dor? Você exagerou com o treinamento hoje?

– Não – ela sussurrou. – Não passa de uma pontada uma vez ou outra. Faz duas semanas, e posso enxergar quase perfeitamente de novo.

– Laird! Um mensageiro se aproxima dos portões!

Caelen a jogou contra Gannon e pegou sua espada da neve.

– Leve-a para dentro imediatamente e alerte o restante dos homens.

Sabendo que não era hora de protestar, Rionna deixou que Gannon a levasse apressadamente para dentro do castelo. Ele a abandonou no salão, perto da lareira, e então gritou ordens que ecoaram pelo castelo.

– *Milady*, o que está acontecendo? – Sarah perguntou, ao entrar correndo no salão.

– Não sei de nada, Sarah. Um mensageiro se aproxima do nosso portão.

Vamos saber quando o laird nos contar.

– Sente-se, vou lhe trazer um caldo quente. Está tremendo de frio e sua roupa está molhada. Aqueça-se com a lareira antes de pegar uma gripe.

Rionna olhou para baixo, para a sua roupa esfarrapada, e balançou a cabeça lamentosamente. Ela tivera um dia difícil de trabalho. Nem notara a umidade se espalhando por sua roupa, mas agora que Sarah mencionara, podia sentir o frio saindo do tecido molhado e tomando seu corpo.

Ela aproximou-se do fogo e estendeu as mãos, conforme o castelo zumbia com atividade ao seu redor. Suspirou quando um pouco do calor descongelou as

pontas de seus dedos e aqueceu seus braços.

Ela virou-se quando ouviu os passos do marido… A sintonia de Rionna com Caelen havia se estabelecido rapidamente; mesmo de costas, sabia que ele tinha entrado no cômodo.

– Há algo errado? – ela perguntou.

– Não. É apenas um McCabe trazendo uma mensagem de meu irmão. Ele chegará logo e pediu abrigo. Viaja para Neamh Álainn com Mairin, Crispen e Isabel.

– Neste tempo?

O fato de Ewan arriscar-se viajando naquelas condições, com Isabel tão nova, chocou Rionna.

– Ele tem medo de esperar mais. Enviei-lhe uma mensagem contando do seu ataque e da mensagem que eles deixaram. Ele os quer abrigados em segurança em Neamh Álainn, onde ele mesmo poderá avaliar o contingente de soldados que têm protegido a propriedade desde a morte de Alexander.

– Eu gostaria de me retirar para cuidar da chegada deles – Rionna murmurou.

Caelen assentiu, depois virou-se para Gannon. Os dois homens saíram do salão, envolvidos na conversa. Rionna respirou fundo e tentou lembrar-se das poucas lições que Sarah dera. Instruiu as mulheres a prepararem comida e bebida. Graças a Deus, Caelen fora bem-sucedido na caça. Agora, não envergonhariam Caelen diante de seu povo, oferecendo uma mesa inferior.

Ela ordenou a muitas mulheres que limpassem o salão. O fogo estava aceso e as peles foram retiradas, para deixar um ar mais limpo e cheiroso.

Satisfeita com as mulheres, que sabiam as suas tarefas e faziam tudo rapidamente, Rionna subiu correndo as escadas para o seu quarto, a fim de trocar de roupa.

Ela molhou panos na bacia e limpou o suor e a sujeira do rosto e do corpo, e estremeceu quando arrepios de frio tomaram sua pele úmida. Então, apressou-se em colocar um vestido de seu guarda-roupa. Era a primeira oportunidade de usar

um dos vestidos que Sarah e as outras mulheres tinham reformado para ela, e estava bem satisfeita com o resultado.

Caelen não encontraria defeito em sua aparência. Em cada centímetro, ela parecia a senhora do castelo. Ele fizera concessões – concessões importantes

– por ela, e ela se sentia no dever de fazer o mesmo por ele.

Sentou-se perto do fogo e escovou o cabelo até ele brilhar e cintilar como ouro líquido. Então, trançou suas longas madeixas e usou um lacinho de couro para prender o final.

Satisfeita por estar apresentável, ela levantou-se e correu de volta para o andar de baixo, a fim de acompanhar os preparativos.

O salão estava cheio, à medida que as mesas e o chão eram rapidamente limpos. O simples fato de o ar circular livremente pelo cômodo já fazia uma enorme diferença.

– Caldo de veado está sendo aquecido e temos muitos pães que sobraram do almoço. Temos até um pedaço de queijo, que guardei para uma ocasião assim

– Sarah disse a Rionna.

– E cerveja? Temos quantidade suficiente para os nossos hóspedes? Peça

para um dos homens derreter um pouco de neve para água fresca.

Sarah assentiu e saiu correndo de novo.

Uma hora depois, Caelen entrou de volta no salão e procurou Rionna. Seus olhos se arregalaram e um brilho de aprovação aqueceu até seus dedos dos pés.

– Eles estão entrando pelo portão agora. Gannon e eu vamos recebê-los.

Fique aqui dentro, onde é quente.

Ela sorriu para ele e assentiu.

Caelen cheirou o ar, apreciando, e olhou em volta no salão. Então, inclinou-se e passou a boca na têmpora dela.

– Obrigado por receber bem meu irmão e sua esposa.

À medida que Caelen se afastava, Rionna sentiu um frio esquisito na barriga, que subiu até sua garganta.

– Aqueça um pouco de cidra, caso Lady McCabe queira uma bebida quente perto da lareira – Rionna disse para Sarah. – E prepare cerveja para servir os homens.

Rionna andou de um lado para o outro, enquanto esperava Caelen retornar com seus convidados. Nunca sofrera tal inquietação quando viajava com seu pai para as terras McCabe, pois em tais ocasiões não se importava em impressioná-los. Não era o caso agora. Eles estavam vindo para o seu castelo, seu lar, e a forma como a vissem refletiria em Caelen. E, de repente, o fato de não envergonhar seu marido era importante para ela.

Ela queria que ele sentisse orgulho dela, que a olhasse agradecido, sem encontrar defeito.

Passado um bom tempo, a porta se abriu, e Ewan McCabe entrou rápido com Mairin e seu filho, Crispen, grudados nele. Rionna correu para pegar o braço de Mairin.

– Venha para perto do fogo antes de descobrir seu bebê – Rionna insistiu. –

Tenho cidra para você.

Ewan levou Crispen com ele para a mesa, onde os homens já se reuniam, enquanto Rionna levou Mairin para a lareira.

Mairin a presenteou com um sorriso doce.

– É gentil da sua parte, Rionna. A verdade é que até meus ossos estão gelados.

Ela e Mairin pararam diante do fogo, e Mairin começou a tirar as peles pesadas de seu corpo. Aninhada em seu peito estava a bebê Isabel, dormindo,

parecendo totalmente despreocupada com o que acontecia à sua volta.

Rionna ficou paralisada ao ver o bebê. Ela era uma linda menina de cabelos

pretos, assim como seus pais, de traços minúsculos e delicados e a boca em forma de arco.

Mairin esticou-se para tocar delicadametne o olho de Rionna. Assustada, Rionna afastou-se e encarou-a.

– Sinto muito por você ter sido envolvida nessa briga – Mairin disse em voz baixa. – Caelen disse que bateram muito em você.

Rionna apertou os lábios, franzindo-os.

– Não, é minha briga também. Sou casada com um McCabe.

Mairin sorriu.

– Caelen tem sorte de ter uma esposa tão corajosa como você. Me preocupei tanto em ele deixar nosso clã para se tornar laird aqui, mas acho que me preocupei à toa. Você vai mantê-lo em segurança.

– Vou, sim. Não vou deixar nenhum mal chegar a ele, se puder evitar.

Mairin apertou a mão de Rionna e soltou um suspiro exausto, que colocou Rionna em ação.

– Por favor, sente-se – pediu a Mairin.

Mairin assentiu, agradecida.

– Isabel vai querer comer logo. Estamos viajando desde a manhã de ontem.

Ewan ficou com medo de parar.

Rionna acenou para um dos homens que estavam parados por perto e pediu que colocasse mais lenha no fogo. Então, mandou uma das mulheres pegar a cidra.

– A refeição já será servida – ela disse a Mairin.

– Não me ache ingrata, mas a verdade é que prefiro ficar perto do fogo.

Estou muito cansada para ir à mesa e será mais confortável segurar Isabel aqui.

– Vou me sentar com você e segurar a bebê enquanto come – Rionna respondeu. – Os homens podem ficar à mesa, para que possam discutir os assuntos. É provável que fiquem lá a noite toda; então você e eu podemos fugir lá para cima que eles nem vão notar.

Mairin riu.

– É, acho que tem razão. Obrigada, Rionna. Você é gentil por cuidar de mim assim.

As bochechas de Rionna se aqueceram com o elogio da outra mulher. Então,

olhou para Caelen, esperando encontrá-lo entretido na conversa com seu irmão, mas, para sua surpresa, viu-o observando a ela e Mairin, com uma expressão bem peculiar no rosto.

Ela sorriu, hesitando. Ele assentiu em sua direção, mas seu olhar se demorou nela depois que ela parou de olhar.

– Precisa me contar como está sendo o casamento para você, Rionna. Devo confessar que parece muito bem. E feliz. Tem um brilho que não tinha antes.

Sempre foi uma moça linda, mas agora está brilhando como o sol.

Envergonhada com as palavras de Mairin, Rionna abaixou a cabeça e se esticou de maneira desastrada para Isabel, quando Sarah chegou com cidra em uma bandeja para Mairin.

A bebê gritou em protesto, mas depois aconchegou-se contra o peito de Rionna, quando ela a segurou firme. Mairin riu.

– Ela não é uma criança exigente. Qualquer peito dá certo. É divertido observar a cara de Ewan quando ela se aconchega no peito dele.

Rionna riu baixinho e tocou a ponta do dedo na palma da minúscula mão de Isabel. Imediatamente, a pequena curvou os dedos fortemente em volta do dedo de Rionna e o movimentou conforme seu olhar desfocado encontrou o dela.

– Ela é simplesmente linda, Mairin. – Rionna suspirou.

– Obrigada. Ela é um verdadeiro tesouro. Ewan e eu nos alegramos com ela todos os dias.

Era difícil segurar Isabel e não se imaginar segurando o próprio bebê nos braços um dia. Um filho ou uma filha com os olhos verdes de Caelen. É, seria perfeito.

Talvez ela já estivesse grávida.

Pensar nisso fez suas veias tremerem, chocando-a com a descoberta.

Será que já poderia estar carregando um filho dele? Passaram-se semanas desde que chegaram nas terras McDonald. Agora mesmo, uma criança poderia estar crescendo em seu ventre.

Ela deslizou a mão que segurava Isabel para a sua barriga chapada e espalhou os dedos. Era uma maravilha na qual ela não tinha pensado até então.

Ah, ela sabia que ter filhos era inevitável, se Deus escolhesse abençoá-los com esse presente, mas não tinha pensado que poderia acontecer tão logo, mesmo Caelen tendo garantido que ela teria um filho em um ano depois do casamento.

Rionna pensara que tal declaração orgulhosa era mera ostentação de um homem recém-casado.

Mordeu o lábio inferior e demorou-se assim ao contemplar as possibilidades. Sabia que era seu dever fornecer herdeiros para Caelen. Era um dever que ela tinha para com o seu clã também, fornecer-lhe o próximo laird.

Mas Deus sabia que ela não tinha certeza de estar pronta para essa função.

Não ficaria angustiada se demorasse um pouco mais para o seu ventre dar fruto.

Capítulo 20

Rionna estava quase dormindo quando Caelen recolheu-se. Na última hora, ela se mantivera sentada diante do fogo, bocejando, à espera de que ele viesse dormir.

Quando ele abriu a porta e entrou, olhou surpreso para ela. Então, suas sobrancelhas se uniram discretamente.

– Não deveria ter me esperado acordada. Está tarde e você precisa descansar.

Teria sido uma declaração atenciosa se ele não a tivesse acentuado com as sobrancelhas unidas.

Ignorando sua brutalidade, ela levantou-se e foi ajudá-lo a se despir. Ele ficou imóvel quando ela desamarrou os cordões de couro de sua calça. Tão imóvel que ela não sabia se ele estava respirando.

Quando os dedos dela passaram por sua barriga firme, ele recuou. Ela estava bem tentada a subir a mão para o seu tronco e seu peito, mas iria ajudá-

lo adequadamente primeiro.

Guiou-o em direção à cadeira de que acabara de sair e o fez se sentar. Ele observava, pelas pálpebras semiabertas, enquanto ela pegava sua túnica e a puxava por cima da cabeça, despindo seu peito largo e peludo.

Ela prendeu a respiração. O homem era lindo. Ela nunca vira alguém assim.

Com o dedo, seguiu uma cicatriz que cruzava seu ombro direito e baixou a mão para uma muito mais antiga e quase discreta em seu flanco esquerdo. Ela franziu o cenho e analisou-a. Era um ferimento causado por faca.

– Alguém te esfaqueou por trás – ela devaneou ao ajoelhar-se e olhar mais de perto.

Ele hesitou, com os músculos contraídos e rígidos. Seu perfil ficou paralisado ao encarar o fogo.

– É.

Ela esperou, mas ele não disse mais nada.

– Quem fez isso?

– Ninguém importante.

Ela inclinou-se para a frente e beijou a cicatriz. Surpreso, ele virou-se, erguendo o braço para não dar uma cotovelada na cabeça dela. Então, abaixou a mão para

o cabelo de Rionna e acariciou as mechas.

Passou os dedos pela mandíbula dela e, depois, segurou-lhe o queixo, erguendo-o de forma que ela olhasse para ele. Um olhar zombeteiro brilhou em seus olhos verdes.

– Mal reconheço a mulher diante de mim. Ela está quase agindo como uma esposa. O que aconteceu com a minha guerreira corajosa? Entrei e encontrei uma mesa elegante. A senhora do castelo deu as boas-vindas ao meu povo e interpretou a anfitriã para a esposa do meu irmão. E se já não fosse o suficiente, aguardou em meu quarto para me ajudar com uma mão gentil e uma boca macia?

Ela fez uma careta para ele.

– É verdade o que dizem sobre os homens.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Ahn?

– É, dizem que eles nunca sabem quando manter a boca fechada.

Ele riu e passou o polegar em seu lábio inferior, depois abaixou a boca até a dela, tocando-a de uma forma muito delicada.

– Fiquei orgulhoso hoje, Rionna. Você fala que não tem as graças sociais de uma dama e, mesmo assim, comportou-se como era esperado de uma esposa de laird.

– Eu não iria envergonhá-lo na frente de seu povo – ela sussurrou.

Ele a beijou de novo e afastou-se para tirar as botas. Quando o fez, ficou sentado ali, com os cordões desamarrados na cintura, sem camisa, com a pele brilhando com a luz do fogo. Ele era um banquete para os olhos dela, e ela estava determinada a tê-lo naquela noite.

– Estive pensando… – Rionna disse, enquanto seu olhar descia para a protuberância no ápice de suas coxas. Com apenas um pouco de encorajamento, ele se livraria de suas calças.

Caelen observou-a preguiçosamente. O brilho de diversão voltara ao seu olhar.

– É uma verdade universal que, quando uma moça diz que esteve pensando, um homem deve ficar desconfiado.

Ela moveu-se entre as pernas dele e subiu a mão por sua coxa, para segurá-

lo de forma íntima.

– Estive pensando que, já que prejudiquei uma região de sua anatomia da qual gostava, eu poderia compensar. Mas, se está desconfiado…

Ele prendeu a respiração.

– Não. Desconfiado, não. Nada desconfiado. – Então, segurou o queixo dela de novo, com o polegar acariciando o local onde seu hematoma estava desaparecendo. – Tem certeza de que é o que deseja fazer, moça?

O coração dela se apertou com a preocupação na voz do marido. Ele a tratara com o maior cuidado desde seu ataque. Só a tocara para confortá-la ou para se assegurar de que estava bem. Era quase como se estivesse preocupado em assustá-la ou lembrá-la dos homens que a machucaram, de alguma maneira.

– É meu desejo que você permita que eu faça do meu jeito esta noite.

– Seu jeito? A verdade é que vou permitir tal desejo toda noite se você quiser.

Ela colocou a mão dentro da calça dele e acariciou seu membro longo e rígido. A respiração dele se fez ouvir no silêncio. Ele segurou os ombros dela com ambas as mãos e levantou-se abruptamente. Em um segundo, havia rasgado o tecido que atrapalhava de seu corpo e jogado do outro lado do quarto.

O olhar dela subiu pelo corpo dele, tão primoroso, iluminado pelas chamas.

O corpo de um guerreiro, não de um rapaz. Muito musculoso. Cheio de cicatrizes. Rígido.

Depois olhou para sua protuberância, sua masculinidade, grossa e pesada, estendida no meio do volume de pelos.

– É uma visão destinada a seduzir um homem – Caelen disse rouco ao encará-la de joelhos aos seus pés.

Ela sorriu.

– Você gosta de uma mulher aos seus pés?

– Não sou idiota. Admitir isso seria o mesmo que dizer adeus às minhas bolas.

Ela movimentou-se e levantou-se, com as mãos roçando a parte de fora das coxas dele.

– Mas você gosta.

Ele gemeu quando ela segurou seu saco e massageou o peso na mão.

– Sim, eu gosto. Gosto muito. Não há visão mais doce que você entre as minhas pernas, de joelhos, pronta para me dar prazer.

Experimentando, ela circulou seu comprimento com a outra mão e acariciou suavemente. A verdade é que ela começara aquela sedução, mas não fazia ideia de como continuar. Keeley não havia entrado em detalhes; só lhe dissera o que fazer no começo.

Caelen era um homem que valorizava o controle. Gostava de vê-la de joelhos. Estava claro que gostava de uma esposa submissa. Era totalmente possível que a melhor sedução que ela poderia lhe dar era permitir que a conduzisse. E então não precisaria admitir sua ignorância nesse assunto.

– Me guie, marido – ela disse com uma voz rouca e doce que esperava ser agradável. – Me mostre do que gosta que a sua moça faça.

O brilho nos olhos dele deveria tê-la alarmado. Era uma luz feroz e animalesca, que causou um calafrio em sua espinha. Os dedos dele se enfiaram em seu cabelo e ele a puxou para trás o suficiente para que sua cabeça se inclinasse e seu pescoço arqueasse para a frente, enquanto ela o encarava.

– Quero você nua para que eu possa observá-la e saber que cada centímetro de sua beleza é meu.

– Então posso me levantar para fazer o que pediu, marido?

Ela assistiu ao desejo arder como brasa nos olhos dele e percebeu que o jogo

recatado que ela jogava agradava muito a seu marido. A complexidade da mente de um homem nunca parava de fasciná-la.

Sem aguardar pela resposta dele – afinal, não era necessário –, ela se levantou lentamente e recuou um passo, para que o calor da lareira cobrisse sua pele.

Escondendo o sorriso, ela virou-se até suas costas se mostrarem a ele, e então começou a desamarrar a faixa em sua cintura. Olhou por cima do ombro e o viu observando-a com uma fascinação ávida.

– Preciso de sua ajuda, marido.

As mãos dele tremiam contra a nuca dela, à medida que desamarrava seu vestido. Quando soltara o suficiente para que Rionna pudesse tirar as camadas de tecido, ela o deixou cair no chão e ficou parada, apenas com sua roupa de baixo.

Virando-se para encará-lo mais uma vez, ergueu os braços e colocou os dedos debaixo das alças em seus ombros. Então, hesitou antes de puxá-las bem lentamente, até que deslizassem sobre seus ombros e braços.

O decote parou em seus seios, mas com um puxão gentil, escorregou por seus mamilos e caiu aos seus pés.

– Agora posso cuidar de você, marido?

– Ah, sim, esposa. Sim, com certeza.

Ela ficou de joelhos na frente dele, descendo as mãos pela lateral de suas pernas. Memorizava cada curva, o pulsar de seus músculos, as pregas irregulares das novas e antigas cicatrizes.

Então, ela jogou a cabeça para trás e o encarou.

– Me mostre o que lhe dá prazer.

– Por Deus, você é linda, moça. Seus olhos brilham como um milhão de visões do pôr do sol. E sua boca, tão perfeitamente formada. Não posso mais esperar para sentir sua maciez em volta da minha pele.

Ele segurou sua ereção tensa com uma mão e a nuca dela com a outra, então se

guiou em direção à boca dela. Essa intimidade a chocou, embora não devesse. Afinal de contas, ele a amara completamente com seus próprios lábios e língua até ela transbordar de prazer.

A ideia de ela poder deixá-lo tão inconsciente quanto ela ficara a entusiasmava. Ela lambeu os lábios em um gesto nervoso assim que a cabeça de seu membro encostou em sua boca.

– Abra para mim, moça. Me coloque dentro de seu calor.

A fala arrastada e rouca do marido a tomou, trazendo seu corpo à vida com imagens que seu pedido invocava. Estava, ao mesmo tempo, nervosa e excitada. E inquieta. Queria esfregar o corpo no dele e ronronar de satisfação como um gato que é acariciado.

Rionna abriu os lábios e o tomou em sua língua. Os dedos dele esfregavam impaciente sua nuca e subiam por seu cabelo.

Ficando mais ousada e mais confiante com a reação dele, ela escorregou os lábios para mais perto da base, tomando mais dele em sua boca. Era uma sensação que nunca imaginou. Estremeceu dos pés à cabeça, seu corpo tenso e dolorido com a necessidade.

Deixando seus instintos a guiarem, ela começou a chupar levemente, usando a língua para atormentá-lo mais. Seu gosto era totalmente masculino, e um toque almiscarado dançava por suas narinas.

O som que vinha da garganta dele era de agonia. Sua mão apertou os cabelos dela, e ele tirou a outra mão de seu mastro e segurou o rosto dela, quando escorregou mais profundamente em sua boca.

– Nunca vi tanto fogo e doçura – ele disse entredentes. – Você é uma tentação, esposa. É verdade que está ajoelhada aos meus pés, mas, na prática,

eu é que fico ajoelhado diante de você.

As palavras dele fizeram seu poder feminino rugir. Ela sempre considerou que, de alguma forma, ficaria mais fraca se abraçasse sua feminilidade; no entanto, a verdade é que nunca se sentiu tão poderosa quanto naquele momento.

Ali estava aquele homem, um guerreiro valente, completa e totalmente ao seu dispor. Ela controlava o seu prazer, a sua dor e a sua satisfação com as próprias mãos.

Ela curvou os dedos em volta da base da masculinidade do marido e seguiu o caminho com a boca, para cima e para baixo, exercendo pressão enquanto o servia com seus lábios e sua língua.

Ele colocou ambas as mãos na cabeça dela, apertando e soltando, como se estivesse em uma agonia indescritível. O rosto dele contorceu-se em linhas duras e ele jogou a cabeça para trás, com os olhos fechados, enquanto empurrava os quadris para a frente.

Ela chupou até a cabeça e afastou sua ereção antes de se inclinar e pressionar os lábios e a língua na veia pulsante na parte de baixo. Lambeu uma trilha sensual da base até a cabeça antes de chupá-la outra vez.

Um líquido quente escorreu em sua língua quando o gemido tenso dele cortou o ar.

– Você vai ser o meu fim, esposa. Acabe com essa tortura, porque não aguento mais.

– Não sei do que está falando, marido – ela disse inocente. – É para você me mostrar o caminho.

Caelen esticou os braços para baixo, pegou os dela e ergueu-a, encontrando sua boca com uma pressa quente e impaciente. Sem fôlego. Primitivo. Sedutor e arrepiante.

Ela envolveu os braços no pescoço dele e respondeu ao seu beijo com o mesmo fervor.

Então, ele se virou e a carregou para a cama, sem deixar que suas bocas se afastassem.

– É o que mais gosto em você, moça. Não economiza no amor. Tem muita paixão e é muito selvagem em suas respostas.

Ela pousou com um barulho e ele foi para cima dela, pressionando-lhe o corpo

com urgência.

– E eu pensava que você gostava mesmo era do meu lado submisso – ela

zombou.

– É o pacote completo. Você consegue ser tão diabolicamente tímida quanto docemente inocente, que me deixa louco de desejo.

Ele beijou o pescoço de Rionna, molhando sua pulsação antes de mordiscar um caminho até sua orelha.

– Você não é uma moça egoísta. Se dispõe a fazer muito para me agradar.

Nunca tive uma mulher que coloque o meu prazer antes do dela.

Ela bateu no peito dele e fez careta.

– Agora não é hora de falar sobre outras mulheres, mesmo que eu seja melhor.

Ele riu e abaixou a boca até o seio da esposa. Agora, ela é quem gemeria enquanto ele chupava seu mamilo. Ele provocou bastante, chupando e mordiscando, alternando até ela se contorcer debaixo dele e implorar para que ele acabasse com aquele tormento.

– Pensei em como você pode me agradar agora, esposa.

Ela o olhou com desconfiança, enquanto ele brincava com seus seios, tocando os montes e traçando linhas ao redor dos mamilos.

– Você tem seios lindos. Tão lindos. Aposto que são os seios mais perfeitos que já vi.

– Comparando de novo – ela resmungou. – Parece que é seu destino ser prejudicado naquela região de sua anatomia que tanto ama.

Ele sorriu e rolou, trazendo-a para cima de si, fazendo-a esparramar-se de forma indelicada sobre o seu corpo, com o cabelo caindo em seu peito.

– Estou tentando fazer uma homenagem à sua beleza.

– Talvez pudesse somente dizer que sou linda, que meus seios são incomparáveis e que meu rosto vale um poema. Não precisa mencionar outras mulheres.

– Você é linda. Seus seios são incomparáveis. Muito, muito incomparáveis…

Ela bateu no peito dele e deu risada.

– Chega. Agora me diga como eu posso te agradar.

– É bem simples – ele murmurou ao curvar os dedos nos quadris dela.

Então, ergueu-a e posicionou-se de forma que sua ereção ficasse pressionada em sua abertura. Os olhos dela se arregalaram ao perceber a intenção dele. –

É só você descer… aqui… – Ele respirou fundo quando escorregou para dentro dela. – Agora, cavalga em mim.

Ela apertou as palmas das mãos nos ombros dele, seu corpo todo tenso ao ajustar-se à posição não familiar.

– Com certeza, não fazem isso – ela sussurrou ao encarar os olhos dele, enevoados de prazer.

– Não me importo se fazem isso. Fazemos aqui.

– Alguns podem me considerar indecente por me envolver nessas atividades

– ela disse cerimoniosa.

Ele gemeu e fechou os olhos quando ela desceu por seu membro.

– Não me importo com o que os outros pensam. Só com o que eu penso. E

penso que você cavalgar em mim é a coisa mais desejável que encontrei na vida.

– Ah, é muito bom – ela murmurou ao inclinar-se para a frente. – Viu? Você não arruinou tudo dizendo que eu o cavalgo melhor que outras mulheres.

O corpo dele tremeu com a risada e ele envolveu os braços nela, a fim de puxá-la para baixo, para seu peito.

– Essa foi uma omissão fácil, já que você é a única moça que teve a mim entre os joelhos assim.

– Então, devo tornar a experiência memorável.

– Com certeza. De todo jeito.

– Quero que perca os sentidos – ela avisou ao tomar a boca dele na sua. E

beijou-o intensamente, enroscando a língua molhada na dele.

– Moça, se me fizer perder mais os sentidos, vou me tornar um idiota espumando pela boca.

Imitando as ações anteriores dele, ela raspou os dentes em seu pescoço e subiu, beijando até sua orelha. Ele ficou ainda mais rígido dentro dela, esticando-a até ela estar insuportavelmente tensa em volta dele. Uma fricção bem deliciosa. Ela moveu-se o mínimo e ambos suspiraram quando ela engoliu com força toda a extensão de seu mastro.

Os braços dele eram tão fortes em volta dela. Faziam-na sentir-se segura.

Protegida. Cuidada. Era uma sensação maravilhosa. Uma sensação que ela não queria que acabasse.

Montada em seu guerreiro, ela não se sentia pequena e insignificante. O

olhar nos olhos dele, o corpo dele se contorcendo lhe dizia que ele estava adorando sua sedução indecente. E, naquele momento, era tudo que ela desejava. Agradá-lo e fazê-lo querer mais do que já quis com outra mulher.

Se ela tivesse o próprio jeito, ele nunca mais pensaria em outra mulher.

Aquela que ele costumava amar seria esquecida, aquela que o traíra. Rionna provaria a Caelen que era corajosa e leal e que nunca titubeava.

Ele a amaria. Era um juramento que fazia a si mesma.

Ela lhe daria todo motivo para amá-la. Lutaria ao lado dele para tornar seu clã forte, mas também seria uma esposa adequada, a esposa que sabia ser na

privacidade de seus aposentos. Até controlaria seu comportamento fora do quarto, se era uma esposa mais submissa que ele queria.

– Quanto está perto de seu prazer, esposa?

– Não importa – ela sussurrou contra a boca dele. – O que importa esta noite é o seu prazer.

– Seu prazer é meu prazer – ele murmurou de volta.

Ah, mas o homem sabia exatamente como capturar o coração de uma mulher.

– Então acho que não está longe. A verdade é que, cada vez que eu me mexo, sinto como se tivesse rolado por uma montanha íngreme.

– Então deixe rolar, moça, porque eu já estou com um pé naquele pico.

Ela fundiu sua boca na dele, quando os braços de Caelen se apertaram ao seu redor. Rionna balançou para a frente e para trás, gemendo na boca do marido à medida que uma alegria quente inundava suas veias, sussurrando para ir mais fundo, para ter prazeres mais obscuros.

Ele segurou os quadris dela, cravando os dedos na sua bunda. Ela tinha certeza de que ficaria marcada no dia seguinte, e isso só aumentou sua excitação.

Caelen assumiu o controle, colocando-a para baixo quando copulava para cima em seu corpo. Quente e escorregadio. O barulho do contato de pele contra pele ecoava pelo aposento. Seus suspiros e gemidos baixos aumentavam de forma erótica e dançavam no ritmo das chamas da lareira.

Ele desceu-a com força e segurou-a firme, tão firme que ela se sentiu esticada em lugares que ele nunca alcançara antes. A mão grande dele se espalhou pela bunda dela, e ele apertou e acariciou, com um toque firme e possessivo.

Incapaz de ficar parada, ela balançou-se e contorceu-se sobre ele, apertando-se e ondulando até perder a noção do que estava fazendo.

Quando finalmente recuperou a consciência, esparramou-se frouxamente no peito de seu marido, com o cabelo cobrindo o rosto conforme ele passava uma mão ociosamente para cima e para baixo em suas costas, em um movimento

tranquilizador e carinhoso.

Eles ainda estavam intensamente unidos. De fato, ele ainda estava duro dentro dela, mesmo havendo a sensação pegajosa entre eles, que dizia a ela que ele também encontrara seu alívio.

Ele beijou o topo de sua cabeça e, gentilmente, tirou seu cabelo do rosto.

– Descobri que gosto desse seu lado submisso, esposa. É prazeroso quando você obedece a todas as minhas ordens.

Ela resmungou com o divertimento na voz dele, mas estava muito saciada e cansada para mover um músculo sequer.

– E você é um bom travesseiro, marido. Planejo dormir aqui esta noite.

O abraço dele se apertou em volta dela e seu mastro pulsou mais uma vez dentro dela.

– Que bom, porque não tenho planos para que você se mexa.

Capítulo 21

Rionna acordou com mãos em seus quadris e um mastro rijo entrando em sua abertura. Ela arfou e despertou totalmente, piscando quando o prazer deslizou por seu corpo.

Ela estava de barriga para baixo na cama, com o rosto para o lado e as pernas para a lateral da cama. Suas costas estavam erguidas no ar, sendo seguradas pelos braços firmes do marido.

Caelen estava em pé atrás dela, montado nela, enfiado profundamente em seu corpo. Ele não disse uma única palavra ao empurrar de novo e de novo nela.

A intensidade do silêncio dele só fazia a excitação de Rionna ir às alturas.

Ele estava firme, obstinado. O amante atencioso e cuidadoso de antes fora substituído por um guerreiro feroz, obcecado com a satisfação de seu próprio desejo.

O alívio dela, quando veio, a surpreendeu. Foi tão rápido, e tão direto, que lhe tirou o fôlego, deixando-a ofegante e jogada na cama.

Ainda assim, ele a segurava no alto, apoiando-a conforme continuava a entrar nela, sem parar. O prazer se agitou mais uma vez dentro dela, aumentando e tensionando seu corpo outra vez.

Ele inclinou-se sobre ela até fazê-la sentir a veia de todo o seu músculo. A tensão varreu o corpo dele e foi drenada para o dela. Então, ele soltou seus quadris e colocou as mãos na lateral dos ombros dela, fazendo-a cair para a frente, e veio junto, ainda investindo profundamente.

Um arrepio rolou por ele, que paralisou fundo dentro dela. Ele pulsou e o calor a inundou, facilitando sua passagem. Rionna ficou molhada em volta dele e gemeu baixinho quando ele se tensionou contra ela.

Então, Caelen levantou-se o suficiente para dar um beijo gentil no meio de suas costas, e sussurrou:

– Agora durma. Ainda é muito cedo para você se levantar.

Ele saiu de dentro dela e, um instante depois, voltou com um pano úmido e a



limpou. Quando terminou, posicionou-a apropriadamente na cama e cobriu-a com as peles pesadas.

Ela ouviu quando ele se trocou no escuro e colocou mais lenha na lareira, alimentando o fogo até as chamas queimarem brilhantes. Então, saiu em silêncio do quarto, deixando-a dormir de novo.

Ela aconchegou-se mais no calor, seu corpo ainda formigando pela possessão autoritária. Dessa vez, quando voltou a dormir, um sorriso curvou seus lábios.

– Acordou tarde esta manhã, Caelen – Ewan disse quando Caelen entrou no salão.

Caelen olhou para o irmão, que estava sentado perto do fogo quebrando o jejum.

– Fui detido.

Ewan conteve um sorriso e assentiu.

– É, é interessante como isso acontece quando um homem é casado, não é?

– Cale a porra da boca – Caelen rosnou.

Ewan ficou sério quando Caelen se sentou e gesticulou para que enchessem seu cálice.

– Não vou me demorar, Caelen. Quero chegar a Neamh Álainn assim que possível. Cameron usaria esta oportunidade para nos atacar enquanto viajamos. Deixamos as terras McCabe no meio da noite e viajamos, direto sem parar. Planejo fazer o mesmo esta noite.

– Há algo que eu possa fazer?

Ewan balançou a cabeça negativamente.

– Não, você tem muita coisa a fazer aqui. Como foi até agora? Como Rionna ficou depois do ataque?

Caelen franziu o cenho.

– A moça apanhou muito. Foi um ataque covarde, com a clara intenção de me deixar bravo a ponto de fazer alguma tolice. Cameron quer me atrair para ele. Não tem desejo de lançar um ataque no inverno. Permanece atrás dos muros de seu castelo, quente e farto de comida, enquanto contrata mercenários para fazer seus atos covardes por ele.

– Teve alguma sorte no treinamento dos soldados McDonald?

Caelen suspirou.

– Eles trabalham duro e são aplicados. Não que não sejam soldados valiosos. Só não tiveram treinamento adequado até agora. É difícil corrigir anos de ineficiência em poucas semanas.

Ewan bateu a mão no ombro do irmão.

– Se alguém pode fazer isso, esse alguém é você. Tenho toda fé em sua habilidade para moldar seus homens em um exército formidável de guerreiros.

– Como está Alaric?

– Ele assumiu os deveres de laird como se tivesse nascido para esse cargo.

O clã está em boas mãos. Será um bom laird, e Keeley será um crédito para ele.

– Bom saber que ele está feliz – Caelen murmurou.

Ewan olhou diretamente para seu irmão mais novo.

– E você, Caelen? Está satisfeito com o casamento e a posição de laird?

Caelen pensou por um instante. Não tinha parado para analisar se estava ou não satisfeito com sua esposa e seu clã. Teve de lidar com muita coisa. Será que estava feliz? Antes, não pensava em sua felicidade, não importava se estava feliz. O que contava era apenas a aliança que seria mantida e que ele seria capaz de ajudar seu irmão na luta contra Duncan Cameron.

Feliz?

Ele franziu o cenho.

– Não quis te fazer cair em uma armadilha com essa pergunta – Ewan disse secamente.

– Não importa se estou feliz. O que importa é que temos a força para destruir Cameron. Tenho mais motivo do que nunca para querer o sangue dele.

– Você tem, sim – Ewan concordou. – Todos temos. Ele prejudicou muito nossos clãs. Nossas esposas.

– Ele matou nosso pai.

Ewan suspirou.

– Não pode continuar se culpando por isso, Caelen.

– Não me torturo. Eu era jovem e tolo, e todos pagamos o preço. Os sinais

estavam lá para eu ver, mas, de propósito, me ceguei para eles e o nosso clã pagou o preço. Perdemos o pai, e você, a esposa. E Crispen perdeu a mãe.

– Nunca culpei você – Ewan disse em voz baixa. – Nenhuma vez. Se Elsepeth não tivesse feito, Cameron teria encontrado outra forma.



Impaciente por trazer o passado à tona, Caelen acenou para pararem. Não gostava de se lembrar de como fora infantil e idiota. Elsepeth encontrara nele um alvo fácil. Fez sua cabeça, seduziu-o e o manteve sob seu feitiço. Ele teria feito qualquer coisa por ela.

Ele a amava.

Ainda estremecia por admitir isso, mas nunca conseguira esquecer seus pecados do passado. Havia sido um erro que não cometeria de novo. Lidar com uma mulher exigia uma cabeça segura, sem emoções nebulosas.

– Está disposto para fazer um pouco de exercício ou o casamento e a paternidade o tornaram mais mole? – Caelen desafiou.

Os olhos de Ewan brilharam.

– Está preparado para ser humilhado diante de seus homens?

– Pode tentar, com certeza, velho – Caelen bufou.

Rionna espreguiçou-se com languidez antes mesmo de abrir os olhos. Era uma manhã maravilhosa. Seus pés estavam torrados de tão quentes, e ela não sentia a menor vontade de se levantar da cama.

Então, abriu os olhos e piscou, sonolenta, espreguiçando-se de novo. Virou-se de lado e seu olhar descansou em um par de botas de couro no chão, ao lado da cama.

Ela piscou mais rápido e sentou-se, puxando as cobertas até os seios.

Botas novas. Não só novíssimas, mas forradas com pele.

Ao lado delas, uma capa perfeitamente dobrada forrada com pele e capuz.

Seus pés tocaram o chão e ela mergulhou naqueles tesouros. Pegou uma bota e virou-a, e virou de novo, inspecionando a costura excelente e o trabalho feito à mão. Então, enfiou a mão e suspirou com a sensação luxuriosa da pele quente.

Com um gritinho de prazer, apertou as botas e a capa em seu peito e dançou pelo quarto.

Parou diante do fogo e enterrou o rosto na pele macia. Que coisa muito, muito maravilhosa que o Caelen fez. Como ele tinha colocado as mãos em coisas tão finas?

Sem conseguir esperar mais um minuto para prová-las, colocou o vestido

apressadamente e sentou-se na cama para calçar as botas.

Fechou os olhos e suspirou tolamente quando seu calcanhar escorregou na bota. Levantou-se e andou pelo quarto, testando a sensação e o tamanho.

Serviam perfeitamente. Nem muito grandes nem muito pequenas.

Correu até a janela, jogou as peles de lado e colocou a cabeça para fora.

Flocos de neve escorregavam preguiçosamente pelo céu e se amontoavam no solo. Era um dia perfeito para testar seus novos tesouros.

Com um sorriso, Rionna girou, vestiu a capa e saiu apressada do quarto.

Fora negligente ao não verificar o salão para certificar-se de que seus hóspedes estavam sendo servidos, mas não se importou. Caelen estaria lá fora com os homens, como estava todos os dias, e era ele quem queria ver.

As botas rangiam sobre a neve, mas nenhuma umidade entrava em seus dedos nem havia sinal de frio em volta de seus pés.

Caelen estava parado com seu irmão, e era óbvio que iam lutar. Ela estava tão animada, que nem pensou se era um momento apropriado para interromper.

– Caelen! – ela gritou ao se aproximar.

Assim que ele virou na direção da voz dela, ela lançou-se sobre ele, que, de tão surpreso, cambaleou para trás, mesmo tendo segurado-a, e ambos caíram na neve.

– Por Deus, mulher, qual é o problema? Alguém se machucou?

Rionna sentou-se em cima do marido, e sorria tanto, que suas bochechas doíam. Ela inclinou-se para baixo e, pegando o rosto dele nas mãos, encheu-o de beijos. Então, grudou seus lábios nos dele, em um beijo quente e vigoroso que, certamente, fez seus dedos dos pés se dobrarem em suas botas novas.

– Obrigada – ela disse rouca. – Eu amei. É o melhor presente que alguém já me deu.

Todos os homens que se juntaram em volta deles riram, divertindo-se com a cena, mas ela ignorou-os e desvencilhou-se do marido, que parecia atordoado e confuso com o que acabara de acontecer.

– Vou deixá-lo com seus deveres – ela disse, não sem antes presentear os homens com um sorriso deslumbrante e fazer uma reverência perfeita na direção de Ewan.

Arriscou mais um olhar para Caelen, que ainda estava deitado, esparramado na neve, com uma expressão de total perplexidade no rosto, e depois virou-se e voltou correndo para o castelo.

Caelen piscou e ficou olhando para a sua esposa, vendo-a correr pela neve.

Então, olhou em volta, para os homens que se aglomeraram ao seu lado, e franziu o cenho para a expressão divertidas deles.

Ewan ficou de lado, mordendo os lábios para não rir alto, e estendeu uma mão para Caelen.

– Acho que Rionna gostou dos presentes.

Caelen segurou a mão de Ewan e levantou-se da neve.

– Por Deus, a mulher não tem autocontrole – ele murmurou.

Ewan riu baixinho e deu um tapinha no ombro de Caelen.

– Diria que você marcou alguns pontos com a moça. Tenho certeza de que todos entenderemos se quiser se retirar por um tempo.

A risada dos guerreiros reunidos aumentou, e Caelen fechou ainda mais a cara. Então, socou Ewan diretamente no estômago, satisfeito quando seu irmão soltou um gemido de dor.

– Por que fez isso? – Ewan perguntou.

– Vingança pelo tempo que fazia o mesmo comigo quando eu alfinetava você por sua esposa.

Ewan riu enquanto esfregava sua barriga.

– Acredito que esteja falando de quando disse que eu estava perdendo as minhas bolas. Estranho, porque parece que você sofre a mesma aflição quando o assunto é uma certa moça de cabelo dourado.

Caelen foi bater nele de novo, mas Ewan esquivou-se, e ambos caíram na neve. Os homens avançaram e gritaram, instigando mais os dois irmãos, e começaram a fazer apostas. A neve começou a voar.

Capítulo 22

Crispen jogou os braços em volta da cintura de Rionna, surpreendendo-a com sua exuberância. Era uma criança doce, mas um garoto tipicamente barulhento. Ela beijou o topo de sua cabeça e ele se afastou para atacar seu tio Caelen.

– Adeus, Rionna, e obrigada por sua hospitalidade – disse Mairin ao abraçar a cunhada.

Rionna deu-lhe um beijo no rosto e, afastando um pouco um dos pequenos cobertores que envolviam Isabel, acariciou a bochecha macia da pequena. Oh, mas bebês tinham um cheiro tão bom! Isso a preencheu com o desejo de ter o seu próprio bebê, então ela balançou a cabeça pela vontade repentina.

– Boa viagem, Mairin. Vou rezar por você e por Isabel.

Mairin sorriu e foi despedir-se de Caelen, enquanto Ewan esperava ao lado dos cavalos. Rionna assistiu, achando graça do encantamento de Caelen ao observar a filha minúscula de seu irmão.

Havia algo poderoso no fato de um guerreiro ficar de joelhos por um bebê, e Rionna conteve o riso quando Caelen balbuciou algumas palavras sem sentido para Isabel. Ele continuava prometendo cortar a cabeça de todos os homens que a importunassem no futuro.

Rionna e Mairin reviraram os olhos. Pelo menos ele não sugerira outra região da anatomia masculina.

Ewan e seus homens montaram. Caelen ergueu Mairin e Isabel, colocando-as no cavalo de Ewan, que as envolveu com os braços de forma segura, e deu a ordem de partir.

Eles deixaram o pátio, passando pela ponte de madeira, e adentraram a noite sem lua.

Caelen retornou para Rionna um instante mais tarde.

– Está tarde, devemos nos retirar agora.

Ela assentiu e deixou que ele pegasse seu braço ao levá-la para dentro. Na base da escada, ele parou para discutir os eventos do dia seguinte com

Gannon, enquanto Rionna continuou a subir.

Ela tinha planos para o marido naquela noite. Planos ousados, que nenhuma dama deveria ter, o que a deixava mais empolgada.

Assim que entrou no quarto, rapidamente adicionou lenha ao fogo e esticou as peles na cama. Logo, ouviu o passo pesado de seu marido nas escadas e, depois, bem do lado de fora.

Ela virou-se, escondendo o sorriso, para que suas costas fossem apresentadas quando Caelen entrasse no cômodo.

– Rionna, há algo que precisamos conversar – ele começou austero.

– Hmmm, pode me ajudar com o meu vestido?

Ela virou-se a tempo de vê-lo franzir a testa, mas ele cruzou o quarto e começou a soltar os botões do vestido dela.

– Agora, o que queria conversar, marido?

Ele pigarreou.

– Há certas coisas que não deveriam ser feitas na frente dos outros.

Ela baixou as mangas do vestido e, segurando o corpete quase em cima dos mamilos, virou-se e encarou-o inocentemente, permitindo que um lado deslizasse e lhe despisse o bico do seio.

– Como o quê?

O olhar dele seguiu para baixo e ele prendeu a respiração, precisando de um instante para continuar.

– Demonstrações de afeto deveriam ser guardadas para nossos aposentos privados.

Ela virou-se de novo e deixou o vestido cair, pisando fora dele e pegando a camisola. Então, inclinou a cabeça, de modo que seu cabelo roçasse sua bunda, e arqueou-se, como se estivesse se alongando, antes de jogar o vestido de lado, parecendo mudar de ideia.

– Essas demonstrações nunca são apropriadas diante de meus homens –

Caelen continuou com uma voz estrangulada.

Rionna virou-se mais uma vez e deu um passo para a frente, a fim de soltar as amarras das calças dele.

– Sim, marido, sei que tem razão… Nenhuma demonstração de afeto na frente dos outros; é inconveniente.

Ela enfiou a mão e segurou seu saco pesado, apertando-o gentilmente.

– Não é só… O que está fazendo, esposa?

Ela acariciou para cima e para baixo e, então, tirou a mão.

– Estou te despindo. É meu dever, não é?

– Bem, sim… às vezes. Mas neste momento é importante que conversemos.

– Ah, concordo. Continue. Onde estava? Ah, sim, você dizia que não é só…

Não é só o quê?

Ele franziu o cenho e balançou a cabeça quando a mão dela passou pelo peito dele e começou a puxar sua túnica.

– Não é só inconveniente, é questão de respeito. O respeito dos homens por mim. Não posso exigir o respeito deles se estou caindo no chão com a minha esposa.

Ele fez outra expressão severa, mas ela puxou as calças dele e libertou seu membro com um aperto guloso.

– É permitido que eu caia no chão com você na privacidade do nosso quarto?

As sobrancelhas dele se uniram, confuso.

– O quê?

Ela enganchou a perna atrás do joelho dele e deu-lhe um golpe poderoso, que o fez tropeçar para trás, contra a cama, e cair de costas.

Ela subiu nele e o encarou, triunfante.

– Agora, o que estava dizendo, marido? Sempre sou obediente e estou esperando suas instruções.

Ele colocou as mãos atrás da cabeça.

– Eu não estava dizendo merda nenhuma. Nadinha. Continue, esposa.

Ela sorriu satisfeita.

– É o que pensei que diria. – Ela abaixou a boca na dele conforme esticou o

braço para pegar seu membro e colocá-lo em sua abertura.

Quando se enfiou profundamente no corpo receptivo de sua esposa, ele prendeu a respiração e murmurou contra a boca dela:

– Você tem a minha permissão para cair comigo em qualquer lugar e quanto quiser.

Capítulo 23

Rionna observava o pátio com uma expressão nada feliz enquanto Caelen chamava a atenção de um grupo de guerreiros. Os homens McDonald não estavam contentes com a repreensão de Caelen e muitos deles olhavam desafiadoramente para seu novo laird, enquanto outros lançavam olhares carrancudos em sua direção e o desafiavam abertamente, virando-se de costas.

Simon e Hugh faziam o melhor que podiam para apoiar o laird, mas até mesmo eles não tinham sucesso em amenizar a raiva dos outros.

Era difícil ouvir que eles eram considerados inferiores. Era ainda mais difícil ouvir que não estavam se esforçando o suficiente e que lutavam como mulheres.

Aquela última frase irritara profundamente Rionna, considerando que ela lutava melhor que a maioria dos homens. Não havia necessidade de insultar as mulheres para ressaltar as imperfeições dos homens.

Por uma semana agora, desde a partida de Ewan, Caelen trabalhara com os homens do nascer do sol até noite adentro. Os guerreiros expressavam cada vez mais seu desprazer e ficavam mais desafiadores a cada dia. Rionna temia que, se as coisas continuassem como estavam, Caelen teria uma rebelião geral nas mãos.

Ela estremeceu e saiu de perto da janela. Não queria que Caelen soubesse que o observava. Ele tinha ideias muito distintas de como lidar com os homens e não toleraria nenhuma interferência. A verdade é que ela queria intervir e acalmar os guerreiros, lembrando-os do motivo pelo qual estavam lutando, e Caelen, provavelmente, sabia quanto ela estava tentada a fazer isso, pois avisou-a que não toleraria nenhuma intervenção de sua parte.

Contra vontade, ela caminhou de volta para o grande salão e ficou perto da lareira, abafando o bocejo que a tomou. Estava exausta até o último fio de

cabelo, e Deus sabia que ela não tinha feito muita coisa naquele dia.

Essa indisposição já vinha com ela há alguns dias. Primeiro, ela preocupou-se, achando que poderia estar ficando doente, mas não sofria de nenhum mal-

estar além do cansaço. A verdade era que seu marido interferia em seu sono com suas exigências insaciáveis, às quais ela correspondia com as suas próprias.

Ela acordava toda manhã antes do nascer do sol com ele dentro de si, possuindo-a com uma determinação implacável. Depois de tomá-la bruscamente, ele sempre lhe dava um beijo gentil e saía do quarto, deixando-a dormir.

Começavam e terminavam a noite com amor.

Ela bocejou de novo e pensou se não deveria se retirar um pouco mais cedo, para se preparar para a noite vigorosa de amor que sabia que teriam.

Não sabia como Caelen conseguia sobreviver às demandas de treinamento diárias com pouquíssimo sono.

Esticou as mãos em direção ao fogo, para amenizar o frio que se instalara, e encarou as chamas conforme seus olhos foram ficando cada vez mais pesados.

Ela não costumava ser tão desatenta.

Rionna saiu de seu nevoeiro quando Gannon entrou no salão.

– Milady, Caelen está pronto para a sua aula. Disse que, se a senhora quiser praticar, precisa se apressar. Ele só planejou uma hora para a senhora hoje, enquanto os homens estão no intervalo.

Rionna franziu o cenho.

– Ele nunca faz um intervalo?

Gannon olhou-a de modo esquisito, como se a pergunta dela fosse ridícula, e ela supôs que fosse mesmo. Caelen tinha uma energia sobre-humana.

– Deixe-me pegar minha espada – ela disse.

– Eu pego para a senhora, milady. Vá para Caelen.

Rionna murmurou um agradecimento e apressou-se em direção à porta, fazendo uma careta ao pisar na neve. Caelen lhe daria um sermão por ter se esquecido da capa, mas era muito mais fácil lutar sem ela.

Ele a esperava no limite do perímetro da área de treinamento, onde praticavam todos os dias. Rionna nunca ficara tentada a desistir, mas, naquele dia, daria qualquer coisa para voltar para a cama e ficar lá o restante da tarde.

Recusava-se a dizer uma única palavra sobre isso para Caelen. Havia lutado muito para fazê-lo concordar que continuasse praticando com a espada e não lhe daria motivo para proibi-la disso de novo.

– Cadê a sua espada? – ele perguntou, impaciente.

O humor dele estava péssimo, ele estava impiedoso naquele dia. Ela quis

resmungar, mas mordeu o lábio.

– Gannon foi pegar.

Caelen lançou um olhar impaciente por cima do ombro e voltou-se para ela.

– Vamos praticando sem armas até ele chegar. Se perder sua espada na batalha, precisa confiar em seus instintos e em suas habilidades sem armas para permanecer viva.

Ela olhou com cautela para o brilho nos olhos dele. Ele estava querendo uma briga, mas ela não lhe daria isso. Ele a esmagaria como um inseto.

Ela quase esmoreceu de alívio quando Gannon apareceu e lhe entregou a espada. Caelen pareceu um pouco desapontado.

– Não me decepcione hoje – Gannon murmurou antes de recuar.

– Vou tentar o meu máximo – Rionna disse com bastante sarcasmo.

Assim que sua mão se curvou no cabo da espada, ela soltou um grito e avançou. A surpresa cintilou nos olhos de Caelen um milésimo antes de a satisfação aparecer.

Ele recebeu o ataque, e ela ficou chocada quando bloqueou o golpe poderoso dele. Seus dentes ameaçavam vibrar para fora da cabeça.

Lutaram furiosamente por alguns minutos, mas a força dela rapidamente se esvaiu. Cada movimento era como se arrastar na lama, e seus braços ficavam mais pesados a cada segundo que passava.

Rionna teve de recuar quando ele avançou, rodopiando a espada em volta da cabeça e abaixando-a rapidamente em um golpe. Ela bloqueou, depois deu um passo para trás conforme sua espada caiu precariamente.

A ponta baixou e fincou na terra. A visão de Rionna ficou embaçada e ela segurou o cabo da espada com ambas as mãos, apoiando-se nela para não cair.

O olhar de surpresa e de preocupação de Caelen entrava e saía de seu campo de visão à medida que a escuridão se alastrava.

A moça caiu de joelhos, ainda segurando a espada, e balançou para o lado, caindo na neve ao perder a consciência.

Caelen a alcançou ao mesmo tempo que Gannon. Ambos se ajoelharam, e Caelen colocou os braços debaixo dela, erguendo-a antes que a umidade molhasse suas roupas.

Seu coração retumbava, batendo contra o peito como um bastão. Será que a tinha ferido? Será que batera nela em algum momento? Com certeza, teria percebido se o tivesse feito.

Perdera a concentração na hora que menos poderia tê-lo feito. Estava

lutando com sua esposa, não com um guerreiro do mesmo tamanho e força. Ele estava pensando nas dificuldades com os homens e em como resolvê-las, em vez de tomar cuidado e garantir que sua esposa não se machucasse.

Ele a puxou para mais perto, segurando-a firme contra o peito, enquanto corria pela neve em direção à entrada do castelo. Ignorou os gritos assustados ao seu redor e subiu as escadas correndo. Gannon vinha logo atrás.

Entrou no quarto e, com cuidado, deitou Rionna na cama. Então, começou uma análise completa da cabeça aos pés, procurando algum sinal de ferimento, e o

que encontrou o deixou confuso.

Não havia uma única marca na moça. Sem sangue. Sem hematomas. Sem nada que justificasse ela ter perdido a consciência. Ele teve a impressão de que ela simplesmente desmaiara. Será que estava doente? – Chame Sarah –

Caelen ordenou a Gannon –, e diga para ela se apressar.

Quando Gannon saiu, Caelen tocou o rosto pálido de Rionna e xingou baixinho. Ele nunca deveria ter permitido aquela tolice.

– Rionna. Rionna. Moça, acorde.

Ela não se mexeu, e ele ficou ainda mais preocupado. E se ela estivesse gravemente doente? Teimosa como era, ela provavelmente não lhe diria nada.

Ele olhou para cima aliviado quando ouviu um barulho no corredor. Sarah entrou correndo, seguida por Neda, que servia como cuidadora.

– O que aconteceu, laird? – Neda perguntou.

Caelen levantou-se para que as mulheres pudessem se aproximar de Rionna e examiná-la.

– Não sei – ele admitiu. – Estávamos lutando e ela desmaiou. Não encontrei nenhuma marca de ferimento.

– Aguarde no corredor, laird – Sarah disse, gesticulando para que Caelen saísse do quarto. – Nos dê um pouco de espaço. Vamos cuidar da moça.

Suspeito que não seja nada sério. Ela tem andado cansada ultimamente.

Caelen franziu o cenho e, relutantemente, permitiu que Gannon o guiasse para fora do cômodo. Ele não se dera conta de que Rionna estivesse se sentindo cansada. A culpa se amontoou em sua mente. Ele a acordava cedo toda manhã com suas exigências e a mantinha acordada até tarde da noite. Não pensara em seu sofrimento. Ela se tornara uma necessidade que ele não conseguia explicar.

Ele acordava ao lado dela, precisando dela, querendo-a tanto que não era mais o desejo que o motivava. Era uma necessidade em suas entranhas de

possuí-la, para marcá-la na pele dele.

E no fim do dia, estava ansioso e impaciente para se retirar para o quarto, onde se revezavam em ser o agressor. Seus momentos favoritos eram quando ela subia nele, muito determinada a tomá-lo.

Ele era possessivo, sim, mas ela também era, e Caelen decidira que gostava muito disso.

– Por que estão demorando? – Caelen soltou, ao andar de um lado para outro diante da porta.

– Só se passaram alguns minutos – Gannon disse. – Tenho certeza de que a moça está bem. Ela pode ter passado mal. Talvez tenha sido algo que comeu.

– Sarah disse que ela andava cansada. Por que não reparei nisso?

– Você esteve ocupado treinando os homens. Não há tempo para reparar em muito mais coisa. Ela é uma moça forte, não tenho dúvida de que em breve estará em pé e chutando a sua bunda de novo.

Caelen franziu o cenho e balançou a cabeça, mas antes que ele verbalizasse que não iria permitir que ela voltasse a lutar, a porta se abriu e Sarah colocou a cabeça para fora.

– Gostaria de falar com o senhor, laird. Aqui fora, já que a moça está acordada agora.

– Ela está bem? – Caelen perguntou. – Gostaria de me certificar disso eu mesmo.

– Não vá se empolgando – Sarah disse, erguendo uma mão. – A moça está bem, nada que um pouco de descanso não cure. Suspeito que você não soubesse que ela está carregando.

– Carregando o quê? – Caelen a olhou estupefato.

– Um bebê. Ela está grávida – Sarah respondeu, virando os olhos para cima.

Caelen ficou ali, processando o que Sarah acabara de relatar, mas não conseguia raciocinar direito. A fúria tensionava seus músculos, e ele balançou a cabeça pela

ousadia de sua esposa. Sarah, obviamente, pensava que a reação de Caelen ao fato era um pouco estranha, mas, naquele momento, ele não se importava com isso; queria mesmo era puxar as orelhas de sua esposa, assim que ela estivesse bem recuperada de sua fraqueza atual.

Ele virou-se para Gannon e apontou para a porta.

– Ela não pode sair deste quarto pelo resto do dia nem se levantar da cama.

Cuide disso.

Então, virou-se e seguiu pelo corredor. Teve uma necessidade repentina de

derramar um pouco de sangue, não importava de quem. Aguentara o suficiente dos homens McDonald e de sua relutância inconveniente em trabalhar para moldar-se em uma força de luta decente.

Era uma vergonha que sua esposa fosse mais homem que eles.

Capítulo 24

– Normalmente, não a encorajaria a contradizer seu marido, mas os homens pensam que ele fez algo que a machucou, moça, e a verdade é que não estão felizes com o que aconteceu. Se a senhora não aparecer, é provável que o laird tenha uma multidão rebelde nas mãos.

Rionna olhou para Sarah e apontou para Gannon, que estava parado, com os braços cruzados na frente do peito, enquanto ouvia a conversa.

Sarah lançou um olhar irritado na direção de Gannon.

– Você disse que ele não recebeu bem a notícia do bebê – Rionna disse, trazendo Sarah de volta ao assunto em questão.

– Eu não disse isso – Sarah começou.

– Mas ele não recebeu bem – Rionna insistiu.

– Não deu para saber exatamente qual foi a reação dele. Ordenou que seu homem se certificasse de que você não se levantasse da cama ou deixasse o

quarto e, então, seguiu pelo corredor.

– E você não vê nada de errado nessa reação ao gerar um filho? – Rionna perguntou, sarcástica.

– Dê tempo ao homem. Ficou evidente que ele não estava preparado para a notícia.

– E eu menos ainda – Rionna murmurou.

Sarah resmungou baixinho. Então, levantou-se, balançando a cabeça, e jogou os braços para cima com agitação.

– Vocês são dois estúpidos. Não entendo que se surpreendam com a notícia de que terão um filho; até parece que não têm trabalhado duro para isso.

– Eu não estava pronta – Rionna disse, defendendo-se.

– E você acha que um bebê espera os pais estarem prontos? – Sarah falou grosseiramente e continuou a balançar a cabeça. – Você ainda tem meses para ficar pronta. Vai se acostumar com a ideia rapidamente, e fique feliz por não sofrer de nenhuma doença. Parece que fadiga é seu único sintoma até agora.

Rionna enrugou o nariz.

– Agora que sei que estou grávida, acho que vou ficar instantaneamente doente pela manhã.

Sarah riu.

– Acho que vai ficar mesmo, moça. A mente aplica truques interessantes.

Rionna descansou a mão sobre a barriga ainda chapada e sentiu um tremor de incerteza rolar por ela. Olhou para Sarah.

– E se eu não for uma boa mãe?

O olhar de Sarah suavizou-se e ela se sentou na cama ao lado de Rionna.

Então, olhou para Gannon e gesticulou para que saísse. Gannon franziu o cenho, mas saiu, embora tenha deixado claro que estaria fazendo a guarda do lado de

fora.

Então, Sarah voltou-se para Rionna e pegou a sua mão.

– A senhora será uma mãe maravilhosa, moça. É ferozmente leal e protetora de seu povo e daqueles que precisam de proteção. Como poderia ser diferente com seu próprio sangue? Preocupa-se demais. Depois que tiver tempo de se acostumar com a ideia, vai ver que tudo ficará bem.

Rionna suspirou pesadamente.

– Espero que tenha razão. Meu marido ainda não parece animado com a ideia da paternidade e, mesmo assim, parecia ansioso o suficiente para plantar sua semente. Vangloriou-se de que eu teria um herdeiro em um ano depois de nos casarmos. Acho que sabia do que estava falando.

– O laird tem muita coisa na cabeça. As responsabilidades dele são grandes agora, mas ele vai mudar de ideia. Pode ter sido um choque neste momento.

Fique atenta, pois ele estará se vangloriando e espalhando histórias de sua virilidade antes de você saber.

– Ele só parecia tão… bravo – Rionna disse baixinho.

Sarah deu de ombros.

– Vai superar o choque logo, logo. Agora, sobre os homens…

– Sim, eu deveria assegurar-lhes de que estou bem e que Caelen não me assassinou. Ultimamente, ele tem tido problemas suficientes com os homens –

Rionna suspirou, infeliz. – Não sei o que está acontecendo com o meu clã, Sarah. Só alguns deram a sua lealdade e apoio a Caelen. Não sei o que estão esperando ou por que estão se contendo. Com certeza, eles não estariam em melhor situação se estivessem sob o domínio de meu pai.

– Alguns homens não gostam de mudança – Sarah disse, dando um tapinha na mão de Rionna. – Não gostam de nada que não seja ideia deles. Ter um



#GênioDosLivros

Boa leitura!

Com os cumprimentos de Gênio Blomkvist.

novo laird, que vem de fora, mandando neles é difícil para muitos engolirem.

E é o orgulho que atrapalha, porque o laird está apontando suas deficiências, e isso é humilhante para eles.

– Me ajude a levantar e colocar um vestido; o humor de meu marido vai melhorar se ele me vir em trajes femininos. Talvez não grite comigo alto demais por desobedecer sua ordem de permanecer na cama.

– Eu não contaria com isso – Sarah disse, seca. – Se conseguir amenizar a preocupação dos homens sobre ele ter se livrado de você e ordenado que Gannon a enterrasse, já está de bom tamanho.

Rionna revirou os olhos com a diversão na voz de Sarah e jogou as pernas para a lateral da cama. Instantes mais tarde, estava com um vestido de cor âmbar com fibras douradas. Era a primeira vez que usava esse vestido desde que Sarah o fizera. Ela o estava guardando para uma ocasião especial, e evitar a ira de seu marido parecia bom o suficiente.

– Está linda, moça. O fato de carregar um bebê já lhe deu um brilho mais suave.

Rionna parou no caminho para a porta e virou-se com um suspiro.

– Gannon.

Sarah franziu a testa, como se tivesse acabado de lembrar do comandante de Caelen. Então, deu de ombros.

– É improvável que ele encoste a mão em você. Na certa, ele vai vociferar e tentar te impedir, mas, cá entre nós, somos capazes de fazê-lo recuar.

– Talvez fosse melhor se você o chamasse para entrar – Rionna disse. – Vou ficar atrás da porta e, quando ele entrar, corro para fora, por trás dele. – Ao contrário de Sarah, Rionna não tinha tanta certeza de que Gannon não a dominaria fisicamente.

Sarah riu.

– Você tem uma mente diabólica, moça. Vai funcionar se eu puser pânico suficiente em meu grito. Assuma a sua posição, mas lembre-se de ser rápida.

Ele não vai gostar da nossa armadilha.

Rionna juntou as saias e apressou-se em ficar escondida atrás da porta.

Sarah, por sua vez, posicionou-se do outro lado do quarto e gritou por Gannon.

Imediatamente, a porta se abriu e Gannon correu para dentro do quarto. Sem esperar um instante para ver a reação dele, Rionna segurou a porta, deu a volta e desceu correndo as escadas. O grito ultrajado de Gannon seguiu-a por todo o caminho.

Estimulada por seus passos pesados na escada, ela correu para a porta que levava

ao pátio. Ao sair, quase escorregou na neve, mas endireitou-se e correu em direção ao marido, que estava de costas para ela.

Ele estava de costas, mas os homens a viram. E, no meio de uma instrução de Caelen, eles baixaram suas espadas e olharam, curiosos, conforme ela escorregou e parou bem atrás do cotovelo direito do laird.

Eles olharam dela para Caelen, com a expressão atenta, e quando ele se virou e ela pôde ver a cara dele, soube o motivo.

A expressão de Caelen estava tão friamente furiosa, que ela deu um passo para trás, com o coração subindo pela garganta. Gannon correu atrás dela e, de repente, ela estava entre dois guerreiros extremamente bravos.

– Você não devia permitir que ela saísse do quarto – Caelen gritou com Gannon.

– Não foi culpa dele – Rionna disse baixinho. – Sarah e eu armamos para ele.

– Você tem uma mão boa para armadilhas, não é mesmo, esposa?

O tom dele a fez recuar, deixando-a boquiaberta com a acusação. Não conseguia saber exatamente de que era acusada, mas, do que quer que fosse, não era bom.

Ela ergueu o queixo.

– Só queria mostrar aos homens que eu estou bem.

Ele gesticulou amplamente, com a mão varrendo os guerreiros reunidos.

– Como eles podem ver, você está forte e bem disposta, não graças à sua tolice. Agora, se isso for tudo, temos um treinamento para terminar.

O peito dela se apertou com o tom grosseiro do marido.

– Minha tolice? Do que está falando, marido?

Ele deu um passo à frente e encarou-a com uma expressão tão fria, que ela estremeceu.

– Conversaremos mais tarde, quando eu não estiver com tanta raiva. Até lá, volte para o nosso quarto e não saia de lá. Estamos entendidos?

A boca dela se abriu. Ela arfou sem acreditar naquilo. O que tinha feito para deixá-lo tão bravo?

Ela estava dolorosamente tentada a dar uma joelhada no saco de Caelen e deixá-lo contorcendo-se de dor no chão. Apertou os lábios em uma linha fina e lançou-lhe um olhar que faria murchar uma flor. Então, virou-se e, quando Gannon ia pegar seu braço, ela desviou e lançou-lhe um olhar igualmente



gélido. Só mesmo morta ela iria obedecer à ordem de seu marido de aguardá-

lo no quarto para deixá-la a par de seu desrespeito.

Entrou pisando duro à procura de Sarah. Caelen deveria estar pulando de alegria; afinal, seria pai. Era desejo dele que sua semente gerasse fruto rapidamente, para que pudesse selar a liderança sobre o seu novo clã.

Agora, os McCabe e os McDonald seriam unidos por sangue. Caelen tinha tudo o que queria. Por que, então, a olhava como se ela tivesse cometido a pior traição?

– A senhora não pode evitar o laird para sempre – Sarah alertou.

Rionna encarou-a.

– Evitá-lo não é tão ruim quanto desobedecer à sua ordem todo-poderosa.

Ele que vá para o inferno. E pensar que coloquei um vestido para ele. – Com desgosto, ela olhou para baixo, para o lindo vestido cor de âmbar que, agora, estava bem amarrotado.

Sarah riu e continuou seu tricô. As duas mulheres estavam sentadas na cabana de Sarah, enquanto o fogo queimava na lareira. Havia passado da hora do jantar, mas Rionna tinha comido – por insistência de Sarah – no silêncio da cabana dela.

– Não pode perder as refeições agora, moça – ela alertou Rionna. – A senhora pode desmaiar. Não fez seu desjejum e, depois, exagerou.

Rionna cedera à insistência de Sarah e comera uma tigela de caldo, mas nem conseguia se lembrar do gosto. A única coisa que estava firmemente impregnada em sua memória era a expressão furiosa de seu marido. E a sua frieza para com ela. Rionna não tinha explicação para aquilo. Em um instante, estavam lutando, e, sim, ele estava de mau humor por causa dos homens, mas isso, certamente, não poderia ser a causa da forma horrível como reagiu à sua gravidez. Será que estava realmente tão bravo porque ela estava grávida? Não fazia sentido. Não quando sua gravidez era tão importante para a aliança entre os McCabe e os McDonald. Seu bebê poderia melhorar muito a animosidade atual dos homens contra Caelen.

– Admito, nunca vou entender a mente de um homem – Rionna disse, com um suspiro.

Sarah resmungou baixinho.

– É bom que aprenda agora, moça. É um esforço insensato tentar fa-zê-lo. A mente de um homem muda diariamente, e uma mulher nunca sabe ao certo como a mente está em determinado momento. É por isso que o mais sensato é permitir que eles pensem que são os donos de seu território, ficar quieta e fazer coisas da forma que você gosta.

Rionna riu.

– Você é uma mulher sábia, Sarah.

– Tendo vivido com dois maridos, ganhei mais sabedoria sobre os homens que uma mulher precisa saber. – Ela deu de ombros. – Não é difícil, uma vez que você aprenda que a maioria deles é grosseira e bruta. Se conseguir ver além disso e ignorar a grosseria deles, o convívio não é difícil. Você lhes dá um pouco de carinho, massageia-lhes o ego e segue com um beijo aqui e ali, e eles ficam bem satisfeitos.

– É, eu costumava pensar que você tinha razão – Rionna disse, ao encarar as chamas. – Mas meu marido… é desleal da minha parte falar dele, mas ele me deixa louca. Em um instante, é tão doce quanto um homem pode ser e, no outro, é tão frio quanto a neve.

Sarah sorriu.

– Porque ele ainda não decidiu o que pensa de você, moça. Você o perturba tanto, que ele não sabe se vai ou se fica. Em algum momento, ele vai descobrir.

– Como é típico eu ter de esperar que ele se decida para podermos fazer as pazes – Rionna resmungou.

– É difícil acalmar uma fera selvagem quando você está aqui e ele lá –

Sarah argumentou.

– Está frio, não vou sair daqui – Rionna resmungou.

– O problema é que vocês dois são tão teimosos quanto uma mula velha.

Nenhum dos dois cede um milímetro. Não há jeito de ter um casamento bem-sucedido.

– Se eu ceder tão facilmente, então vou ter de ceder sempre e ele nunca vai se curvar.

– É, isso também é verdade.

– Então, o que devo fazer? – Rionna perguntou, irritada.

Sarah riu.

– Se eu soubesse disso, ninguém ficaria descontente, não é? Acho que é algo

pelo que você precisa passar sozinha.

– Talvez – Rionna disse de má vontade. – Mas não é nada que eu vá descobrir nesta noite. Estou cansada.

– E mal-humorada – completou Sarah.

– Com motivo – Rionna rebateu.

– Vá dormir, moça. Seu marido vai procurá-la em breve e você não vai conseguir dormir.

– Não vou me esconder dele – Rionna jurou.

Sarah ergueu uma sobrancelha.

– Oh? E do que exatamente você chama o que está fazendo?

– Estou desobedecendo à ordem dele.

– E se escondendo enquanto o faz – Sarah disse, divertindo-se.

– Não, não vou me esconder dele. Está na hora de eu descobrir por que ele está bravo.

Rionna levantou-se, com os dedos fechados em punho.

– Tome cuidado na caminhada de volta, moça. Está nevando e o chão está congelado lá fora. O bom Senhor parece não conseguir se decidir se quer que chova ou que neve.

– Vou tomar cuidado, Sarah. Obrigada pela companhia. E pelo conselho. É

bom ter alguém que ouça às vezes.

Sarah sorriu.

– É, sim, moça. Agora, vá e faça as pazes com o laird. Vocês dois deveriam estar comemorando.

Rionna despediu-se e apressou-se, pela neve, de volta ao castelo. Quando chegou aos degraus, estava tremendo; uma mistura de neve e chuva escorria por seu pescoço.

Ao chegar, bateu as botas para tirar o gelo e a neve, e entrou no grande salão para se aquecer na lareira antes de seguir em busca de seu marido.

Não precisou procurar muito.

Ele estava sentado à mesa com Gannon e muitos dos guerreiros McDonald.

Quando a viu, levantou-se, com os olhos semicerrados e os lábios apertados em uma linha fina. Cruzou os braços à frente do peito e a encarou. O homem nem percebera que ela não tinha obedecido à sua ordem de se retirar para o quarto. Será que planejava fazê-la morrer de fome?

Ignorando seu olhar menos que agradável, ela marchou até a lareira e esticou as mãos para aquecê-las, ficando de costas para o marido.

Quanto mais pensava no assunto, mais Rionna ficava furiosa. Não fizera nada para ter a ira de Caelen. E se ele não estava feliz com o bebê, era sua própria culpa. Certamente, não fizera nada para impedir que ela engravidasse.

Quando estava suficientemente quente, ela virou-se, sem olhar na direção do marido, e andou calmamente para as escadas.

– Você testa demais a minha paciência, esposa – Caelen gritou.

Ela parou ao ouvir isso e virou-se lentamente, até fuzilá-lo com um olhar que não escondia sua própria ira.

Os homens olharam do laird para Rionna com curiosidade mal disfarçada.

Não era da natureza dela discutir com Caelen em público, mas estava tão furiosa que não se importava.

– E você testa a minha, marido. Talvez, quando tiver descoberto o que eu fiz que o desagradou, possa me informar. Até lá, vou para a cama. Foi um dia agitado.

Capítulo 25

Rionna estava tremendo na hora em que chegou ao quarto. Precisou de toda a sua coragem para sair calmamente do salão com a nuvem tempestuosa de raiva no rosto de Caelen. Foi errado de sua parte demonstrar tal desrespeito diante dos homens, mas também foi errado da parte dele expressar sua queixa com ela na frente dos outros.

Ela não pretendia permanecer naquele quarto nem esperar pela vontade dele, bufando enquanto esperava que ele aparecesse, mas também não recuaria para o seu antigo quarto, passando a impressão de que estava se escondendo.

No entanto, Deus sabia que tudo o que ela queria era ficar sozinha para conseguir dormir em paz. Estava tão exausta e tensa, que seu maior desejo era atirar-se na cama e permanecer lá o dia todo. E sua cabeça estava começando a latejar.

Andou de um lado para outro diante da lareira, até perceber que ele a faria esperar. Com um suspiro irritado, ela despiu-se e colocou seu vestido de lado, com cuidado para que ele não estragasse. Era um vestido lindo; talvez, um dia, tivesse a chance de usá-lo quando pudesse ser apreciado.

Rionna colocou a camisola, mas sentiu frio; então vestiu a capa e encolheu-se na cadeira diante do fogo. Um banho seria quase o paraíso, mas era tarde e ela não estava com vontade de ser surpreendida na banheira quando seu marido aparecesse.

Conforme o calor invadia seus membros, suas pálpebras foram ficando cada vez mais pesadas. Na hora em que ouviu os passos de Caelen do lado de fora da porta, estava tão sonolenta que não conseguia pensar em nada para dizer por ele ter demorado tanto para se retirar.

A porta abriu devagar e fechou quase da mesma forma. Ela não se virou para recebê-lo, optando por permanecer exatamente onde estava.

Por um longo instante, o silêncio pairou sobre o aposento. Então, finalmente, os passos dele soaram novamente, mais próximos dessa vez, antes de ele ficar em pé bem atrás dela.

– Hoje lutei contra a minha raiva o dia todo, e, mesmo assim, vejo que continuo tão bravo quanto antes.

Ao ouvir isso, Rionna se deu ao trabalho de virar-se na cadeira; apenas puxou a capa, apertando-a mais em volta de si.

– E que pecado eu cometi, marido? Está tão aborrecido pelo fato de se tornar pai? Entendi errado quando se gabava de que eu lhe daria um filho em um ano de casamento?

As sobrancelhas dele se uniram e ele a encarou com uma consternação evidente.

– Acha que estou irritado porque você está grávida de um filho meu?

Ela levantou-se e a capa se esticou por suas pernas.

– Você não fez nada para que eu pudesse pensar o contrário! Assim que descobriu que eu estava grávida, ficou extremamente furioso. Não fiz nada para

receber a sua ira e, ainda assim, você me fuzila com o olhar a todo momento.

– Nada? Por Deus, mulher, você testa minha paciência. Não me contou que estava grávida. Em que momento iria me dizer? No momento que eu segurasse a ponta da espada contra a sua barriga? Ou talvez quando chegasse a hora de você colocar o bebê no mundo?

Ela ficou boquiaberta quando entendeu o que ele queria dizer.

– Acha que mantive segredo da minha condição de propósito? Acha que colocaria nosso bebê em risco?

– Você estava participando de atividades das quais nenhuma grávida deveria – ele disse com os dentes cerrados. – Tinha de saber que eu nunca deixaria.

– Então acha que sou tão mesquinha a ponto de articular essa manobra só para poder continuar treinando, sem me importar com a gravidez do próximo laird do meu clã.

– Por que não me contou então? – ele perguntou.

Lágrimas de decepção e frustração queimaram as pálpebras de Rionna. A opinião dele a machucava. Ele, realmente, acreditava que ela seria tão egoísta e imprudente a ponto de colocar seu filho em risco?

– Eu não sabia! – ela disse vigorosamente. – Não sabia até acordar e Sarah me contar. Eu teria lhe contado. Teria me dado grande alegria fazê-lo.

Caelen pareceu chocado por um instante, como se não tivesse nem pensado nessa possibilidade.

– Jesus – ele murmurou.

Então, ele passou a mão grosseiramente pelo cabelo e virou-se de costas. A mão dele caiu para o lado e se curvou em punho.

– Quando penso no que poderia ter acontecido, no que *quase* aconteceu…

Quando você caiu, pensei que eu a tivesse machucado. Eu poderia ter prejudicado nosso filho. Poderia ter prejudicado *você*.

A compreensão tomou Rionna rapidamente. A raiva e a mágoa dela se derreteram, e seu coração bateu um pouco mais forte. Ela aproximou-se de seu marido e colocou uma mão no braço dele.

– Você estava com medo – ela disse baixinho.

Ele virou-se, com os olhos ardentes.

– Medo? Eu estava completamente aterrorizado! Carreguei você para o nosso quarto certo de que encontraria um ferimento grave. Procurei sangue ou hematoma, algo que sugerisse que eu a havia machucado.

Ela envolveu os braços na cintura dele e apoiou a cabeça em seu peito. Por bastante tempo, ele ficou parado, rígido nos braços dela, sem responder ao abraço. Então, lentamente, circulou seus ombros e apertou-a contra si.

Ele descansou a face no topo da cabeça dela e a segurou tão firme, que ela mal conseguia respirar. Caelen tremia contra a esposa, deixando-a indignada por seu guerreiro valente ter ficado com medo. Por ela. Um medo que o fazia tremer. Sentiu vergonha de ter pensado, mesmo que por um momento, que ele não queria o filho, ainda que essa fosse uma conclusão lógica naquela hora.

Agora, ela queria a confirmação. Queria ouvir dos lábios dele que estava feliz com sua gravidez.

– Então, está feliz com o bebê?

A pergunta dela soou abafada contra o peito de Caelen, mas ele enrijeceu e, então, devagar, afastou-a para que pudesse olhar em seus olhos.

– Feliz? Acho que feliz é uma palavra muito comum. Há muitas palavras que descreveriam exatamente como me sinto. Maravilhado. É, maravilhado.

Não é algo em que tenho pensado recentemente e, mesmo assim, me vangloriei por vangloriar. Não tinha considerado que eu poderia me tornar pai até Sarah me dar a notícia no corredor. A imagem me atingiu com uma força que até cambaleei. Tive de deixar o castelo e sair sozinho, para não ficar desmoralizado na frente dos outros.

Os dedos dele tocaram o rosto de Rionna e se arrastaram para a sua mandíbula.

– Medo. Imediatamente, senti um medo que nunca havia sentido. Medo de não conseguir proteger meu filho de homens como Duncan Cameron. De que, se tivermos uma filha, ela seja como Mairin foi durante a maior parte de sua vida, sempre se escondendo, sempre vivendo com medo da descoberta, e preocupada em poder ser usada por um homem, porque poderia dar à luz. –

Rionna colocou a mão no rosto dele e ele virou-se, beijou-lhe a palma, e prosseguiu: – E alegria, Rionna. Deus sabe que senti uma explosão de alegria indescritível. Imaginei uma filha com a sua beleza e força e um filho com seu espírito e teimosia.

Ela riu.

– E você, marido? O que acha que os nossos filhos herdarão de você?

– Não me importo, contanto que sejam saudáveis e que você os coloque no mundo sem complicações.

Ela o abraçou de novo.

– Desculpe por ter te preocupado. A verdade é que eu não sabia que estava grávida, juro. Teria tomado mais cuidado no treinamento.

Ele segurou seus ombros e afastou-a de si, com a expressão repentinamente séria.

– Você não vai colocar as mãos em uma espada de novo. Essa sua ideia tola acabou.

– Mas, Caelen, agora que sabemos, podemos adaptar nosso treino para que o nosso filho não se prejudique. É importante que eu consiga me proteger e a nosso filho.

– Eu vou proteger o que é meu – ele disse, feroz. – Não vou arriscar a sua saúde ou a do nosso filho.

– Mas…

Ele ergueu uma mão.

– O assunto não está aberto para discussão. É a minha palavra final sobre isso.

Ela suspirou, mas não conseguia ficar irritada quando ainda podia ver preocupação nos olhos dele.

– Agora venha aqui, esposa. Preciso te abraçar.

Ela sorriu e foi para os braços dele. Ele a beijou, faminto, emoldurando seu rosto e segurando-a como se destruísse a sua boca.

Escorregou as mãos pelo corpo dela, parando na cintura. Então, colocou a palma na barriga chapada pela abertura de sua capa. De repente, com

impaciência, puxou o tecido até ela ficar sem o vestuário e apenas de camisola. Então, a mão dele voltou à barriga dela, e ele a manteve ali enquanto olhava nos olhos dela.

– Meu filho ou minha filha – ele disse rouco. – Nunca pensei que teria filhos.

– Você gosta desse pensamento agora? – ela perguntou, com um sorriso.

– Ah, sim – ele disse baixinho. – Gosto muito da ideia. Devo desculpas a você, Rionna.

Ela colocou o dedo nos lábios dele e seguiu com um beijo.

– Foi um dia cheio para nós dois. Talvez fosse melhor se fôssemos dormir e recomeçássemos amanhã.

– Você tem uma alma muito generosa, esposa.

– Há algo que eu queira em troca – ela disse, ao deslizar a mão para baixo a fim de segurá-lo intimamente.

– Oh? E o que é? – Os olhos dele brilharam com a rápida compreensão.

– Um bom marido seria atencioso com sua esposa na condição atual. Ela precisa de muito cuidado e atenção – ela disse, enquanto continuava a acariciá-lo sobre o tecido de suas calças.

– Precisa?

– Ah, sim, precisa – Rionna sussurrou. – Muita gentileza e amor de seu marido.

– Acho que posso fornecer isso a ela. – Ele se abaixou, pegou-a no colo e andou até a cama, onde a deitou no colchão de palha. – Na verdade, acho que deveria dar-lhe amor extra.

– Oh, também acho – Rionna sussurrou.

Ele levantou-se e tirou a roupa, depois se inclinou sobre ela, tirando-lhe a camisola por cima da cabeça até deixá-la nua e sem fôlego debaixo dele.

Por um longo instante, ele simplesmente ficou sobre ela e encarou seu corpo. Então, colocou as duas mãos em sua barriga, antes de se ajoelhar no chão diante da sua esposa. Separou as mãos e beijou sua barriga, mas o fez com tanta delicadeza que o coração dela quase explodiu.

Ela passou as mãos pelo cabelo dele e, então, enfiou os dedos em seu couro cabeludo, segurando-o contra o centro de seu corpo.

– Você carrega o nosso futuro no ventre, moça – Caelen murmurou contra a barriga dela. – É o que une nossos dois clãs e os torna um.

– É uma responsabilidade importante que dá ao nosso filho.

Ele a beijou de novo e continuou beijando o caminho até a união de suas pernas. Com dedos gentis, separou sua pele e pressionou a língua na pele sensível de seu centro.

Ela gemeu baixinho e contorceu-se sob sua boca conforme ele a amava com seus lábios e língua. Caelen estava excessivamente paciente, sem se cansar, enquanto lhe trazia ondas de prazer.

Ele a levava ao limite para se levantar e deixar a maré baixar. Então, a excitava de novo, cada vez mais intensamente.

Caelen a deixou arfando por ar e tão tensa que seus músculos doíam. Ela implorou-lhe que parasse, mas ele nunca parava. Seus pedidos roucos aumentaram, cada um fazendo menos sentido que o anterior.

Então, a boca de Caelen a deixou e ele colocou o membro em sua abertura e

escorregou para dentro dela com uma investida poderosa. O corpo dele cobriu o dela, aquecendo-a por inteiro. Rionna nunca tinha se sentido tão segura, como se nada pudesse machucá-la.

Ele estava dentro dela, não apenas fisicamente, mas em seu coração e em sua alma. Estava em tudo o que ela pensava, em tudo o que via e ouvia. Falara sobre ela carregar o futuro deles, mas ele era o seu futuro. Era tudo o que ela queria. Tudo de que precisava.

Naquela noite, não havia sinal do amante bruto e possessivo, do homem que a tomara tão grosseiramente tantas noites passadas. Esse homem fora substituído por um guerreiro gentil, que a tratava como se ela fosse extremamente frágil, como um tesouro valioso a ser cuidado.

Ele a segurava contra o corpo e movia-se para a frente e para trás, deslizando sem esforço por seu calor úmido. E no meio disso tudo, sua boca nunca perdia contato com a pele dela. Ele beijava seus lábios, suas bochechas, suas pálpebras e, então, afagava sua orelha e descia para o pescoço.

Até agora, ela nunca havia sido tão venerada por um homem, nem mesmo por seu marido. Ele a amara, sim. A amara como um homem poderia amar uma esposa, mas havia uma diferença naquela noite.

Naquela noite, era como se ele a amasse com o coração e não apenas com o seu corpo.

Naquela noite, ela o amava não apenas com o seu corpo, mas com a sua alma.

Quando ela gritou com o orgasmo, ele a segurou contra o corpo, sem terminar, até se certificar de seu prazer. Então, e só então, ele estocou

profundamente e se esvaziou nas profundezas de Rionna.

Mais tarde, ela aconchegou-se nos braços dele e descansou a cabeça em seu ombro. Ele estava duro e grudento entre as suas pernas, mas ela não ligava.

Não queria se separar dele pelo tempo que demoraria para se limparem.

Ela o abraçou firme, até a respiração dele se tornar profunda e regular. Ele ficou totalmente relaxado contra ela, mole e saciado, e bem quente.

Ela suspirou e passou uma mão pelo seu ombro, achando que ele já estava dormindo.

– Eu te amo, marido. A verdade é que nunca esperava lhe dar meu coração.

Nem sei se é o que quer de mim, mas ele é todo seu mesmo assim. Algum dia… Algum dia, terei o seu – ela sussurrou contra a pele dele.

Rionna fechou os olhos e ajeitou-se contra o corpo do marido, com a fadiga deslizando por sua pele como um cobertor. Em instantes, também estava dormindo.

Caelen ficou deitado no escuro, abraçando-a firmemente enquanto ela adormecia. As palavras dela ecoavam em seus ouvidos, repetindo-se até ele saber que não era um truque de sua mente.

Sua esposa o amava. Ele não sabia o que fazer com esse avanço. Já amara e não tinha dado certo e, mesmo assim, sabia que aquele amor existia. Ele vira entre os irmãos e suas esposas. Sabia que eles amavam suas mulheres com uma ferocidade incomum na maioria dos casamentos.

Amor exigia sacrifício. Exigia confiança e fé. Exigia tornar-se completamente vulnerável a quem você ama.

Pensar nisso causou um nó profundo em seu estômago.

A última vez que oferecera sua total confiança e fé a uma mulher, ela destruíra o seu clã.

Capítulo 26

Na manhã seguinte, Rionna acordou bem cedo, e a única luz do quarto vinha da lareira e de uma vela solitária na escrivaninha de madeira, que guardava os pertences pessoais de Caelen. Ele estava sentado em silêncio, com a pena na mão conforme riscava tinta em um de seus pergaminhos.

Ela observou, fascinada com a visão. Com a testa tensa, pela concentração, de vez em quando ele molhava a pena no tinteiro e, então, tornava a escrever.

Era a primeira vez que Rionna o via usando os pergaminhos e agora se

perguntava se ele fazia isso toda manhã antes de ela acordar. Ela acordara muitas vezes com ele escorregando profundamente em seu corpo, mas talvez ele estivesse cuidando dos assuntos pessoais primeiro.

Ficou lá, deitada, esperando que ele viesse até ela, e aproveitando para estudar seu marido em segredo.

Ele era um homem tão bonito. Tinha uma musculatura que atraía cada um de seus instintos femininos. Forte. Cheio de cicatrizes, imperfeito. Outra mulher, talvez, visse isso como um ponto negativo, mas não ela. Para o coração guerreiro de Rionna, cada cicatriz era um distintivo de honra.

Havia um carocinho no nariz dele que sugeria que ele o quebrara no passado. Todavia, seu rosto era imaculado, esculpido por maçãs fortes e um maxilar firme. Seus olhos verdes-pálidos a maravilhavam. Eram de um tom estranho, assim como os olhos de seus dois irmãos, e Rionna imaginou seu próprio filho com aqueles olhos verdes.

Uma moça de cabelo escuro e olhos lindos de seu pai. Rionna precisaria de toda a sua habilidade de luta para manter os guerreiros longe de sua filha.

Ela prendeu a respiração quando Caelen soltou a pena e, cuidadosamente, enrolou firme o pergaminho. Ele levantou-se e andou em silêncio até a cama.

Seu corpo todo formigava com a ansiedade da possessão dele.

Porém, em vez de segurar os quadris dela e puxá-la para a beirada da cama, ele inclinou-se e deu-lhe um beijo na testa, demorando-se um pouco antes de se afastar e sair do quarto silenciosamente.



Ela o viu sair, iludida e… decepcionada. Seu corpo todo estava no limite.

Uma dor pulsante começara profundamente em seu centro, e agora seu marido sumira, deixando-a ali deitada, encarando o teto.

Suspirou e virou-se de lado para observar a lareira. Seu olhar passeou pela escrivaninha e pelos pergaminhos pousados organizada-mente na lateral. O

que será que Caelen escrevia quando estava sozinho com seus pensamentos?

Caelen estava em pé diante do clã reunido, com Rionna ao seu lado. Ele falava da sacada que pairava sobre o pátio. Homens, mulheres e crianças haviam se reunido a fim de ouvir o anúncio do laird, e quando ele declarou que Rionna estava esperando um filho, alguns gritaram de felicidade, enquanto outros se silenciaram.

Simon e Arlen deram um passo à frente, com as espadas apontadas no ar para cima, mas mesmo seu selo de aprovação não convenceu muitos dos demais guerreiros.

Hugh foi para o lado de Simon e Arlen e olhou de volta para o seu povo, antes de virar-se e olhar para cima, para onde Caelen e Rionna estavam.

– A criança será um McDonald ou um McCabe?

Caelen franziu a testa.

– Um McCabe, é claro.

Expressões de contrariedade se espalharam pelos homens do clã e resmungos foram ouvidos. Muitos se viraram de costas e se afastaram.

Rionna deu a mão a Caelen. Ele podia senti-la tremendo e apertou a sua mão para tranquilizá-la.

– Não vou tolerar desrespeito para com minha esposa – ele disse firmemente.

– Não é Rionna que estamos desrespeitando – um gritou, antes de também se virar.

As narinas de Caelen se inflaram à medida que ele via o desânimo no rosto de Rionna. Ele estava farto de seu novo clã e de sua animosidade. Era como se quisessem ser conquistados e destruídos. Nunca antes se sentira tão tentado a pegar sua esposa e voltar para as terras McCabe, deixando que todos ali apodrecessem.

Era hora de assumir uma linha muito mais dura. Ele os havia poupado por tempo demais. Ou mudavam ou iriam embora.

Um pouco da alegria havia sumido dos olhos de Rionna enquanto ela assistia a seu clã virar as costas para ela. Encarou aquele cenário por bastante tempo antes que Caelen, gentilmente, a guiasse de volta para dentro do castelo.

Assim que entraram, Rionna soltou a mão de Caelen e gesticulou, demonstrando seu desgosto.

– Como podem ser tão tolos? Se Cameron nos atacasse amanhã, não teríamos chance. Nossa única esperança é nos esconder atrás de um clã maior e mais forte e permitir que lutem por nós. É vergonhoso. Nunca tive vergonha de ser uma McDonald, mas hoje é assim que me sinto.

Caelen tocou seu ombro, em uma tentativa de oferecer consolo. Ela não precisava ficar tão nervosa. Certamente, isso não seria bom para o bebê.

Era difícil ficar ali e oferecer apoio à esposa, quando ele também estava tão furioso que mal conseguia enxergar direito.

Ela apertou as mãos e andou de um lado para o outro na área no topo das escadas.

– Talvez eu devesse falar com eles. Sei que você é contra isso, mas penso que posso fazê-los entender.

Caelen ergueu a mão e esperou que ela ficasse quieta.

– Não é sua responsabilidade comandar esses homens, Rionna. Eu sou o laird deles e nós não seremos um clã até que aceitem isso. Não posso obrigá-

los a compreender seus deveres.

– Eu não o culparia se você fosse embora deste lugar e voltasse para a sua família – ela sussurrou. – Com certeza, os McCabe conseguem fazer uma aliança mais honrada do que o meu clã.

Ele a puxou para si e descansou o queixo em sua cabeça.

– Nós temos tempo. Ewan não vai declarar guerra enquanto o inverno estiver assim, tão intenso. Não vou desistir do meu dever. Não é apenas uma questão do seu clã e do meu agora. Esse é o futuro do meu filho ou filha, e não vou fugir

disso.

– O que vai fazer?

Ele a soltou.

– Quero que permaneça aqui dentro. Está frio hoje, e está se formando uma tempestade para o norte.

– E você? – ela insistiu.

– Tenho assuntos para tratar com os homens.

Rionna pareceu temerosa, mas ele não iria recuar. Nem por ela. Havia passado da hora de ele impor um pouco de lógica àqueles homens do clã. Não tinha adiantado conversar. Era hora de mostrar a eles.

Ao deixar Rionna dentro do castelo, ele saiu para o pátio.

– Reúna os homens – ele disse para Gannon. – Quero todos aqui, e se alguém se recusar, use a força, se necessário. Não os poupe de humilhação. É

hora de acabar com esse excesso de cuidados para não ferir os sentimentos desses homens.

A boca de Gannon se torceu em um sorriso selvagem de satisfação.

– Já era hora. – Ele desembainhou a espada e saiu, gritando a ordem para se reunirem de novo.

Caelen ficou parado no meio do pátio conforme os homens se reuníam à sua volta, com o rosto exibindo sua curiosidade. Ele os encarava, com o olhar duro e obstinado.

Quando Gannon indicou-lhe que o último homem chegara, Caelen desembainhou sua espada e nivelou a ponta em direção à multidão, virando-se para que todos fossem incluídos em seu gesto.

– Está na hora de fazer uma escolha. Quem estiver comigo e me aceitar como seu laird, dê um passo à frente, faça seu juramento e jure obediência.

Quem não me aceitar como seu laird, então dê um passo à frente para o seu desafio. Se conseguir me vencer, deixarei a propriedade McDonald e nunca mais voltarei.

Risos nervosos e sons de incredulidade se espalharam pela multidão.

– Você pretende desafiar a todos nós? – alguém disse, zombeteira-mente, do meio da multidão.

Os lábios de Caelen se curvaram em um rosnado.

– Pretendo mostrar a vocês que um guerreiro McCabe vale mais que uma centena de vocês.

– Eu aceito o desafio – Jamie McDonald disse, ao dar um passo à frente.

Ele era um rapaz convencido, afetado pelo ápice da juventude. Ainda não tinha se provado um homem, e Caelen balançou a cabeça.

– Vejo que começaram facilitando para mim.

O rosto de Jamie ficou vermelho, e antes que Caelen tivesse desembainhado sua espada, o menino correu contra ele com um grito. Caelen esquivou do ataque desastrado, desembainhou sua espada e baixou o punho na cabeça do

menino, conforme ele passou cambaleando. O rapaz se esparramou no chão, e sua espada voou a muitos metros em outra direção.

Caelen balançou a cabeça, desgostoso.

– Sem limite. Minha esposa maneja uma espada cem vezes melhor.

Jamie levantou-se, com o rosto contorcido em fúria devido ao insulto.

– É difícil lutar sem uma espada – Gannon rosnou, abaixando-se para pegar a arma e jogando-a de lado. – Fique de lado, rapaz. Você já foi vencido.

Ao longo da tarde, as espadas se empilhavam, Gannon as jogava, uma atrás da outra. À medida que Caelen despachava os homens, eles eram direcionados a se sentar e assistir ao próximo desafio.

Era óbvio que os guerreiros mais habilidosos esperavam para ser os últimos, quando Caelen estivesse cansado. Ele demorou mais tempo do que gostaria para despachar Oren McDonald; o homem, na verdade, conseguiu deixá-lo atordoado antes de Caelen mandar sua espada voando para a pilha dos vencidos.

Quando o próximo McDonald deu um passo à frente, Caelen grunhiu silenciosamente. Era Seamus McDonald, e ele era enorme. Muito musculoso, de braços e pernas que pareciam troncos, o peito tão largo quanto uma rocha, e sem pescoço.

Não era terrivelmente competente com uma espada, mas poderia esmagar um homem com as próprias mãos.

Sentindo o desânimo de Caelen, os McDonald que estavam sentados se levantaram e soltaram gritos estridentes conforme Seamus e Caelen se rodeavam.

Seamus atacou primeiro e Caelen bloqueou. O barulho do aço tilintou por todo o pátio e mais gritos foram ouvidos.

Em volta, as mulheres também haviam se juntado, assim como os homens mais velhos, que não mais atuavam como soldados. Até as crianças estavam presentes, todos gritando: “Seamus! Seamus! Seamus!”.

Todos, exceto um.

No meio do barulho e da torcida, havia um grito claro de “Caelen! Caelen!

Caelen!”.

Sua esposa havia se infiltrado na multidão e estava parada bem do lado de fora do círculo de luta. Para a infinita surpresa de Caelen, ela não usava roupa de homem nem carregava uma espada. Estava vestida com seu vestido de casamento e seu cabelo, arrumado em um coque elegante, com fios escapando

de todos os lados.

Ela estava tão linda que lhe tirava o fôlego.

Bem antes, Seamus o golpeara, tirando-lhe o fôlego, e não de forma metafórica.

Os dois homens caíram no chão e rolaram. Caelen ficou em óbvia desvantagem no instante em que a espada foi arrancada de sua mão. Seamus era quase o dobro dele, e ele não tinha lutado com nenhum guerreiro McDonald.

Seamus deu um soco poderoso na lateral do rosto de Caelen, deixando sua visão embaçada. Pontos coloridos apareceram diante de seus olhos e ele balançou a cabeça, a fim de clarear seu cérebro atrapalhado.

Caelen socou, e depois deu outro soco poderoso com a mão esquerda. Ele tinha a mesma força com as duas mãos, sem preferir uma à outra, como muitos homens faziam, mas Seamus não se afetava com nenhum golpe.

Logo tornou-se óbvio, depois da terceira vez que Caelen se levantou do chão, que métodos diretos não funcionariam. Seamus era desumano. Não era rápido. Faltava-lhe elegância, mas o que ele possuía era uma força brutal e uma capacidade enorme de aguentar qualquer golpe. Caelen precisava de mais cinquenta de onde ele viera, assim talvez tivessem chance contra Cameron.

Caelen limpou o sangue da boca e rodeou Seamus, buscando uma oportunidade. Agilidade seria uma vantagem definitiva, se Caelen não estivesse quase caindo de cansaço. A luta com os outros McDonald estava pesando. Enquanto ele despachasse cada um deles facilmente, nenhum homem conseguiria enfrentar um exército inteiro e sair vitorioso. Mas ele estava determinado a dar o melhor de si. Tudo dependia daquela vitória. Os McDonald não tinham jogado limpo ao segurar o melhor homem até Caelen estar acabado e quase derrotado, mas aposta era aposta e, se Caelen perdesse, seria obrigado a se afastar do cargo de laird e voltar para seu lar com um fracasso.

Ele prendeu a respiração. Fracasso não era uma opção da qual ele gostasse.

Olhou para Rionna e viu fogo nos olhos dela. Ela o incentivava com o olhar, injetando a força de que ele precisava em seus músculos.

Reunindo reservas que ele não achava que tinha, e animado pela total fé de Rionna de que ele ganharia, aumentou a velocidade de seus passos e dançou em volta de Seamus, até o homem maior olhar para a esquerda e para a direita, a fim de acompanhar os movimentos de Caelen.

Assim que Seamus lhe deu as costas, Caelen atacou. Envolveu os braços no pescoço dele e segurou com toda a força.

Seamus soltou um rugido equivalente a uma fera selvagem e começou a se balançar para a frente e para trás. Quando viu que não conseguia se soltar de Caelen, ele virou-se e correu em direção aos muros do castelo, com Caelen segurando-o. No último segundo, Seamus virou-se e esmagou Caelen contra o muro.

Caelen grunhiu de dor, mas não o soltou. Ao contrário, colocou o antebraço na garganta de Seamus e apertou mais forte, até sentir que o homem começava a tremer e lutar para respirar.

Seamus atirou-se no muro outra vez, tentando fazer Caelen soltar, mas Caelen sentia a vitória, e a força inundou suas veias.

Seamus segurou os braços de Caelen e tentou tirá-los. Cambaleou para trás em direção ao círculo e, depois, ajoelhou com uma perna.

– Você se rende? – Caelen disse, rouco.

– Não! – Seamus rugiu.

Caelen ajustou o braço e apertou mais.

Seamus caiu com ambos os joelhos e curvou-se, ainda com Caelen grudado em suas costas como um carrapato. Então, Seamus simplesmente lançou-se para a frente e caiu com um estrondo no chão.

Caelen desvencilhou-se do homem caído e levantou-se, limpando a neve de sua túnica. Os guerreiros McDonald encaravam boquiabertos Seamus, que estava inconsciente no chão. Então, ergueram o olhar para Caelen, que os fitava com os braços cruzados na frente do peito.

– Agora vou perguntar de novo. Quem está comigo?

Houve um longo silêncio antes de alguém dar um passo à frente.

– Eu estou, laird.

Outro se moveu da multidão.

– E eu, laird.

– Sim, eu estou com você.

De repente, a multidão inteira murmurava sua aceitação. Gritos de “Sim!”

ecoaram pelo pátio até quase ensurdecê-lo.

Gannon posicionou-se ao lado de Caelen, com um sorriso enorme conforme deu um tapinha no ombro dele. Porém, Caelen virou-se, procurando sua esposa naquela loucura.

Ela estava parada ao lado, com o sorriso tão brilhante quanto o sol. Rionna

ergueu o punho cerrado e apontou na direção de Caelen. Ele gesticulou para que se aproximasse, de repente ansioso para tê-la perto.

Ela foi imediatamente, com as saias esvoaçando enquanto passava pela multidão. Os homens eram solícitos com ela, saindo do caminho. Alguns até lhe ofereciam a mão, e ela as segurava para atravessar a neve. Mesmo assim, outros gritavam para ela ter cuidado, agora que carregava um bebê.

Ela parou diante de Caelen, com o sorriso ainda enorme e lindo. Então, ergueu um dedo a fim de limpar o sangue escorrendo do canto de sua boca.

– Está sangrando, marido.

Ele a puxou para si, colocou a mão em sua nuca e pressionou a boca sangrando na dela. Em volta deles, todos gritaram, e finalmente, *finalmente*, os McDonald viram que tinham algo pelo que comemorar.

Capítulo 27

– Os homens melhoraram – Sarah disse, enquanto, da sacada, olhava para o pátio, juntamente com Rionna.

– Melhoraram, sim; agora estão se dedicando. É bom, porque a hora de lutar se aproxima – Rionna disse e acariciou o leve volume na barriga ao falar. A batalha era inevitável, mas ainda a perturbava. Preocupava-se com Caelen, com o seu clã e com a família de seu marido. Preocupava-se com o futuro de seu bebê.

– Você está franzindo a testa, moça. Está se sentindo mal? Talvez deva se deitar

um pouco e descansar.

Rionna balançou a cabeça. Caelen preocupava-se infinitamente e exagerava noite e dia. Encarregava-se da tarefa de certificar-se de que ela descansasse e não levantasse um dedo para não se cansar. Infelizmente, a obsessão dele contagiara Sarah.

– Me diga, Sarah, você só descansava quando estava grávida de seus filhos?

– Havia trabalho a ser feito, moça. Claro que eu não ficava deitada – Sarah respondeu, franzindo o cenho, e como se percebesse o que acabara de dizer, fez uma careta e encarou Rionna.

– Eu não estava grávida do próximo laird nem era magrinha como a senhora. Seu marido fica preocupado, e você deveria aceitar o pedido dele para não exagerar durante o seu confinamento.

– Confinamento, é isso mesmo – Rionna murmurou. – É ridículo. Você está certa sobre uma coisa. Há trabalho a ser feito, precisamos de todas as mãos que conseguirmos e, mesmo assim, sou colocada de lado para descansar. Não faz sentido. Sou saudável. Não estive doente nenhum dia. O cansaço parou no terceiro mês.

– O laird é um homem determinado, e não serei eu quem vai desobedecer à sua ordem. O clã inteiro conhece os desejos dele para você, moça, então não sou apenas eu quem irá lembrá-la de seu dever.

– Se eu não tiver alguma coisa para fazer logo, vou enlouquecer. Não posso ficar dentro do castelo dia após dia, indo de uma cadeira para outra. Vou engordar, ficar preguiçosa e, então, o que vai acontecer? Caelen vai me trocar por uma esposa mais bonita e mais em forma.

– Vamos, moça, você não vai ficar grávida para sempre – Sarah riu.

Caelen parou o treinamento e olhou para cima, como se soubesse que veria Rionna assistindo. Um leve sorriso levantou seus lábios e ele acenou para ela.

Rionna sentia um arrepio toda vez que ele a olhava. Embora desprezasse o fato de ele ser extremamente solícito, sentia, ao mesmo tempo, muita alegria com o fato de ele ser tão atencioso em relação ao seu bem-estar.

Caelen podia não admitir que nutria algum sentimento por Rionna, mas era evidente que seu coração não estava fechado para ela.

– Logo, você vai me falar as palavras que quero, marido – ela sussurrou, determinada.

– O que disse, moça? – Sarah perguntou.

– Nada. Só estava falando sozinha.

– Venha. Está começando a nevar.

Rionna deixou que Sarah a levasse de volta para dentro do castelo. Juntas, desceram para o grande salão, para que Rionna pudesse se aquecer no fogo.

Apesar da resistência anterior de Rionna quanto a aprender a administrar o castelo, desde que Caelen insistira para que ela permanecesse ali dentro, ela decidira que precisava de algo com que se ocupar; então passava muito tempo do dia diante do fogo, enquanto Sarah lhe ensinava os deveres de uma senhora.

Durante o tempo em que ficava diante do fogo, a mente de Rionna viajava, como o fazia normalmente quando era deixada apenas com seus pensamentos.

Uma de suas funções como esposa era se certificar do conforto de seu marido e cuidar dele, assim como ele, certamente, fazia com ela. Se bem que, ultimamente, ele estivesse exagerando. Ele lhe dava carinho e a mimava até ela ter certeza de que seria completamente mimada até o processo de dar à luz.

Talvez fosse o objetivo dele, para que ela concordasse em ter mais filhos no futuro.

Ela sorriu ao pensar nisso; ele não precisaria fazer muita coisa para convencê-la. Ainda assim, parecia justo que ela oferecesse reciprocidade.

Decidindo que organizaria uma noite de mimos para o seu marido, ela pediu que uma das banheiras grandes fosse colocada em seu quarto, e mandou que as mulheres ficassem a postos com baldes de água quente quando seu marido se

retirasse para os seus aposentos. Conseguiu sabões neutros, sem perfume, e certificou-se de ter toalhas de banho limpas à mão. E exigiu que Gannon levasse

lenha para o quarto, já que Caelen teria um ataque se ela mesma o fizesse. Então, acendeu o fogo na lareira, pediu uma jarra de cerveja e ordenou que o jantar fosse servido no quarto.

Satisfeita com a própria dedicação, ela supervisionou tudo e desceu as escadas, a fim de aguardar a chegada de seu marido do pátio.

Rionna estava inquieta, andando de um lado para o outro enquanto esperava.

Finalmente, uma hora mais tarde, os homens começaram a entrar no salão, todos prontos para o jantar. Assim que Caelen apareceu, ela apressou-se para recebê-lo.

– Mandei que nossa refeição fosse servida no quarto – ela disse baixinho. –

Venha para cima, para que eu possa cuidar de você.

Ele lançou-lhe um olhar confuso, mas permitiu que ela o conduzisse.

Estavam quase passando por cima das mulheres que saíam apressadas do quarto, com baldes na mão, e desciam para pegar mais água quente.

– O que está aprontando, esposa? – ele perguntou, quando ela o sentou diante do fogo.

Rionna puxou as botas do marido, enquanto ele a olhava com uma diversão preguiçosa.

– Organizei um banho quente seguido de uma refeição quente. Vai amenizar suas dores e aquecê-lo.

Ele ergueu uma sobrancelhas conforme ela tirou uma bota.

– Qual é a ocasião?

Ela sorriu e começou a tirar a outra bota.

– Nada especial.

Uma batida soou, e Rionna gritou para que entrasse. Quatro mulheres entraram, carregando mais água, e adicionaram à banheira já cheia de água fervendo. Quando as mulheres saíram, Rionna passou os dedos pela superfície.

– Acho que está pronta.

Quando Caelen ia começar a se despir, ela colocou a mão em seu braço, para impedi-lo. Então, começou a tirar-lhe a roupa, até ele ficar nu diante dela, pegou a mão dele e guiou-o até a banheira. Caelen entrou na banheira e gemeu baixinho quando afundou na água quente.

Ela o deixou lá sentado por um tempo, com os olhos fechados, antes de

pegar o pano de lavar e o sabão e ajoelhar-se ao lado da banheira. Ele abriu os olhos para olhá-la, conforme ela apertava o pano em seu peito e começava a lavar.

– Não sei bem o que fiz para merecer tanta atenção, mas você não vai ouvir uma

reclamação saindo dos meus lábios.

– Você tem trabalhado exaustivamente sem descanso durante semanas – ela disse baixinho. – Insistiu no meu descanso, mas no seu, não. Você me satisfaz e mima e, mesmo assim, ninguém faz o mesmo por você.

Ele riu.

– Sou um guerreiro, Rionna. Ninguém mima guerreiros.

– Esta esposa mima – ela argumentou. – Uma noite sendo servido fará bem a você.

Ela começou lavando as costas dele com gestos lentos e sensuais. Os músculos dele se tensionaram sob seu toque, e ele prendeu a respiração e soltou, arfando.

– Acho que pode ter razão sobre isso. Prefiro a ideia de minha esposa me servindo na privacidade do nosso quarto. Abre um bom leque de possibilidades.

Ela inclinou-se sobre ele e silenciou-o com um beijo. Então, enfiou a mão na água e trilhou os dedos por sua barriga até seu membro. Gentilmente, acariciou sua rigidez para cima e para baixo.

– Preciso limpar todos os lugares – ela murmurou.

– Ah, sim, não pode perder nenhum lugar – ele murmurou de volta ao mordiscar os lábios dela.

Rionna inclinou-se para trás e pegou o jarro pesado do lavatório. Depois de colocar Caelen inclinado para a frente na banheira, ela começou a lavar seu cabelo.

Adorava passar os dedos nas mechas longas. Ensaboou, enxaguou e esfregou o grosso couro cabeludo, massageando e acariciando ao tentar lhe dar conforto.

– Suas mãos são mágicas, moça – ele murmurou. – A verdade é que nunca senti tanto prazer com uma coisa tão simples como lavar o cabelo.

– Se ficar diante do fogo, vou secá-lo – ela disse, ao voltar a sentar nos calcanhares.

– Não precisa me pedir duas vezes para outra oportunidade de ter suas mãos em meu corpo.

Ele levantou-se e a água escorreu por suas costas, depois por sua bunda firme e, então, por suas pernas. Caelen saiu da banheira e virou-se para encará-la, de costas para a lareira. O olhar dela estava fixo no corpo dele.

Nem quando tivesse noventa anos se cansaria de olhar para aquele homem. Ele a deixava fascinada. Atraía seus sentidos femininos de uma forma que nenhum homem jamais tinha atraído.

– Se continuar olhando para mim assim, vai se ver de costas comigo entre as suas coxas – ele disse grosseiramente.

Ela sorriu e aproximou-se, para começar a enxugá-lo. Erguendo-se nas pontas dos pés, pegou as mechas do cabelo do marido para tirar o excesso de água, e quando sentiu que estava seco o suficiente, começou a enxugar o restante do corpo.

A verdade é que ela tinha toda a intenção de mimar seu marido naquela noite, mas estava gostando tanto da experiência, que se culpava pelo prazer que aquilo lhe proporcionava.

Depois de secar o peito e os braços de Caelen, ela ajoelhou-se para enxugar seus quadris, coxas e canelas. Propositalmente, evitou a virilha… queria causar nele uma forma específica de tortura. Então, ainda de joelhos, ergueu-se, para que sua boca ficasse a poucos centímetros de seu membro inchado.

– Me diga, marido, você se sentiria muito fraco se eu lhe pedisse para jantar somente depois que eu lhe der prazer?

Os olhos dele brilharam com a zombaria cruel de sua esposa. Ele escorregou os dedos pelo cabelo dela e puxou-a bruscamente para a frente, até a ponta de sua ereção tocar seu lábio inferior.

– Vou dar um jeito.

Consciente do estado em que Caelen ficava quando, estando em pé, ele a via de joelhos diante de si, ela deslizou a boca sobre sua rigidez e tomou-a profundamente.

– Ah, moça – ele gemeu. – Sua boca é o prazer mais doce que já conheci.

Os dedos dele se curvaram no cabelo dela, mas ele logo soltou, preocupado em machucá-la com seu desejo. Depois apertou de novo quando ela engoliu a cabeça de seu membro.

Dessa vez, ela não queria prolongar o prazer dele. Pretendia ser rápida e direta, uma prévia do que estava por vir.

Curvou a mão em volta da base da ereção do marido e acariciou para baixo, conforme chupava a cabeça. Então, apertou os dedos e acariciou de volta para

cima, enquanto o engolia por inteiro mais uma vez.

Repetidas vezes, ela o tomou forte e rápido, até ele ficar nas pontas dos pés, esticando-se para ir mais fundo. Ele tentou tirar quando ficou óbvio que iria gozar, mas ela resistiu e tomou-o para o fundo de sua garganta, segurando-o lá até que, com um grito rouco, ele terminou na boca dela.

Ela continuou a deslizar a língua e os lábios por seu comprimento até, finalmente, ele segurar seu rosto com as mãos e afastá-la delicadamente. Ele abaixou-se para ajudá-la a se levantar e puxou-a para mais perto, quando ela cambaleou. Depois de um instante, ela afastou-se e estendeu-lhe as calças.

– Venha para a cama, para que eu possa pentear seu cabelo – ela disse, enquanto ele se vestia novamente. – Nossa comida chegará logo e, então, poderá comer.

Ela sentou-se na beirada da cama e ele no chão, entre os joelhos dela, enquanto ela desembaraçava seu cabelo. Após um tempo, ela colocou de lado a escova e enfiou os dedos nas mechas, gostando da sensação contra a sua pele.

Ele ergueu a mão, pegou uma das mãos dela e levou-a à boca. Primeiro beijou a palma da mão; depois, virou-a, para beijar os nós dos dedos.

– O que a levou a demonstrar tanta afeição, esposa?

– Bem, você me comunicou que tais demonstrações não eram apropriadas diante dos homens – ela disse, formal.

– Espero que não mesmo, moça – ele respondeu gargalhando. – Não que não

ame a visão de seus lábios em volta de meu membro, mas iria causar uma manifestação entre meus homens. É melhor se mantivermos esses assuntos em particular.

Ela sorriu e inclinou-se para a frente, para abraçá-lo. Beijou-lhe a têmpora, mas teve de libertá-lo quando bateram à porta.

– Deve ser Sarah com o nosso jantar. Não se mexa, voltarei em um instante.

Ela fez Sarah esperar no corredor, e voltou algumas vezes para pegar a comida. Depois de ter levado tudo para dentro do quarto, dispensou Sarah e fechou a porta.

Primeiro, serviu a cerveja e entregou a taça a Caelen. O olhar dele era intenso e possessivo, como se quisesse somente tirar a roupa dela e possuí-la ali mesmo, no chão.

A verdade é que ela também adoraria, mas havia a comida, e seu marido, provavelmente, estava faminto.

Ela encolheu-se ao lado dele no chão, e um tremor suave percorreu o seu corpo. A roupa de Rionna estava um pouco molhada por ter dado banho em Caelen. Seu marido franziu o cenho e ergueu a mão, para tocar as mangas do vestido dela.

– Você está com frio. E molhada.

– É, não tem importância.

– Está tremendo.

– O fogo me aquecerá logo.

Ele pegou o prato das mãos dela e colocou-o na cama. Então, levantou-se e puxou-a para perto de si. E, em uma inversão de papéis, ele despiu-lhe o vestido e removeu suas roupas de baixo, deixando-a nua, para o seu olhar ávido.

– Sua pele brilha de tão quente na luz do fogo – ele murmurou. – Acho que é a forma que eu gostaria que ficasse nesta noite.

Ele ajeitou-se novamente no chão, mas, em vez de permitir que ela se sentasse

ao seu lado, como fizera antes, puxou-a para baixo, para que se acomodasse em seu colo.

– O chão está gelado. Você vai se sentar em mim para não ficar com frio.

Ele tocou o pequeno volume na barriga de Rionna e, então, pousou a mão sobre ela.

– Como está o nosso filho hoje?

– Ainda não o senti se mexer, mas acho que sentirei logo. Sou pequena, e Sarah disse que sentirei mais rápido por causa disso.

– Espero que não seja tão pequena – Caelen disse, com a testa franzida. –

Deus sabe que você não parece grande o suficiente para dar à luz uma criança.

– Você se preocupa demais. Ficarei bem.

Ela esticou o braço além dele, pegou o prato de carne, queijo e pão e colocou-o no chão, ao lado deles. Então, pegou um pedaço de carne com a mão e ofereceu-o a ele. Ao abocanhar a porção de carne que ela lhe oferecia, ele tocou os dedos dela com a boca.

– É a refeição mais doce que já comi – ele disse com uma voz rouca. –

Oferecida com uma mão de deusa nua que está sentada em mim. Cheguei ao paraíso.

Era tentador inclinar-se para a frente e beijá-lo demorada e intensamente, mas ela já o impedira de comer por bastante tempo. Alternando entre a carne, o queijo e o pão, ela partia pedacinhos e o alimentava com seus dedos.

Caelen dificultava tudo, porque, toda vez que ela lhe dava comida, ele passava as mãos na pele dela. Acariciava seus ombros, suas costas e, então, virava-se para pegar seus seios grandes, massageando com o polegar um mamilo de cada vez, até ela ficar inquieta no colo dele.

– Devo alertá-la de que, quando essa sua sedução acabar, não vou durar muito. Quero ter você, moça, mas estou tão ansioso que vou gozar na primeira

investida.

Ela riu.

– Hoje à noite o que importa é o seu prazer, marido. Sou sua para fazer o que quiser.

– Então, tire as minhas calças bem aqui, para que eu possa descansar profundamente em você. Estou pensando em tornar uma regra o fato de você se sentar no meu colo, e deve descansar no meu mastro.

Ela puxou as calças dele com impaciência, porque as palavras dele lambiam seu corpo como fogo, e ela estava tão excitada quanto ele para tê-lo dentro de si.

Ela arqueou assim que ele se libertou. Caelen segurou os quadris da esposa, guiando-a e afundando-a, e ambos emitiram sons indistintos de prazer. Quando ela iria se mexer, ele a segurou firme contra si, para que não houvesse espaço separando-os.

– Bem aí, moça. Não se mexa. Agora me dê o resto da comida.

E cada vez que ela se movia para pegar um pedaço de pão ou de queijo do prato, seu corpo se apertava ao redor dele e ele inchava ainda mais, até ela estar impossivelmente esticada.

– Você me aperta como um punho de veludo – ele suspirou e subiu os dedos pelo braço dela, segurando-a logo abaixo dos ombros. Rionna deu-lhe o último pedaço de pão quando ele fundiu sua boca na dela, como se nem tivesse comido e se estivesse faminto. Por ela.

As palmas das mãos dele escorregaram para baixo, pelos braços dela, e depois pelos quadris, onde descansaram. Ele apertou os dedos na bunda dela e ergueu-a, conforme arqueou para cima.

– Está bom demais – ele disse entredentes. – Não vou conseguir aguentar.

Ele estocou forte e ela foi preenchida por seu líquido quente. Caelen segurou-a firme contra sua virilha enquanto pulsava dentro dela. Então, as mãos dele deixaram seus quadris e ele a puxou contra o seu peito, com as mãos acariciando sua coluna para cima e para baixo.

Por alguns instantes, ele continuou seu carinho gentil enquanto amolecia dentro dela. Inacreditavelmente, colocou um braço em volta dela e a outra mão no chão, para empurrar-se para cima.

Ele escorregou para fora do corpo dela ao levantar-se, mas continuou a abraçá-la ao virar-se para a cama, a banheira e a comida esquecidas.

Caelen deitou-a e subiu na cama ao seu lado, puxando-a contra seu corpo.

Eles ficaram lá espalhados no colchão, com os membros entrelaçados, braços jogados possessivamente um sobre o outro. Ele beijou a testa de Rionna e suspirou de satisfação. Ela saboreou o som do homem bem agradado e sorriu com sua própria satisfação.

– Não sei dizer o que garantiu tanta afeição de minha esposa, mas me conte para que eu possa fazer isso de novo no futuro – ele disse baixinho.

Ela apertou-o e beijou seu pescoço. Então, brincou tolamente com seu cabelo, de repente possuída pela vontade de saber mais sobre seu marido.

– O que você escreve em seus pergaminhos?

Ele desviou o olhar, parecendo surpreso pela pergunta. Ele parecia um pouco… envergonhado, e ela se perguntou se não teria sido melhor não estragar o momento íntimo entre eles.

– Meus pensamentos – ele finalmente disse. – Escrever me ajuda a organizá-los melhor.

– Então é como um relato do seu dia?

– De certa forma. Não sou muito expressivo e não gosto muito de falar.

– Não. Com certeza, está brincando – ela zombou.

Ele a beijou de forma brincalhona na bunda.

– É algo que faço desde que aprendi a ler e escrever, quando era um rapazinho. Meu pai era um homem educado e ensinou os filhos. Ele pensava que era uma habilidade importante. Sempre dizia que inteligência era mais útil para um

guerreiro que uma espada.

– Parecia ser um homem sábio.

– E era – Caelen disse baixinho. – Era um ótimo laird, amado por seu clã.

Rionna olhou nos olhos do marido e soube que os demônios do passado o atormentavam naquela noite. Ela se arrependera extremamente de tê-lo feito pensar no pai, porque era impossível separar a morte dele da traição de Elsepeth. Mas, ao mesmo tempo, queria saber mais e, talvez, amenizar o fardo de seu marido.

– Me conte sobre Elsepeth – ela pediu.

Caelen enrijeceu-se e sua expressão tornou-se sombria.

– Não há nada para falar.

– Eu discordo. Ela o tornou sério. Tomou algo de você que deveria ser meu por direito.

– Do que está falando? – Caelen indagou, confuso.

– Seu coração – ela respondeu, tocando-lhe a face. – Você nunca conseguirá me dar seu coração por completo porque ela ainda está nele.

– Não – ele negou rapidamente.

– Sim – ela discordou. – Você endureceu a parte de seu coração que ofereceu a ela. Quando ela te traiu, você trancou essa área e nunca mais voltou a abri-la. Ela está presa lá. Ela tem o que é meu por direito e eu o quero, marido. Não vou mais ficar satisfeita em esperar.

Ele olhou incrédulo para ela.

– Você está fazendo pedidos irracionais, esposa.

Rionna, bufou impaciente.

– É irracional querer todo o coração do meu marido? Você aceitaria a parte de meu coração que pertenceu a outro homem, mas sem poder nunca tocar?

Ele fez careta quando ela disse isso.

– Está exagerando, Rionna. Elsepeth faz parte do meu passado, e você é o meu futuro. Uma não tem nada a ver com a outra.

– Então me conte sobre ela – Rionna o desafiou. – Se ela não é uma ameaça, não deveria ser um problema falar sobre ela.

Caelen suspirou, frustrado, e passou a mão no cabelo. Rolou, para ficar de costas no colchão, e encarou o teto. Rionna permaneceu parada, esperando que ele lidasse com a irritação.

– Eu era tolo.

Rionna não respondeu; manteve-se observando a emoção se expressar no rosto do marido. Ela não acreditava nem por um minuto que ele ainda abrigasse sentimentos carinhosos por Elsepeth, mas o passado dele ainda estava muito vivo em seu coração e mente. Era como um veneno que tinha de ser extirpado de seu organismo.

Ela conseguia ver a dor crua nos olhos dele e seu arrependimento por tudo o que acontecera há muitos anos.

– Ela era alguns anos mais velha que eu e tinha mais experiência. Eu era só um jovem rapaz, e ela foi minha primeira… Ela foi minha primeira amante.

Me deslumbrei de amor por ela. Eu tinha todo o nosso futuro planejado.

Pretendia me casar com ela, embora não tivesse nada para oferecer a uma esposa. Eu era o terceiro filho de um laird. Não éramos um clã pobre na época, mas também nunca fomos ricos. Minha intenção era ir até seu primo, Duncan Cameron, e pedir a mão dela em casamento.

Rionna franziu o cenho, porque, mesmo que soubesse a história, ou o principal dela, o que aconteceu ainda a fazia encolher-se de medo.

– Meu pai mandou-nos, Ewan, Alaric e eu, fazer troca com um clã vizinho.

Enquanto estávamos fora, Elsepeth drogou os homens e abriu os portões, para que os soldados de Cameron pudessem entrar escondido no castelo, na calada da

noite. Foi um banho de sangue. Nosso clã foi dizimado, e a verdade é que não éramos tão bem treinados como somos agora. Não tínhamos chance.

Quando meus irmãos e eu voltamos, encontramos nosso pai morto. A jovem esposa de Ewan havia sido estuprada e tivera a garganta cortada. Seu filho só sobreviveu porque foi escondido pelas mulheres do castelo. Os membros do nosso clã que sobreviveram à chacina nos contaram sobre o envolvimento de Elsepeth, mas a vergonha não para por aí.

As sobrancelhas de Rionna se uniram.

– O que aconteceu depois?

– Não acreditei neles – ele disse com desgosto. – Fui apresentado a evidências sólidas, que, no fundo, eu sabia ser verdade, mas meu coração me dizia que ela não podia ter me traído. Procurei por ela, determinado a ouvir a explicação de seus lábios. Tinha certeza de que havia algum engano.

Rionna estremeceu e soltou a respiração. Ela nunca tinha ouvido essa parte da história.

– Quando a confrontei, ela riu. Não tentou inventar uma mentira.

Simplesmente riu na minha cara, e quando me virei para sair, jogou uma faca que acertou as minhas costas.

– A cicatriz na sua lateral – Rionna sussurrou.

– Sim. Não é uma marca da qual me orgulho, mas, sim, um lembrete de como permiti que a mulher com a qual eu me importava destruísse meu clã.

– Onde ela está agora?

– Não sei. Não me importo. Um dia, ela pagará por seus pecados, assim como vou pagar pelos meus.

– Você não acha que já compensou seus erros? – Rionna perguntou. – Seu clã está reconstruído, seu povo está prosperando, você fez uma aliança que vai salvar muitos da ambição implacável de Cameron.

– Nada que eu fizer trará nosso pai de volta – ele disse simplesmente. –

Aprendi uma lição valiosa naquele dia. Uma lição da qual nunca vou me esquecer. Permiti que meu coração comandasse o que a minha mente sabia que estava errado. Nunca mais vou duvidar do que estiver na minha frente.

Rionna franziu o cenho e deslizou a mão por seu peito, ao aconchegar-se na sua lateral. Ele soou tão… frio. Nada parecido com o guerreiro bruto e quente que ela aprendera a amar com todo o coração.

Pela primeira vez, Rionna teve medo de que Elsepeth tivesse danificado irreversivelmente uma parte de Caelen.

Caelen fechou a mão sobre a dela e apertou, conforme o silêncio se impôs.

Ela refletiu sobre tudo o que ele dissera, e quanto mais ela pensava naquilo, mais uma coisa não fazia sentido.

– Caelen?

– Sim.

– Por que Cameron atacou? Qual era o objetivo dele, se ele não se apropriou de suas terras, mas voltou para as próprias, depois de deixar as suas em ruínas?

O peito de Caelen se contraiu conforme ele respirou fundo.

– Não sei. Nunca soube. Era como se estivesse mandando uma mensagem, mas nunca entendi o significado. Éramos um clã pacífico. Não brigávamos com ninguém. Meu pai não era homem de tolerar invasões ou lutas apenas por lutar. Fico triste por ele ter acabado da forma que acabou, quando nunca prejudicou ninguém.

Rionna ergueu-se, apoiada em um cotovelo, para poder encarar seu marido.

De repente, parecia importante que lhe dissesse o que estava na ponta da sua língua.

– Não sou Elsepeth, Caelen. Preciso que saiba disso. Nunca vou te trair.

Ele a encarou por bastante tempo antes de puxá-la para um beijo.

– Sim, eu sei disso, Rionna.

Capítulo 28

O clima não deu trégua no mês de maio. De fato, era como se o inverno estivesse compensando a brandura de janeiro ao agarrar-se de forma teimosa à primavera.

As despensas estavam vazias, e os homens estiveram impedidos de caçar por duas semanas por causa da neve pesada e intensa.

Todos eram obrigados a ficar dentro de casa, rondando a lareira para se manter aquecidos. Caelen trabalhava com impaciência, esperando uma trégua no clima e aguardando mensagem de Ewan.

No fim da terceira semana do mês, a trégua finalmente veio. Um mensageiro chegou, trazendo notícias de Ewan: estava tudo bem em Neamh Álainn e os planos de ir para a guerra estavam em andamento. Ewan estava até agora mandando cartas para todos os outros lairds. O rei enviara a Ewan um contingente de soldados, todos leais à coroa.

Muito tempo se perdera em razão da neve prolongada e do frio cruel.

Agora, Ewan estava impaciente para ir à guerra, e disse para Caelen se preparar e aguardar as suas ordens.

Apesar de Rionna saber que aquele dia estava chegando, ela ficou perturbada com as notícias. Não queria mandar seu marido ou seu clã para a guerra, mas mordeu o lábio e manteve o receio para si mesma. Não sobrecarregaria seu marido quando sua mente já estava aguardando a batalha iminente.

Ele estava inquieto e, conforme passavam os dias, ficava mais tenso e calado. Por fim, quando estavam distribuindo a última carne de veado, Caelen reuniu-se para uma caçada e declarou que iriam caçar o máximo possível no pouco tempo que tinham antes de partir para a guerra.

A inquietação do laird se estendera aos homens, e uma caçada era a única coisa que aquietava a mente deles antes da batalha.

Caelen estava parado no salão, com Rionna à sua direita e Gannon à esquerda. Rionna havia entrelaçado os dedos nos dele e segurava, encontrando



conforto em seu toque.

– Você ficará aqui e vigiará o castelo – Caelen disse para Gannon. – Não espero notícias de Ewan por alguns dias ainda, mas, se receber uma mensagem, envie alguém imediatamente para me avisar. Não vamos muito longe em nossa caça. Vigie bem Rionna para mim.

Gannon assentiu.

– É claro, laird. Que sua caçada seja bem-sucedida e seu retorno venha com muita recompensa.

Gannon saiu, deixando Caelen sozinho com Rionna. Ela virou-se em seu abraço, antes de ele poder dizer qualquer coisa, e abraçou-o com força, sem se importar com os demais presentes. Era uma hora que seu marido teria de sofrer demonstrações de afeto fora do quarto.

Para sua surpresa, ele a beijou levemente e acariciou sua face ao afastar-se.

– Posso ver a preocupação em seus olhos, esposa. Não é bom para você nem para o nosso bebê. Tudo ficará bem. Esse dia está sendo esperado por muitos anos. A verdade é que estou quase me coçando para continuar com isso.

– É, eu sei – ela disse baixinho. – Vá para a sua caça e clareie a sua mente antes de partir para a batalha com Cameron. Tenho toda fé que você e seus irmãos se sairão vitoriosos.

Os olhos dele brilharam de satisfação com as palavras dela. Ele inclinou-se, beijou-a de novo e saiu do salão, indo ao encontro do grupo de caça que esperava no pátio.

Rionna lhe assistiu partir e suspirou. As próximas semanas seriam um teste para a sua força de espírito. Ela abominava a ideia de Caelen e os homens de seu clã estarem a quilômetros de distância em um campo de batalha, enquanto ela

permanecia para trás, no castelo, sem saber o que acontecia. Ela nem saberia do resultado até depois de ele ter sido decidido.

Um dia depois, Jamie entrou cavalgando de volta ao pátio, trazendo a carne da caça. Ele desmontou e cumprimentou Gannon, enquanto Rionna, dos degraus do castelo, olhava impaciente.

Depois de falar por um instante com Gannon, Jamie foi na direção de

Rionna.

– O laird ordenou que eu trouxesse esta mensagem para a senhora, milady.

Disse que a caçada foi bem-sucedida e que o espere em casa amanhã, no cair da tarde.

Rionna sorriu.

– Você traz boas notícias, Jamie. Entre e se aqueça. Coma alguma coisa enquanto os outros descarregam seu cavalo.

Sem nenhuma mensagem de Ewan, Rionna estava contando que seu marido ficasse em casa pelo menos mais alguns dias antes de ser chamado para a guerra. As novidades agradaram seu coração e amenizaram um pouco a dor de cabeça que a incomodava desde a partida dele.

Ela passou a tarde preservando o veado, mas rapidamente descobriu um aspecto desagradável de sua condição. Não tinha sofrido nenhuma doença até então. Na verdade, com exceção da fadiga no começo, ela estava tendo uma gravidez normal. Mas assim que se aproximou da carcaça, o cheiro de sangue e carne crua fez seu estômago se embrulhar violentamente.

Ela se humilhou, vomitando na neve e tentando ao máximo livrar-se do cheiro que, agora, parecia impregnado permanentemente em suas narinas.

Gentilmente, Gannon tirou-a de onde as mulheres estavam trabalhando e levou-a, pela neve, para o lado mais longe do pátio, onde ela poderia respirar ar fresco e inodoro.

– É humilhante – Rionna murmurou.

Gannon sorriu.

– Não, não é incomum para uma mulher no seu estado. Acho que Lady McCabe vomitou desde que descobriu a gravidez até dar à luz. Cormac e eu estávamos sempre pegando coisas nas quais ela pudesse vomitar.

Um grito do portão distraiu-a de seu estômago ainda contorcido. Ela e Gannon se viraram a tempo de ver Simon entrando no pátio, com o rosto sangrando e o cavalo espumando, como se tivesse cavalgado sem descanso.

Assim que o cavalo parou, Simon desceu da sela e caiu na neve.

O medo atingiu Rionna bem no peito, e ela começou a correr antes que Gannon conseguisse impedi-la. Ela alcançou Simon primeiro e caiu de joelhos ao lado do homem. Gannon chegou lá um segundo mais tarde e ajudou-a a virá-lo de costas.

Ele mal estava consciente, e o sangue escorria na neve, manchando-a de vermelho. Havia um corte profundo em seu pescoço. O ombro do homem fora

cortado tão profundamente, que seu braço quase fora arrancado.

Ele piscou os olhos inchados e seus lábios se abriram ao tentar falar.

– Não – Rionna sussurrou, com as lágrimas queimando suas pálpebras. –

Não fale, Simon. Fique parado até contermos o sangramento.

– Não, milady – ele disse rouco. – Preciso te contar. É importante. Caímos numa emboscada. Uma flecha acertou o laird por trás. Eles esperaram até nós passarmos e nos atacaram por trás.

– Oh, Deus – Rionna sufocou. – Caelen? Ele está vivo? Onde ele está? Cadê os outros?

– Arlen está morto – Simon sussurrou.

– Pai! – Jamie gritou ao correr para lá. O jovem caiu de joelhos e colocou a cabeça do pai no colo. – O que aconteceu?

– Shh, rapaz – Gannon disse, severo. – Ele está contando agora.

Simon lambeu os lábios e gemeu baixinho.

– Ele caiu do cavalo, mas está vivo. Eles o pegaram.

– Quem? – Rionna perguntou. – Quem fez isso com você?

Simon a encarou fixamente, com os olhos mais brilhantes por apenas um instante, quando a raiva queimou suas profundezas.

– Seu pai, moça. Foi seu pai e os homens que ficaram do lado dele. Eles o levaram para Duncan Cameron.

Capítulo 29

– Se pensa que vou permitir que saia do castelo, está maluca – Gannon disse abruptamente, enquanto Rionna andava de um lado para o outro no grande salão.

Rionna pegou o pergaminho que tinha o selo de Ewan McCabe e do rei. A mensagem chegara nem uma hora depois de Simon ter chegado gravemente ferido, trazendo notícias da captura de Caelen.

Ela virou-se rapidamente para Gannon, sabendo que deveria convencer o comandante de Caelen ou tudo estaria perdido.

– Pense, Gannon. Pense e vai ver que estou certa. Não podemos esperar.

Cameron vai matar Caelen. Se ele não o fizer, meu pai o fará. Caelen não está acostumado a ser um peão contra Ewan McCabe. É coisa do meu pai e de seu negócio com o diabo, Duncan Cameron. Ele falou disso antes, mas pensei que estivesse louco. Depois do meu casamento, meu pai veio até mim para suplicar que eu me juntasse a ele a fim de livrar o nosso clã de Caelen. Ele estava furioso por ser obrigado a deixar a liderança. A verdade é que, agora, acho que ele não tinha a intenção de entregar o título de laird para Alaric quando sugeriu a aliança. O plano dele era me casar com Alaric McCabe e torná-lo laird quando meu primeiro filho nascesse. Mas por que esperar? Era um acordo que nunca fez sentido para mim, dada a relutância de meu pai em passar a liderança do clã. Acho que pretendia garantir que Alaric nunca fosse laird. Certamente, o teria assassinado após eu ter o filho. Ele poderia fazer parecer um acidente, e Ewan, então, nunca quebraria a aliança se eu tivesse um filho de seu irmão. Não conseguiria provar que meu pai era a causa da morte de Alaric.

– Está falando de uma conspiração complicada – Gannon disse, com a testa franzida.

– Sei que soa desesperador. Pode parecer que estou inventando tudo por causa da minha preocupação com Caelen, mas faz sentido, Gannon. Se refletir sobre isso, vai ver que *faz sentido*.

– Faz, sim – Gannon admitiu.

– Não podemos esperar até Ewan estar pronto para ir para a guerra com Cameron. Preciso que viaje com toda pressa para Neamh Álainn e conte a Ewan sobre o meu plano. Não sei o que este pergaminho contém. Não posso abrir o selo e pedir para alguém ler, porque arruinaria o meu plano. Mas, independente das instruções que haja nele, Ewan deve agir diferente se quisermos ter o elemento surpresa.

Gannon balançou a cabeça veementemente.

– Não vou deixá-la, milady. Caelen arrancaria as minhas tripas e as daria de comer aos lobos, se eu permitisse que você seguisse em frente com esse plano.

Um som de raiva soprou pelos lábios de Rionna. Ela estava tão furiosa e tão inacreditavelmente aterrorizada, que mal conseguia se controlar. Queria curvar-se em uma bola apertada e fingir que nada disso estava acontecendo, mas a vida de Caelen dependia de ela conseguir salvá-lo, e ela iria salvá-lo, mesmo se tivesse de lutar contra todos os homens de seu clã.

– Vai simplesmente deixar que ele morra enquanto você espera os irmãos dele reunirem seus guerreiros e atacarem Cameron? Acha que Caelen ainda estará vivo? *Pense*, Gannon. Meu pai e seus homens carregam um homem ferido com eles. Caelen vai atrasar a viagem deles de volta às terras de Cameron. Se eu sair agora e cavalgar direto, posso aproximar-me deles antes que tenham tempo de determinar o destino de Caelen.

Gannon passou a mão pelo cabelo e virou-se de costas.

– O que me pede para fazer, milady, é impossível. Como posso abandoná-la enquanto corro para pedir a ajuda de Ewan? Como poderei encarar Caelen se algo acontecer com você e o filho dele? Você subestima a força de Caelen.

Não importa se ele levou uma flechada nas costas. Ele *vai* sobreviver. Tem muitos motivos para se manter vivo.

Rionna segurou o braço de Gannon até que ele a encarasse de novo.

– Os homens do meu clã vão junto, mas só eu devo entrar no domínio de Cameron. É importante que ele pense que estou sozinha. Tudo depende da minha capacidade de fazê-lo pensar que é o que quero. Preciso ganhar tempo para Ewan chegar. Não vou pedir a sua permissão para fazer isso, Gannon. O

que estou pedindo é a sua ajuda. Preciso que vá até Ewan. Depois do que aconteceu, se eu enviar um de meus homens, Ewan vai achar que é um truque.

Ele vai acreditar em *você*. Você era o homem de confiança, o homem que ele colocara a serviço de seu irmão para que Caelen tivesse alguém de confiança



por perto. Não traia essa confiança, Gannon. Eu e meu bebê estamos contando com você para nos ajudar a salvar o meu marido.

– Não está sendo justa, *milady* – Gannon disse com desgosto.

– Não é justo quando o assunto é a vida do meu marido – ela disse ferozmente. – Eu o amo e não vou deixar que morra se puder fazer algo para impedir. Vou lutar contra o meu pai, contra Duncan Cameron e contra o seu exército inteiro se for preciso.

A expressão de Gannon suavizou-se e ele tocou o braço dela, em um gesto de conforto.

– Caelen é um homem de sorte, milady. Não é sempre que um homem tem uma esposa tão corajosa, que arriscaria sua vida para salvar a dele.

– Então vai me ajudar? Vai partir imediatamente para Neamh Álainn?

Gannon suspirou.

– Vou, sim.

Rionna jogou os braços em volta dele e abraçou-o, para seu desalento. Ele soltou-se do abraço e fez careta.

– Espero que me defenda tão firmemente quanto o faz com Caelen, porque, quando ele descobrir o que a deixei fazer, vai arrancar a minha cabeça.

– Agora, vá – ela disse. – Vou reunir os homens no pátio para dizer o que deve ser feito.

Rionna encarou os guerreiros reunidos de maneira nervosa. Expressões severas no rosto dos homens estavam ressaltadas pela luz das tochas. Gannon já tinha partido e Sarah estava preparando a sacola de Rionna, para que ela ficasse pronta para partir assim que os homens estivessem a par da situação.

– Simon vai viver?

Ela não identificou quem gritou a pergunta. Ainda estava entorpecida e seus pensamentos estavam ocupados com a tarefa que tinha à frente.

– Não sei – ela disse com sinceridade. – Ele está recebendo cuidados. Se Deus quiser, vai viver para este dia e para muito tempo no futuro.

– Quem fez isso, milady?

Ela respirou fundo.

– Foi meu pai, seu antigo laird. Ele aliou-se a Duncan Cameron e quer

destruir meu marido, a fim de recuperar a liderança deste clã.

Ela prendeu a respiração ao aguardar a reação. Era totalmente possível que eles abraçassem a ideia de seu pai voltar a ser laird. Caelen ganhara seu respeito, sim, mas Rionna não podia ter certeza de que, dada a oportunidade, eles não lhe virariam as costas.

– O que precisa ser feito? – Seamus perguntou ao dar um passo à frente, com os braços musculosos cruzados diante do peito ao olhar com desprazer. –

Com certeza, não vamos deixar passar um insulto desse com o nosso laird.

Rionna precisou controlar-se muito para não abraçar o guerreiro enorme e encher seu rosto de beijos molhados de lágrimas.

– Vamos cavalgar para as terras de Duncan Cameron – ela disse, quando o nó na garganta lhe permitiu falar. – Gannon partiu para Neamh Álainn, para informar Ewan McCabe da situação. Quando nos aproximarmos das terras de Cameron, vocês todos vão se esconder e esperar meu comando para atacar.

Murmúrios foram ouvidos dos homens, e Seamus avançou.

– E depois, o que vai fazer, milady?

– Vou salvar meu marido – ela disse em um tom que não permitia discussão.

Ela podia não ser laird daquele clã, mas, naquele momento, derrubaria qualquer homem que tentasse impedi-la de ir atrás de Caelen.

– Terei de inventar a maior mentira da minha vida. É possível que meu marido me despreze quando tudo acabar, mas, se eu tiver sucesso, ele ficará vivo, e isso é tudo o que importa. A questão que coloco diante de vocês é se vão ficar comigo e arriscar a vida para salvar o nosso laird.

Seamus pigarreou e, então, virou-se para encarar os homens reunidos.

Assim, lentamente, olhou de volta para Rionna.

– Eu estou com você, milady.

Um por um, os homens deram um passo à frente e se declararam dispostos a seguir com o plano de Rionna.

– Então, precisamos partir agora e cavalgar sem parar – Rionna disse. –

Tenho de chegar antes que seja tarde demais.

Capítulo 30

Caelen não conteve o xingamento ao cair no chão. A dor atingia seu ombro, espalhando uma ardência agonizante até que ele teve que fechar os olhos e cerrar os dentes para permanecer em silêncio.

As mãos dele estavam amarradas para trás, o que tornava o ferimento no ombro mais doloroso. Gregor McDonald tinha arrancado a flecha do ombro de Caelen sem nenhum cuidado, e ele havia sangrado regularmente pela viagem difícil ao castelo de Duncan Cameron.

– Eu trouxe Caelen McCabe a você, Laird Cameron – Gregor gritou.

Caelen abriu os olhos e viu Cameron parado a poucos metros. O ódio era amargo na boca de Caelen. O fato de o homem estar tão perto e ele não poder fazer nada além de ficar ali, deitado, fazia a bile subir pela sua garganta. Se conseguisse se levantar, iria cuspir no olho de Cameron.

– Você trouxe – Cameron disse.

Ele se aproximou de onde Caelen estava deitado no chão e chutou a ferida em seu ombro. Caelen fez careta, mas encarou Cameron, permitindo que todo seu ódio se demonstrasse.

– Gostaria de me matar, não é, Caelen? – Cameron o provocou em voz baixa. – Você me odeia mais do que seus irmãos. Foi sua tolice que levou seu clã à desgraça. Minha prima é formosa, não é? Não a vejo há um tempo.

Provavelmente, está abrindo as pernas para outro pobre tolo apaixonado.

Caelen continuou a olhar para Cameron até fazê-lo sentir-se desconfortável; então, ele se movimentou e chutou de novo o ombro de Caelen.

– Me pergunto: se Ewan tivesse de escolher entre salvar a vida de seu irmão e proteger sua adorável esposa e filha, o que ele escolheria? Com certeza, não o irmão que já lhe custou tudo. Me diga, Caelen, como se sentiria sabendo que destruiu tudo com que seu irmão se importa uma segunda vez?

Cameron ajoelhou-se ao lado da cabeça de Caelen, agarrou-o pelo cabelo e puxou-o para cima, de modo que seus rostos ficassem a poucos centímetros de distância.

– Ele não terá de escolher, porque eu planejo conseguir os dois. Você não é importante para mim. Não vou nem piscar com sua morte. Então, destruirei seu clã e o rei a quem você é tão leal.

Enquanto olhava Cameron nos olhos, a pergunta que Rionna lhe fizera flutuava de volta em sua mente.

– Por quê? – ele perguntou. – Por que faz isso? Se vai me matar de qualquer jeito, me diga por que destruiu meu clã há oito anos. Não éramos ameaça para você.

Cameron levantou-se e deu um passo para trás, com o ódio refletindo o de Caelen em seu olhar.

– Vocês nunca tinham ouvido falar de mim até aquele dia, não é?

Ele balançou a cabeça.

– Típico de seu pai nunca ter falado de mim ou de meu pai. Você não é o único que tem motivo para odiar, Caelen. Seu pai pegou o que era meu.

Retribuí o favor.

– Você está louco – Caelen disse rouco. – Meu pai era um homem pacífico.

Ele não declarava guerra a ninguém, a menos que fosse provocado.

Cameron apertou a bota na garganta de Caelen, empurrando-o para o chão.

– Ah, sim, ele era um homem pacífico. Quer saber por quê? Ele fez um juramento depois da morte de meu pai. A culpa dele era demais para suportar.

Ele jurou no túmulo de meu pai nunca lutar de novo. Eu sei porque estava lá.

Eu ouvi seu juramento. Ouvi suas desculpas para a minha mãe. Ele até deu um tapinha na minha cabeça ao ir embora. Deu um tapinha na minha cabeça como se fosse me trazer o mínimo de conforto quando meu pai estava no chão. Se eu estivesse com uma espada naquele dia, seu pai teria sangrado até a morte sobre o túmulo de meu pai. Eu teria garantido isso.

– Está mentindo – Caelen falou de cara para o chão. – Meu pai nunca falou sobre você ou seu pai.

– Seu pai era um covarde. Lutou ao lado de meu pai, e quando meu pai foi

derrubado de seu cavalo, ele o deixou lá para morrer. Virou as costas para o homem que chamava de amigo e fugiu do campo de batalha. E saiba que, logo antes da última respiração de seu pai, eu o lembrei daquele menino no qual ele dera um tapinha na cabeça no túmulo de meu pai. Sabe quais foram as últimas palavras dele, Caelen?

Caelen engoliu contra a raiva que se formava em sua garganta. O sangue bombeava tão furiosamente por suas veias, que ele temia que fosse explodir.



Cameron inclinou-se de novo para aproximar-se do ouvido de Caelen.

– Ele disse que sentia muito de novo. E depois me implorou para poupar a vida de seu neto.

– E aí, em vez disso, você assassinou e estuprou a mãe do menino – Caelen rosnou.

– Se eu tivesse achado o fedelho, teria espetado minha espada nele. Meu único arrependimento é você e seus irmãos não estarem lá no dia do ataque.

Iria me trazer grande satisfação ter destruído todos os McCabe.

– Vou te encontrar no inferno pelo que fez – Caelen jurou.

Cameron ergueu-se e gesticulou para seus homens.

– Levem-no para o calabouço. Não suporto mais olhar para a cara dele.

Matá-lo agora seria bom demais para ele. Quero que sofra como meu pai sofreu quando sangrou lentamente até a morte no campo de batalha.

Três dos homens de Cameron ergueram Caelen e o arrastaram em direção à pequena entrada com escadas que levavam ao subsolo escuro, enquanto um quarto homem carregava uma tocha para o corredor frio e úmido.

No fim desse corredor, um buraco enorme se abriu no chão e, sem aviso, Caelen foi jogado lá. Ele foi arremessado para a frente e ficou suspenso no ar por um instante antes de cair no chão de pedra. Seu ombro ferido suportou o baque da

queda e ele gritou quando a agonia rasgou por suas costas e braço, adormecendo sua mão.

Caelen inspirou fundo, conforme lutava contra a inconsciência. Sentiu o gosto de sangue e percebeu que mordera o lábio.

Enquanto estava lá deitado, tremendo, com apenas a dor como companhia na escuridão, ele fechou os olhos e imaginou o rosto de Rionna sorrindo.

Imaginou que estava em casa, na privacidade do quarto deles, enquanto Rionna inventava um novo jeito de deixá-lo louco de desejo.

Imaginou acariciar sua barriga e conversar com ela noite adentro sobre suas esperanças e seus sonhos para o filho.

– Proteja-a bem, Ewan – ele sussurrou –, porque eu falhei com ela. E com você.

Rionna estava quase desmaiando quando ordenou que seus homens

rodeassem a fortaleza de Duncan Cameron e permanecessem escondidos até ela dar a ordem do ataque. Se Deus estivesse com eles, Ewan McCabe chegaria com reforço antes de seu clã ser obrigado a agir. Mas, se isso não acontecesse, ela e todos os guerreiros McDonald iriam lutar.

Ela pediu por força. Pediu que Deus a guiasse para o que estava prestes a fazer. Tinha de ser convincente ou ela e Caelen morreriam.

Pegando as rédeas de seu cavalo cansado, ela seguiu em frente, com o coração batendo forte conforme saía da floresta densa e cavalgava em direção ao portão do castelo de Cameron.

Era uma visão majestosa de pedra, madeira e metal. Os muros eram altos, e ela só rezava para que seus homens pudessem escalá-los rápido o suficiente, a fim de não serem pegos em flagrante.

Seu plano tinha que dar certo. Se Deus realmente estivesse do lado certo, seu clã ganharia o dia e ela retornaria para casa com seu marido.

Ainda assim, ela rezava, caso Deus precisasse ser convencido a respeito do lado que deveria ajudar.

Quando Rionna chegou ao portão, o vigia gritou. Ela olhou para o topo do muro e viu pelo menos três arcos apontados na sua direção.

Ela tirou o capuz e gritou.

– Eu sou Rionna McDonald e desejo ver meu pai, Gregor McDonald.

Houve uma longa espera, e então Duncan Cameron apareceu em cima do muro, com Gregor McDonald ao seu lado.

– Me diga, Rionna, veio implorar pela vida de seu marido? – Cameron gritou.

Ela o olhou fixamente, com arrogância, e torceu os lábios com desdém.

– Vim ver se o que meus homens me contaram é verdade. E se for verdade, se meu pai tiver derrubado o guerreiro McCabe, quero reivindicar o direito de matá-lo, se isso já não tiver sido feito.

Cameron arqueou uma sobrancelha com surpresa, e Rionna prendeu a respiração até quase cair do cavalo. Oh, Deus, que ele ainda esteja vivo. Eles não poderiam ter chegado com Caelen muito tempo antes. Ela e seus homens cavalgaram sem parar e seguiram uma trilha fresca da metade do caminho até ali, e continuaram até chegar ao castelo.

– Abram o portão – Cameron gritou.

Alguns instantes mais tarde, a madeira rangeu e o pesado portão começou a se abrir. Ela permaneceu em cima do cavalo e aguardou a permissão para

entrar.

Logo, Cameron e seu pai apareceram na entrada, e um dos homens de Cameron avançou para ajudá-la a descer do cavalo. Quando seus pés tocaram o chão, seus joelhos quase dobraram, mas, pela pura força de vontade, ela permaneceu em pé e permitiu que seu cavalo fosse levado para longe.

– Você conta uma história interessante, senhora – Cameron disse ao encará-

la. – Tem minha atenção.

Rionna olhou para seu pai, perguntando-se se ele era tão intimidado por Cameron para oferecer suas próprias palavras. Ele a encarou de volta, com a expressão neutra, e seus olhos brilharam com suspeita.

– Ele já está morto? – ela perguntou.

Finalmente, Cameron balançou a cabeça e ela fraquejou de alívio.

– Não, ainda não. Ele acabou de chegar. Me diga, como chegou tão rápido?

– Quando meus homens me trouxeram a notícia do que acontecera, me recusei a acreditar em minha sorte até pousar os olhos nele. Se for verdade que meu pai capturou Caelen McCabe, então devo oferecer meus agradecimentos.

– O que é este disparate, filha? – Gregor enfim perguntou.

Cameron ergueu a mão.

– Há apenas uma forma de resolver este enigma. Venha, milady. Está frio e você viajou uma longa distância.

Rionna passou a mão pelo braço estendido de Cameron e sorriu grata para ele.

– Meus agradecimentos, Laird Cameron. A verdade é que estou cansada, mas meu alívio é tanto que não podia parar até chegar à porta de seu santuário.

– Minha querida senhora, o que a faria chamar de santuário? – ele perguntou, enquanto a guiava pelo pátio e para cima das escadas que levavam ao castelo.

Um sopro quente de ar a atingiu, assim como o fedor. Seu nariz se enrugou e ela precisou de toda a força para impedir que seu estômago se rebelasse.

A túnica que usava disfarçava sua barriga, e ela não estava grávida há tanto tempo, a ponto de sua condição ser evidente. A última coisa que ela queria era revelar que estava carregando um filho de Caelen.

– Sim, santuário. Acha que eu estaria a salvo de Ewan McCabe assim que ele soubesse que um McDonald pegara seu irmão?

– Por que quer matar seu marido? – Cameron perguntou diretamente.

Ele gesticou para ela se sentar em uma das cadeiras diante do fogo, e foi um grande alívio fazê-lo. Ela não sabia por quanto tempo mais conseguiria permanecer em pé.

– Isso importa? – ela perguntou com uma voz tranquila.

– Acho difícil acreditar que tenha deixado a proteção de seu clã no ápice do inverno para poder matar um homem que já é praticamente um homem morto.

– Eu o detesto – Rionna cuspiu. – Detesto todos os McCabe. Eles trataram meu clã muito mal. A verdade é que eu não tinha grande adoração pela liderança de meu pai, mas, pelo menos, ele era um McDonald. Fui humilhada o tempo todo pelos McCabe. Se não me deixar matá-lo, gostaria, pelo menos, de testemunhar. E buscaria sua proteção até esse assunto com os McCabe terminar.

– Você é uma mulher estranha, Rionna McDonald. Ou devo dizer McCabe?

Rionna levantou-se de repente, desembainhou sua espada e apontou-a para Cameron, em uma demonstração de desafio, que ela torcia para que impressionasse o laird ou que até o convencesse de que ela era louca o suficiente para querer a morte do marido. Estava tão desesperada naquele momento, que se agarrava a migalhas, e sabia muito bem disso.

– Não serei chamada por esse nome – ela chiou.

Ele colocou a lâmina para o lado, como se não fosse nada mais que uma maldita mosca.

– E eu não vou deixar uma mulher brandir a espada para mim em minha própria casa.

Ele apontou para ela se sentar de novo, e então virou-se para olhar para Gregor McDonald, que estava em pé do outro lado de Rionna.

– Você me deixou curioso, Rionna. O que Caelen McCabe fez para causar sua ira?

Ela olhou para o seu pai, sabendo que era ali que ele seria convencido e que daria credibilidade à sua história, independente de quão absurda soasse para Cameron.

– Insistiu que eu agisse e me vestisse como uma mulher. Pegou a espada de mim e me proibiu de pegá-la de volta. Zombava de mim e me humilhava toda hora. Ele… Ele abusou muito de mim.

Cameron riu e olhou para o pai dela.

– Que mulher você criou, Gregor?

– Ela acha que é um rapaz – Gregor disse, com desgosto. – Nada que eu já

tenha feito a fez agir e se vestir como deveria. Lavei minhas mãos para ela há anos. A verdade é que, provavelmente, ele se deitou com ela, e isso é o que ela chama de “abuso”.

O olhar de Cameron varreu levemente pelo corpo dela de uma forma que a deixou grata por ter enfaixado os seios. Ele procurava um sinal de que ela era realmente feminina, mas, com seu jeito de se vestir, parecia esguia e sem curvas, assim como um jovem rapaz.

Ela estremeceu com o desejo nos olhos dele. Apesar de suas excentricidades, ou talvez por causa delas, Cameron olhava para ela como se não quisesse nada mais do que jogá-la no chão para uma transa rápida. Ou talvez porque cobiçasse o que Caelen já tinha possuído. Tentar entender a mente de um homem era impossível.

Mas ele virou-se e acenou uma mão arrogante para um de seus homens.

– Traga Caelen McCabe do calabouço. A esposa dele quer um encontro.

O nó em sua barriga crescia e o medo quase a paralisou. Ela teria de agir rápido a fim de convencer Cameron e seu pai de que tudo o que disse era verdade. Doeria nela fazer o que precisava. Seria a coisa mais difícil que já tinha feito, mas precisava convencer Caelen de que abominava a visão dele e queria a sua morte.

Durante o tempo que esperou, endureceu-se para ver seu marido. Sabia que ele estava ferido. Podia estar quase morrendo agora. Ela não poderia reagir, não como uma esposa horrorizada.

Rionna queria chorar. Estava exausta e com mais medo do que jamais sentira na vida.

Quando jogaram Caelen no salão, ele caiu de joelhos e ela pôde ver que as mãos dele estavam presas às costas. Antes que ele pudesse olhar para cima, ela estava em pé. Cruzou o cômodo, mas, assim que o alcançou, ele ergueu o olhar para ela.

A surpresa se registrou em seus olhos e ele abriu a boca, como se fosse falar. Então, ela fez a única coisa que sabia que iria silenciá-lo: recuou e esbofeteou-lhe o rosto o mais forte que conseguiu.

Capítulo 31

O pescoço de Caelen dobrou-se para trás, enquanto ele lutava para ficar de joelhos, mas conseguiu virar a cabeça de volta para encarar sua esposa. Sua *esposa*. Ela estava em pé diante dele, com os olhos cuspindo fúria, enquanto Cameron e Gregor estavam atrás dela, parecendo se divertir.

– Você está louca? – ele perguntou. – O que está fazendo?

– Estou aqui para vê-lo morrer – ela sibilou. – Se Deus quiser, e com a permissão do Laird Cameron, eu mesma o matarei. Me daria um prazer enorme livrar-me de você, Caelen McCabe.

Ele ouviu o que ela disse e viu uma raiva bem verdadeira em seus olhos.

Não conseguia entender nada. O pavor arrastou-se pelo seu peito até doer mais do que o ferimento da flecha em suas costas.

Não poderia estar acontecendo de novo. Ele não suportaria a repetição da história de forma tão bizarra.

Duncan Cameron veio para trás de Rionna e colocou a mão em seu ombro.

– Sua esposa está aqui para te ver, Caelen. Não é gentil da parte dela? Ela diz que quer ser sua executora. O que pensa disso?

Antes que Caelen pudesse responder – o que ele poderia dizer a respeito daquilo? –, Cameron virou-se para Rionna, puxou-a para seus braços e beijou-a de maneira selvagem.

A raiva fria infiltrou-se no corpo de Caelen. Ele não conseguia mais sentir a dor

de sua ferida. Tudo o que sentia era uma fúria esmagadora. Sua mente estava tão confusa, que ele ainda não conseguia compreender o que estava acontecendo; porém, o que se afigurava à sua frente era traição.

De novo.

Rionna soltou-se de Cameron e esbofeteou-o, assim como fizera com Caelen, e foi pegar sua espada. Mas Cameron segurou o braço dela e puxou-a para perto de si.

– Eu já fui abusada por um homem. Não vou sofrer nas mãos de outro –

Rionna cuspiu.

– Abusada? É isso que você chama, *esposa*? – Caelen disse, erguendo as sobrancelhas.

Rionna olhou para ele, seus olhos lindos e traiçoeiros brilhando de desprezo, depois olhou de volta para Cameron e puxou o braço que ele estava segurando. Então, firmou-se e encarou Cameron intensamente.

– Você duvida de mim. Isso foi um teste, não é mesmo? Duvida que eu esteja aqui porque quero a morte do guerreiro McCabe.

Por fim, soltando as garras de Cameron, ela colocou a mão para dentro de sua capa, a fim de pegar um pergaminho. Mesmo de onde estava ajoelhado, Caelen pôde ver dois selos: o selo de seu irmão e o do rei.

– Eu trouxe isto. Sabe o que é isto, Laird Cameron? É uma convocação de luta de Ewan McCabe. Aqui, provavelmente, há os planos detalhados de batalha. Tudo o que você precisa saber sobre a guerra iminente. Eu lhe daria isso se fosse uma armadilha?

– Não! – Caelen rugiu e tentou avançar, mas foi contido de ambos os lados por dois homens de Cameron. Torceu e lutou contra a força deles, mas, com as mãos amarradas, ele não podia fazer nada.

Cameron pegou o pergaminho da mão dela e virou-o, analisando os selos.

Sem falar uma palavra, abriu o selo e desenrolou o documento. Demorou muitos

minutos para ler o conteúdo e, quando terminou, enrolou-o de volta com cuidado e lançou um olhar para Caelen.

– Parece que nem sua esposa nem seu clã o querem mais, McCabe.

As narinas de Caelen inflaram e seus lábios se curvaram à medida que ele encarava friamente a mulher diante de si.

– Não tenho mais esposa ou clã, exceto os McCabe.

– Não quero mais olhar para ele. Levem-no de volta de qualquer que seja o buraco do qual o tenham arrastado até aqui – Rionna disse com a voz igualmente fria.

– Bom, precisamos falar sobre a morte dele – Cameron rosnou. – Parece que a guerra é iminente, se é para dar crédito à mensagem de Ewan McCabe e do rei. Eu esperava que eles fossem mais originais no plano, mas parece que gostam do método direto. Vou lhe dar um dia, milady. Ele morre pela manhã, e então devo fazer meus próprios planos, de acordo com os de Ewan McCabe.

Rionna desembainhou sua espada e andou lentamente até Caelen, que se recusou a encontrar seu olhar. Ele recusava-se terminantemente a olhá-la. Sua mente estava com tanta raiva e tão confusa, que não conseguia nem processar o



que estava acontecendo.

Quando conseguiu alcançá-lo, Rionna pressionou a ponta da lâmina em seu pescoço, obrigando-o a olhar para cima ou ter o pescoço machucado.

– Eu poderia te matar agora – ela disse com uma voz desprovida de emoção. Ela não tinha expressão, nenhuma indicação do que estava pensando.

Poderia estar falando sobre coisas mundanas, como o clima. Seu comportamento provocou um calafrio em Caelen, pois era um lado de sua esposa que nunca tinha visto. – Mas seria rápido demais.

– Por quê? – ele perguntou rouco. – Está traindo não apenas a mim, mas também

àqueles a quem chama de amigos. Está traindo Mairin, que foi somente gentil com você, e sua filha, que é inocente. Vai mandar aqueles que foram leais a você para a morte, e em nome de quê? Para que um homem sem honra recupere a liderança de um clã que uma vez foi dele?

Ela abaixou a espada até a virilha de Caelen.

– Fique quieto ou vou cortar suas bolas e dar de comer aos cães.

Em seguida, Rionna virou-se, como se não suportasse mais olhar para ele.

Para sua eterna vergonha, ele queria chamá-la de volta, mas fechou os olhos, porque teve a sensação de que havia lições na vida que ele nunca aprenderia.

– Queime-o na estaca quando o sol nascer – ela disse tranquilamente. – É

um fim adequado para alguém como ele.

Até Cameron pareceu supreso com a frieza dela, e um brilho de admiração cintilava em seus olhos. É, o homem gostava de encontrar nos outros as mesmas qualidades desonráveis que ele próprio possuía.

– Muito bem, milady. A sentença dele será realizada pela manhã.

Ele gesticulou para seus homens levarem Caelen dali, e então voltou-se para Rionna.

– Gostaria de um refresco? Você viajou muito e deve estar exausta.

Conforme Caelen era levado para fora do salão, observou sua esposa sorrir para o homem que ele mais odiava no mundo.

Rionna ergueu o olhar no último segundo e flagrou o olhar dele. Uma sombra passou pelos olhos dela e, então, ela desviou o olhar rapidamente.

Rionna estava parada na janela de seu aposento, olhando para a paisagem

coberta de neve. Estava exausta até a alma, mas não conseguiria dormir. Não enquanto imaginava Caelen lá embaixo, no calabouço, passando por condições indescritíveis.

Ela fechou os olhos e viu novamente o olhar dele, suas palavras bravas e, finalmente, a aceitação de que fora traído. Mais do que nunca, estava determinada em não falhar em seu plano, porque não gostaria que seu marido morresse pensando que ela o enganara.

Pousou as mãos na barriga e acariciou logo que sentiu um chute fraco no fundo de seu ventre. As lágrimas avolumaram-se em seus olhos quando ela percebeu que seu bebê escolhera aquele momento para se mexer, como se reafirmasse o juramento da mãe de que seu pai seria salvo a todo custo.

– Você é o meu futuro, Caelen McCabe. O futuro do meu clã. O futuro do nosso filho ou da nossa filha – ela sussurrou firmemente. – Não vou deixá-lo morrer em um buraco escuro, amarrado como um animal.

Rionna foi para a cama e sentou-se na beirada. Cameron lhe fornecera acomodações adequadas; ordenou até que um de seus homens acendesse a lareira. Assim que ficou sozinha, no entanto, ela fechou a porta e travou-a com uma cadeira pesada, que arrastou de perto da janela.

Não correria riscos. Cameron era um desgraçado arrogante de primeiro nível, que acreditava que tudo o que quisesse poderia ser dele. Ela não imaginava por um instante que ele acreditara em sua beleza, pois havia escondido de propósito suas curvas e seu corpo para que parecesse o homem que imitava, mas vira curiosidade e desejo nos olhos do laird.

Deitou-se no colchão, ainda totalmente vestida, e fechou os olhos por um breve instante de descanso. Queria que as horas passassem depressa para que pudesse acabar com aquilo de uma vez por todas.

Mesmo agora, seus homens estariam se posicionando ao longo dos muros, aguardando seu grito de ataque.

Ela alternou entre andar de um lado para o outro e descansar em várias peças da mobília do quarto, até a batida soar na porta, na manhã seguinte.

Rionna demorou o tempo que precisou e até gritou que precisaria de um momento, querendo aparentar que dormira e que agora estava se vestindo.

Puxou as peles e jogou-as para um lado e para o outro, e depois colocou o cabelo sobre o ombro, para trançar, enquanto atendia a porta.

Colocando a cadeira de lado, ela abriu e viu seu pai parado no corredor.

Deixou as mãos caírem da trança e ficou ali parada, encarando-o em silêncio.

– O laird quer que você venha para o pátio.

Ela assentiu e esperou que ele fosse na frente, para descer o corredor, mas ele hesitou e encarou-a.

– O que o McCabe realmente fez para causar a sua ira? Você se virou contra mim a favor dele, recusando-se a me colocar de volta como laird, e agora me recebe com braços abertos?

Sabendo que ele não acreditaria em uma mudança repentina de bondade, ela falou a verdade.

– Não gostaria de ter o senhor como laird também. O senhor ou Caelen McCabe, é questão de escolher o menos pior.

O olhar de Gregor McDonald estreitou-se e ele encarou a filha.

– Você ainda não aprendeu a controlar a sua língua ou a expressar-se com uma língua civilizada.

– Não estou dando o meu melhor, e se acha que vai me bater como da última vez que tivemos esta conversa, vai aumentar minha ameaça, e os McDonald terão de buscar um novo laird neste dia.

– Vou lidar com você na hora certa – ele alertou.

Ela deu de ombros, como se não desse muita importância às ameaças dele.

Quando chegaram ao pátio, ela prendeu a capa mais firme em volta do corpo, protegendo-se do frio, e seu coração quase parou quando viu Caelen amarrado a uma estaca, no centro. Havia lenha arrumada em um círculo à sua volta, rodeando-o por todos os lados.

Ele parecia ainda mais maltratado que na noite anterior. Um hematoma novo estava evidente em seu rosto, e sangue fresco escorria de sua lateral.

Seus dentes doíam pela força que fazia ao cerrar a mandíbula, e ela teve de piscar para evitar as lágrimas de raiva. Nunca tinha odiado tanto alguém quanto odiava seu pai e Duncan Cameron. Seria tão simples pegar a espada agora e acabar com a vida miserável de seu pai, mas ela tinha de ser paciente, porque Caelen seria morto antes que seu pai caísse no chão.

Cameron estava a muitos metros diante de Caelen, rodeado por seus homens, todos carregando tochas. Quando se aproximou de Cameron, ele pegou uma das tochas e entregou-a a ela.

– Se quiser fazer as honras – ele disse. – Mas seja rápida. Acho muito desagradável o cheiro de carne queimada e tenho outros assuntos para tratar.

A mão dela tremia ao pegar a tocha e virar-se para encarar o marido. Ela deu um passo à frente, inspirando fundo enquanto se preparava mentalmente

para o que viria.

Seus olhares se encontraram e travaram. Os olhos verde-claros dele estavam cheios de dor e de aborrecimento. Caelen não parecia totalmente consciente do que acontecia ao seu redor. Ela xingou baixinho, porque precisaria da força de seu marido naquele dia.

Capítulo 32

Caelen observou quando Rionna pegou a tocha da mão de Cameron. A dor o açoitava e envolvia seu corpo. Ele estava atormentado por calafrios e ardia em febre, mas manteve o olhar em sua esposa, conforme ela encarava seus olhos.

Algo o incomodou a noite toda enquanto estivera deitado, acordado, encolhido no chão frio e molhado no calabouço. Ficou atormentado desde que vira a sombra passar pelos olhos dela quando ele fora arrastado para longe na noite anterior.

E, agora, suas entranhas gritavam-lhe que nada era o que parecia. Ele lutava contra si mesmo, porque jurara nunca mais duvidar do que via na sua frente. E

os fatos não mentiam.

Mas. Mas, mas, mas, ele não conseguia aceitar que Rionna o tivesse traído

friamente. No calor do momento, sua surpresa por vê-la e o choque de tudo o que aconteceu o deixaram incapaz de pensar.

Agora, porém, quando ele pensava de novo sobre os últimos meses, não conseguia aceitar que Rionna tivesse se voltado contra ele. Muita coisa não fazia sentido. Ela detestava o pai. Ela o temia. Por que, então, apoiaria seu retorno ao clã?

Ela ficou ao seu lado contra seu próprio povo. Apoiou-o, com o risco de se indispor com o seu povo. Não eram ações de uma mulher que mentiria sobre tudo.

Não, não era possível. Mesmo que ele fosse um tolo de confiar mais uma vez em seu coração e não em sua cabeça. Desta vez… Desta vez, seu coração não estava errado. Apostaria sua vida nisso.

O que significava que sua esposa estava em uma situação perigosa e ele não conseguiria protegê-la.

Qual era o objetivo dela? Qual era a sua pretensão?

Ela segurou a tocha, e então ele viu a mão livre dela deslizar com cautela para dentro de sua capa. E ali estava, em seus olhos, um pedido. Um pedido de

ajuda. Um pedido de compreensão. Tinha sumido em um piscar de olhos, mas ele não estava enganado. Ou talvez fosse o que ele queria ver. Mas seu pulso acelerou e ele ficou tenso de ansiedade.

Queria gritar para ela dar o fora dali, para proteger-se e proteger o filho deles. Queria dizer que, o que quer que ela tivesse planejado, não valia a vida dela. Não essa troca pela dele, mas permaneceu em silêncio, sabendo que seu grito significaria uma morte mais rápida para ela.

Então, ela agiu.

Virou-se abruptamente e colocou a tocha no rosto de Cameron, que berrou de dor. No exato momento do grito dele, Rionna soltou um grito de guerra equivalente a qualquer um que Caelen já tinha ouvido.

Ela desembainhou sua espada, rasgou sua capa e correu para a estaca.

Caelen observou, sem acreditar, quando os soldados McDonald invadiram por cima dos muros, descendo com as espadas em mãos.

A esposa e o clã que ele jurara não serem seus tinham vindo para salvá-lo.

– Você está forte o suficiente para lutar? – Rionna gritava, enquanto cortava as cordas que o amarravam à estaca.

– Consigo lutar, sim. – Ele ainda não estava morto, e estaria condenado se deixasse sua esposa arriscar tudo por nada.

Ela desapareceu antes de ele ter se soltado totalmente das cordas. Ele a viu envolvida em uma luta perto dali, porém, antes que pudesse pensar em ajudá-

la, teve de esquivar-se de uma espada e rolou no chão, mal conseguindo preservar sua cabeça.

A prioridade era encontrar uma espada. Caelen esquivou-se de novo, quando um dos homens de Cameron golpeou sua lâmina a poucos centímetros de seu rosto. Abaixando-se, ele deu uma rasteira no guerreiro, e ambos caíram no chão.

A espada cortou a neve, e Caelen socou o rosto do homem até o sangue se respingar na neve. Então, rolou e lançou-se em direção à espada, pegando-lhe o cabo e tomando-a para si no exato instante em que outro homem apareceu acima dele, com a espada levantada para golpear para baixo.

Caelen rolou, manejando sua espada no processo, e a lâmina cortou a perna do guerreiro. Caelen pulou para ficar em pé, esquecendo dor e febre. Estava determinado a encontrar Rionna e ir à caça de Duncan Cameron.

Ele lutou a caminho do muro, olhando para a esquerda e para a direita.

Somente a pura vontade o fazia ficar em pé. O que ele viu ao observar o pátio

fez seu coração se afundar em desespero.

Ainda que os soldados McDonald estivessem lutando corajosamente e com uma garra que ele jamais testemunhara, eles estavam em número muito menor e se cansando rapidamente.

Finalmente, viu Rionna de novo. Ela estava encurralando um soldado Cameron contra a parede, e despachou-o rapidamente, enfiando a espada em seu peito. Depois arrancou-a e virou-se, apenas para ver outro soldado já posicionado.

Esse era o problema. Para cada soldado Cameron que caía, havia outro logo atrás.

Caelen começou a seguir na direção da esposa, determinado a protegê-la, quando ouviu um arrepiante grito de guerra, tão dolorosamente familiar, que ele quase caiu de joelhos de alívio.

Reunindo toda a sua força, ele jogou a cabeça para trás e soltou um vigoroso grito em resposta. Então, gritou para os soldados McDonald:

– Reforços chegaram! Aguentem firme!

Caelen virou-se a tempo de ver seus irmãos entrarem pelos portões.

Centenas de guerreiros McCabe apareceram de todas as direções. Era a coisa mais magnífica que ele já vira. Se vivesse cem anos, nunca se esqueceria daquela imagem.

O vento virara definitivamente a favor dos McDonald. Aqueles que antes pareciam abatidos e perto de perder a força, de repente, começaram a lutar como se o próprio Deus lhes tivesse insuflado energia.

Ewan, que liderava o ataque pelo portão, desceu do cavalo a alguns metros de Caelen, com a espada na mão. Alaric entrou um instante mais tarde e fez o mesmo movimento, até Caelen estar flanqueado pelos irmãos.

– Como está? – Ewan gritou, ao olhar para o sangue escorrendo pela lateral de seu irmão.

– Vou sobreviver.

Os irmãos fizeram um atalho perverso pelos guerreiros Cameron. Lutaram com determinação, seu ataque carregado de raiva e de um desejo extremo de vingança.

– Onde está Rionna? – Alaric gritou, conforme tentavam chegar ao meio do

pátio.

Caelen olhou em volta antes de esquivar-se do golpe de um guerreiro que havia avançado.

– Não sei. Eu a perdi de vista quando vocês entraram pelos portões.

– Sua esposa ficou louca – Ewan disse, ao cortar outro soldado. – Ela deve ser a moça mais louca, enfurecida e *corajosa* que já tive a oportunidade de conhecer.

– É, ela é isso tudo – Caelen concordou. – E é minha.

Alaric sorriu, depois girou e deu um golpe fatal, tirando a espada brilhante de sangue.

– Você é um homem de muita sorte, Caelen. Claramente, sua esposa é teimosa demais para deixá-lo morrer.

– Onde está Cameron? – Ewan gritou, frustrado. – Não vou deixar aquele desgraçado fugir de mim de novo.

– Rionna colocou fogo na cara dele. Não o vejo desde que ela me libertou.

Eles ficaram quietos quando receberam outra onda de ataques. Vinham de todos os lados, e Caelen precisou de muita habilidade e concentração para passar por cima da dor excruciante e focar na batalha.

Sua preocupação não era Duncan Cameron. Ele procurava Rionna. Temia por ela mais do que por qualquer outra coisa na vida.

– Eles estão fugindo! – Hugh McDonald gritou. – Fechem! Fechem! Não os deixe escapar!

O pátio estava cheio de corpos, e o que antes era uma cobertura de neve intocada, agora era um manto escarlate. O sangue brilhava sob o sol, impetuoso, contra o branco, e o cheiro acre subia e se espalhava com o vento.

As filas tinham diminuído bastante, pois Caelen podia ver mais alguns metros e procurava freneticamente por um sinal de sua esposa. Quando a viu, seu sangue congelou nas veias.

Ela estava lutando contra o pai, e o homem lutava com selvageria, sem a disciplina de um guerreiro maduro. Lutava como um homem que sabia que ia morrer.

Rionna estava de costas para Caelen, lutando valentemente, bloqueando os golpes frenéticos com sua espada, mas cada ataque a fazia recuar, e sua força estava se esvaindo.

Caelen começou a correr, ignorando a própria dor e a extrema exaustão.

Estava na metade do pátio quando viu Duncan Cameron.

Covarde que era, ele estava posicionado atrás de uma parede de homens do seu exército, mas, agora, a maioria tinha caído e ele estava vulnerável ao ataque.

O lado esquerdo de seu rosto estava em bolhas e manchado de sangue pela queimadura que Rionna lhe infligira. Ele portava uma espada em uma mão e uma adaga na outra.

Antes que Caelen percebesse o que ele estava fazendo, Cameron mirou e lançou a adaga na direção de Rionna.

– Não! – Caelen rugiu.

Mas foi tarde demais. A mira de Cameron foi certeira, e a adaga atingiu bem abaixo do ombro direito de Rionna, que cambaleou, desviou-se de um golpe de seu pai, e caiu sobre um joelho.

Gregor ergueu sua espada de novo, para dar o golpe fatal, quando uma flecha o acertou no peito. Caelen não se virou para ver quem tinha atirado a flecha. Seu foco era somente Rionna.

Uma raiva como ele nunca sentira lhe deu a força de centenas de homens.

Ele rugiu o nome de Cameron e lançou-se para cima do homem que derrubara Rionna.

Os dois se encontraram com um bloqueio de espadas, o som de metal ressoando pelo pátio. Caelen lutava como um possesso. Podia sentir o gosto do sangue de Cameron. Queria banhar-se nele assim que arrancasse o coração do desgraçado.

No entanto, Cameron também lutava como um homem que sabia estar marcado para morrer. Muito da arrogância que Cameron usava como um escudo tinha desaparecido. Era como se, pela primeira vez, ele sentisse sua própria mortalidade e estivesse desesperado para viver.

Enfraquecido pela febre, pela perda de sangue e pela ferocidade da batalha, Caelen tropeçava para trás com a força do ataque de Cameron. Ele cravou seus calcanhares e encontrou a espada de Cameron com a sua, e o impacto sacudiu seus ombros.

Com o encontro das lâminas, Caelen deu um chute no tronco de Cameron, jogando-o para trás. E seguiu-o, valendo-se de sua vantagem momentânea, para lançar uma série de golpes que fizeram Cameron recuar.

O barulho insistente de metal soava em seus ouvidos. À sua volta, o cheiro da morte era denso e enjoativo. Os gritos foram parando à medida que os McCabe e os McDonald trabalhavam para despachar os homens que juraram lealdade a um homem sem honra.

Tudo o que Caelen conseguia ver repetidamente era Rionna caindo de joelhos antes de tombar no chão. Um som bem parecido com o grito de um

animal ferido.

Com toda a sua covardia, Cameron era um guerreiro habilidoso e estava lutando por sua vida. Jogou Caelen para trás e manejou a espada. Caelen ajoelhou-se e jogou a cabeça para trás, para que a lâmina de Cameron cortasse o ar a apenas um centímetro de sua garganta.

Seu ombro, ferido, ardia com o suor e estava escorregadio com o sangue.

Sua força decaía rapidamente e ele tinha de acabar com aquilo logo. Seus irmãos estavam ocupados com sua própria batalha do outro lado do pátio. Não havia ninguém para ajudar Caelen. Ele não tinha mais de onde tirar energia.

Caelen cambaleou para ficar em pé depois de dar outro golpe, e preparou-se para lançar-se diretamente no inimigo. E de repente, quando Cameron erguera sua espada acima da cabeça e, com um rugido, começara a saltar para a frente, a fim de atacar Caelen, uma espada entrou no peito dele.

Ele ficou completamente empalado pela profundidade do golpe. A ponta passou para a frente, banhada em carmim. Cameron olhou para baixo, totalmente confuso, com os olhos vítreos, conforme a morte rastejava até ele.

Quando os joelhos de Cameron se dobraram e ele escorregou para o chão, Caelen pode ver Rionna. Ela segurava o cabo de sua espada com ambas as mãos, e tinha o rosto tão pálido quanto a morte. Quando ergueu o olhar do corpo sem vida de Cameron para Caelen, seus olhos estavam enevoados de dor, e tão parados e vítreos quanto os de Cameron em seu último suspiro.

– Ele não merecia morrer com honra – ela sussurrou. – Ele não tinha nenhuma.

Ela deu um passo à frente, depois cambaleou e colocou o outro pé para trás, a fim de equilibrar-se. Então, arqueou e caiu de joelhos na neve.

Tudo o que Caelen conseguia ver era o sangue molhando a sua túnica.

– Rionna! – ele gritou e soltou sua espada, correndo para a frente e segurando sua esposa quando ela estava caindo de lado. Ele a segurou perto do peito e, delicadamente, deitou-a de lado, preocupado com a adaga ainda enfiada profundamente em sua pele.

– Graças a Deus – ela sussurrou ao encará-lo, seus olhos tão escuros que era como se a vida tivesse se esvaído deles. O usual brilho dourado-âmbar, tão quente e vibrante, tornara-se uma sombra fixa marrom, como árvores no inverno. – Fiquei tão preocupada. Não conseguia te encontrar durante a batalha. Tive medo de que fosse morto.

Um espasmo de dor passou pelo rosto de Rionna e ela suspirou levemente

ao fechar os olhos.

Caelen tocou-lhe a face, a boca, os olhos e até as orelhas.

– Não morra, Rionna. Está me ouvindo? Não ouse morrer nos meus braços.

Você vai viver, isso é uma ordem. Oh, Deus – ele disse desesperado. – Por favor, não morra, moça. Não pode me deixar.

Ele a ergueu contra o peito e balançou-a para a frente e para trás, com a dor tão

pesada no coração que mal conseguia respirar.

– Eu te amo – ele disse firmemente. – Não é verdade que deixo uma parte do meu coração trancada para você. Você é dona dele inteiro, moça. Sempre foi. Não lhe dei meu coração; você o pegou desde o começo.

Caelen tocou novamente a face de Rionna, incentivando-a a abrir os olhos, e então, como se respondendo ao seu pedido mudo, as pálpebras dela tremeram e se abriram, ainda que, evidentemente, isso lhe custasse muito.

Ela sorriu fracamente.

– Fico feliz por ouvir isso, marido, porque a verdade é que estava desesperada para que me falasse as palavras que eu mais queria ouvir.

– Fique comigo e irá ouvi-las todos os dias pelo resto de nossa vida – ele disse em tom duro, pleno de dor e desespero. – Ah, moça, eu não a mereço.

Deus sabe que não, mas a quero da mesma forma e não vou viver um único dia sem você.

– Que dupla nós formamos – ela sussurrou. – Espancados, feridos e sangrando. Fracos demais para ajudar um ao outro no leito de morte. A verdade é que teremos de morrer aqui, porque não tenho força para carregá-lo.

A zombaria no tom de Rionna foi a desgraça de Caelen. Um nó se formou em sua garganta e lágrimas queimaram seus olhos, avolumando-se até sua visão estar molhada e embaçada.

– Sim, moça, você tem esse direito. Talvez meus irmãos venham e nos carreguem, mas, se pensa que terá seu próprio leito, está redondamente enganada.

– Nunca vi uma cena tão deplorável. O que me diz, Alaric?

Caelen olhou para cima e viu Ewan e Alaric parados sobre ele e Rionna. A preocupação queimava o olhar dos irmãos, mas o tom de Ewan era levemente zombeteiro, como se ele abominasse o fato de deixar seu medo transparecer em suas palavras.

– Eu acho que o casamento deixou meu irmão mais sensível – Alaric respondeu.
– É uma vergonha que uma moça fraquinha tenha de salvar a sua

pele.

– Venha aqui e vou te mostrar a fraquinha – Rionna resmungou.

Caelen não sabia se ria ou se chorava, então ficou ali, sentado, com Rionna apertada em seu colo e o rosto enterrado em seu cabelo. Ele tremeu da cabeça aos pés quando percebeu quão perto esteve de perdê-la e, na verdade, ainda poderia perdê-la.

– Como ela está? – Gannon perguntou ao chegar correndo.

– Gannon – ela disse em uma frágil demonstração de alegria. – Estou tão feliz que conseguiu. Devo-lhe meus agradecimentos. Não teríamos conseguido sem você.

Gannon parecia sentir-se como Caelen. Indignado. Assustado. Incrédulo.

– Não, milady. Não tenho dúvida de que a senhora e seus homens teriam acabado com o exército de Duncan Cameron e arrastado Caelen de volta para o castelo McDonald.

Ele ajoelhou-se na neve, ao lado de Caelen, e pousou uma mão na testa de Rionna.

– A verdade, milady, é que nunca conheci uma moça tão corajosa e determinada quanto a senhora. Estou honrado em servi-la. E agradeço por ter conseguido salvar a vida de nosso laird. Me acostumei a servir esse bastardo mal-humorado.

Rionna riu e imediatamente gemeu, quando a dor tomou seu corpo pequeno.

– Ele é mal-humorado, mas vou melhorar isso.

Ewan pousou a mão no ombro de Caelen, quando outro espasmo de dor tomou a expressão de Rionna.

– Solte-a, Caelen. Deixe Alaric carregá-la de volta para o castelo. A batalha acabou. Cameron está morto, e os poucos homens que ainda vivem estão por aí e

fugindo. Precisamos cuidar das suas feridas.

– Caelen? – Rionna balbuciou.

Caelen olhou para baixo e tirou o cabelo dos olhos dela.

– Sim, moça.

Seu olhar desfocado encontrou o dele e ela lambeu os lábios.

– Parece que tenho uma adaga nas minhas costas. Pode tirar para mim?

Capítulo 33

– Se não me deixar cuidar de seus ferimentos, irá morrer, e que bem fará a Rionna? – Ewan perguntou, irritado.

Caelen rosnou para seu irmão, sua impaciência fervilhando como um caldeirão.

– Você deveria estar com Rionna. *Ela* que precisa de cuidados. Se ela morrer porque estamos aqui discutindo, vou deixar Mairin viúva, eu juro.

Ewan soltou o ar com frustração.

– Se eu tiver de sentar em cima de você e fazer Alaric limpar sua ferida, vou fazer. Quanto mais rápido me deixar cuidar disso, mais rápido Rionna terá o cuidado de que precisa.

Caelen xingou, vingativo.

– Você me deixaria cuidar de você se Mairin tivesse sofrido como Rionna?

Não, insistiria que Mairin fosse atendida primeiro.

– Gannon está com Rionna e ele chamará se precisar de ajuda. O ferimento dela é recente, mas o seu, não, e já está começando a necrosar. Droga, Caelen, renda-se para que possa descansar ao lado de Rionna.

A menção de poder ficar com Rionna fez Caelen ceder. Enquanto discutia com seus irmãos, Rionna estava sozinha e sem conforto, e isso contorcia o estômago dele. Ainda se lembrava de suas palavras duras, do fato de ter acreditado

primeiro no pior dela. Nunca mais pensaria mal dela.

– Está queimando de febre – Ewan disse com severidade, quando Caelen deitou-se na cama de um dos quartos. – Está preocupado com Rionna, mas a verdade é que você está muito mais seriamente ferido.

– Ela está grávida – Caelen disse baixinho. – Não sei nem se você sabe disso. Ela estava lá lutando pela minha vida enquanto carrega uma criança.

Teve de cavalgar sem parar para chegar aqui na hora em que chegou. Por Deus, Ewan, isso me faz querer chorar como um bebê.

– É, eu sei – Ewan disse. – Mas Rionna é uma mulher forte. Não a vejo desistindo sem luta. Estava determinada a salvar você, o maldito rei e o país,

quer eu concordasse, quer não. Gannon chegou a Neamh Álainn e entregou suas ordens tão autoritárias quanto um homem daria.

– Ela é única – Caelen murmurou. – E eu não apreciava a maravilha que ela é. Tentei muito mudá-la e moldá-la no que pensei que quisesse que ela fosse.

Ewan riu.

– Não a imagino aceitando isso.

Caelen sorriu lastimosamente, depois xingou quando Ewan começou a limpar a ferida da flecha.

– Ela não aceitou, não. É uma moça corajosa. Eu… – Ele parou, incapaz de dizer as palavras em voz alta. Não as diria ali. Não era para seu irmão ouvir, mas para Rionna, e não as daria para outra pessoa além dela. Sua esposa lutara por elas, pedira por elas e, com certeza, as teria.

– Me conte sobre Neamh Álainn – Caelen disse com os dentes cerrados, conforme a dor o lavava.

– É o lugar mais bonito que já vi – Ewan disse baixinho. – O castelo existe há mais de um século e parece que foi construído ontem. Os homens do rei o protegeram bem desde a morte de Alexander. Ele deixou Mairin e seu primeiro filho muito bem. É um legado valioso para conceder à Isabel.

– Os homens vão querer Isabel como quiseram Mairin – Caelen disse sombriamente. – É um legado valioso, sim, mas não será um fardo fácil para a moça.

– Ela terá a proteção que Mairin não teve – Ewan disse. – Mairin foi deixada sem ninguém para protegê-la até que se casasse, e não será da mesma forma para Isabel. Vou vigiá-la bem até que decida com quem se casar.

Caelen sorriu com o tom de voz do irmão.

– Então, você vai lhe dar uma escolha.

– Sim. Ela será mais bem assistida que Mairin. Jamais vou querer que se sinta desesperada, como Mairin se sentiu, ou forçada a escolher o menos pior por estar encurralada.

– Que bom. Nós trouxemos mulheres excepcionais para o Clã McCabe.

Vamos criar pequenos guerreiros com a garra e a inteligência das mães, com certeza.

Ewan riu.

– É. Criaremos mesmo.

Caelen estremeceu de novo quando Ewan cutucou a ferida.

– Por Deus, Ewan, ainda não terminou?

– É preciso dar pontos, e você vai ficar deitado aí e deixar ou, com a ajuda de Deus, vou costurar a sua boca.

– Só vai logo com isso. Quero voltar para Rionna. Não quero que ela pense no pior por não me ver.

– Mandei Alaric dizer-lhe que você continua o mesmo e fazendo ameaças.

Ela vai saber que está bem quando ouvir isso.

– Se eu não estivesse tão machucado, te bateria por isso.

Ewan sorriu.

– Pode tentar, mas, no momento, você está tão fraco quanto um recém-nascido. Acho que Rionna poderia ganhar de você mesmo com a adaga nas costas.

Caelen ficou sério.

– Ela me deixa maravilhado, Ewan. Nem sei como agir ao lado dela. Como poderei um dia recompensar o fato de ela ter arriscado tudo por mim?

– Você faria o mesmo por ela – Ewan disse diretamente. – Faz sentido que ela também o proteja. Quebraram o padrão quando a fizeram. Você foi abençoado, Caelen. Espero que saiba disso.

– Eu sei, sim – ele murmurou.

– Pronto – Ewan disse ao se sentar de volta. – Está costurado e o sangramento parou.

Caelen tentou levantar-se, mas caiu de lado; todo o restante de sua força desaparecera. Seus músculos pareciam moles, e ele estava tão fraco que mal conseguia erguer o braço.

Xingou e tentou se levantar de novo.

– Me ajude a levantar, droga.

– Só te ajudo a ir para o quarto onde Rionna está se jurar que ficará deitado.

– Não vou negociar com você por Rionna – Caelen resmungou. – Não vou deixá-la nem por um instante.

– É um ferimento sério, Caelen. Você teve febre e está sem força. Pode morrer se não se cuidar.

– Me ajude a levantar – ele disse de novo.

– Juro que não faço ideia de onde você saiu; estou convencido de que foi deixado nas escadas do castelo quando era recém-nascido – Ewan disse, balançando a cabeça e puxando Caelen para a posição sentada.

Caelen ficou sério com o esforço para se levantar. As palavras de Cameron sobre o pai deles retornaram em sua consciência nublada. Ele jamais saberia

se alguma das alegações de Cameron era verdadeira, mas não iria contar a história para seus irmãos. Não havia necessidade de plantar qualquer dúvida na mente deles. Cameron existiu em ódio e vingança durante anos e isso não lhe trouxe nada. No fim, ele trouxe desonra a si mesmo e ao pai que jurava vingar.

– Terminou, Ewan – ele disse baixinho ao mancar pelo corredor. – Depois de oito anos, terminou. Cameron está morto e nenhum de nós deu-lhe o golpe fatal.

– É – Ewan murmurou. – Nosso pai pode descansar agora. Ele foi vingado.

– Não – Caelen disse rapidamente. – Não é sobre vingança. É sobre o que é honrável e justo. Cameron agiu sem honra e morreu sem honra. É o bastante.

Ewan franziu o cenho ao olhar de lado para o irmão.

– Eu tenho uma dívida com sua esposa que nunca poderei pagar. Ela não só salvou a sua vida, mas matou um homem que causou muita dor à minha esposa e ameaçou minha filha.

– Parece que muitos de nós estão em dívida com a minha esposa – Caelen disse secamente.

Ewan bateu na porta do quarto e Caelen abriu-a, impaciente, antes que respondessem se eles poderiam entrar. Seu coração quase parou quando viu Rionna deitada de barriga para baixo na cama, com o rosto virado para o lado e os olhos fechados.

Gannon imediatamente ergueu uma mão.

– Ela desmaiou há um tempo, mas está respirando. A dor foi forte demais para ela.

– Não podemos lhe dar um remédio? Há um cuidador neste clã? – Caelen perguntou. – Não vou deixar que ela sofra desnecessariamente.

– Fique calmo – Alaric disse. – Não quer assustar Rionna se ela acordar.

Nós a convencemos de que é uma ferida pequena e que não tem nada com que se preocupar. Ela teme mais por você do que por si mesma, e é melhor assim.

Vai lhe dar força para lutar.

Caelen foi para o seu lado na cama, lutando contra a dor e o suor da febre.

Sua cabeça estava flutuando, e ele parecia andar em um pântano, mas estava determinado a permanecer ao lado da esposa.

– A adaga está profunda, Ewan.

– É, vai sangrar mais quando a lâmina for retirada. Vou ter de trabalhar rápido para impedir isso e costurar a ferida.

– Ela é uma lutadora – Gannon disse grosseiramente. – Isso não vai ser nada para ela.

Caelen nunca tinha visto seu comandante tão pálido. Ele pairava sobre Rionna, apertando e soltando os punhos como se não tivesse ideia do que fazer.

– Há outro sangramento? – Caelen perguntou com medo. – Ela está grávida.

Alaric balançou a cabeça.

– Não que eu tenha visto. Ela não reclamou de dor na barriga. Só nas costas.

– Deite na cama com ela antes que você caia – Ewan disse bruscamente. –

Fique de um lado que, quando finalmente dormir, não vá atrapalhar.

Uma batida soou à porta e Gannon e Alaric desembainharam suas espadas.

Gannon apressou-se para atender, abrindo só um pouquinho. Então abriu mais, para deixar entrar uma mulher com cabelos grisalhos, que aparentava ser tão velha quanto Matusalém.

Ela parecia extremamente agitada e espremia as mãos diante do corpo.

– Com licença, Laird McCabe, mas me disseram que precisam de uma cuidadora.

Ewan olhou diretamente para a velha.

– Você tem habilidade?

A mulher endireitou-se e fuzilou Ewan com um olhar arredondado.

– Sou entendida das artes de cura muito tempo antes de você nascer, rapazinho.

– Preciso de um remédio para dor e um pano quente para colocar na ferida depois de costurar.

Ela assentiu.

– Sim, tenho tudo isso. Vai precisar de uma mão firme para dar os pontos?

Estou velha, sim, mas minha mão nunca tremeu em meus sessenta anos.

– Não – Caelen interveio, virando-se para Ewan. – Você faz. Confio em você.

Ewan assentiu, depois gesticulou em direção à mulher mais velha.

– Pegue os itens que pedi.

Ela concordou e saiu do quarto.

– Vou precisar de ajuda para retirar a adaga das costas dela – Ewan disse com uma careta. – Terá de ser rápido, e depois precisaremos estancar o sangramento. Caelen, deite-se. Se ela acordar, ter você por perto vai deixá-la calma.

Caelen subiu na cama e caiu ao lado dela, quando sua força finalmente cedeu. Ele passou uma mão na nuca da esposa, acariciando seu cabelo que estava embaraçado, com sangue nas pontas.

– Quando tiver acabado, vou te dar banho como você me deu – ele murmurou perto da orelha dela. – Vamos nos sentar diante da lareira, vou escovar seu cabelo e, então, alimentá-la. Vou ler para você todos os pensamentos que escrevi desde o dia em que coloquei os olhos em você. A verdade é que eu já te queria, mesmo quando você pertencia ao meu irmão.

Ele tocou a face dela, tentando dar um pouco de cor. Estava pálida e fria.

– Acenda o fogo – ele disse para Gannon –, não quero que ela sinta frio.

Rionna precisa sentir-se o mais confortável possível.

– Coloque as mãos dos dois lados da adaga – Ewan instruiu Alaric – e empurre quando eu puxar; então, assim que a adaga sair, pressione as mãos firmemente na ferida.

Alaric assentiu e Caelen aproximou-se da esposa até seus lábios tocarem sua têmpora.

– Seja corajosa, moça – ele sussurrou. – Tão corajosa quanto é com tudo na vida. Estou aqui. Não vou te abandonar.

Ewan acenou para Alaric e, num movimento rápido, segurou a adaga e puxou-a. Rionna estremeceu. Seus olhos se abriram, com o pânico queimando suas profundezas. Ela gritou e começou a lutar.

A adaga saiu banhada em sangue, e Alaric pressionou a ferida enquanto Rionna se contorcia debaixo dele.

– Shh, Rionna, sou eu, Caelen. Fique calma, moça. Vamos te ajudar. Foi Ewan, meu irmão, que puxou a adaga das suas costas.

Enquanto isso, Ewan, impacientemente, cortou a túnica da cunhada, até as costas dela estarem nuas. Caelen fechou os olhos quando viu o sangue escorrer por baixo das mãos de Alaric.

Rionna choramingou quando Alaric pressionou mais forte, e Caelen segurou a mão dela.

Os dedos da moça apertaram a palma da mão dele, suas unhas cravando fundo. Ele não se importava com a própria dor. Se a ajudasse a aguentar a dela, ele faria qualquer coisa.

– É como fogo – Rionna arfou. – Ah, Deus, como queima.

– Eu sei, moça. Já vai acabar, eu juro. Respire para mim. Olhe para mim. Só para mim e pare de pensar nisso.

O olhar dela encontrou o dele, seus olhos arregalados e em pânico.

– Ele vai costurar a ferida – Caelen disse calmamente. – Quero que foque em mim. Esqueça a dor e imagine que está segurando o nosso filho.

Um pouco da turbulência foi amenizada dos olhos de Rionna e uma alegria suave substituiu a dor.

A hora seguinte foi um teste de resistência para Caelen. Enfraquecido por seus ferimentos, pela febre e pela grande dor que estava sentindo, ele persuadia a esposa a cada ponto que Ewan dava em seu ferimento. Quando o rosto dela ficou cinza de dor, ele a beijou e falou sobre o filho deles. Quando ela estava prestes a desmaiar, ele acariciou-lhe o rosto e disse que a amava.

Por fim, quando Ewan deu o último ponto, Caelen estava quase inconsciente.

Ewan afastou-se da cama e secou a testa com o antebraço.

– Acabou, Caelen. Agora está nas mãos de Deus.

Caelen não respondeu.

– Caelen?

Ewan inclinou-se sobre a cama e viu que seu irmão havia, finalmente, sucumbido à inconsciência. Olhou para Alaric e Gannon.

– Estou preocupado com os dois. Ambos estão gravemente feridos e perderam muito sangue, mas Caelen ficou muito tempo sem cuidados e os ferimentos já tinham começado a necrosar. Ele está com febre.

– O que vamos fazer? – Gannon perguntou baixinho.

– Vamos carregá-los de volta para casa e rezar para que Deus seja misericordioso.

Capítulo 34

Rionna acordou, inundada de dor. Sentiu todo o seu corpo esticado e apertado, como se sua pele estivesse bem ajustada a ele. Seus lábios estavam secos e

rachados, e ela venderia a alma por uma gota de água.

– Ah, aí está você – uma voz doce tranquilizou-a.

– Oh, Deus, eu morri, não é mesmo? – Rionna disse, com desgosto.

Ouviu-se uma risada leve.

– Por que pensa isso?

– Porque você tem a voz de um anjo.

Rionna arriscou abrir um olho, sem imaginar que algo tão insignificante pudesse doer tanto.

– Keeley – ela respirou. – Você está aqui. – Então, franziu o cenho, porque não tinha certeza de onde estava. Olhou em volta e viu que estava em seu antigo quarto, no castelo McDonald.

– Estou aqui, sim. Onde mais eu estaria quando meus entes queridos precisam de minhas habilidades?

Keeley sentou-se na cama ao lado de Rionna, segurando um copo de água.

– Gostaria de beber?

– Mais do que respirar.

Keeley riu de novo.

– Que dramática.

Rionna bebeu, sedenta, ignorando a dor que a movimentação lhe causou.

Quando terminou, deitou a cabeça de volta no travesseiro e fechou os olhos, para ignorar o espasmo de desconforto que a tomara.

– Por que estou aqui? – ela perguntou. Não queria ficar pensando muito no motivo pelo qual não estava no quarto de Caelen… no quarto que compartilhavam desde que Caelen a tirara de seu próprio cômodo.

Keeley colocou uma mão fria na testa de Rionna e acariciou.

– Eu queria que você ficasse em um quarto sem janelas. Esteve queimando em febre por muitos dias. O vento das janelas estava muito frio, mas também

não era conveniente que o fogo a mantivesse aquecida.

– Não faz sentido para mim – Rionna disse, exausta.

Quando Rionna abriu os olhos outra vez, Keeley sorriu para ela.

– Onde está Caelen? – ela perguntou, dando voz à pergunta que queimava em sua mente desde que acordara.

– Ele ainda não acordou.

Rionna esforçou-se para levantar, quase desmaiando com a dor quente que lanceou suas costas.

– Há quanto tempo estou aqui deitada? – ela perguntou, rouca, ignorando as tentativas de Keeley de mantê-la deitada.

– A viagem até aqui demorou dois dias e você esteve inconsciente, com febre, há sete dias.

O pânico agarrou a garganta de Rionna. Ela precisou de muita força, mas empurrou Keeley para o lado e forçou-se a levantar-se da cama.

– Cadê ele? – ela perguntou, mesmo cambaleando para a porta.

– Cadê quem? Rionna, pare imediatamente. Você está muito fraca e ainda está com febre.

Ela abriu a porta.

– Caelen – ela respondeu. – Onde está ele?

– No quarto dele, é claro. Agora volte aqui. Pelo amor de Deus, você está só de camisola.

Rionna soltou-se de Keeley, desceu o corredor e fez a curva. Gannon, que estava

parado do lado de fora da porta de Caelen e não pareceu nada feliz em vê-la, correu para pegá-la antes que os joelhos dela cedessem.

– Meu Jesus, milady. O que está pensando?

Keeley alcançou Rionna no momento em que ela tentava se soltar de Gannon.

– Saia do meu caminho – disse entredentes. – Quero ver o meu marido.

Os olhos de Gannon se suavizaram e ele abraçou forte sua cintura.

– Se eu deixar a senhora entrar, terá de jurar que vai voltar para a sua cama.

A verdade é que você parece estar morta.

– Obrigada – Rionna resmungou. – Estou lisonjeada.

Keeley torceu os lábios para esconder o sorriso.

– Vou esperar aqui fora, Rionna, mas em um segundo eu entro para te levar de volta. Não pense que não.

– Pode demorar mais de um segundo para eu convencer meu marido teimoso

de que ele não vai morrer – Rionna soltou ao passar pela porta.

Gannon e Keeley trocaram olhares confusos, mas Rionna já tinha entrado.

Rionna mal chegara à cama de Caelen e suas pernas falsearem. Ela pendurou-se na beirada e olhou para o rosto de seu marido. Ele parecia em paz. Sem linhas vincadas na testa. Estava deitado tão parado, que a assustava.

Então, a raiva a consumiu e ela inclinou-se para a frente a fim de ficar muito perto do rosto dele e não haver chance de ele não ouvir. Ela o faria ouvir, por Deus.

– Me escute, marido, me escute bem – ela gritava para ele. – Você não vai morrer nos meus braços. Não depois de tudo que fiz para salvá-lo daquela situação. É assim que me agradece? Morrendo? É uma desgraça, é isso.

Ela emoldurou o rosto dele com as mãos e inclinou-se mais para baixo.

– Você vai lutar, maldição – ela disse. – Não vai desistir tão fácil. Deus ainda não está pronto para você, porque eu ainda não acabei com você. Vai acordar e me falar as palavras que esperei por tanto tempo. Dizer que me ama no campo de batalha, quando ambos estávamos morrendo, não vale. Você vai me dar isso, vai querer dizer as palavras ou, que Deus me ajude, mas vou enterrar você num solo não consagrado, para que nunca descanse e seja obrigado a ficar neste castelo comigo pela eternidade.

Para sua total surpresa, os olhos dele se abriram e um sorriso curvou seus lábios para cima. O calor brilhava naqueles olhos verdes lindos enquanto ele a encarava.

– Eu te amo.

Lágrimas inundaram os olhos de Rionna, até ela não conseguir mais nem ver o rosto dele. O alívio foi tão doce e tão esmagador, que ela não conseguiu se controlar. Ele pegou os braços dela e a puxou para o seu peito, conforme ela se deitava exausta sobre ele.

– É por isso que me acordou, esposa? Para tirar as palavras de mim? Eu as teria dado com prazer, só que você esteve inconsciente nos últimos dias e fiquei cansado de dizê-las para uma mulher que não conseguia me ouvir.

Ela afastou-se do peito dele e encarou-o.

– O quê? Pensei que ainda não tivesse acordado… imaginei que estivesse morrendo. Keeley disse que você ainda não tinha acordado.

– Não tinha mesmo – ele disse, o divertimento soando em sua voz. – É

verdade que demorei para ir dormir, e só fui porque Gannon ameaçou bater na minha cabeça para me obrigar a fazê-lo se eu não saísse do seu lado.

Lágrimas fracas escorreram pelas faces de Rionna. Ela mal conseguia respirar, o alívio palpitando em seu peito.

– Mas, se não estava morrendo, você vai ficar bem… Não vai morrer.

– Não pretendo te abandonar, moça – ele disse, franzindo o cenho e fazendo cara feia. – Você, no entanto, não está me parecendo saudável, não deveria ter saído

da cama. Na verdade, parece que está a alguns metros da cova. –

Enquanto falava, ele passava as mãos trêmulas pelos braços e pelo rosto de sua esposa. – É típico de você pular de seu leito de morte para impedir que eu vá para o meu – ele murmurou. – Estou preocupado com você, moça. Os últimos dias foram os mais longos da minha vida.

– Não vou voltar para aquele quarto – ela disse, teimosa. – Quando acordei, fiquei desesperada, achando que você estava bravo comigo e tinha me expulsado de seu quarto. É uma sensação que nunca mais quero sentir.

Os olhos dele se suavizaram e ele, gentilmente, puxou-a, para que se deitasse ao seu lado na cama. Ele moveu as peles e rearranjou-as na cama, certificando-se de que Rionna estivesse confortável e sem dor. Como ela conseguiria pensar em dor quando o marido, que ela pensara estar morrendo, a estava encarando com amor nos olhos?

– Se depender de mim – ele disse –, nunca vamos nos separar de novo. Por Deus, Rionna. Você me assustou por, no mínimo, uma década da minha vida.

Fiquei muito preocupado com você e com o nosso bebê.

A mão de Rionna foi automaticamente para a sua barriga, com expressão de pânico.

Caelen pousou a mão sobre a dela, acalmando-a.

– Sim, o nosso filho ainda está aí, preso no ventre da mãe. Não tenho dúvida de que ele ou ela é o guerreiro valente que sua mãe é.

– Me conte o que aconteceu – ela disse, conforme ele se virou de lado. –

Está tudo nublado na minha mente… Não me lembro muito da batalha. Estava com tanto medo…

Ele acariciou o cabelo dela e beijou-lhe a testa, como se não conseguisse mais ficar sem tocá-la.

– Você foi esplêndida. Você me salvou. É uma coisa que nunca vou esquecer na vida. Liderou o nosso clã para a batalha; demonstrou ser a “princesa guerreira”

mais corajosa que já existiu.

Ela franziu o cenho e olhou desconfiada para ele.

– Por que está falando em “princesa guerreira”?

– Keeley me contou de seus sonhos de infância – ele disse, sorrindo. – Sim, Rionna, você é minha princesa guerreira.

O coração dela derreteu-se, e ela observava a adoração nos olhos de seu guerreiro.

– Estou envergonhado por ter tentado transformá-la em outra pessoa por tanto tempo – ele disse com uma careta. – Mas aqui está a verdade: desde o primeiro dia em que a vi vestida com aquelas calças e uma túnica de homem, manejando uma espada tão habilmente quanto um guerreiro, eu a quis tanto que até doía. Pensei que, obrigando-a a ser quem você não era, meu desejo feroz por ti iria amenizar.

– Talvez tenha reconhecido em mim o reflexo de si mesmo. Sua outra metade – ela sussurrou.

– Sim, reconheci, mas lutei contra isso. Agora, chega.

– Então vai me deixar lutar ao seu lado? – ela perguntou, com uma sobrancelha erguida.

Ele inclinou-se e beijou-a. A respiração de Caelen saiu irregular e ele precisou de um momento para responder.

– Não vou mentir. É meu desejo mantê-la para sempre aqui e sob minha proteção. Morri milhares de vezes assistindo-a na batalha. Parte de mim sentia orgulho; eu queria gritar para o mundo: “Olhem para ela! Ela é minha!”. Mas outra parte queria arrastá-la para bem longe do perigo e protegê-la do mal por todos os dias da sua vida. Só posso prometer não ser tão rígido no futuro, minha princesa guerreira. Nunca mais vou aceitar nada que a coloque em perigo.

– É suficiente que me ame e me aceite como sou, com defeitos e tudo – ela respondeu sorrindo e deitando a cabeça no ombro dele.

– Vou te amar muito, moça. É a promessa que posso fazer, e juro que a cumprirei. Vou te amar até o último suspiro e além disso. Você foi feita para mim. Não consigo imaginar uma parceira mais perfeita.

A porta se abriu e Keeley entrou correndo, com Gannon atrás dela. Atrás deles, Alaric e Ewan se amontoaram.

– Já demorou muito – Keeley disse. – Está na hora de voltar para a sua cama. Você não está bem, Rionna.

Caelen virou-se e sorriu.

– Ela vai permanecer aqui, onde deve ficar. A febre dela passou e vou me certificar de manter as peles firmes na janela para que não entre vento.

Ewan avançou mais para dentro do quarto e ficou em pé ao lado da cama onde Rionna e Caelen estavam.

– Fiquei aliviado por saber que acordou, Rionna. Porque gostaria de lhe oferecer minha mais profunda gratidão antes de voltar para Mairin e Isabel.

As sobrancelhas de Rionna se uniram, confusas. Caelen riu baixinho.

– Ela nem sabe tudo o que fez. Parece que seu único objetivo era salvar a pele inútil de seu marido.

– Tem meus agradecimentos também por salvar o meu irmão. Ele é difícil e mal-humorado, mas nunca vou encontrar um homem tão leal. Sofreu pelos pecados de outros por muito tempo.

Rionna sorriu quando Ewan continuou.

– E por mais que quisesse eu ter feito isso, também agradeço por você ter livrado o mundo de Duncan Cameron. Tenho certeza de que o rei lhe oferecerá sua gratidão pessoalmente. Sem o apoio de Cameron, a rebelião de Malcolm acabou. Ele não tem os recursos ou o apoio para tentar tomar o trono. De fato, todas as Terras Altas estão em dívida com você.

– Queria poder dizer que pensei em tudo isso antes de enfiar minha espada nas costas de Cameron, mas a verdade é que meu único objetivo era impedi-lo de

matar o meu marido – ela disse com franqueza.

Os outros riram e Caelen apertou-a contra si, beijando-lhe a testa.

– Agora você vai descansar – ele murmurou. – Mas o fará aqui nos meus braços, onde sei que está segura e onde posso observá-la, assim como o nosso bebê.

– É. É o que eu mais quero. – Ela suspirou e fechou os olhos.

Sem desviar os olhos de sua esposa ou tirar os lábios de sua têmpora, ele ergueu a mão e acenou para os outros saírem.

O olhar de Keeley ficou perdido ao olhar os dois entrelaçados na cama.

Alaric riu baixinho e puxou-a para o seu lado.

Até Gannon e Ewan sorriram discretamente ao sair do quarto nas pontas dos pés.

Capítulo 35

– Ai! – Rionna gritou quando Mairin colocou outro grampo em seu cabelo.

Ela tentou massagear o local, mas Keeley puxou sua mão e a tirou de seu cabelo.

– É importante que esteja perfeita hoje – Mairin disse.

– Não vejo por quê – Rionna murmurou. – Se o rei quer me agradecer, uma palavra em particular seria suficiente. Toda essa pompa me deixa nervosa.

Keeley e Mairin trocaram olhares conspiradores e Rionna foi rápida em flagrar.

– O quê? Que travessura vocês duas estão aprontando? Eu vi esse olhar…

– Só queremos que esteja deslumbrante – Keeley disse, revirando os olhos.

– Sua recuperação foi longa e o dia está lindo. Deveria brilhar de forma tão maravilhosa como o sol.

– Você tem muita lábia, Keeley McCabe. Sei o que quer. Me encher de elogios para que eu esqueça esse olhar entre vocês.

Mairin riu.

– Oh, Rionna, pare. Agora me deixe olhar para você.

Ela andou para trás e Rionna passou uma mão nervosa pelo volume crescente de sua barriga. Keeley e Mairin cuidaram de afrouxar a cintura, para que não ficasse muito apertado. Rionna tinha de admitir que o resultado era maravilhoso.

O vestido chegava aos seus tornozelos, escondendo a evidência da gravidez; apenas uma distensão leve na cintura denunciava sua condição. E o próprio vestido era uma obra-prima. Rionna mal conseguia acreditar que tal criação pertencesse a ela.

Metros e metros de veludo âmbar com costuras douradas e bordado castanho-avermelhado. Era um tributo ao seu cabelo e a todas as variações de tom que o pôr do sol emitia.

Por todos os seus resmungos, Rionna queria estar deslumbrante. Sim, ela queria que seu marido a olhasse e visse apenas ela. Não lhe ocorrera ficar

nervosa pela visita do rei ou pela homenagem que receberia. Não, ela estava preocupada apenas com a reação de seu marido quanto à sua aparência.

– Está na hora – Mairin disse.

– Na hora de quê? – Rionna perguntou, desesperada. – Vocês duas estão muito reservadas.

Keeley sorriu misteriosamente e pegou o braço de Rionna, conduzindo-a para fora de seus aposentos.

– Temos de levá-la para a sacada que dá para o pátio.

As duas mulheres enfiaram os braços nos braços de Rionna e levaram-na do quarto para a porta que dava para a sacada.

Rionna apertou os olhos com a claridade repentina do sol, mas depois fechou-os simplesmente, permitindo que o calor a lavasse. Era tão bom estar do lado de fora novamente. Ela inalou profundamente o cheiro doce no ar. A primavera tinha, finalmente, chegado, e a terra estava verde; a neve derretida há muito fora

substituída por tapetes vibrantes de cor.

Quando abriu os olhos e olhou para baixo, Rionna viu todos os guerreiros McDonald reunidos no pátio. À direita, os dois irmãos de Caelen, e ao lado deles, o rei, sentado e rodeado por sua guarda.

Ela olhou para trás, para comentar com Mairin e Keeley, mas elas tinham sumido. Confusa, voltou sua atenção para o pátio a tempo de ver seu marido sair para ficar diante dos homens reunidos.

Mas não foram os soldados que ele encarou ou a quem se dirigiu. Ele virou-se e olhou para ela. O silêncio pairou no pátio e Rionna engoliu em seco, de repente nervosa e incerta do que estava acontecendo.

Então, a voz de Caelen ressoou pelo pátio:

– Rionna McDonald, eu só estou aqui hoje porque você reuniu seus guerreiros e veio me resgatar com um plano que, de tão maluco, foi brilhante.

Arriscou sua vida porque me amava. Não tenho um gesto tão grande como o seu para provar o meu amor e respeito. Uma vez, você me disse que queria as palavras e que queria a parte de meu coração que jurava estar trancada para você. A verdade é que nenhuma parte de mim estava segura de sua possessão.

Segurando na beirada de pedra da sacada curva, Rionna inclinou-se para a frente conforme absorvia a aparência de seu marido, deixando que as palavras dele deslizassem como seda por seus ouvidos.

– Não, meu gesto não é tão grande quanto o seu. Você estava disposta a sacrificar tudo porque me considerava seu e estava determinada a não me

deixar ir. Certa vez, cometi o erro de tentar mudar quem você era. Tentei transformar uma mulher corajosa e ousada em uma dama fina e branda, porque pensei que assim estaria segura. Foi o maior erro que já cometi e do qual vou me arrepender por todos os meus dias. Ofereço a você as palavras agora, esposa. Eu te amo. Amo a minha princesa guerreira. Digo isso diante do rei e de meu clã. *Nosso* clã. Para que você saiba o quanto é amada e estimada.

Sons de aprovação eram ouvidos. Os homens ergueram suas espadas, gritaram e assobiaram alto.

Rionna pressionou o punho na boca, para não envergonhar a si mesma nem a Caelen ao desmanchar-se em lágrimas.

– Eu também te amo, meu guerreiro bruto – ela sussurrou.

– Chamei meu rei e minha família hoje para corrigir um erro – Caelen continuou, quando os gritos diminuíram. Então, virou-se, para também incluir os homens McDonald em sua declaração. – Os McDonald merecem ter seu nome vivo. Fizeram um ato nobre e corajoso pelo laird que não nasceu com o nome deles e pelo rei que dividiu seu clã.

Lentamente, Caelen ergueu o olhar mais uma vez para Rionna. O amor por ela era um calor tangível que se amontoava em seus olhos verde-claros.

– Sendo assim, não serei mais conhecido por Caelen McCabe. A partir de hoje, vou assumir o nome de Caelen McDonald. Viva o nosso clã, e que a glória do dia em que uma princesa guerreira de cabelo dourado os liderou para a batalha seja recontada por muitos anos.

Rionna ficou boquiaberta.

Um silêncio atordoante pairou sobre o pátio enquanto os guerreiros encaravam Caelen.

As mulheres, que haviam se reunido para ouvir a declaração, levaram a mão à boca, algumas chorando copiosamente e outras trazendo o avental aos olhos.

Ewan encarava seu irmão com orgulho, enquanto Mairin, que tinha ido se juntar ao marido, enxugava lágrimas do rosto.

Então, Rionna correu. Ela voou pelo castelo e pelas escadas, segurando as saias firmemente para não cair. Saiu correndo pela porta do castelo e lá estava Caelen, parado diante dela, do rei, de seus irmãos e de seu clã.

Ela parou antes de se jogar em seus braços. Lembrou-se de que, muitos meses antes, ele a advertira para que não demonstrasse afeto diante de seus homens.

– Se esperar mais um pouco para vir até mim, vou atacá-la aqui diante de

todo mundo – Caelen disse em voz baixa.

Com um grito, ela lançou-se nos braços de seu homem, e ele a segurou quando ela fundiu sua boca na dele em um beijo do qual os homens do clã falariam por anos.

Ele a girou e girou conforme sua risada preencheu o ar. Em volta deles, o clã se reuniu, todos alegres e comemorando. Quando ele finalmente a colocou no chão, manteve-a pressionada em seu peito enquanto a olhava nos olhos.

– Eu te amo, moça. Não há uma única parte do meu coração ou da minha alma que não seja sua.

– Estou feliz por isso, Caelen McDonald, porque sou uma mulher possessiva e não ficarei satisfeita com nada menos do que você inteiro.

Ele sorriu e baixou a boca para beijá-la de novo.

– Você é uma moça gananciosa. Gosto disso.

Epílogo

Caelen entrou em silêncio no quarto, com o filho recém-nascido aninhado nos braços. A alguns metros, Rionna dormia, exausta pelo parto.

Com cuidado para não acordá-la, ele deitou o bebê ao seu lado e ficou olhando para as duas coisas mais preciosas de sua vida.

A comemoração ainda estava acontecendo no andar de baixo. Os irmãos e as respectivas esposas tinham vindo ao castelo McDonald para o nascimento, e Caelen havia descido para apresentar seu filho ao clã.

Caelen poderia voltar lá para baixo e deixar Rionna descansando no quarto, mas viu-se indo para a escrivaninha e pegando os pergaminhos, a pena e a tinta.

Como dissera a Rionna, não era um homem eloquente, e conseguia expressar-se melhor escrevendo do que falando. Aquele era um dia especial, porque seu coração estava tão pleno que ele nunca esperaria conseguir expressar tudo o que estava sentindo.

Abriu o pergaminho e, apressadamente, escreveu o ano e o dia, porque era uma introdução importante. O dia que marcava o nascimento de seu filho.

Mas foi em sua esposa que ele pensou quando se sentou para escrever à luz da vela. De vez em quando, olhava para cima e sorria satisfeito ao observar sua esposa e seu filho dormindo.

Quando terminou de escrever, jogou areia para secar a tinta e, então, olhou uma última vez para tudo o que escrevera.

O dia de hoje durará por muito tempo em minhas lembranças. Tive muito medo quando Rionna sofreu para dar à luz o filho de seu ventre, mas não precisava ter me preocupado, porque minha princesa guerreira foi valente, como sempre. E, de fato, ela teve um filho saudável e barulhento, com um sorriso de satisfação no rosto. Ela me disse que meu filho terá olhos verdes e cabelo escuro como os meus porque ela assim o quer. Não vou discutir com ela, porque todos sabem que não

consigo lhe negar nada.

Está descansando agora, e não posso deixar de olhar e me maravilhar pelo milagre que ela representa. Nunca vou me esquecer do primeiro dia em que a vi nem da forma como ela me fascinou com seu jeito de se vestir, com a espada que manejava com a habilidade de um guerreiro e com o tom de desafio em seus lindos olhos. Ela falou de um tempo em que parte de meu coração era bloqueado para ela porque pertencia a outra, mas, desde o instante em que coloquei os olhos nela, pertenci unicamente a ela.

Ah, moça, acho que sempre amei você, porque a verdade é que não consigo me lembrar de uma época em que não o fiz.

Caelen McDonald, Laird do Clã McDonald

Agradecimentos

Devo muito à minha família, particularmente ao meu marido, que assumiu a roupa, a cozinha e a maior parte dos afazeres domésticos para que eu pudesse cumprir meus prazos.

Minha agente, Kim Whalen, é uma sócia inestimável, que nunca hesita em me manter na linha e motivada e não se importa com minhas loucuras.

E pessoas como Jaci Burton, Laurie K., Vicki L. e Shannon Stacey me fazem

continuar e me dão uma coisa inestimável e impagável: amizade. Obrigada.

Escrever pode ser uma atividade solitária, mas as pessoas da minha vida tornam meu trabalho mais fácil e mais recompensador. *Não* gostaria de fazer isso sem elas.

Document Outline

- Página de Título
- Direitos Autorais Página
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32

- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Epílogo
- Agradecimentos